

n. 13 2025/1

FERINÁC

Revista do Núcleo de Estudos e
Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Portfólio
Francisco Aurelio Ribeiro



SUMÁRIO

SUMMARY

Editorial

Editorial

Joana d'Arc Batista Herkenhoff | 4-5

Portfólio

Francisco Aurelio Ribeiro: um cavador de palavras

Ester Abreu Vieira de Oliveira | 6-21

Entrevista

Francisco Aurelio Ribeiro faz 70 anos: entrevista literária

Vitor Cei | 22-71

Ficção Inédita

Crônicas e poemas

Francisco Aurelio Ribeiro | 72-83

Memória

Entrevista. Francisco Aurelio Ribeiro: o cígano e o país habitável (1995)

Adilson Vilaça | 84-91

Apresentação de *Vida vivida* (1997)

Deneval Siqueira de Azevedo Filho | 92-94

O foco narrativo em *Ora, pombas!* (1997)

Sonia Luzia C. Machado (*In memoriam*) | 95-118

Francisco Aurelio Ribeiro (2005)

Graça Neves | 119-120

Francisco Aurelio Ribeiro (2005)

Pedro José Nunes | 121-122

Ribeiro, Francisco Aurelio (2008)

Francisco Aurelio Ribeiro, Thelma Maria Azevedo | 123-125

Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra (2011)

Jô Drumond | 126-142

Das mil cenas do cotidiano capixaba (2012)

Jeanne Bilich (*In memoriam*) | 143-145

Um dedo de prosa: Francisco Aurelio Ribeiro (2016)

Gabriela Zorral | 146-163

O narrador em *O menino e os ciganos* (2018)

Fabiani Rodrigues Taylor Costa | 164-175

O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurelio Ribeiro (2018)

Ivana Esteves Passos de Oliveira | 176-188

***Histórias capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro (2019)**

Getúlio Marcos Pereira Neves | 189-191

"O menino e os ciganos": um encontro entre a rua e a literatura (2019)

Letícia Queiroz de Carvalho | 192-201

Patronos e acadêmicos. Cadeira 6. Francisco Aurelio Ribeiro (2021)
Academia Espírito-santense de Letras | 202-204

Vitrine literária:
Francisco Aurelio Ribeiro (2023)
Francisco Grijó | 205-225

Seleta

A prosa poética de Hadaly (Guilly Furtado Bandeira)
em cinco “Cartas sem destinatário” de *Vida Capichaba*
Grace Alves da Paixão | 226-252

Poemas de Lino Machado:
uma antologia
Paulo Muniz da Silva, Pedro Freire | 253-349

Resenha Autoral

***Bagunça*, de Aline Dias**
Aline Dias | 350-356

***O ordenhador de sombras*, de Alvarito Mendes Filho**
Alvarito Mendes Filho | 357-362

***Acossado*, de Diego Barbosa**
Diego Barbosa | 363-368

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Eustáquio Vinícius de Castro

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretora: Luciana Ferrari de Oliveira Fiorot

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora: Maria Amélia Dalvi

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Sérgio da Fonseca Amaral

Editor-gerente da Fernão

Sérgio da Fonseca Amaral

Editora do Número 13

Joana d'Arc Batista Herkenhoff

(Polo da Universidade Aberta do Brasil - Serra, ES)

Conselho Editorial - Pareceristas

Arlene Batista da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)

Andressa Zoi Nathanailidis (Universidade Federal do Espírito Santo)

Augusto Massi (Universidade de São Paulo)

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho (Universidade Federal de Mato Grosso)

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo)

Fernando Maués de Faria Júnior (Universidade Federal do Pará)

Francisco Aurelio Ribeiro (Academia Espírito-santense de Letras)

Ivana Esteves (Universidade Vale do Cricaré)

João Claudio Arendt (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul)

Josina (Jô) Nunes Drumond (Academia Espírito-santense de Letras)

Jorge Luiz do Nascimento (Universidade Federal do Espírito Santo)

José Irmo Gonring (Universidade Federal do Espírito Santo)

Karina de Rezende-Fohringer (Universität Wien)

Keila Mara de Souza Araújo Maciel (Universidade Federal do Sul da Bahia)

Lino Machado (Universidade Federal do Espírito Santo)

Lucas dos Passos (Instituto Federal de Educação do Espírito Santo)

Luis Eustáquio Soares (Universidade Federal do Espírito Santo)

Luiz Antonio de Assis Brasil (Pontifícia Universidade Católica-Rio Grande do Sul)

Maria Amélia Dalvi (Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Cristina Ribas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Maria José Sabo (Universidad Nacional de Río Negro - Argentina)

Maria Mirtis Caser (Universidade Federal do Espírito Santo)
Michele Freire Schiffler (Universidade Federal do Espírito Santo)
Paulo Dutra (The University of New Mexico)
Rafaela Scardino (Universidade Federal do Espírito Santo)
Rafael Campos Quevedo (Universidade Federal do Maranhão)
Vincenzo Arsillo (Università Ca' Foscari – Venezia)
Wilson Coêlho (Associação Capixaba de Escritores)

A gerência, o conselho e a comissão editoriais deste periódico esclarecem que as ideias e pontos de vista, a revisão textual e as obrigações legais pela autenticidade e originalidade dos textos são de inteira responsabilidade dos/as autores/as, que submeteram seus trabalhos de livre vontade às/-aos editoras/es do número.

Catalogação:

Saulo de Jesus Peres – CRB 12/676

Revisão:

Os/as autores/as

Capa da nova série:

Vitor Cei

Fotografia de Francisco Aurelio Ribeiro na capa:

Leonardo Sá

**Fernão – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas
da Literatura do Espírito Santo**

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Programa de Pós-graduação em Letras

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Universidade Federal do Espírito Santo

<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>

neples.ppgl@gmail.com

<https://blog.ufes.br/neples/?page_id=222>

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Fernão [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo,
Programa de Pós-graduação em Letras. – ano 7, s. 2, n. 13 (2025)
- . – Vitória : Ufes, PPGL, 2019- .
v.
Semestral

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>

ISSN 2674-6719 (online)

1. Literatura – Periódicos. 2. Crítica – Periódicos. I. Universidade
Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras.

CDU 82(05)

EDITORIAL

EDITORIAL

Arevista *Fernão* chega ao seu sétimo ano, segunda série e décimo terceiro número, com o propósito de publicar estudos inéditos e editados a respeito da literatura brasileira produzida por capixabas aqui e alhures. Publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a revista recebeu aquele nome a partir da sugestão de Reinaldo Santos Neves, cuja finalidade é a de homenagear o escritor Renato Pacheco (Vitória, 1928-2004), autor de *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (1985).

Deste número fazem parte quatro seções fixas e duas eventuais (*Entrevista* e *Ficção Inédita*). Na *Portfólio*, dedicada à obra de Francisco Aurelio Ribeiro, Ester Abreu Vieira de Oliveira nos apresenta um panorama da produção literária do autor, comentando boa parte dos seus livros de crônicas, poemas e literatura para crianças e jovens.

A seção *Entrevista* traz “Francisco Aurelio Ribeiro faz 70 anos: entrevista literária”, de Vitor Cei. O resultado é uma visão biobibliográfica do autor, atuante na defesa da leitura e na formação de leitores e leitoras no Espírito Santo, além de agente determinado na discussão e proposição de políticas públicas voltadas para a fomentação da cultura, em especial, a literária.

Na seção *Ficção Inédita*, o autor nos brindou com dez textos: três crônicas e sete poemas que desvelam suas aventuras de viagem e sua cosmovisão.

Francisco Aurelio Ribeiro conta com uma fortuna crítica que varia entre prefácios, ensaios, artigos, resenhas e entrevistas. Alguns desses itens foram recolhidos na seção *Memória*, com textos datados desde 1995 a 2023.

Na seção *Seleta*, duas antologias são publicadas. Em "A prosa poética de Hadaly (Guilly Furtado Bandeira) em cinco 'Cartas sem destinatário' de *Vida Capichaba*", Grace Alves da Paixão nos expõe a produção epistolar de Guilly Furtado Bandeira, publicada de 1927 a 1933 na revista *Vida Capichaba*. Paulo Muniz da Silva e Pedro Freire, em "Poemas de Lino Machado: uma antologia", fazem uma recolha de poemas do autor premiado.

Na seção *Resenha Autoral*, Aline Dias apresenta os bastidores da produção de seu primeiro romance, *Bagunça* (2024). Alvarito Mendes Filhos discorre sobre as linhas da sua escrita criativa presentes em seu livro *O ordenhador de sombras* (2024). Diego Barbosa, por sua vez, observa os intertextos e a urdidura dos seus poemas em *Acossado* (2023).

O objetivo persistente da *Fernão* procura se manter neste número: propor, divulgar e registrar estudos de diversas perspectivas teóricas sobre obras literárias brasileiras realizadas no Espírito Santo ou por capixabas espalhados/as pelo mundo.

Boa leitura.

Joana d'Arc Batista Herkenhoff
(Polo da Universidade Aberta do Brasil - Serra, ES)

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: UM CAVADOR DE PALAVRAS

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: A WORD DIGGER

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Pesquisador, escritor, professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e presidente de honra da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), Francisco Aurelio Ribeiro é autor de uma numerosa obra voltada tanto para a ficção como para a crítica literária. Em seus livros literários, objeto de observação para este estudo, predominam páginas que ilustram visitas panorâmicas por terras de aquém e de além-mar, que incluem desde as altas montanhas capixabas até os confins do mundo oriental e ocidental.

Neste trabalho de divulgação, o propósito é apresentar boa parte das obras de ficção para adultos, crianças e jovens que Ribeiro tem legado aos leitores. Essas produções literárias serão expostas pela ordem dos diversos gêneros e datas de publicação.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

As crônicas

Francisco Aurelio Ribeiro é um contador de história nato – feliz herança do avô, que não perdia a oportunidade para narrar um “causo”. Prova disso são seus contos infantojuvenis e os comentários que ele faz em suas crônicas, visando ao leitor jovem, como também ao menos jovem. Enfim, leitores de todas as idades se deliciam com suas observações, nas crônicas e nos contos, muitas vezes produtos resultantes das peregrinações desse incansável viajante. Para explicar a magia das viagens sobre o escritor Francisco Aurelio, tomo emprestadas suas palavras:

Já percorri mais de cento e vinte países dos cinco continentes, dei a volta ao mundo algumas vezes, fui a mais da metade do mundo. Se isso é sinal de imigrante ou praga de ciganos que quase me levaram, um dia, não sei. Só sei que viajar é, para mim, uma forma de conhecer o mundo e suas diversidades. Santo Agostinho disse que o mundo é um livro e quem não viaja só lê uma página (RIBEIRO, 2023, p. 10).

Marguerite Yourcenar, em *Peregrina e estrangeira*, explica que

A viagem, assim como a leitura, o amor e a infelicidade, nos oferece confrontações bastantes belas conosco, fornecendo temas ao nosso monólogo interior. Nossa presente é tão estreito que é bom juntar-se a ele o passado, na falta do futuro, nosso domínio é tão limitado que seria loucura não conhecer ao menos a maior parte dele possível. O conhecimento do mundo é, sem dúvida, o único bem inalienável uma vez que a vida pode aumentá-lo, e a própria morte só o tirará de nós quando não mais existirmos [...] (1990, p. 43).

Yourcenar aborda exatamente as duas grandes paixões de Ribeiro, a leitura e a viagem que, com sua sensibilidade artística, ele transforma em escritos as descobertas feitas pelos lugares por onde passou nos quatro cantos do mundo. Entre os países visitados, pode-se citar Alasca, África do Sul, Índia, Espanha, Portugal, Itália, Canadá, França, Vietnã, Austrália, Etiópia, Palestina, Azerbaijão, Grécia, China, Laos, os países da América Latina.

As crônicas ribeirianas foram publicadas, em sua maioria, quinzenalmente no jornal *A Gazeta*, contribuindo durante vários anos com esse veículo de comunicação. Reunidos em livros, seus textos tratam de temas da atualidade nos quais divide com o público sua percepção sobre a vida, a educação, a literatura, a política, a memória capixaba, o meio ambiente, a preocupação ecológica. As mensagens inteligentes e bem construídas demonstram as suas preocupações linguísticas, literárias, artísticas e civis. Ribeiro se dedica ainda a escrever sobre o Espírito Santo em retomada de acontecimentos pendentes entre história, lendas e causos, que de forma oral ou escrita vão passando de geração em geração.

Para fazer um panorama da produção de crônicas, elenco a seguir treze produções que, em ordem cronológica, dão uma noção de sua extensão e profundidade:

1995 – *Das cidades e suas memórias – crônicas de viagem.*

Na p. 7 da obra, Francisco declara que o gosto pelas viagens foi-lhe despertado desde muito cedo. Antes dos vinte anos iniciou suas aventuras viajeiras pelos países da América do Sul. Ele registra seu prazer de excursionar pelo Brasil e por outros países, reunindo suas impressões de suas estadas em diversas cidades, desde a nossa Vitória, onde à beira mar “os navios no cais dão (lhe) lições de partida” (p. 9), às várias cidades da América, Europa, África e Ásia, como: Atenas, Jerusalém, Havana, Istambul, Curaçao, Aruba, Cartagena, Praga e muitos outros lugares.

1998 – *Fantomas da infância – crônicas.*

Nesse livro o autor revive a sua infância passada em Ibitirama, ES, ou seja, na região do Caparaó, sua terra natal, e destaca pessoas que fizeram parte de sua vida nessa ocasião.

2003 – *Estrela prometida – crônica capixaba.*

Os temas sobre escritores, leitura, vestibular, amigos, comentários de obra e documentário de cidades percorridas em suas viagens preenchem as 136 páginas.

O título deriva da crônica com o mesmo nome, na qual o autor lamenta as adversidades ocorridas no Espírito Santo, ocasionadas por situações de confronto entre os indígenas e piratas, pela febre do ouro, pelas habituais “futricas” políticas, e pelo “ouro negro”. Não deixa de apontar, contudo, os motivos de orgulho para o povo desta terra, como o êxito alcançado por algumas capixabas, que se destaca(ra)m tanto na vida artística quanto na política: Dora Vivacqua, a “Luz del Fuego”, Nara Leão, Maysa Monjardim, Danuza Leão e Rita Camata.

Enfim, o cronista declara que a história capixaba se constitui de altos e baixos, erros e acertos e que entre fracassos e sucessos chegamos aqui. E, ironicamente, o narrador declara que entre brigas e êxitos, como a dos históricos grupos “caramurus” e “peroás”, a história capixaba aconteceu (RIBEIRO, 2003, p. 47).

2006 – *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas.*

Nessa obra o cronista apresenta curtas histórias e faz críticas ao abandono da cidade pelo poder governamental. Na última crônica, “Vitória do passado”, condena a falta de conservação da História de Vitória, apesar de ser a capital “uma das mais antigas do Brasil”, e provoca no leitor o desejo de passear pelo centro da cidade em visita aos edifícios antigos, passar por praças e ruas e verificar o descaso que sofrem esses lugares.

Entre o passado e o presente inicia o livro com “A crônica capixaba”, onde ele destaca o interesse por esse gênero literário no Espírito Santo. A partir da declaração de que “desde que o Rubem Braga deu ao gênero a cara moderna

que tem até hoje" (RIBEIRO, 2006, p. 19), ele vai apontando obras e cronistas que justificam sua opinião. Mas, nessas crônicas, estão incluídos temas variados, sobre livros, festas cívicas, educação moral, homenagens a pessoas amigas, e há duas que me emocionam muito, pois representam um ato gentil que só um grande amigo realiza. Uma é "Amiga Ester", uma minibioografia carinhosa que fez de mim e assim inicia:

Há pessoas com as quais se convive por obrigação profissional e convivência com elas não traz nenhum prazer, outras há, porém, que só trazem alegrias e enriquecimento à amizade. Ester Abreu é uma dessas. Conheci há 25 anos quando vim para Vitória, mas é como se a conhecesse sempre (RIBEIRO, 2006, p. 13).

A outra crônica intitulada "De mestres e de mestras", produzida para mencionar educação e aprendizagem, numa união de duas datas do mês de outubro: "O dia das crianças" e "O dos mestres". Nesse texto ele destaca a profissão de professor, na qual ele menciona a necessidade de uma aprendizagem de educação e conhecimento e me eleva em minha profissão. E reafirma seu ponto de vista, declarando: "[...] Não existe educação sem afetividade, esta é a palavra-chave" (RIBEIRO, 2006, p. 38), e menciona as lembranças que ele tem de algumas professoras, dentro do padrão que ele considera necessário, e para privilégio meu, Ribeiro me inclui entre essas mulheres:

Dona Penha Nolasco de Carvalho, que nos ensinou as primeiras letras e os mistérios da aprendizagem da leitura, que Deus a proteja! Marina Chuquer Coelho, que, no primeiro dia de aula na Faculdade, vaticinou-me o escritor que seria, que o céu a tenha acolhido! Maria Neila Geaquito, minha professora de sociologia na Faculdade e com quem divido, hoje, os prazeres e os desafios de ler os autores capixabas para divulgá-los. Que bom compartilhar os mesmos ideais. Minha amiga Ester Abreu, com quem aprendo, a cada dia, que os caminhos da sabedoria começam com o da humildade. Dona Anna Bernardes da Silveira Rocha, nossa eterna Secretária de Educação, que nos ensina, sempre, que a escola ideal é a feita com pessoas que amam o que fazem, pois sem "sabor" não há o "saber" (RIBEIRO, 2006, p. 38).

2009 – *Os povos que formaram a minha terra.*

Com fotos ilustrativas e crônicas com dados históricos, Francisco apresenta a variada formação étnico-cultural do Espírito Santo, mencionando os povos que para aqui vieram: portugueses, alemães, pomeranos, holandeses, belgas, luxemburgueses, suíços, austríacos, italianos, sírios, libaneses e poloneses.

2009 – *Olhar para o mundo – crônica de viagem.*

Nessa obra Francisco Aurélio Ribeiro oferece a oportunidade de aprender diferenças culturais com 55 crônicas de viagens que despertam o desejo de conhecer os variados rincões do mundo: desertos e ilhas, países da Europa ou da Ásia, cidades do Brasil ou de outros países, ou revê-los, com os maiores detalhes que ele oferece do que você viu.

2012 – *Adeus, amigo e outras crônicas.*

Aqui o cronista compartilhará com seu leitor temas decorrentes do seu viver “capixaba”. São pessoas, memórias, reflexões sobre a vida, críticas mordazes, citações de mitos culturais, temas folclóricos, livros, leitura, curiosidades literárias, temas que com certeza agradarão ao mais exigente leitor.

2013 – *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas.*

Nessa publicação as descrições ou comentários e fotos despertam o interesse do leitor para o conhecimento do mundo trilhado pelo autor das crônicas, para saber a curiosa diversidade do mundo, caminhar com seus próprios passos pelo caminho trilhado pelo cronista, ou melhor, para ver com seus próprios olhos” o descrito por ele.

2014 – *Um olhar sobre o espírito santo.*

Nessa obra constam crônicas de professores da Rede Estadual de Educação. A organização coube a Francisco Aurelio. Foi ele o responsável pela organização e coletânea.

2018 – *Pelas mãos dos avós (quase memória).*

Nessa obra Ribeiro destaca seus antepassados imigrantes: o português e o italiano, e narra situações familiares ocorridas na região do Caparaó, onde ele nasceu.

2019 – *Histórias capixabas – lendas e relatos da nossa história.*

Nessa publicação Francisco Aurelio Ribeiro recorre às lendas do Espírito Santo na organização da obra. Ali se encontram interessantes histórias de indígenas e portugueses, e a retomada de alguns relatos em que se rompe o limite entre verdades e mentiras como: “O fantasma do Palácio Anchieta”, “O Negro Bino e o convento da Penha”, “O santo que virou praça”, e “O ouro da bengala do barão”.

2023 – *Olhar estrangeiro ou praga de cigano.*

Abordagem de notícias sobre várias paisagens de locais visitados por ele, incentivando o leitor a visitar esses lugares dignos de toda admiração. Merece destaque do autor a capital San Salvador, de El Salvador, o penúltimo país que disse ter ido na América Caribenha. Destaca a capital San Salvador por sua modernidade e amabilidade do povo salvadorenho. Oferece, também, conselhos práticos ao viajante, tais como o melhor modo de se alimentar em viagens e recomenda lugares apropriados para a experiência gastronômica.

2024 – *Viagens ao Oriente em fotos e versos.*

Em entrevista concedida a Joel Soprani, na Rádio Tribuna, o autor dá notícias desse novo empreendimento, explicando que optou por imagens e versos concisos, com o intuito de alcançar um público menos afeito aos textos longos. A decisão parece corroborar a frase atribuída a Milton Nascimento: “Todo artista tem que ir aonde o povo está” (NASCIMENTO; BRANT, 1981).

Literatura para crianças e jovens

A cada ano costuma sair um livro infantil de Francisco Aurelio. Neles lembra ao leitor a ter amor à família e aos animais e a oferecer solidariedade às pessoas. Os menores episódios de sua convivência no sítio, junto à natureza, ele os transforma em prazer e ensinamentos para o mundo infantil. As histórias brotam com os mais diversos personagens: cachorro, vaca, cobra, pato, galo, galinha, mulheres, homens, e crianças atuando em variadas situações.

Mas as narrativas são, também, acrescidas com um pouco de sua vivência nas viagens e nos conhecimentos literários. Uma variedade de temas o contador de história derrama em meio a cores e a figuras, tornando suas obras um centro de diversão e conhecimento. Logo, as suas histórias infantis ou infantojuvenis servem para divertir e ensinar.

Entre os livros infantis de Francisco Aurelio Ribeiro o que primeiro li, e creio que foi o terceiro publicado por ele, é *O gato xadrez*, ilustrado por Attílio Colnago (1985). É uma história em verso, que apresenta a simplicidade da vida de um gato. Era um animal de rua, vulgar, sem raça, amigo de todos, que comia qualquer coisa e à noite saía.

Sabia de cor
as ruas, as praças

os postes, os postos
sem nenhum talvez.

E de todos os seus gostos
o de maior limpidez
era o de poder ser
simplesmente

um gato xadrez (RIBEIRO, 1985, [s. n.]).

Antes, saíram publicados *Era uma vez uma chave* (1984) e *Leve como a folha* (1984).

Segundo Francisco Aurelio, na apresentação da obra *Ensaio de leitura e literatura infantil* (2010), o seu interesse por esta literatura veio-lhe espelhado em sua professora de Literatura Infantojuvenil da UFMG, Antonieta Antunes Cunha.

A seguir elenco algumas obras nas quais Ribeiro deixa fluir a sua verve artística em livros para os mais jovens:

1992 – *Mistérios de lá e de cá*.

Em 1992, a obra, também em versos, *Mistérios de lá e de cá*, ilustrado por Mirella Spinelli, apresenta a história de bichos, de várias espécies, o que lembra a Arca de Noé. Os personagens cobra, paca, tatu, cotia, percevejo, burro, elefante, zebras e gata estão em festa e têm estreitas relações amistosas.

1999 – *A casa mal-assombrada*.

Em 1999, foi publicada a obra infantojuvenil *A casa mal-assombrada*, ilustrada por Eliana Brandão. A história se passa em Muqui, em deliciosas férias de dezembro do personagem-autor. O destaque é o avô do personagem como um contador de história (O avô será mencionado por este escritor em contos e crônicas por essa qualidade). Mas há também o sofá de Petita, o esconderijo de revistas e livros que despertarão no narrador-personagem um mundo de

maravilhoso mistério. Esse móvel é uma espécie da gruta fantástica de Ali Babá, esperando que se diga “Abre-te Sésamo”, para o encontro com o tesouro fornecido pelo mundo da leitura.

2002 – *Frajola e sua paixão*.

Em 2002, Francisco apresentou a obra *Frajola e sua paixão*, ilustrada por Nilson Bispodejesus. Os fatos narrados ocorrem em uma casa com quintal. Uma senhora presenteia à sua vizinha um ovo de gansa. Esta o deita com a galinha, Daí surge o problema. Nasceram uma gansinha e vários pintinhos. Cresceram juntos: galo, galinha e gansa. Passaram a conviver no mesmo espaço. A gansa se apaixonou pelo irmão galo. Daí surge a história de um amor impossível e não compreendido.

2004 – *Juanita e sua galinha*

Em 2004, saíram publicados dois livros infantis: *Juanita e sua galinha*, ilustrado por Denise Pimenta, é a história de uma menina da Guatemala que passeava com a sua galinha para turistas verem e assim a criança podia receber dinheiro que auxiliaria a família. Nessa obra o autor aproveita para narrar costumes regionais do país da personagem.

2004 – *O rabinho do porco*.

O rabinho do porco é uma narrativa, ilustrada por J. Carlos, que conta a história do nascimento dos animais, suas cores, suas particularidades e o porquê de o rabo do porco ser pequeno.

2005 – *Circe e Ricardo*.

Em 2005, Francisco Aurelio lançou a obra *Circe e Ricardo*, ilustrada por Zappa. Nela há bruxas e lindas princesas transformadas em feias mulheres. Nas histórias ele revive a época na Inglaterra do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

2009 – *Nos passos de Anchieta*.

Em 2009, com a obra infantojuvenil *Nos passos de Anchieta*, ilustrada por Eduardo Azevedo, o autor procura destacar a história e as belezas naturais do litoral capixaba, numa saída de Vitória até Anchieta, e narrar fatos destacáveis da vida do Santo José de Anchieta.

2012 – *O menino e os ciganos e outros contos*.

Em 2012, surge um compêndio de histórias infantojuvenil, ilustrado por Valter Natal, *O menino e os ciganos e outros contos*. A primeira história, que dá título à obra, é uma narrativa de um fato, revivido também em crônicas, quando, em criança, o autor foi roubado por ciganos que o levaram dentro de um balão. Segue a este conto outros interessantes como: “Quem matou o Mar Morto?”, “O menino turista e o cachorro vira-lata”, “Seu Ovídio e a mula Meu Amor”.

2016 – *Clarissa e o beija-flor e outras histórias*.

Em 2016, saiu publicada a obra infantojuvenil ilustrada por Thiago R. Setubal, e premiada, em 2016, pela Secult-ES *Clarissa e o beija-flor e outras histórias*, com personagens humanos e animais. Segundo o autor, são acontecimentos ocorridos no seu sítio “Cantinho do Céu”. As narrativas dessa obra são: “Clarissa e o beija-flor”, “Chameguinho”, “História do Janjão ou fábula da velhice”, “Logan, meu amigo pitbull”, “O marreco que pensava ser galo”, e “Meu nome é Bill”.

2020 – *Juanita e sua galinha*.

Em 2020, foi republicado *Juanita e sua galinha*, mas numa edição bilíngue, ilustrada por Denise Pimenta e traduzida por mim.

2021 – Histórias do Cantinho do Céu.

Em 2021, Francisco traz histórias de seu sítio na obra infantojuvenil *Histórias do Cantinho do Céu*. Nessa obra estão as histórias narradas de simpatias entre humanos e animais: “Dois amigos”, “Duque, o dengoso”, “Madá, uma galinha especial”, “Morte de Bezerra”, e “O pato preto”.

Poesia vivida

Francisco Aurelio Ribeiro, cronista, articulista, crítico literário, diz não ser poeta; no entanto, alguns livros infantis, como *O gato xadrez*, são organizados em forma de poema.

Na obra dedicada a Miguel Depes Tallon, *Vida vivida* (1997), que faz parte da Coleção Almeida Cousin, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), um eu lírico declara: “Não sou” (RIBEIRO, 1997, p. 9):

Não sou poeta
poeta é Nejar
a Deny
o Berredo
a Magda
o Valdo – profeta
o Miguel- mar(a) Villa
[...]
Cometo versos
como qualquer um,
que engole as palavras
e as regurgita
numa música vital
que impele o viver.

Na apresentação desse livro, com a afirmativa de que “a vida é poesia” [...], Deneval Siqueira de Azevedo Filho refuta a declaração negativa do eu lírico “Não sou poeta” e eu ratifico a apreciação de Azevedo Filho, porque discordo desse “não” do autor nos versos desse primeiro poema da obra *Vida vivida*, e da explicação que ele ofereceu, porque se ser poeta é transmitir uma linguagem do

sentimento, emotiva, manifestada com ritmo, lançada bela e metaforicamente com plenitude significativa existencial, como também é mudar a linguagem comum numa metafísica do sentimento, numa linguagem adequada para expressar um singular sentimento, Francisco Aurelio, ao compor o livro, se mostra poeta e testemunham essa classificação o ritmo do poema e as imagens poéticas materializadas nas imagens literárias, quando o eu lírico declara engolir as palavras. Também, no poema “Exercício de quase haikais” (RIBEIRO, 1997, p. 17), outro exemplo de minha discrepância da afirmativa/negativa “Não sou poeta”, pois nele fluem a essência poética e as imagens descritivas de cada um dos versos, que pertencem às nove estrofes que ele dedica a Magda:

Névoa na cidade
No ar voz distante
Sonha com o mar.

Ou ainda, são expressões poéticas os últimos versos pungidos de *Vida vivida*:

[...]
Há um quê de espanto em cada
horizonte.
Negra a touca, o dia, a esperança, o som.
Há um misto de Dulce em cada ar.
Claro o enigma, o ontem, o próximo, o
nunca.
Há um pouco de fumaça
Há um oh de espera
um ui de dor
um ai de mágoa
E o vazio nosso
de cada dia.

Nesses versos há dinamismo e ecos no objeto poético, quando o eu lírico menciona “um misto de Dulce em cada ar”. Cada objeto são partes de uma ressonância de um sonho e foi um movimento linguístico, logo, obra de um poeta. Podemos, ainda, acrescentar que a vida bem vivida desse intelectual, que tanto produziu textos, coordenou publicações e se doou para a literatura e a cultura do Espírito Santo é um grande poema épico.

As colocações sobre o autor, aqui postas, bem como as citações de suas obras com ligeiros comentários de alguns aspectos criativos desse produtor de obras de gêneros diversos: crônica, conto, ensaios, poesia e obras infantojuvenis, são uma forma de levantar e destacar os diversos aspectos artísticos que constituem a obra literária de Francisco Aurelio Ribeiro, um cavador de palavras.

Referências:

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Nos bailes da vida. Intérprete: Milton Nascimento. In: _____. *Caçador de mim*. Rio de Janeiro: Universal Music International, 1981. 1 Disco sonoro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alqyT_5n7Eg>. Acesso em: 12 maio 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A casa mal-assombrada*. Ilustrações de Heliana Brandão. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2006.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Adeus, amigo e outras crônicas*. Serra: Formar, 2012.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Circe e Ricardo*. Serra: Formar, 2005.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor e outras histórias*. Serra: Formar, 2017.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor*. Serra: Formar, 2022.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Das cidades e suas memórias – crônicas de viagem*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1995.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Era uma vez uma chave*. Ilustrações de Paulo Roberto Sodré. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Estrela prometida – crônica capixaba*. Serra: Formar, 2003.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Fantasmas da infância – crônicas*. Vitória: Grafer; Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Frajola e sua paixão*. Ilustrações de Nilson Bispodejesus. Belo Horizonte: RHJ, 2002.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias capixabas – lendas e relatos da nossa história*. Serra: Formar, 2019.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias do Cantinho do Céu*. Serra: Formar, 2021.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Juanita e sua galinha*. Ilustrações de Denise Pimenta. Serra: Formar, 2004.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Mistérios de lá e de cá*. Ilustrações de Mirella Spinelli. Belo Horizonte: RHJ, 1992.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Nos passos de Anchieta*. Ilustrações de Eduardo Azevedo. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O gato Xadrez*. Ilustrações de Attílio Colnago. Belo Horizonte: Miguilim, 1985.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O menino e os ciganos e outros contos*. Ilustrações Valter Natal. Serra: Formar, 2012.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O rabinho do porco*. Ilustrações de J. Carlos. Serra: Formar: 2004.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Olhar estrangeiro ou praga de cigano*. Vitória: Cousa, 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Olhar para o mundo – crônica de viagem*. Serra: Formar, 2009.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Os povos que formaram a minha terra: alemães, pomeranos, holandeses, belgas, luxemburgueses, suíços, austríacos, sírios, libaneses e poloneses*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Um olhar sobre o Espírito Santo*. Vitória: Secretaria de Estado de Educação-ES, 2014.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. *Viagens ao Oriente em fotos e versos*. São Paulo: Calêndula, 2024.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. Serra: Formar, 2013.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Vida vivida*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1997.

YOURCENAR, Marguerite. *Peregrina e estrangeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

RESUMO: Objetiva-se apresentar crônicas, livros para crianças e jovens e a poesia vivida, entre a variada produção literária de Francisco Aurelio Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira – Francisco Aurelio Ribeiro. Literatura do Espírito Santo – Francisco Aurelio Ribeiro. Francisco Aurelio Ribeiro – Crônicas. Francisco Aurelio Ribeiro – Livros para crianças e jovens. Francisco Aurelio Ribeiro – Poesia vivida.

ABSTRACT: The aim is to present chronicles, books for children and young people, and lived poetry, among the varied literary production of Francisco Aurelio Ribeiro.

KEYWORDS: Brazilian Literature – Francisco Aurelio Ribeiro. Literature from Espírito Santo – Francisco Aurelio Ribeiro. Francisco Aurelio Ribeiro – Chronicles. Francisco Aurelio Ribeiro – Books for children and young people. Francisco Aurelio Ribeiro – Lived poetry.

Recebido em: 16 de outubro de 2024.
Aprovado em: 12 de maio de 2025.

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO FAZ 70 ANOS: ENTREVISTA LITERÁRIA¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO TURNS 70: LITERARY INTERVIEW

Vitor Cei*

Francisco Aurelio Ribeiro nasceu em Ibitirama (ES), em 22 de agosto de 1955, e reside em Vila Velha (ES). Nos anos 1970, concluiu os cursos de Direito e de Letras Português-Inglês pela Faculdade de Cachoeiro de Itapemirim, além de uma especialização em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Entre 1984 e 1990, estudou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concluindo o mestrado em Literatura Brasileira e o doutorado em Literatura Comparada.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Em Ibitirama, a Fazenda da família Ricci, avós de Francisco Aurelio Ribeiro. (Fonte: Acervo do autor).



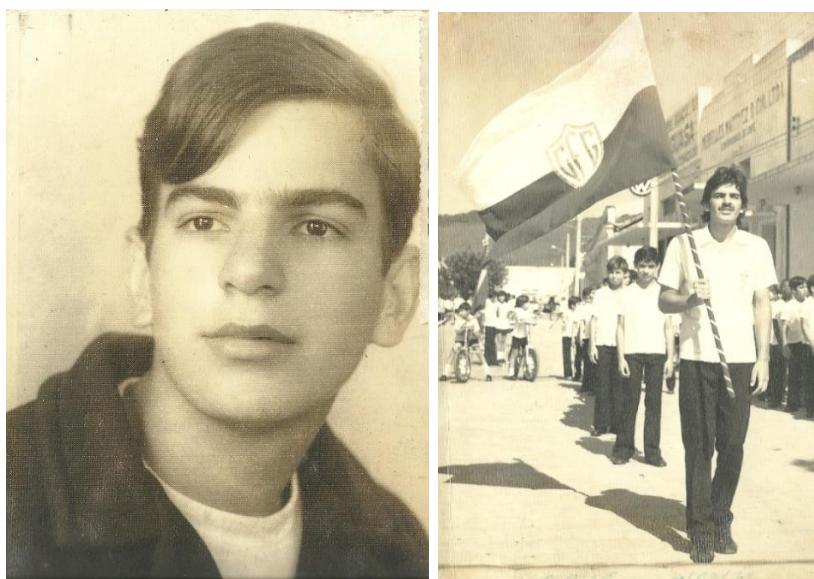
Naria Ricci Machado e Pedro Machado Ribeiro,
pais de Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).



Ibitirama, ES, cidade natal de Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).



Francisco Aurelio Ribeiro aos 7 (Ibitirama, ES, 1962)
e aos 13, como aluno do Colégio Salesiano em Jaciguá (1968).
(Fonte: Acervo do autor).



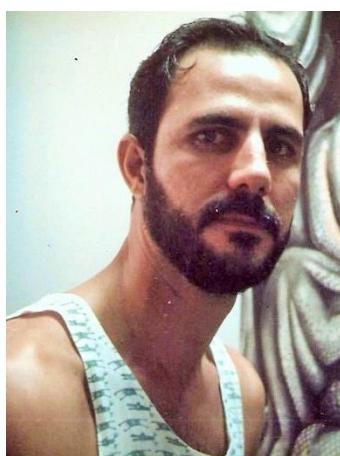
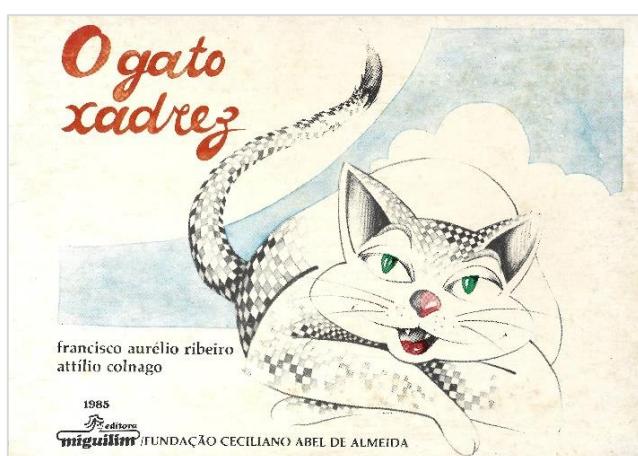
Francisco Aurelio Ribeiro aos 15 (1970) e aos 17 anos (Guaçuí, ES, 1972)
(Fonte: Acervo do autor).



Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde Francisco Aurelio Ribeiro desenvolveu seus estudos de pós-graduação (Foto sem crédito).

Autor de vasta obra ficcional — sobretudo nos gêneros crônica e infantojuvenil —, Francisco Aurelio Ribeiro formou gerações de leitores no Espírito Santo. Dentre esses leitores, encontro-me pessoalmente, tendo lido *O gato xadrez*

(Miguilim, 1985), ilustrado por Attílio Colnago, ainda na infância. A memória dessa leitura permanece, como muitas outras experiências marcadas pela sua escrita sensível e bem-humorada.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Paulo R. Sodré), capa de *O gato xadrez* e o ilustrador Attílio Colnago (Autorretrato).

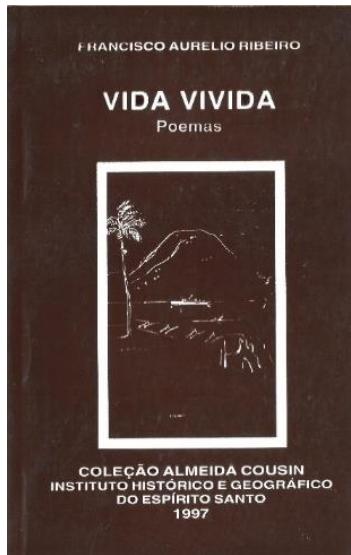
Nos últimos vinte anos, o homenageado deste número da *Fernão* publicou diversas obras comprometidas com a formação leitora de crianças e jovens: *Circe e Ricardo* (Formar, 2005), *Totonho e seu rival* (Formar, 2007), *Nos Passos de Anchieta* (Nova Alexandria, 2009), *O menino e os ciganos* (Formar, 2012), *Clarissa e o beija-flor e outras histórias* (Formar, 2017), *Pelas mãos dos avós* (Formar, 2018), *Histórias capixabas* (Formar, 2019), *Histórias do Cantinho do Céu* (Formar, 2021), *Dona Mariquinha* (Formar, 2023) e *Pretinha* (Zínia, 2024), além da participação na *Cartilha da Paz* (Instituto Ambiental Reluz, 2023).



Capas dos livros para crianças e jovens de Francisco Aurelio Ribeiro.

Para o público adulto, publicou poemas em *Vida vivida* (Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo [IHGES], 1997) e coletâneas de crônica, entre as quais se destacam: *Das cidades e suas memórias: crônicas de viagens* (Prefeitura Municipal de Vitória [PMV], Lei Rubem Braga, 1995), *Fantasmas da infância: crônicas* (PMV, 1998), *Estrela prometida: crônicas capixabas* (Formar, 2003), *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas* (Academia Espírito-santense de Letras [AEL]/Formar, 2006), *Olhar para o mundo: crônicas de viagens* (Formar, 2009),

Adeus, amigo e outras crônicas (Formar, 2012), *Olhar estrangeiro ou Praga de cigano: crônicas de viagem* (Cousa, 2023), *Viagens ao Oriente em fotos e versos* (Calêndula, 2024) e *Personagens e fatos históricos capixabas: crônicas* (Calêndula, 2024).



Capa do livro de poemas *Vida vivida*, de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capas dos diversos livros de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro.



Em mais de quatro décadas de *lateral/uta*, Francisco Aurelio Ribeiro consolidou-se como uma das figuras centrais na construção do cânone literário e cultural do Espírito Santo. Sua produção — acadêmica, literária e institucional — articula-se como um campo multifacetado, que abrange todas as pontas do nosso circuito autor-obra-público, propondo interlocuções entre tradição e contemporaneidade.

Sua trajetória como professor compreende mais de trinta anos de atuação em instituições públicas e privadas de ensino fundamental, médio e superior. Destaca-se, nesse percurso, o trabalho desenvolvido na Universidade Federal do

Espírito Santo (Ufes) entre 1982 e 1999. Além de atuar como docente nos cursos de graduação em Letras, criou, na década de 1980, a disciplina de Literatura Infantil e Juvenil e, nos anos 1990, foi um dos fundadores e coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), além de ter apoiado a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), idealizado por Reinaldo Santos Neves. Também exerceu o cargo de Secretário de Produção e Difusão Cultural (SPDC) da universidade — função na qual, segundo Orequio (2024, p. 127), “revelou diversos escritores capixabas, através da publicação de livros e lançamentos dos mesmos em cidades do interior, a fim de expandir o conhecimento sobre esses escritores em todo o estado”.



Ufes nos anos 1980 (Foto de Antonio Moreira).



Prédio Bernadette Lyra (ou Prédio de Letras), inaugurado nos anos de 1990, onde se estabeleceram, com o apoio de Francisco Aurelio Ribeiro, o Programa de Pós-graduação em Letras e o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Foto de Paulo R. Sodré).



Como presidente da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) por cinco mandatos consecutivos (1999–2019), Francisco Aurelio Ribeiro implementou políticas de preservação documental que resultaram na digitalização de 12 mil páginas de manuscritos históricos. À frente do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) no Espírito Santo (2006–2012), sua gestão redefiniu as políticas de formação leitora no estado por meio do programa *Literatura nas Praças*, que alcançou 72 municípios com oficinas de mediação de leitura.



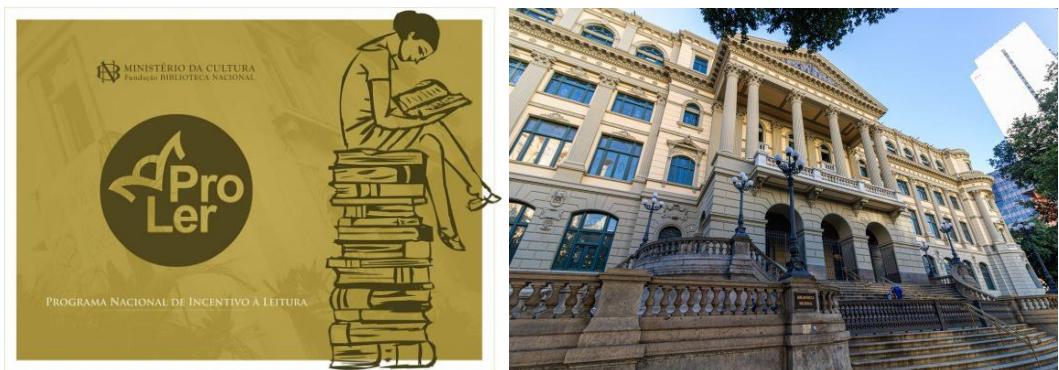
Francisco Aurelio Ribeiro na Academia Espírito-santense de Letras (Foto de Elizabeth Nader).



Academia Espírito-santense de Letras (AEL), presidida por Francisco Aurelio Ribeiro (de costas, à direita em uma das sessões por ele conduzida) durante quatro mandatos (1999 a 2001; 2005 a 2007; 2008-2010 e 2013-2015) (Fonte: AEL).



Interior da AEL (Fotos de Paulo R. Sodré).



Logomarca do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (ProLer) da Biblioteca Nacional, à frente do qual Francisco Aurelio Ribeiro atuou no Espírito Santo (Foto de fvolu / Shutterstock.com). Abaixo, registros de sua atuação na Ufes e nas escolas (Fotos sem crédito).

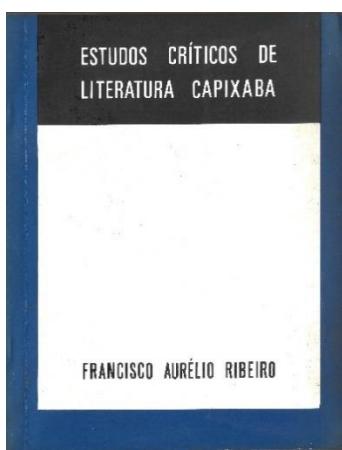


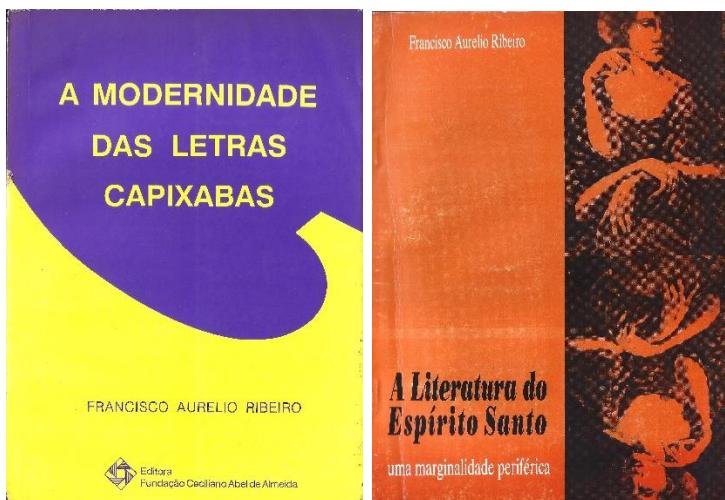
Na consultoria prestada à Secretaria de Educação do Espírito Santo (Sedu — 2008–2009), elaborou diretrizes curriculares que inseriram 38 autores capixabas no ensino médio — iniciativa detalhada na obra *Literatura do Espírito Santo: ensaios, história, crítica* (2010). Seu papel como curador da Coleção Roberto Almada (2002–2023) da PMV permitiu a reedição crítica de 34 obras raras, entre

elas *Terra roxa* (1925), de Afonso Cláudio, acompanhada de um estudo paratextual sobre seu impacto no modernismo regional.

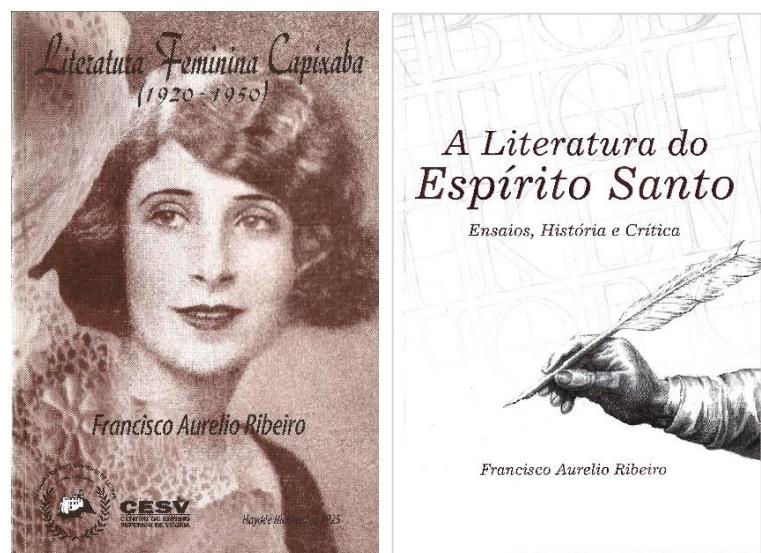
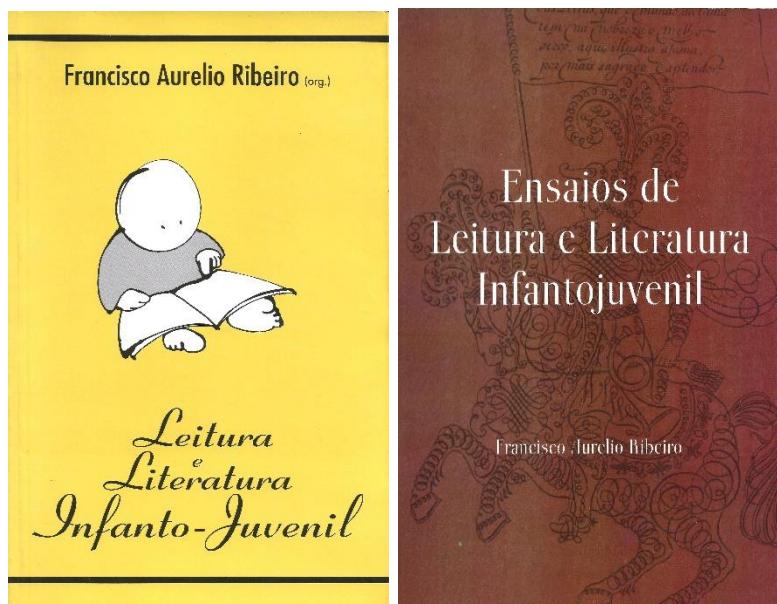
Sua dedicação aos Estudos Literários, especialmente à historiografia e à crítica da literatura produzida no Espírito Santo, resultou em um legado de obras de referência que se configuraram como pontes entre a tradição historiográfica e as abordagens contemporâneas da Literatura Comparada, com ênfase na valorização de autores marginalizados pelas narrativas hegemônicas.

Entre os trabalhos que mais se destacam em sua reflexão crítica sobre a literatura produzida no Espírito Santo, inclui *Estudos críticos de literatura capixaba* (Vitória: Fundação Cecílio Abel de Almeida [FCAA]/Ufes/Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo [DEC], 1990); *A modernidade das letras capixabas* (Vitória: FCAA/SPDC-Ufes, 1993); *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (Vitória: Nemar, 1996); *Leitura e literatura infanto-juvenil* (organização. Vitória: Ufes, 1997); *Literatura feminina capixaba (1920–1950)* (Vitória: Formar, 2003); *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo* (coorganização com Thelma Maria Azevedo) (Vitória: AEL/PMV, Formar, 2008); *Ensaios de leitura e literatura infantojuvenil* (Serra: Formar, 2010); *Literatura do Espírito Santo: ensaios, história, crítica* (Serra: Formar, 2010); e *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo: ensaios críticos* (São Paulo: Calêndula, 2024).





Capas dos livros com a produção acadêmica de Francisco Aurelio Ribeiro.

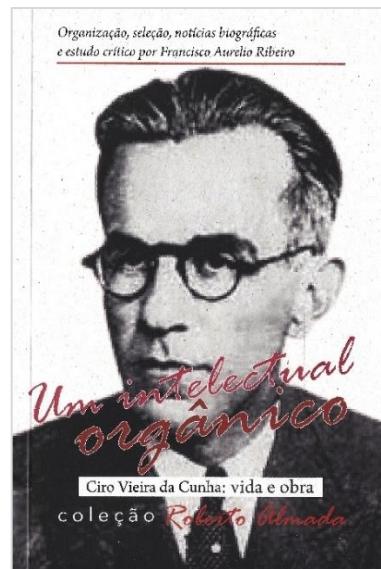
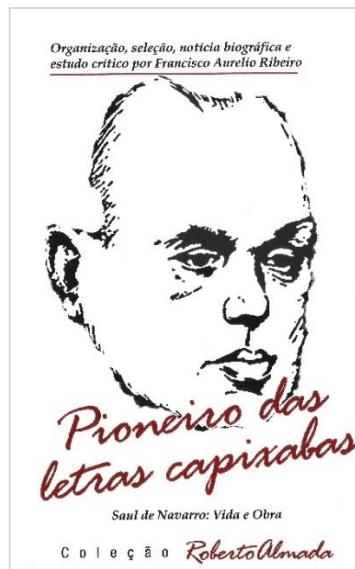
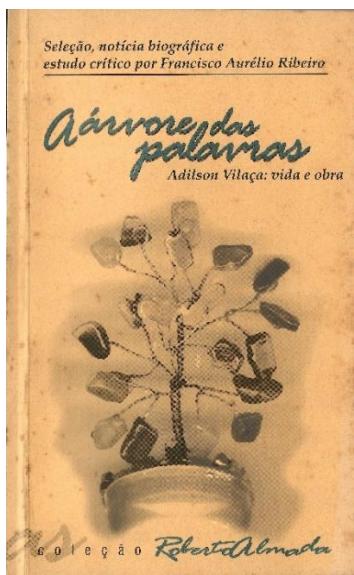


De sua produção crítica, destacam-se ainda *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector* (Vitória: Nemar, 1993²); e *Haydée Nicolussi (1905–1970): poeta, revolucionária e romântica* (Vitória: AEL/PMV, 2005), além dos volumes publicados na Coleção Roberto Almada, editada pela Secretaria Municipal de Cultura de Vitória: *A árvore das palavras: Adilson Vilaça — vida e obra* (Vitória: PMV, 1999); *Ainda resta uma esperança: Haydée Nicolussi — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2007); *Método confuso: Mendes Fradique — vida e obra* (Vitória: PMV, 2012); *O Pestalozzi capixaba: Amâncio Pereira — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2020); *Pioneiro das letras capixabas: Saul de Navarro — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2021); *Prisioneira da liberdade: Jeanne Bilich — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2022); e *Intelectual orgânico: Ciro Vieira da Cunha — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2023).



Capas de outros livros de estudos críticos de Francisco Aurelio Ribeiro.

² Em segunda edição (São Paulo: Calêndula, 2025).



Capas dos livros da Coleção Roberto Almada, produzida pela Prefeitura Municipal de Vitória, com estudos críticos assinados por Francisco Aurelio Ribeiro.

Aos 70 anos, Francisco Aurelio Ribeiro mantém produção intensa, unindo erudição acadêmica, gestão cultural comprometida e produção literária diversificada — elementos que continuam a influenciar novas gerações de pesquisadores e escritores empenhados na valorização da nossa literatura.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Leonardo Sá).

A entrevista a seguir, respondida por e-mail em 27 de fevereiro de 2025, integra as atividades do projeto de pesquisa "A literaluta capixaba: entrevistas sobre o circuito autor-obra-público na Grande Vitória" e está sendo publicada em primeira mão neste número da *Fernão*. Seu objetivo é apresentar as interseções entre vida e obra de Francisco Aurelio Ribeiro, além de oferecer um testemunho sobre a vida literária e artística dos anos 1980 até hoje. O conjunto de treze perguntas abrange temas como o processo criativo, a recepção, o mercado editorial, o sistema literário regional e as negociações entre seus agentes, o ensino de literatura, as questões de gênero, o machismo, a sociedade e a política no Brasil e no mundo.

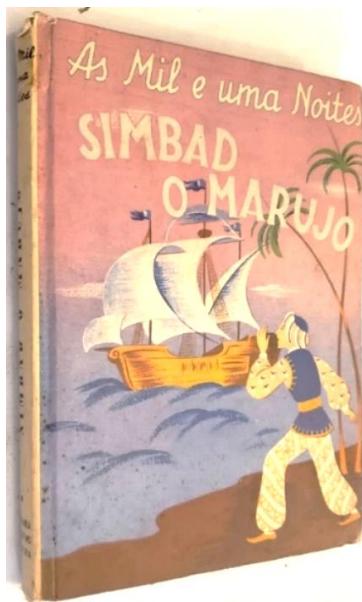
Ao longo de quatro décadas de trajetória como escritor, inaugurada com o livro para crianças *Era uma vez uma chave*, de 1984, você já publicou 72 livros, entre 37 obras literárias e 35 acadêmicas. Atualmente, contam-se entre as de escrita criativa mais algumas obras

em processo de pesquisa. Como e quando a leitura e a literatura entraram em sua vida? E como você define sua trajetória literária — houve um momento inaugural ou o caminho se construiu gradualmente?

A leitura e a literatura entraram em minha vida muito cedo. Nasci na Serra do Caparaó, numa pequena comunidade mesclada de filhos de imigrantes, como meus pais, descendentes de povos originários e de escravizados. Não havia livraria ou biblioteca onde nasci e nem livros em casa, exceto na de minha professora, Dona Penha, com quem aprendi a ler e que me emprestou os primeiros livros de literatura infantil. No entanto, tive um avô italiano, que adorava contar histórias fantásticas e meus pais, que tiveram a sensibilidade de me presentear com livros, quando viram meu interesse pela leitura e pela literatura. O único livro que havia lá em casa, quando aprendi a ler, era a *História sagrada*, edição popular ilustrada, que li de cabo a rabo. Daí pra frente, não parei mais.

Meu primeiro livro de presente foi *As aventuras de Simbad, o marujo*, que me despertou para a literatura, as viagens e as aventuras. Quando fiz dez anos, ganhei a coleção do *Tesouro da juventude*, em 36 volumes, que me acompanhou a adolescência. Talvez tenha sido o melhor presente jamais ganho na vida. Também ganhei os contos da Carochinha, da Editora Quaresma, que ainda tenho, há mais de 60 anos.





Referências literárias da infância de Francisco Aurelio Ribeiro: *Tesouro da juventude*, *As aventuras de Simbad, o marujo* (Imagens sem crédito) e os *Contos da Carochinha*, cujos exemplares o autor mantém até hoje em sua biblioteca (Fonte: Foto do autor).



De Ibitirama, fomos para Guaçuí e lá devorei quase todos os livros da Biblioteca Pública Dr. Custódio Tristão e todos os da biblioteca da Professora Carmen L. Emery. Fiz o Ginásio como interno nos Salesianos de Jaciguá, onde li todos os livros da biblioteca dos alunos e os que consegui da biblioteca reservada aos padres. Ou seja, sou um leitor compulsivo, desde que fui alfabetizado, aos 6 anos.



Estação ferroviária de Guaçuí, ES (Fonte: Acervo do autor).



Colégio São Geraldo (Fonte: Acervo do autor).

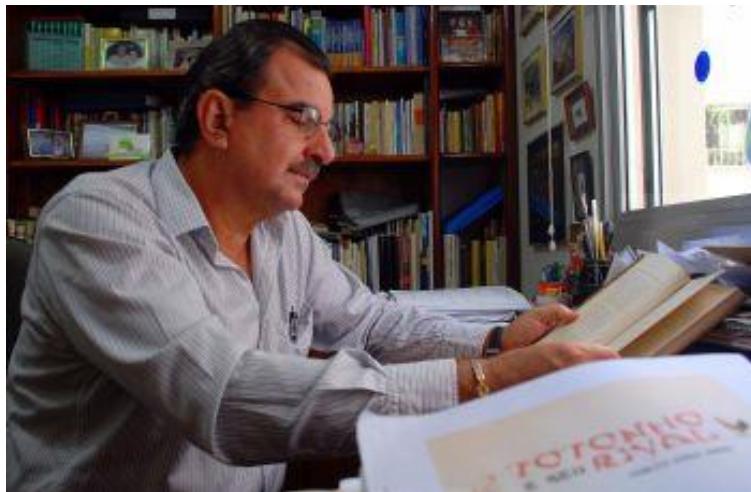


Ginásio dos Salesianos de Jaciguá (Fonte: Acervo do autor).

Você transita por diversas formas e gêneros literários, escrevendo para públicos infantil e adulto, publicando crônicas, contos, crítica, teoria e historiografia literária. Para citar um exemplo de cada: infantil em *O Gato Xadrez* (Miguilim, 1985); crônicas em *Olhar estrangeiro ou praga de cigano* (Cousa, 2023) e ensaios em *Diferença e alteridade na*

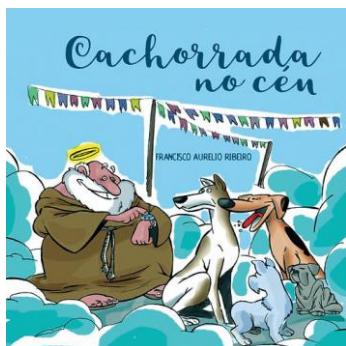
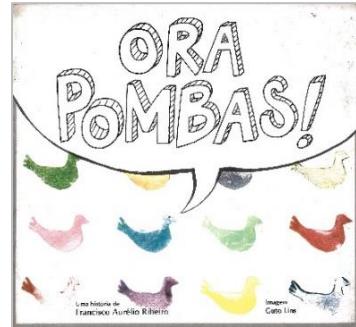
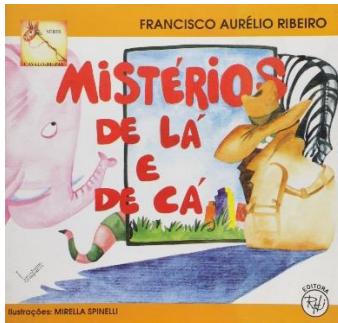
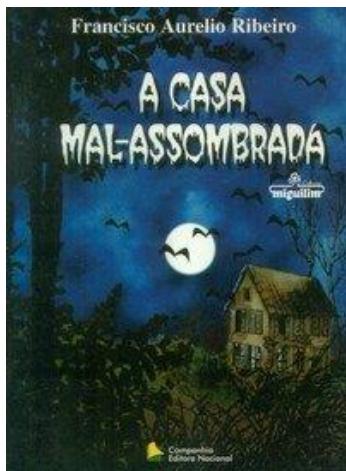
Literatura do Espírito Santo (Calêndula, 2024). Como é seu processo criativo na escrita literária para crianças, jovens e adultos? Quais são as opções formais e temáticas que orientam seu método de escrita e seu projeto ético-estético?

Comecei a escrever para crianças, por editoras fora do Espírito Santo, em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 80, vivíamos o “boom” da literatura infantil, após os tristes anos da ditadura militar. Sempre gostei de fazer histórias lúdicas, releituras de fábulas, e nunca me preocupei com aspectos morais ou pedagógicos, ao escrever para crianças.



Francisco Aurelio Ribeiro em sua biblioteca, em 2010 (Foto de Elizabeth Nader). Abaixo, capas dos primeiros e dos mais recentes livros do autor dedicados a crianças e jovens.



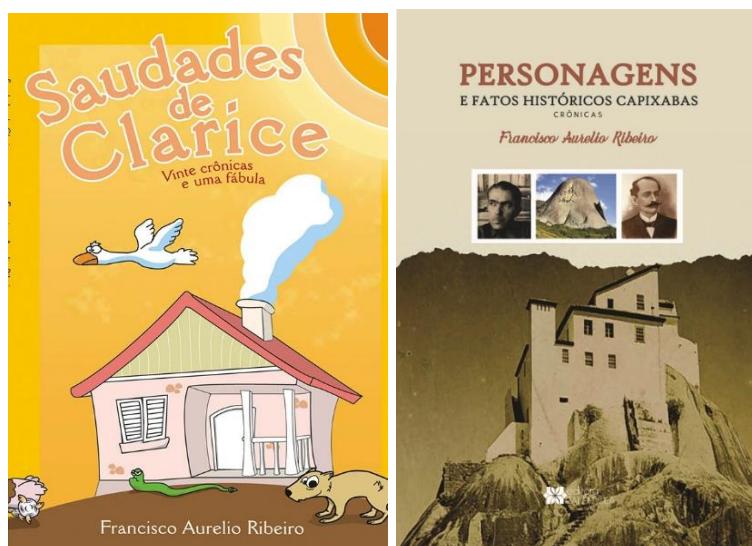


Depois de terminar o mestrado e o doutorado, a partir de 1990, comecei a publicar os vários trabalhos de crítica literária sobre os autores capixabas. Literatura Infantil e Literatura do Espírito Santo eram os meus principais focos e continuam sendo.



Capa do livro mais recente de ensaios de Francisco Aurelio Ribeiro.

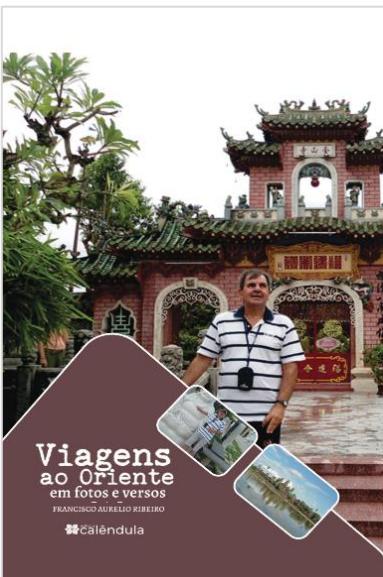
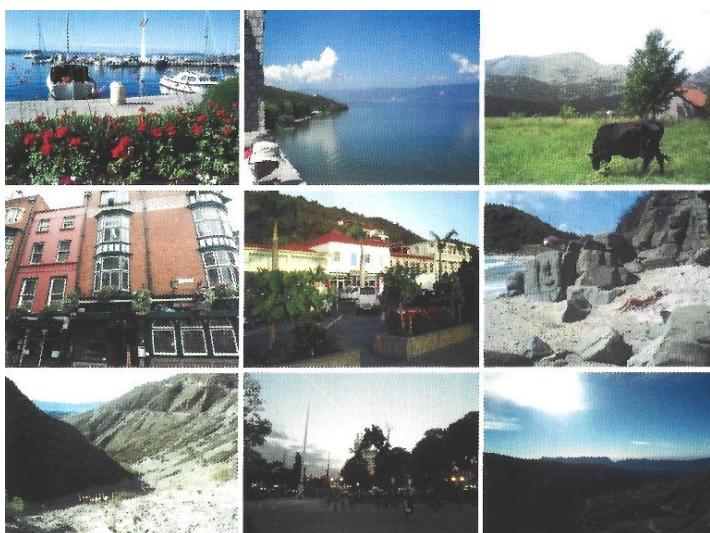
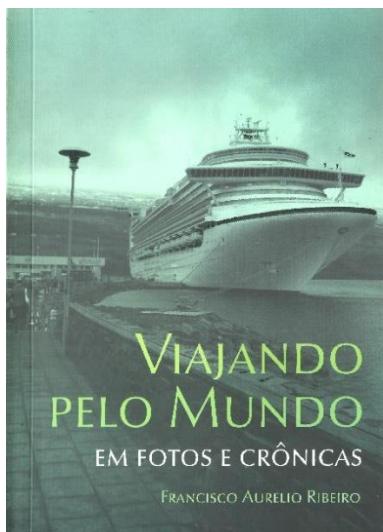
Comecei a publicar crônicas no jornal *A Gazeta*, também na década de 80, e ainda continuo a escrever para esse jornal. Algumas foram parar em livros. Também gosto de escrever sobre viagens, um dos meus maiores prazeres, junto com a leitura.



Capas de livros de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capas de livros de crônicas sobre viagens de Francisco Aurelio Ribeiro.
À direita, foto do autor em uma de suas viagens e a série de fotos do próprio autor na contracapa de *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*.





Francisco Aurelio Ribeiro

É doutor em Letras, professor e escritor. Seus textos tratam de literatura, grandes nomes do Espírito Santo e atualidades. Escreve quinzenalmente às segundas

Literatura

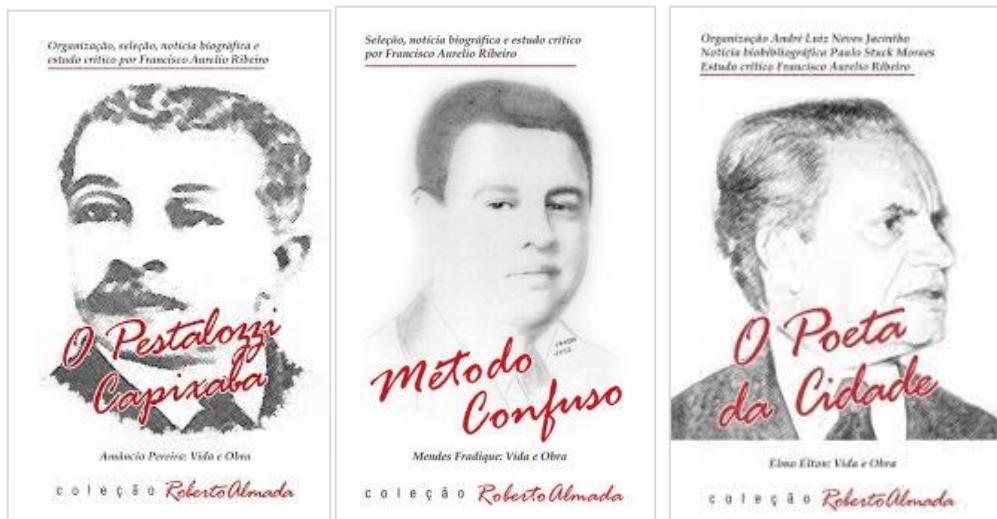
Abril é especial para nós, escritores e leitores

Parabéns aos escritores, aos bibliotecários e, sobretudo, aos leitores, sem os quais não faz sentido escrever

Francisco Aurelio Ribeiro | Colunista
faribe@gmail.com

Print da coluna de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro, no jornal *A Gazeta* online.

De algum tempo para cá, tenho pesquisado e publicado biografias de autores capixabas: Adilson Vilaça, Afonso Cláudio, Haydée Nicolussi, Mendes Fradique, Saul de Navarro, Adelpho Poli Monjardim, Ciro Vieira da Cunha, Jeanne Bilich e Amâncio Pereira. E um último projeto, feito em parceria com o Prof. Luiz Guilherme S. Neves, recém-falecido, é o de livros didáticos sobre os municípios do Espírito Santo. Enfim, sou um escritor polivalente, mas não sou um escritor de ficção, autor de romances ou de contos. Me considero mais um leitor do mundo em que vivo e que me impele a escrever o que vejo e leio neste mundo.



Capas de outros volumes da Coleção Roberto Almada,
com estudos de Francisco Aurelio Ribeiro.

No artigo “O narrador em *O menino e os ciganos*”, Fabiani Rodrigues Taylor Costa comenta seu livro *O menino e o cigano e outros contos* e compara sua atuação como escritor aos griôs, “[...] os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico”. Afirma ainda a autora: “Assim, Francisco Aurélio nesse singelo livro infantil, torna-se esse griô que, com o bilro em suas mãos, transforma artesanalmente as palavras e nos presenteia tal qual Tia Nastácia de Monteiro Lobato, com suas histórias contadas pela oralidade, mas que mesmo passando para a escrita, elas se entrelaçam às nossas histórias e formamos como ouvintes outras que talvez um dia possamos contar para as futuras gerações também como griôs – vovós ou vovôs – que passam de geração para geração à memória de um povo” (COSTA, 2018, p. 112). Dada essa percepção, para quem você escreve? Considerando a maneira como elabora seu estilo e define a destinação de sua escrita, há um tipo de leitor específico ou um público-alvo ao qual seus trabalhos, como escritor, se dirigem? Além disso, como você comprehende o contexto amplo de recepção de seus textos desde os anos 1980 — literário, cultural, intelectual, linguístico, socioeconômico e político?

Fabiani, ex-aluna querida, foi generosa em seu ensaio, a quem agradeço. Considero Adilson Vilaça um verdadeiro griô, entre nós. Sou apenas um escrevedor de histórias, que ouvi ou imaginei e as reconto. Sempre me preocupa o receptor de minhas obras. Como escrevedor de histórias para crianças ou de crônicas para jornal, sei que serei lido por um tipo específico de leitor; por isso, procuro respeitar-lhe o provável gosto ou interesse pelo que escrevo. Ninguém escreve para si mesmo. Seria muita vaidade. Escrever e publicar é ir ao encontro

de um leitor, sem o qual o processo de recepção não existe. Livro é caro, trabalhoso e não deve ser escrito para ficar em bibliotecas ou prateleiras empoeiradas de bibliotecas sem leitores. Talvez a publicação eletrônica resolva, em parte, a questão da recepção e da leitura.



Capas de *O menino e os ciganos e outros contos* e do livro *Bravos 7*, em que foi publicado o estudo de Fabiani Taylor sobre aquele, e foto da autora com Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).

Quanto à minha história de publicação de livros, não posso reclamar. Nos anos 80, meus livros infantis tinham tiragens de 3 a 5 mil exemplares e foram divulgados pelo Brasil afora. Andei ceca e meca, em feiras de livros e seminários literários.

Depois, com o advento da internet, nos anos 90 e das redes sociais, a partir de 2010, o cenário mudou. As edições são pequenas ou sob demanda. A literatura sobrevive de pequenos nichos literários, de clubes do livro ou de leitura, de academias de letras, de indicações escolares. Alguns poucos escritores, os da moda, vendem muito e, depois de algum tempo, são substituídos por outros. Tempos de modernidade líquida... Não existem grandes escritores, que formem uma unanimidade nacional. Adélia Prado, agraciada recentemente com o Prêmio Camões, não é conhecida nem pelo governador de Minas, um tal do Zema. Pode isso?





Acima, Francisco Aurelio Ribeiro em sua incansável divulgação de seu trabalho literário e ensaístico: sessão de autógrafos, palestra nas escolas (Fonte: Acervo do autor). Abaixo, entrevista a Gabriela Zorral, 2016, na TV Assembleia do ES (Foto de Olivian Carlesso) e a Joel Soprani, 2024, no Tribuna Online (Fonte: TV Tribuna).





Em maio de 2023, na entrevista a Francisco Grijó, no programa televisivo *Vitrine Literária*, você comenta que a literatura para crianças não “melhorou” muito nos últimos anos, tendendo os autores e autoras seja para uma “pasteurização” ou “suavização” no tratamento de temas para as crianças, seja para um moralismo e um didatismo (RIBEIRO, 2023) típicos das origens dessa literatura, no século XVIII e XIX. Como você procura evitar essas tendências em sua literatura?

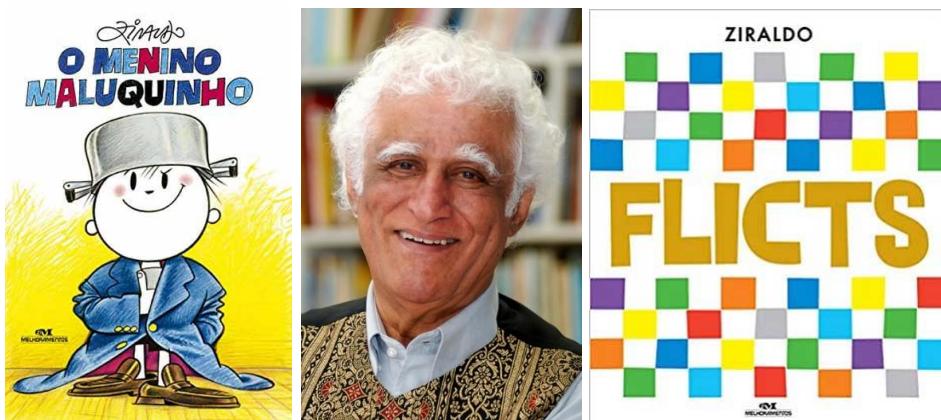


Francisco Grijó entrevista Francisco Aurelio Ribeiro, em maio de 2023, no programa televisivo *Vitrine Literária* (Fonte: Acervo da TV Vitoria).

O que acontece é que a literatura escrita para crianças sempre sofreu a influência da pedagogia, dos educadores, pais, professores, bibliotecários, ou seja, todos que educam as crianças. E, para eles, livro é para educar valores e bons costumes. Isso acontece desde que a família burguesa inventou a escola e a literatura para crianças, no século XVIII, segundo Regina Zilberman. Em poucos momentos, a literatura infantil priorizou o estético, o lúdico e a imaginação. Andersen, na Dinamarca, e Ziraldo, no Brasil, fizeram isso. Lobato, não.



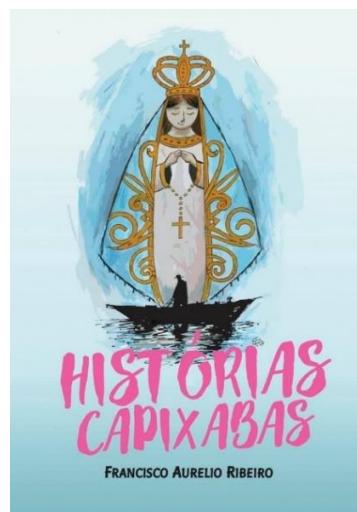
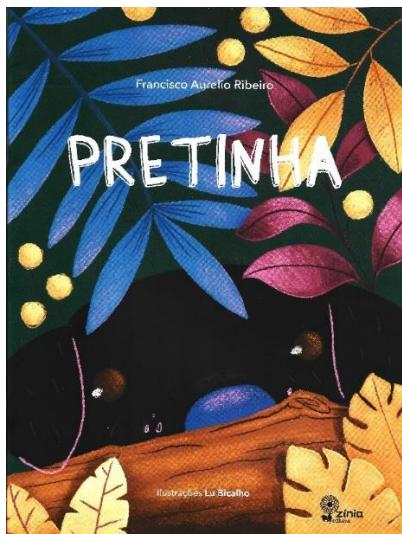
Referências para Francisco Aurelio Ribeiro:
Hans Christian Andersen (1805-1875)

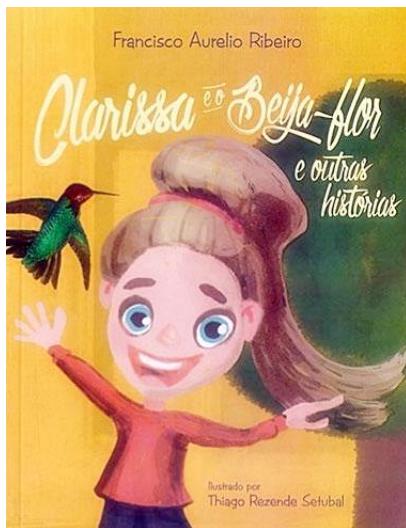


e Ziraldo (1932-2024) (Fotos sem crédito).

Meu último livro para crianças, *Pretinha*, a história de uma cachorrinha deficiente física que apareceu no nosso sítio, é um livro lindo como objeto estético. No entanto, deixou de ser indicado para leitura numa das maiores escolas de Vitória por um adjetivo atribuído à Pretinha, "foguenta". Para mim, seria apenas

“espevitada”; para as pedagogas, a palavra tinha conotação sexual e sexo é tabu, nos livros infantis. Outro livro meu, *Frajola e sua paixão*, é a história de um ganso que se apaixona por um galo. Ao final, comprova-se que o ganso era gansa, um Diadorim do reino animal rs. O livro foi boicotado por algumas escolas com o argumento de que tratava de homossexualidade rs. Outro, *Histórias Capixabas*, teve de ter a capa inicial, com Nossa Senhora da Penha, a Padroeira do ES, trocada por uma com Maria Ortiz, para atender ao público evangélico, bem como na segunda edição de *Clarissa e o beija-flor*, obra premiada no edital da Secult, tivemos de retirar a imagem de São Francisco de Assis no Prefácio. E por aí vai.





Capas dos livros censurados de Francisco Aurelio Ribeiro.

Ficou chato viver e escrever em tempos de cultura iletrada, em que pedagogos e ideologias políticas ou religiosas decidem o que pode ou não ser lido pelas crianças e jovens, controle que não conseguem fazer com outras manifestações culturais absorvidas, principalmente, pelas redes sociais.

Professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo, você é um dos fundadores do Programa de Pós-Graduação em Letras e apoiador na fundação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) por Reinaldo Santos Neves, além de ter lecionado em diversas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, abrangendo o Ensino Fundamental, Médio e Superior. Em que medida a crítica, a teoria e as trocas propiciadas nos espaços escolares e acadêmicos influenciam seu processo criativo e seu trabalho de escrita literária para crianças, jovens e adultos?

Você esqueceu de citar que fui um dos idealizadores da criação da Edufes, há 30 anos.

Creio que, se houver uma missão na vida de um professor, a minha é a de ensinar a ler. Comecei a lecionar aos doze anos, depois que fiz um curso de Alfabetização de Adultos pelo Método SDB, uma variante do Método Paulo Freire, no auge da ditadura militar. Depois de um intervalo de cinco anos, em que concluí o ensino fundamental e médio, entrei na Faculdade de Letras e comecei a lecionar, em 1973.

Quando entrei na Ufes, em 1982, já tinha quase dez anos de magistério e muita experiência como professor em escolas sem bibliotecas, sem livro didático, sem merenda escolar, sem nada. O único material didático era o giz. Tive de me virar para trabalhar com literatura e com livros, pois, até mim, ela era ensinada por meio de biografias de escritores ditadas por professores que lecionavam sentados. Até hoje, sei de cor a biografia de José de Alencar, os poemas principais de Castro Alves e Olavo Bilac, além de "Ismália", de Alphonsus de Guimaraens.



Ufes (Restaurante Universitário e Biblioteca Central) nos anos 1980, quando Francisco Aurelio Ribeiro inicia sua carreira como docente (Foto sem crédito).

Minha principal tarefa, nas escolas públicas onde trabalhei, era iniciar a biblioteca e fiz isso em toda a minha vida, inclusive na biblioteca do PPGL, para a qual doei

muitos dos meus livros e a do Neples. Também a biblioteca da AEL possui um acervo precioso, porém malconservado, doado por mim. Não sei se toda essa fixação em proporcionar livros aos leitores potenciais vem da minha carência de infância e também não sei se isso influencia meu processo de escrita e de produção literária. Não cabe a mim analisar.

Sua obra apresenta uma vasta recorrência imagética. Muitos dos seus livros foram ilustrados por artistas como Attílio Colnago (*O Gato Xadrez*, Miguilim, 1985), Mirella Spinelli (*Mistérios de Lá e de Cá*, RHJ, 1992) e Thiago Setubal (*Clarissa e o Beija-Flor*, Formar, 2022), ou com fotografias de sua autoria (*Viajando pelo Mundo em Fotos e Crônicas*, Formar, 2013). Como você pensa e cria relações entre imagem e linguagem verbal? Como se estabelece o diálogo com seus ilustradores e ilustradoras? De que modo as ilustrações influenciam sua aproximação ao objeto literário – ou vice-versa?

A ilustração é essencial em livros para crianças e secundária para jovens e adultos. Tenho pouca relação com ilustradores de livros infantis; geralmente, entrego o texto e vejo as ilustrações, posteriormente. Com alguns estabeleci um diálogo; outros nem conheci. Adorei a ilustração do meu último livro, *Pretinha*, sem conhecer a Lu Bicalho. Depois de lançado, vim saber que é sobrinha de uma grande amiga, ex-aluna, a Alba Bicalho.

Às vezes, “dá ruim”, como se diz hoje. Meu livro recente, *Dona Mariquinha*, foi selecionado no edital da Sedu, mas não gostei do projeto gráfico. Achei que não se adequava ao texto e falei isso com a editora. Não deu outra: a Sedu aprovou o livro, mas exigiu a substituição do projeto gráfico. Indiquei o Wellington e, agora, o livro está lindo. Com certeza, será apreciado pelas crianças e pelos adultos que o lerem.



Capa da antiga e da nova edição de *Dona Mariquinha*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

Em seus livros para crianças, desde o inaugural *Era uma vez uma chave* (1984), percebe-se uma preocupação com a contação de história, a ficcionalidade e a elaboração lúdica da linguagem. Entretanto, esses mesmos livros são trabalhados nas escolas como apoio a lições de língua portuguesa, como o uso dos dígrafos naquele primeiro livro. Como você lida com essa relação entre suas obras literárias e seu eventual uso paradidático?

Pois é, esse é o principal desafio de quem escreve para crianças: escrever uma história lúdica, sem moralismos ou ensinamentos, que poderá ser utilizada como recurso didático por professores, em diferentes situações de aprendizagem. Isso pode ocorrer com qualquer obra literária. Não se utiliza *Iracema*, do Alencar, como exemplo de prosa poética, ou poemas do Cruz e Sousa, para explicar o Simbolismo e Bilac para o Parnasianismo? Nenhum escritor deve escrever para ser instrumento didático, mas, se o for, e isso depende da habilidade do professor, é ótimo. Meus primeiros livros, *Era uma vez uma chave*, *Leve como a Folha* e *O gato Xadrez*, tiveram fragmentos incluídos em vários livros didáticos para exercícios gramaticais diversos; no entanto, seu sucesso até hoje, pois são ainda editados, 40 anos após lançados, não se deve a isso, mas ao trabalho literário e artístico feitos por texto e imagem.

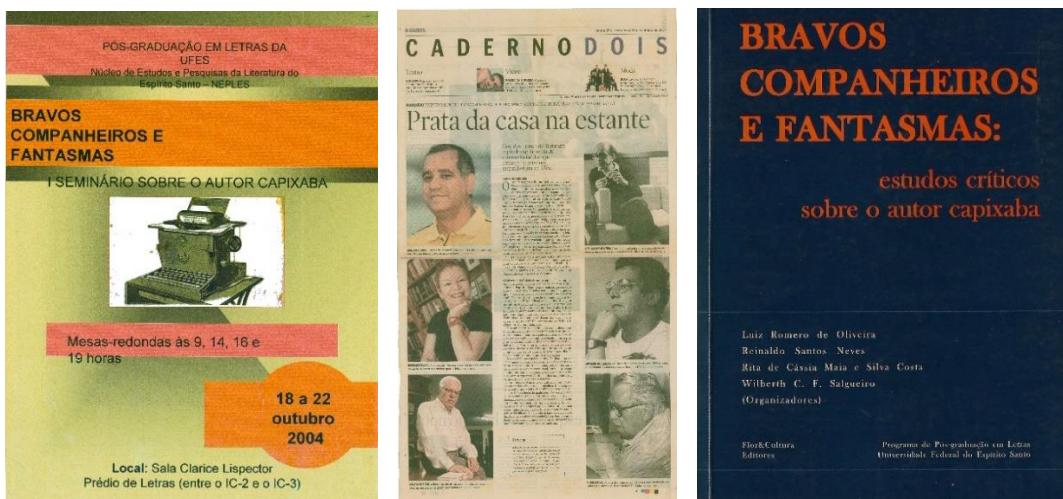
Em 4 de julho de 2022, você publicou um artigo no jornal *A Gazeta* intitulado “O Espírito Santo não respeita seus escritores”, no qual cita Paulo Zucheratto, escritor “capixaba que foi pra São Paulo e lá criou a Editora Nova Alexandria, que resiste a duras penas, nestes tempos em que livro virou produto de nenhuma utilidade em tempos obscuros” (RIBEIRO, 2022, n.p.). Nas entrevistas do projeto *Notícia da atual literatura brasileira* (CEI et al., 2020, 2021, 2025), constatou-se uma percepção quase unânime entre quatro dezenas de escritores residentes no estado quanto às dificuldades de circulação, distribuição e recepção de suas obras, enfrentando barreiras para alcançar editoras e leitores dentro e fora do Espírito Santo, apesar da atuação da Academia Espírito-santense de Letras desde os anos de 1920, de que foi presidente em três mandatos; de sua criação da disciplina “Literatura do Espírito Santo”, nos anos 1980, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes e posteriormente incluída entre as disciplinas optativas do Curso de Licenciatura em Letras da mesma Universidade; de evento bianual como o *Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba*, iniciado em 2004 e já em sua 11^a edição; de sites voltados para a cultura capixaba, como o Estação Capixaba ou Tertúlia, e, mais recentemente, da *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*, periódico semestral inaugurado em 2019 e já na sua 13^a edição. Diante do nosso circuito autor-obra-público e da chamada *literaluta capixaba*, o que você observa?



Página de *A Gazeta online* com o artigo “O Espírito Santo não respeita seus escritores”, de Francisco Aurelio Ribeiro.



Página inicial do Blog do Neples.



Cartaz, matéria e capa do livro da 1ª edição do evento Brav@s Companheir@s e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba, criado e produzido pelo Neples.



Página inicial do site da Academia Espírito-santense de Letras (AEL).



Página inicial do site Estação Capixaba,
coordenado por Maria Clara Medeiros Santos Neves.



Página inicial do site Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo,
coordenado pelo escritor Pedro J. Nunes.

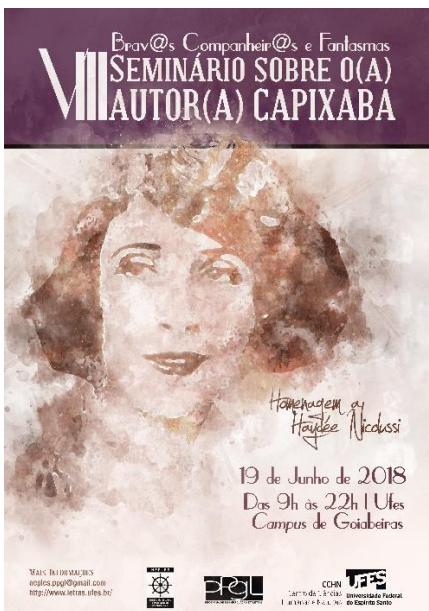


Capas do primeiro e do mais recente número da *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*.

A luta é constante, insana e quase perdida. Escrever e publicar aqui é um desafio constante, pois não há divulgação do que se faz e a produção literária capixaba não circula. Mesmo os livros premiados em editais, se não forem obtidos em lançamentos, não o serão mais.



Cards de algumas das inúmeras participações de Francisco Aurelio Ribeiro: Projeto *Viagem pela Literatura*, promovido por Elizete Caser, na Biblioteca Municipal de Vitória (e livros do autor que compõem seu acervo). Abaixo, cartaz da *Feira Literária Capixaba* e do *Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba*, no Neples/PPGL/Ufes.





Registros da participação de Francisco Aurelio Ribeiro em eventos de divulgação da literatura provinda do Espírito Santo.

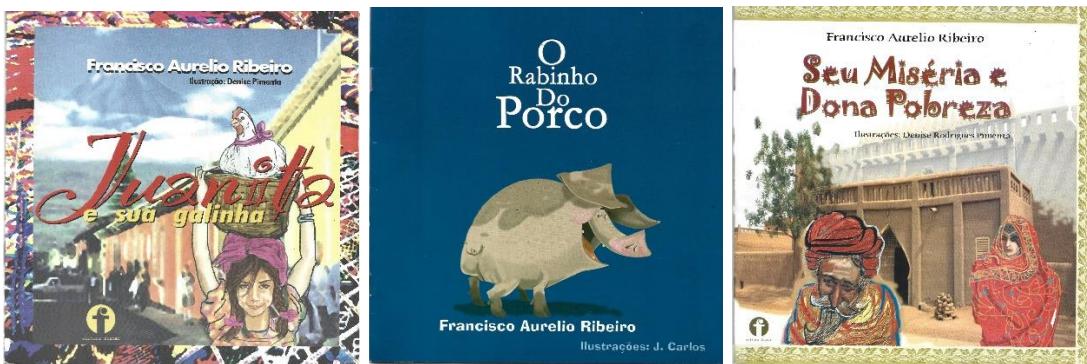
Ser escritor capixaba é conviver com a invisibilidade, o descaso, o menosprezo, a indiferença. E isso há muito tempo. Poucos escritores nascidos no Espírito Santo conseguiram destaque nacional: Rubem Braga, Carlinhos Oliveira, Marly de Oliveira, Danuza Leão, Elisa Lucinda. E todos eles saíram daqui. Triste realidade!



Capas e retratos de autor e autoras capixabas conhecidos nacionalmente.

Hoje, seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprova este portfólio da revista *Fernão* dedicado ao estudo de sua obra literária. Complementando a pergunta anterior: como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra?

Agradeço a vocês essa oportunidade de divulgação de minha obra, com este portfólio. Sou mais reconhecido como crítico literário, pesquisador da literatura feita no ES e escritor de livros para crianças e, apesar de ter tantos livros publicados, eles não são encontrados facilmente. Eu mesmo tenho comprado edições antigas de meus livros nos sebos virtuais e os novos, se quero presentear alguém, também os compro.

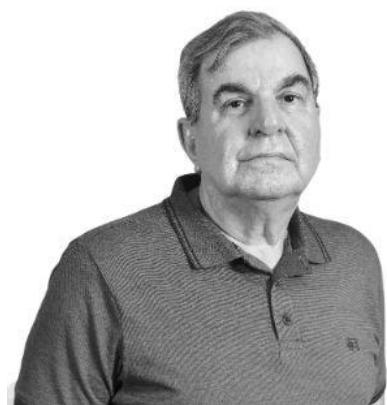


Capas de livros para crianças, de Francisco Aurelio Ribeiro.

As pessoas acham que o autor é dono de sua obra. Eu mesmo não sou, pois não pago para os fazer. Admiro quem tem recurso para isso, mas não o faço. Livro foi feito para circular e não para ser guardado embaixo de camas. Morro de pena, quando morre algum colega e seus livros são descartados, às vezes, até nos lixos. Tenho presenciado isso, o que me corta o coração. Sei o quanto lhe custou escrever o livro, para nada. Há poucos anos, vi a imensa biblioteca de Jeanne Bilich, Gabriel Bittencourt, Aylton Bermudes, se desfazerem como pó. Dolorido!

Você tem perfis em redes sociais como Instagram e Facebook. Como avalia sua participação e a de outros escritores contemporâneos no ciberespaço? Que possibilidades e desafios as tecnologias digitais apresentam para a criação e a recepção de sua obra?

Confesso que sou neófito em redes sociais. Não lido bem com novas tecnologias e muito menos com o mundo do ciberespaço. Procuro divulgar os livros que leio, os que escrevo, atividades de disseminação do livro, da leitura e da literatura, mas não aprendi nem a fazer uma *selfie* direito e muito menos tirar foto no espelho. Acho tudo isso um saco, como diria Raul Seixas rs...



Retratos de Francisco Aurelio Ribeiro (Fotos sem crédito).



Nasci no mundo analógico, leio os livros em papel, cheguei até a comprar um leitor de livros digitais, mas não deu... prefiro o contato, o cheiro, o sabor dos

livros em papel. Pra mim, pegar o livro pela primeira vez, abri-lo, cheirá-lo, tocá-lo e ir lendo devagar, sem pressa de terminar, é puro erotismo.

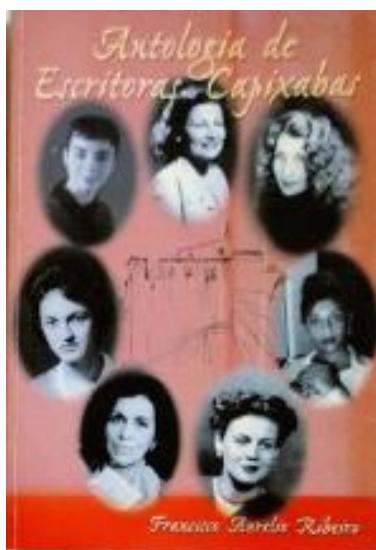
O Espírito Santo e o Brasil, de modo geral, enfrentam o desafio da democratização do acesso à literatura e às artes, o que implica, por consequência, a necessidade educativa de formar leitores. Considerando sua vasta experiência, que inclui mandatos como representante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) no Espírito Santo (anos 1980), secretário de Produção e Difusão Cultural da Ufes (anos 1990), presidente do Conselho Editorial da Edufes (anos 1990) e presidente da Academia Espírito-santense de Letras por quatro mandatos (1999 a 2001; 2005 a 2007; 2008-2010 e 2013-2015), como você avalia o papel das instituições públicas e privadas nessa tarefa educativa? Quais são os principais desafios para a formação de um público leitor, tanto para escritores estreantes quanto para veteranos?

Já atuamos melhor. Nos anos 80 e 90, e nas duas primeiras décadas do século XXI, havia o PROLER – Programa Nacional de Leitura, do MINC, em que atuamos ativamente, no insano desafio de formar leitores.

Conforme a última pesquisa divulgada do “Retratos da Leitura no Brasil”, o número de leitores decaiu, nos últimos anos. Muitas editoras e livrarias fecharam. Acabei de ler, mas não chequei, que o Pará fechou 800 bibliotecas escolares. O Espírito Santo tinha bibliotecas nos 78 municípios; atualmente, só a metade. A maioria das escolas não possui bibliotecas ou bibliotecários. A Biblioteca Pública Estadual, com 170 anos, está com sérios problemas de manutenção do seu espaço físico e de funcionários. As Bienais Capixabas do Livro, As Feiras Literárias Capixabas, dentre outros grandes eventos de promoção e de divulgação da literatura, deixaram de ocorrer, já há alguns anos. Ou seja, estamos vivendo uma época de desvalorização da cultura letrada. Creio que haverá uma volta, como já

está ocorrendo nos países escandinavos, mas até lá o estrago será grande. Impedir o uso de celular nas escolas já é um avanço. Se conseguirem colocar a meninada e a juventude em atividades de leitura, aí será melhor ainda. Hoje, a arte literária está “nichada”, como diz o Anaximandro Amorim, pois sobrevive nos guetos, como as academias de letras, os clubes de livro, as pequenas livrarias e editoras, os cursos de Letras, enfim, em espaços bem restritos.

Historicamente, observa-se o silenciamento das vozes e a repressão dos corpos das mulheres e de outras minorias. Em contrapartida, você é pesquisador da literatura feita por mulheres no Espírito Santo e no Brasil, tendo escrito sobre Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Haydée Nicolussi, entre muitas outras, além de personagens históricas como Maria Ortiz. Como o machismo, a misoginia e outras formas de opressão presentes na sociedade impactam sua escrita literária?



Capa da *Antologia de escritoras capixabas*, organizado por Francisco Aurelio Ribeiro.

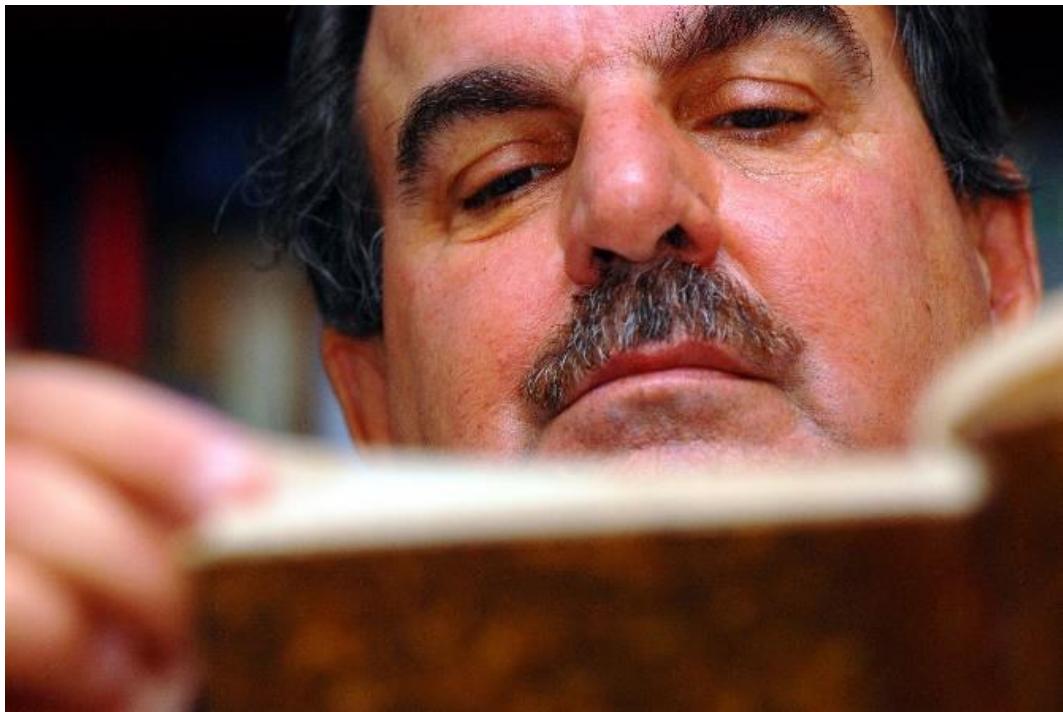
Vivemos o impacto do multiculturalismo, onde todas as vozes podem e devem se manifestar. Após o doutorado, passei duas décadas realizando pesquisas sobre a literatura feita por mulheres, por negros, por gays, a que focava os indígenas, as

crianças e os pobres, na literatura produzida no Espírito Santo. Um pouco disso está no livro *A literatura do ES: uma marginalidade periférica e A modernidade das letras capixabas*. Se não consegui dar visibilidade a esses grupos ou vozes, pelo menos, joguei-lhes o foco, para que suas vivências fossem reconhecidas. Silviano Santiago, quando lhe enviei esse livro, me disse que, no Brasil, podemos fazer literatura comparada entre nós, tal a diversidade das produções regionais e seu desconhecimento pelos grandes centros.

Quando criamos o PPGL, imaginamos poder ser ali um centro de estudos e de pesquisas de autores capixabas, mas não foi possível, pela exiguidade de pesquisas na área. Sobrou o Neples e a realização bianual do Bravos Companheiros e Fantasmas, que preenchem essa falta.

Diante do panorama da literatura atual — regional, nacional e internacional —, o que você observa? Quais escritores e escritoras você tem lido e com quem busca dialogar? Comente sobre suas principais inquietações e estímulos em relação à produção literária contemporânea.

Sou um leitor compulsivo, leio diuturnamente. Procuro acompanhar a produção literária local, mas nem sempre consigo, pois, após lançados, os livros desaparecem. No cenário nacional, li os livros da Carla Madeira, do Itamar Vieira Junior e do Jefferson Tenório, os novos fenômenos literários. No cenário internacional, tenho lido Agualusa, Mia Couto, Valter Hugo Mãe e os livros das últimas mulheres ganhadoras do Nobel de Literatura, Herta Müller, Annie Arnaux e Hang Kang. Parece que o júri do Nobel está descobrindo a escrita das mulheres, ainda que tarde e pra azar de Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Margueritte Duras ou Margueritte Yourcenar. Não sei se minha limitada, ainda que extensa obra, dialoga com as leituras que faço, pois não cabe a mim apontar isso, mas, penso como Borges, no poema “O Leitor”: “A mim me agradam muito mais os livros que leio do que os que escrevo”. Cito de cor e não sei se está preciso.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Elizabeth Nader).

Nos últimos anos, a crescente polarização política na sociedade brasileira tem intensificado debates sobre o lugar da arte, com destaque para forças interessadas em controlar e censurar manifestações artísticas e culturais. Nesse contexto, observa-se uma série de violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária. Como você avalia esse cenário? E quais são suas expectativas quanto ao desfecho do atual estágio político e cultural do Brasil e do mundo?

Lamento, profundamente, que a censura às artes, em geral, e ao livro, em particular, estejam tão entranhados na nossa cultura. O recrudescimento da extrema-direita, do pensamento conservador e da política liberal econômica, aliado ao poderio e ao capital das grandes empresas tecnológicas, só tendem a piorar o cenário cultural no mundo. A ascensão de Trump/Musk ao poder, nos EUA, de Milei, na Argentina, o crescimento de partidos extremistas nazifascistas,

na Alemanha, na França e na Itália, da direita bolsonarista no Brasil, tudo nos leva a temer o futuro para as artes, a cultura e a liberdade. Parece que regressamos aos anos 30, quando se gerava o ovo da serpente nazifascista, que destruiu grande parte do mundo. Quando ela eclodir, pode ser que não sobre mais nada. Não estou otimista quanto ao futuro que nos aguarda.

Referências:

CEI, Vitor (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira III: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2025.

CEI, Vitor; PELINSER, André; MALLOY, Letícia. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2021.

CEI, Vitor; PELINSER, André; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020.

COSTA, Fabiani Rodrigues Taylor. O narrador em *O menino e os ciganos*. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 111-123.

DRUMOND, Jô. Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Reinaldo Santos: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 100-108.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Calêndula, 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor e outras histórias*. Serra: Formar, 2017.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor*. Ilustrações de Thiago Setubal. Serra: Formar, 2022.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo*. São Paulo: Calêndula, 2024.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Dona Mariquinha*. Serra: Formar, 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Entrevista a Francisco Grijó. *Vitrine Literária*, Vitória, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/ssN3Cq_e5dU?si=_WSDDGDCFormal_g>. Acesso em: 22 fev. 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Era uma vez uma chave*. Ilustrações de Paulo Roberto Sodré. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias capixabas*. Serra: Formar, 2019.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias do Cantinho do Céu*. Serra: Formar, 2021.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Intelectual orgânico: Ciro Vieira da Cunha — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Mistérios de lá e de cá*. Ilustrações de Mirella Spinelli. Belo Horizonte: RHJ, 1992.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. O Espírito Santo não respeita seus escritores. *A Gazeta*, Vitória, 4 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/colunas/francisco-aurelio-ribeiro/o-espírito-santo-nao-respeita-seus-escritores-0722>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O gato xadrez*. Ilustrações de Attílio Colnago. Belo Horizonte: Miguilim, 1985.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O Pestalozzi capixaba: Amâncio Pereira — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2020.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Olhar estrangeiro ou praga de cigano*. Vitória: Cousa, 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pelas mãos dos avós*. Serra: Formar, 2018.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pioneiro das letras capixabas: Saul de Navarro — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2021.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pretinha*. Vitória: Zínia, 2024.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Prisioneira da liberdade: Jeanne Bilich — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2022.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. Serra: Formar, 2013.

CRÔNICAS E POEMAS¹

CHRONICLES AND POEMS

Francisco Aurelio Ribeiro*

Stonehenge e seu misticismo

Há muito tempo, desejávamos visitar Stonehenge, na Inglaterra, mas a pandemia de coronavírus adiou nossos planos. Agora, chegou a hora e conseguimos. Valeu a pena! Saímos de Southampton, o segundo maior porto da Inglaterra, com uma excelente guia, e passamos por lugares incríveis como a New Forest e Salisbury, com a sua Velha Sarun, como é conhecida sua imponente catedral. Confesso que me deu vontade de parar e ficar em Salisbury. O centro histórico estava todo enfeitado de bandeirinhas e nos lembrou as nossas tradicionais festas de São João. Ao chegarmos a Stonehenge, após uma hora e meia de uma viagem muito agradável, avistamos da estrada as famosas pedras, em formato circular, cujo significado real até hoje ninguém descobriu. Existem algumas teorias ou suposições, criadas após as descobertas de alguns indícios. A primeira é que

¹ Textos inéditos de Francisco Aurelio Ribeiro, gentilmente cedidos para este número da *Fernão*.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Stonehenge era um templo onde os druidas, os sacerdotes celtas, realizavam sacrifícios humanos em oferenda aos deuses. Já no século vinte, o astrônomo Sir Norman Lockyer sugeriu o que, atualmente, é considerado o verdadeiro objetivo da edificação: um calendário que capacitava os antigos sacerdotes a calcular as posições do Sol, da Lua e dos planetas, ao longo do ano. Espaços entre os trílitos (três pedras, sendo duas verticais e uma horizontal) permitem uma visão acurada das ascensões solares e lunares, enquanto as aberturas entre eles, uma série de 56 cavidades cheias, servem como uma sofisticada calculadora de eclipses lunares. Portanto, Stonehenge tem sua fama por sua dupla natureza: um lugar ceremonial, de práticas místicas e religiosas, e um calendário astronômico, quase científico, que mostra como o conhecimento das estações do ano e do próprio tempo ligava-se, intimamente, às práticas agrícolas, época de plantio e de colheita, intimamente ligado a antigas práticas religiosas e rituais.

A palavra *henge*, em inglês, significa um círculo pré-histórico constituído de grandes pedras ou objetos de madeira. Stonehenge não foi o maior deles. O grande complexo megalítico de Avebury, em Wiltshire, próximo dali, foi, no passado, maior do que Stonehenge. Sua parte mais antiga, o "Santuário", data da mesma época, cerca de 3.000 a.C. Havia um enorme círculo de 90 blocos de pedra, cada um com cerca de cinco mil toneladas, e dois círculos menores com 30 pedras cada. Na Idade Média, muitas das pedras foram utilizadas em outras construções ou enterradas, para desencorajar ritos pagãos. Stonehenge foi construída, inicialmente, cerca de 3.000 a. C, em madeira. O primeiro "henge" era de pedras azuis, compreendendo uma vala circular de 98 metros de diâmetro e com as 56 "Aberturas Aubrey"; os espaços entre elas, foi construído por volta de 2.000 a.C. Muitas das pedras azuis foram retiradas, quando se ergueu Stonehenge III, ao redor de 1.900 a.C, o grande círculo de 30 megalitos (grandes pedras) com lintéis (verga de madeira ou pedra que constitui o acabamento da parte superior de portas e janelas) e uma fenda constituída por cinco trílitos. Stonehenge se alinha com a velha catedral de Salisbury e a outras construções neolíticas ou medievais próximas dali. Enfim, há todo um misticismo em torno

dessas ruínas e isso fez seu tombamento pela Unesco como “Patrimônio Mundial da Humanidade”, juntamente com Avebury, em 1986. Dali pra cá, se tornou um dos lugares mais visitados da Inglaterra e do mundo.

Ao chegar ao Centro de Visitantes, há uma exibição com vários objetos arqueológicos e uma experiência audiovisual em 360°, que nos dá uma amostra da história de Stonehenge e de suas relações com outros sítios históricos próximos dali. Após a ida ao banheiro e ao café, é hora de se dirigir às pedras. Há duas maneiras: uma de ônibus gratuito, e, em menos de dez minutos, você é deixado bem perto do monumento; a outra é ir a pé, caminhando pelo pasto, entre as vacas inglesas. Como o tempo estava agradável e convidativo, fomos a pé, para nos preparamos para a longa espera de aeroporto, que teríamos mais tarde. Foi bom, mas não recomendo para os que não tiverem boa disposição e boa forma física. Adoramos Stonehenge. Valeu a espera.

Safári na Tanzânia

Hakuna matata é a expressão em suaíli, língua oficial da Tanzânia, que bem define o país: “Sem problema” ou “Não se preocupe”. A frase é muito utilizada em países como a Tanzânia e Quênia, com o sentido de “ok” e “sem problemas”, para responder perguntas. “Hakuna” significa não há e “matata” significa problemas. A frase ficou famosa na época do lançamento do filme “Rei Leão”, em 1994, pois dá nome à canção temática. Para quem quer conhecer um país africano tranquilo, acolhedor, com muitas belezas naturais quase intocadas, grande diversidade cultural, a Tanzânia é o que há de melhor.

Acabo de chegar de lá, após um longo voo, via África do Sul. A vantagem é que vim pela South África e o vinho servido a bordo é muito bom, além das películas e do bom serviço de bordo. Há uma grande diferença, quando voamos por

companhias europeias e não europeias. Viajar pela Air France, KLM e Air Europa, na classe turística, é uma verdadeira tortura. Por outro lado, as asiáticas Etihad, Singapore, Catar e as africanas South África e Ethiopian dão aos viajantes das classes econômicas uma dignidade que as europeias ignoram.

A Tanzânia possui cinquenta milhões de habitantes e dez por cento vivem em Dar-es-Salam, uma metrópole às margens do oceano Índico. De cima, geograficamente. Me lembrou Vitória, capital do Espírito Santo, pelo canal e o porto da cidade. Embaixo, no entanto, é bem diferente, com um trânsito caótico, quase sem semáforos, ruas espremidas de pedestres, carros velhos, tuc-tucs, ônibus modernos e pequenos entupidos de gente, poeira, cheiro de óleo diesel, esgoto na rua e pedintes, geralmente refugiados da Etiópia ou da Somália.

Dar, como a chamam, tem bons hotéis, diversos restaurantes com uma comida bem saborosa, muita influência india e uma tranquilidade africana. Está situada proporcionalmente à altura da Bahia e, em alguns momentos, me senti em Salvador. Até a comida picante é a mesma! Lá, visitei o Museu Nacional, o Jardim Botânico, igrejas e praças. Caminhei uns cinco quilômetros pelas ruas, no meio do povo, curtindo-lhe a beleza dos trajes, o contraste de suas peles negras e roupas imaculadamente brancas ou multicoloridas.

O maior atrativo da Tanzânia são seus Parques de Proteção à Vida Natural e os mais famosos são o Serenguetti e o Ngorongoro, na fronteira com o Quênia. Para chegar lá, tem-se de ir de avião até Arusha, a segunda maior cidade do país. Além dos Parques Nacionais, existem as Reservas onde se pode caçar, sendo uma das maiores a Selous, com 55 mil quilômetros, maior do que muitos países e até mesmo o Espírito Santo, com 45 mil quilômetros. Há uma taxa que se paga para matar bicho, variando de 300 dólares para um Impala (pequeno veado) a 50 mil dólares (um leão). Acho isso terrível, mas é de onde tiram renda para sustentar os parques e sua enorme estrutura. Visitei o Mikumi, o quinto maior do país, com 3.500 quilômetros e, em um dia, percorremos 250 Km fotografando

impalas, gnus, zebras, girafas, hipopótamos, elefantes, crocodilos e macacos aos milhares, que roubaram parte do meu almoço. Adorei e vi um dos mais belos pores de sol da minha vida, na lagoa dos hipopótamos. Pretendo voltar à Tanzânia e visitar outros parques, incluindo o do Kilimanjaro, o maior pico da África, com 5.600m de altura. Não tenho mais idade para subi-lo, pois o trekking até lá leva uma semana, apenas fotografá-lo. Em compensação, tomarei algumas Kilimanjaro, a boa cerveja de lá, enquanto os mais jovens fazem essa aventura.

No Paraguai com os chilenos

Era julho de 1975, faltava um mês para fazer vinte anos e eu estava de férias, na Faculdade, e na escola onde lecionava português. Pela primeira vez, resolvera tirar uns dias de férias e ir a São Paulo, onde morava uma tia, irmã de meu pai. Comprei a passagem de ônibus de Guaçuí a São Paulo, um dia e uma noite de viagem. Ao chegar lá, vi o guichê de venda de passagens para Foz do Iguaçu e decidi esticar a viagem. Na fila, conheci um jovem chileno, Agustín Figueroa, o Tito, que tinha saído do Chile após o golpe do Pinochet, em 1973, e viera para São Paulo trabalhar. Estava indo ao Paraguai para visar o passaporte e, depois, ingressar, novamente, no Brasil. Viajamos juntos e, na viagem, me contou como tinha sido o golpe militar no Chile, o que sua família sofrera, por ser de esquerda, e sua intenção de juntar dinheiro para ir para a Europa.

No Brasil, vivíamos os “anos de chumbo”, ausência total de liberdade, censura, exílio de artistas e de políticos, muita repressão, enquanto nos atormentavam com o “Ame-o ou deixe-o” da propaganda oficial e o ufanismo patrioteiro dos militares. Como tinha perdido os pais, era tutor de meus irmãos; por isso, não podia sair do país, embora tivesse tirado o passaporte, pois meu sonho era, também, emigrar para a Europa. Não tinha nenhuma esperança e sonho de viver

no meu país. Esperava, apenas, a maioridade dos meus irmãos e terminar a faculdade, para ir embora.

Ao chegarmos a Foz do Iguaçu, atravessamos a fronteira a pé, pela ponte da amizade. Tito carimbou o passaporte e eu mostrei a Carteira de Identidade. Ele me disse que teria de ficar, pelo menos, um dia no Paraguai e me perguntou se eu gostaria de ir com ele até Assunção, a capital do Paraguai, em vez de ficarmos na feira e promíscua Puerto Strossner, atual Ciudad Del Este. O Paraguai também era uma ditadura e o caudilho paraguaio dava nome a tudo. Pegamos o Expresso Caaguazu, um daqueles ônibus tipo “marinete” da novela *Tieta*, que parava em toda biboca e catava todos e tudo que havia pelo caminho. Eram, em sua maioria, nativos daquele país, que conversavam entre si em guarani, uma língua repleta de as e de us. Só nós dois éramos estrangeiros e eles sorriam para nós, certamente estranhando nossas roupas e modos. Pelo caminho, nos alimentamos de frutas, de milho verde, de alguma coisa vendida pelos milhares de comerciantes pobres.

Ao chegarmos a Assunção, à noite, procuramos uma pensão barata, onde jantamos uma sopa rala, onde boiava uma coxa magra de frango anêmico e desmaiámos de cansaço. No outro dia, circulamos a pé pela cidade, conhecendo lugares e pontos turísticos, o belo lago Ypacaraí, famoso nas guarâncias paraguaias e, à noite, fomos ao imponente Teatro Nacional assistir a um show folclórico com entrada gratuita. Lá, nos enturmamos com chilenos ali exilados, e eu repetia o que eles gritavam, sem saber que eram sonoros palavrões. Tudo era farra e a noite era de riso. Comemorávamos a vida e a juventude, embora nos fosse privada a liberdade.

No dia seguinte, retomamos o Expresso Caaguazu até a fronteira, atravessamos a ponte, Tito recarimbou o passaporte e nos despedimos. Ele retomou a viagem para São Paulo e eu continuei a minha pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ao chegar a Porto Alegre, não tinha mais nem um tostão. Vendi meu

relógio, o único bem de que dispunha, pelo preço da passagem de ônibus de Porto Alegre ao Rio de Janeiro, uma viagem de 48h. O difícil era não ter dinheiro para comer, mas fiz amizade com algumas pessoas do ônibus, que me davam algum alimento do que sobrava das refeições que faziam. Ao chegar ao Rio, liguei, a cobrar, para um amigo, estudante de Medicina, que foi ao meu encontro na Rodoviária e me comprou uma passagem até Guaçuí. Durante algum tempo, me correspondi com o Tito, que ainda estava querendo sair do Brasil para ir pra Holanda. Não sei se conseguiu.

Meninos, eu vi

A estrada corta a paisagem
das verdejantes planícies acreanas.
As rotas levam a Cobija.
A cobiça cria infinitas retas.
De um lado a outro da pista,
o gado branco colore a paisagem
e o verde viceja em sobreviventes igarapés.
Saciar a humana fome carnívora
à custa da mata destruída
é a lei imutável da vida?
Cá, havia a amazônica floresta,
disputada a ferro e fogo por índios e seringueiros,
de que só restaram fantasmas
- gigantescas árvores calcinadas,
braços estendidos ao céu,
a clamar o direito à existência.
Minha terra tinha palmeiras,
onde cantava o uirapuru,
piava o jacamim,
brincava o curumim.
Nas matas viviam nambus,
chorós, onças e jacus,
pacas, tatus e cutias.
"Vê que vida há no céu,
Vê que vida há no chão.
A natureza, aqui,
Perpetuamente em festa,

É um seio de mãe
A transbordar carinhos.”
Era, Bilac, a festa acabou.
Lá, Plácido de Castro
e Chico Mendes
pranteiam a terra enlutada.
Na estrada, um urubu-rei solitário,
em busca do que comer,
desvia-se do carro em velocidade,
num golpe repentino,
para, também, não morrer.

(Rio Branco, AC, fevereiro de 2011)

Apocalipse

A chuva que cai lá fora
Não rima com a estação.
O olhar do cego no ponto de ônibus
Perturba o amor de Clarice.
Um raio inesperado caiu
E matou a vaca do patrão.
E era Natal.
O que fazer, então?
Poesia e rimar com coração?
Esmagar os ovos na roupa
E epifanizar-se?
Enterrar os mortos
E esperar a ressureição?
No Himalaia, alpinistas
Morrem de exaustão.
Em Cabul e Bagdá,
Muitos na explosão.
Muezins e imãs clamam
Por oração.
Tão forte quanto a prece
E poderoso como Alá
No Rio ou em Washington
Outros Sadans incitam a matar.
Drummond escreve com letras de macarrão.
Bandeira foge pra Pasárgada.
Jorge de Lima reinventa Orfeu.

Pessoa apascenta rebanhos.
Eu – poeta menor – leio
E arreio
As bestas do Apocalipse.

No aeroporto

Em Colombo, no aeroporto, há de um tudo
Da diversidade humana:
Homens de saia
Mulheres de sári;
Muçulmanas emburcadas,
Ocidentais embermudadas.
Calças saruel para eles e elas
- ocidentais e orientais -
Quase todos usam sandálias
- Japonesas ou havaianas?
Peles brancas queimadas ao sol
São, agora, peles vermelhas;
Peles escuras de todos os tons:
Do negro azulado ao cinza tisnado.
Coreanos chegam em grupos grasnando
Tais quais maritacas na fruteira.
Aeromoças cingalesas desfilam
Sáris azuis-celestes na pista
Grudadas ao celular.
Todos, na sala, estão conectados,
Vício coletivo dos tempos atuais.
Ninguém conversa com o próximo,
Só com o distante.
A aldeia global se concretizou,
Mr. Mac Luhan, tá ligado?
Indianos desfilam com orgulho
As marcas das empresas nas camisas.
Estupefato, tudo vejo e nada falo.
Estou só no aeroporto, sou mais
Em meio à humana diversidade.

Espera no aeroporto de Colombo II

Aqui, normal é a diferença.
Monges budistas em túnicas alaranjadas
Checam e-mails no celular.
Imãs xiitas ou sunitas, quem saberá
O parentesco com Maomé?
Comem x-chicken e tomam café ou chá.
O sári da matrona a cobre da cabeça ao pé.
Cabelos pintados, raspados, lisos, crespos,
Em coque, chanel, longos, ondulados,
Soltos, as cristãs, cobertos, as muçulmanas,
Bem tratados ou ressecados ao sol,
São ícones de diversidade cultural.
Orientais andam ao bando, de Seul, Hong Kong,
Kuala Lumpur, Tokio, Pekim, Singapura,
A invasão amarela tomou conta do mundo
Como as lojas de departamento ou o Mac Donald.
Alguns são mais silenciosos, conectados aos telemóveis;
Outros falam alto, impõem-se, sem cerimônia.
Chegaram pra ficar. Vieram, viram e venceram.
Olho a tela de voos, o meu está próximo, rumo a Mumbai.
Esperar em aeroporto é um tormento ou uma curtição.
Para o cronista, poeta de araque, laboratório de criação.
Anacrônico e dialógico, pego o livro em papel,
Peixe fora da rede digital, procuro me concentrar,
Mas não dá. O que vejo é melhor do que o que leio.
Paro a leitura e olho as aeromoças chinesas,
Quais soldadinhas de Mao ou Ping, em fila indiana,
Com seus risinhos e quiquis, bibelôs de porcelana.
Em meio a duas indianas que falam sem parar,
Ouço meu voo a chamar. Ufa! Namastê! Tchau, Colombo.

Inútil indagar o tempo

Daqui e dali
Vejo relógios
Do Dali
A escorrer de árvores
Secas

De armários rústicos
De braços
Esquálidos
A indagar
O tempo.
Qual o tempo
De agora?
Qual o de
Outrora?
Qual o tempo
Do porvir?
Não há resposta.
Apenas o deserto
Responde
Inútil
Como o tempo
Perdido!

O Amanhã

Abrir a janela
E não encontrar o sol.
O tempo que se vislumbra
Cinzento
Pressagia a manhã.
No céu, nuvens negras
Agouram tempestades.
No entanto, virá a bonança.
Qual Noé milenar,
Calafetemos as arcas,
Selecionemos os animais
E aguardemos o escurecer.
Pombas, arcos-íris
E ramos de oliveira –
Sonhos bíblicos –
Guardados no inconsciente
Poderão ressurgir.
Fechar a janela
E esperar o amanhecer.

Selfie para quê?

Por mais que se estique o braço,
Não agrada o que vejo na lente:
Cara larga,
Cabelos ralos,
Olhos embaçados,
Testa vincada,
Boca arqueada.
Melhor desviar a câmera
E focar a paisagem.
O sol que aquece o inverno
Não aparece na alma.
E a vitalidade de outrora
Ficou perdida
Em velhos álbuns de fotos
Do passado.

ENTREVISTA –
FRANCISCO AURELIO RIBEIRO:
O CIGANO
E O PAÍS HABITÁVEL¹

INTERVIEW –
FRANCISCO AURELIO RIBEIRO:
THE GYPSY
AND THE LIVABLE COUNTRY

Adilson Vilaça*

Aos cinco anos Francisco Aurelio Ribeiro foi raptado por ciganos. Voltou para casa com as pernas machucadas e marcado com uma cicatriz sem cura: tornou-se um viajante sete-léguas, quase incapaz de controlar o ímpeto nômade de seu passaporte. Desde 1980, o professor Francisco Aurelio fez da ilha de Vitória sua âncora. E está sempre ajustando a bússola para incessantes descobertas nos oceanos de aventura que cingem os ilhéus. Os continentes do insólito, da fantasia, do reencontro,

¹ VILAÇA, Adilson. Entrevista – Francisco Aurelio Ribeiro: o cigano e o país habitável. *Você*: Revista da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes, Vitória, ano IV, n. 32, p. 5-11, jul. 1995.

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

espreitam-no desde a infância de sonhos e histórias tecidas pelo avô Aurelio e recontadas por sua mãe.

Avô italiano, avó puri. Capixaba de Ibitirama, Francisco Aurelio desceu a serra do Caparaó carregando os sinais da identidade cultural que hoje ajuda a consolidar. Veio para Vitória, como primeiro porto, para lecionar na Marinha. No caminho, cursou Letras e Direito, em Cachoeiro. Guinou para Ouro Preto (MG), onde fez extensão pela UFMG; na PUC-MG, especializou-se em Língua Portuguesa. Depois viriam o mestrado e o doutorado, também pela UFMG, quando já estava no Departamento de Línguas e Letras da Ufes. A entrada na Ufes foi em 1982, com o primeiro lugar num concurso de 40 candidatos para duas vagas.

Sua mais decisiva contribuição, agora, é dar geografia à utopia, o país habitável indicado nos mapas secretos que a escritora e amiga Deny Gomes herdou de Morus: “Estamos descobrindo a delícia e a dor de sermos capixabas – enfatiza Francisco –, um caldo de um cozido étnico e multicultural”. No comando da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes, onde exerce ao extremo um gerenciamento descentralizado e exaustivamente operante, dá nome ao teatro, ao cinema, à galeria, ao museu, ao coral, à orquestra, à publicação de livros e à revista *Você*, esta que vos fala, que surpreendeu Francisco com a pauta: “Eu?!”; perguntou ensaiando fugir. Perito na arte de escapar de ciganos, como se vê, Francisco não teve êxito por essa vez.

[...]²

Você – Como o senhor vê o momento cultural no Espírito Santo?

Francisco – Em ebulação, embora sem grandes perspectivas de explosão. A PMV, através da Lei Rubem Braga e de seus projetos na FAFI; a Ufes, através da

² Várias perguntas de Adilson Vilaça se referem à administração de Francisco Aurelio Ribeiro à frente da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes (SPDC-Ufes), entre 1992-1996. Como nos interessam somente suas ideias a respeito de literatura, recortamos a entrevista, transcrevendo apenas as questões e as respostas sobre o assunto [Nota do editor].

SPDC e de seus Departamentos, além de toda a atividade desenvolvida nos Centros, e o DEC, cujo caminho no governo Vitor Buaiz ainda é uma incógnita, têm sido os principais responsáveis para agitarem o momento cultural capixaba. Mas há muito para ser feito. É preciso investir na formação de pessoas que lidam com a cultura (agentes, produtores), orientar a atuação cultural nos municípios, traçar uma política cultural para o Espírito Santo, envolvendo a iniciativa privada, recuperar o que ainda resta de patrimônio histórico, e promover a pesquisa e a busca de nova identidade. É tanta coisa para ser feita e não sei se haverá “intenção política” para o fazer.

Você – No jornal *Litteratus* professora e escritora Deny Gomes diz que a literatura local está em busca da identidade capixaba. Também o filme de Amylton de Almeida, na reta final para chegar às salas de exibição, dá asas a essa busca. Como o senhor analisa o fenômeno?

Francisco – Penso que vivemos muito tempo como primo pobre de irmãos ricos: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Estivemos à sombra deles e, durante 450 anos, para fazermos qualquer coisa, tivemos que ir embora, abandonar nossas raízes. Hoje, o Espírito Santo tem escritores, artistas e um público próprios. Estamos descobrindo que podemos existir sem ser à sombra deles. Chegamos à maioridade cultural. Enfim, estamos descobrindo a *delícia e a dor* de sermos capixabas. Nem carioca, nem mineiro, nem baiano. Nem branco, nem preto, nem índio. O capixaba é resultado do caldo de um cozido étnico e multicultural. Como a moqueca capixaba.

Você – A SPDC está contribuindo na construção da identidade cultural capixaba?

Francisco – Com certeza. Os livros que publicamos, os artigos da *Você*, as exposições artístico-culturais, os filmes e peças do Metrópolis, os eventos que apoiamos ou promovemos, tudo é uma contribuição à discussão da identidade cultural capixaba. Ao mesmo tempo que discutimos o modelo colonizador,

repensamos a prática e a construção do novo, do original e da utopia. Não há arte sem sonho.

Você – Qual é a mecânica da avaliação e consequente publicação com o selo SPDC?

Francisco – Há um conselho de cinco pessoas e que indica ou não a publicação de originais. Às vezes, recebemos pareceres de professores dos Centros e Departamentos. Priorizamos os estudos sobre o Espírito Santo e as obras premiadas de autores capixabas.

Você – Estamos no fim do século e não há editora no ES. Qual é a estratégia para resistir ao assédio dos escritores?

Francisco – A qualidade deve ser prioritária. A maior demanda são os livros de poesia e as teses universitárias. Os primeiros deveriam ser menos afoitos, e ler mais. Dez anos após ter escrito um livro de poemas, o autor deve relê-lo. Se ainda achar que deve publicá-lo, procurar fazê-lo, e não necessariamente com dinheiro público. (Fiz isso e deu certo: não publiquei). Os segundos devem transformar suas teses, escritas para bancas, em livros que serão lidos por muito mais gente. Se achar que o resultado pode ser útil para muitos outros, tentar a publicação. Se ela for muito importante, mas só para si, guardá-la mais uns anos. Já lhe valeu um título acadêmico, e isso basta.

Você – O senhor é acusado de ser tolerante em demasia. Não é um paradoxo para uma pessoa que sabidamente conhece literatura?

Francisco – Exatamente porque conheço literatura é que sou tolerante. Lido com pessoas e elas precisam muito de atenção, carinho e afeto, nesta época em que o salário é baixo e as glórias, poucas. Não sou tolerante é com a burrice e a arrogância, quase sempre atreladas, e busco priorizar a qualidade, quando indico originais para publicação. Todos os que foram publicados têm algum mérito, e

não me arrependo de ter auxiliado sua publicação. Posso ter sido, algumas vezes, mais humano que técnico, em toda minha vida de professor de literatura. Sou assim e penso ser a tolerância uma qualidade mais que um defeito.

Você – O que o senhor leu no mês passado? Sem exageros.

Francisco – Leio compulsivamente, por obrigação e prazer. Terminei *O povo brasileiro*, do Darcy Ribeiro, após ter concluído o *Raça e cor na literatura brasileira*, do Brookshaw, a *Literatura feita por mulheres no Rio Grande do Norte*, de Constância Duarte, e *Direito das mulheres e exploração dos homens*, de Nísia Floresta, uma feminista brasileira do século passado, que publicou essa obra em 1832. Incrível, né!? Hoje, quando acordei, reli cinco contos de Machado, dentre os quais, “O caso das botas”, que acho atualíssimo sempre. *Há sempre uma bota velha para um pé cambaio*, é a moral do conto. E há mesmo!

Você – Os leitores da seção de crônicas de A Gazeta conhecem o senhor como um viajante irrequieto. Fale um pouco desse seu espírito nômade com âncora em Vitória...

Francisco – Sou um viajante do mundo, desde que nasci. Aos cinco anos, fui roubado por ciganos, posto num balaio e carregado alguns quilômetros. Voltei para casa, com as pernas machucadas, e ninguém acreditou na minha história. Sempre acharam que eu seria escritor. O espírito de cigano continuou, todavia. Sempre que posso, dou uma fugida, só ou acompanhado. No carnaval, fui à Tunísia. Na Semana Santa, ao Pico da Bandeira. Toda viagem é sempre uma aprendizagem, e um enorme prazer.

Você – Quais as experiências culturais que o senhor conheceu em suas viagens e trouxe para Vitória?

Francisco – Sou um turista/viajante curioso. Percorro museus, ruas, igrejas, mercados, converso com o povo, fujo dos hotéis, onde tudo é igual. Certamente,

ao me enriquecer culturalmente, procuro transmitir aos que convivem comigo um pouco da experiência que acumulo. Mas a aprendizagem é sempre individual. Ninguém pode aprender por ninguém. Também não se precisa de viajar para aprender. Minha avó nunca saiu de sua cozinha, e me ensinou muito, assim como meu avô. Com ela, aprendi a plantar e o prazer de comer aquilo que plantava; com ele aprendi a “tolerância” (de que me acusam), a serenidade e a sabedoria indígenas (ela era neta de puris). Nunca esqueci o que dizia: *Meu filho, a ignorância é muito atrevida. Se tiver espaço, ela toma conta.* Tenho comprovado isso no dia-a-dia. A sofreguidão para ocupar cargos públicos é uma prova disso.

Você – O que senhor acha que está sendo bem conduzido pela Secretaria de Cultura de Vitória e pelo Departamento de Cultura do Estado?

Francisco – Acho que o Jorge e sua equipe fazem um bom trabalho na PMV: destaco o *Escritos de Vitória*, o Via FAFI, os cursos na FAFI e a Lei Rubem Braga. No DEC, destaco o curso de “Produção Cultural”, que está sendo dado agora, a Orquestra Filarmônica e o apoio a grupos locais. Mas é, ainda, muito modesto o trabalho, e não tem o alcance estadual de que precisaria. A cultura, no governo Vitor Buaiz, deveria ser prioritária. E não sei se conseguirá, com a crise financeira do Estado. Há muito funcionário e a máquina burocrática é emperrada. Como fazê-la funcionar melhor será um grande desafio para a atual administração.

Você – O que precisa melhorar?

Francisco – O apoio da iniciativa privada. Melhor gerenciamento das verbas públicas para a cultura. Treinamento dos agentes e produtores culturais. Recuperação e preservação dos bens culturais (Patrimônio Histórico). Criação de um curso de graduação em Artes Cênicas. Federalização da Escola de Música. Criação de cursos de segundo grau ou a nível de aperfeiçoamento de Roteiro, Técnicos de espetáculos, Produção cultural. Uma política cultural para o ES,

envolvendo prefeituras municipais, Ufes, faculdades isoladas e propiciando o intercâmbio de experiências, informações e artistas locais.

Você – O senhor acha que há no horizonte boas novas para o meio cultural ou avalia que o atual governo capixaba vai se emaranhar nos nós armados pelos governos anteriores?

Francisco – A administração do Vitor Buaiz na PMV e as propostas do PT fazem-nos ter esperança. O caos administrativo e econômico legado pelos governos anteriores faz-nos pensar criticamente. O desafio está lançado e o Rubicão precisa de ser atravessado. Quem o fará?

Você – O senhor votou no sociólogo Fernando Henrique Cardoso? Por quê?

Francisco – Pelo seu passado, pelos livros que escreveu, seu exemplo de intelectual e professor latino-americano. Achava que era a melhor opção e posso ter-me enganado, juntamente com os outros 33 milhões de brasileiros que votaram nele. Talvez o governo FHC, com as reformas que propõe ao país, seja a melhor transição para a democracia social com que sonhamos para o Brasil. Não se conquista a justiça social e o equilíbrio econômico da noite para o dia. Não sei se a política neoliberal fará isso. Mas, ainda confio em FHC, apesar de ACM e o PFL. Se estiver errado, espero ter tempo, para tentar acertar. Como intelectual, sou um tanto cético. Como escritor, acredito, citando Deny Gomes, que *a utopia é um país habitável*.

[...]

Você – Quais são os próximos passos do Francisco Aurelio?

Francisco – Fazer um curso de administração universitária, de julho a setembro; dar um curso de Literatura Infantil e Juvenil no Mestrado em Letras, em 95/2;

concluir a pesquisa sobre Literatura do Espírito Santo e suas marginalidades e publicá-la, no segundo semestre, em parceria com o DEC; publicar o livro de *Crônicas de viagens*, pela Rubem Braga; trabalhar na campanha para eleger o sucessor do Penedo; dirigir a SPDC até janeiro. Em 1996, tirar licença-prêmio, ir fazer um pós-doutorado na Espanha ou Portugal ou ser professor-visitante na Itália, até junho de 1996, quando poderia assumir a coordenação do mestrado em Letras.

Entrevista

**Francisco
Aurelio
Ribeiro**

Adilson Vilaça

O cígano e o país habitável

Antes cígaros, Francisco Aurelio fumava cigarros que hoje apela a consular. Vôo para Viterbo, em primeiro ponto, para lecionar na Matrícula. No caminho, cursou Letras e Direito, em Cachoeiro. Gaúcho para Ouro Preto (MG), onde fez extensão pela UFMG, e depois voltou para Vila Velha, onde se formou em Língua Portuguesa. Depois voltou o mundo e o devorou, nombrado pela UFMG, quando já estava no Departamento de Letras e Letras da Ufes. A entrada na Ufes, em 1982, contou o prêmio lugar em concurso de 40 candidatos para duas vagas.

Sua mais decisiva contribuição, agora, é dar geografia à américa, o país

Capa da revista *Você* de julho de 1995 e página inicial da entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Adilson Vilaça.

APRESENTAÇÃO¹

PRESENTATION

Deneval Siqueira de Azevedo Filho*

 que seria uma “Vida Vivida. Já acabada? Não. Absolutamente. Vida que se requer **nova** (no sentido de original) pelo canto (“Não sou” – Não sou poeta), que se constitui num tom profético do teor lírico de Francisco Aurelio, POETA, em **Vida Vivida**.

O Nejar é poeta. Outros são. A vida é poesia. Por isso, a chegada de Francisco Aurelio Ribeiro ao seu “ditirambo”, invoca arcas, pombas, etc. o poeta transcende a prisão de uma civilização técnica para uma representação do seu inventário do que pode ser o apocalipse (**Pré-apocalipse**). E então se revela (“e epifanizar-se”). Ressuscita versos vividos que sequer foram enterrados. Estavam em Bagdá ou em Jorge de Lima ou no(a) Pessoa.

“**Sob o céu de Túnis**” remete-nos imediatamente ao canto sagrado do almuadem. Das alturas, do templo, do milenar. Disto, retire o leitor os seus

¹ AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. Apresentação. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Vida vivida*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1997. (Coleção Almeida Cousin, v. 19). p. 3-4.

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

próprios “templos à beira-mar”, pois, como quer o poeta, “Há sempre um deus para ouvir e um novo mundo a sonhar!”.

Ou seja, parafraseando poesia pura (“esmagar os ovos na roupa e epifanizar-se”, em **Pré-apocalipse**), temos a certeza de que há, no específico poético do autor, um voo clariceano, em que, quando se procura demais um sentido, talvez não o encontre. O sentido na poesia de Francisco Aurelio é tão pouco dele como algo que estivesse no além. Entretanto, a matéria fôrma/forma nos vem através de sua respiração, na sonoridade e, pasmem, é um sopro.

“Espera”, “dúvida”, “anseio”, “tédio”, enfim, “o nó o nojo cálido” são a espuma das bolhas molhadas pela investigação poética. No entanto, a chama é livre e incorpórea. Claro, não se pode pegar a luz com a mão!

Assim: há uma alva renda de insinceridade neste poeta que nos diz “Que caiam os trapos pelo caminho”, mas que, entretanto, “para desanuviar, melhor um romance do Alencar”.

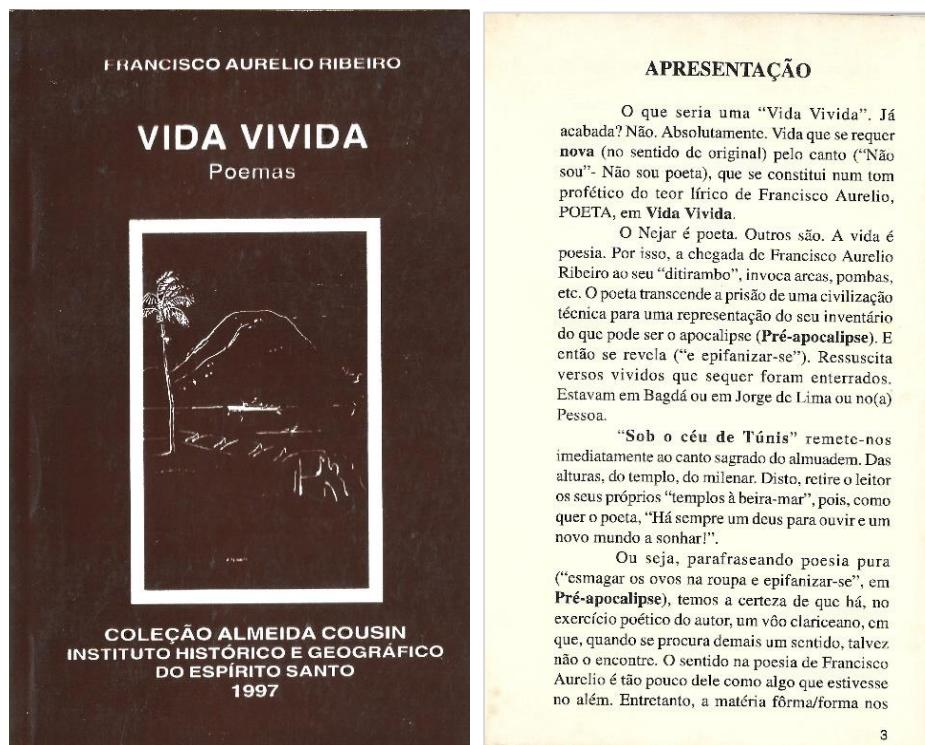
Alencar, bebedouro certo de Machado.

Francisco, “a fome a folia adiada”.

Tudo bem!

Um “mouro” que anuncia em voz alta, do alto das almádenas, a hora do seu canto!

Que os coruchéus o louvem!



Capa de *Vida vivida*, de Francisco Aurelio Ribeiro,
e a página inicial da "Apresentação" de Deneval Siqueira de Azevedo Filho.

O FOCO NARRATIVO EM *ORA, POMBAS!*¹

THE NARRATIVE FOCUS IN *ORA, POMBAS!*

Sonia Luzia C. Machado*
In memoriam

Ler trevas. Nas letras, ler tudo o que de ler não te
atrevas. Ler além. Além do bem. Além do mal. Além
do além. Horas extras ou etcéteras, adeus amém.

Paulo Leminski

Introdução

Talvez, pelo nível de envolvimento que provoca no leitor, o gênero “romance” ou, em suas origens, a “epopéia” e as “novelas de cavalaria”, sempre foram objeto de atenção da crítica e dos teóricos da literatura. Este envolvimento, que enseja a análise da estética da recepção, não se dissocia do caráter de desvelamento da sociedade, ainda que se destaque o mundo interior das personagens, tornando-se esse gênero literário, muitas vezes, objeto de

¹ MACHADO, Sonia Luzia C. O foco narrativo em *Ora, pombas!* In: RIBEIRO, Francisco Aurelio (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: ensaios*. Vitória: Ufes, 1997. p. 241-258.

* Docente da Faculdade de Filosofia de Cachoeiro de Itapemirim.

pesquisas históricas, porquanto nele se encontram as “covas” de Fiama Hasse Pais Brandão e não os coxins dos reis:

*A dor como o gado
tem os seus locais
que no subsolo
são os sinais
de que o pão e os homens
são os mais mortais
ossos e mais duros
que a história introduz
na área das covas²*

A crítica aos estudos teóricos, ainda que divididos entre a valorização do discurso e da fábula, considerando, aqui, a terminologia de Todorov, a partir dos formalistas, tende a uma valorização do discurso que, a princípio, sobrepõe-se à fábula, e até mesmo, em alguns teóricos, ignora-a, como se discurso/fábula e enunciado/enunciação, fossem objetos isolados nas manifestações literárias narrativas. Modernamente, discurso/fábula são “faces da mesma moeda”, na medida em que a fábula não seria possível sem o discurso que a organiza, e este não existiria sem o seu objeto de organização que é a fábula. Interligando essas categorias das estruturas narrativas, está o narrador, elemento estrutural que vai adentrar o leitor no mundo ficcional, e nos sentidos da obra.

Considerando a importância do narrador na focalização dos elementos estruturais da narrativa (personagens, espaço e tempo), objetiva este ensaio expor alguns enfoques teóricos relacionados à função do narrador, a fim de verificar o seu papel na obra “Ora, pombas!”, de Francisco Aurelio Ribeiro, dentro dos naturais limites, considerando a extensão e importância do tema.

² BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *O texto de João Zorro*. S/ed. Editorial Inova, Porto, Portugal. 1974, p. 36-37.

1. Elementos da Narrativa

Narrativa ou narração, ainda que termos questionados para o primitivo ato de narrar, é um tipo de discurso que, a priori, pressupõe um sujeito (quem é que narra?), um predicado (narra o quê?) e uma organização (como narra?) desse discurso.

Sujeito = NARRADOR

Predicado = ENUNCIADO (fábula, história contada)

Organização = ENUNCIAÇÃO (como a história foi contada)

Se não há narrativa sem o que contar, no enunciado encontram-se os elementos básicos que estruturam as narrativas: personagem, espaço e tempo. Todavia, esses elementos só se presentificam para o leitor/ouvinte mediatizados por um Narrador, que os organiza em função de um receptor (leitor virtual), podendo até inseri-lo no *corpus* da narrativa (narratário), estruturando-se, afinal, o que se denomina enunciação.

1.1 A Personagem

O elemento personagem em nível de enunciado seria quem participa da história. Qualquer estudo mais aprofundado das personagens implicaria as visões do narrador e perspectivas assumidas pelo receptor, enfim, adentrar-se-ia na enunciação, o que se fará adiante.

Ainda que polêmicas, há várias tipologias de personagens. Segundo Vitor Manuel, “as personagens de um romance compreendem um herói (protagonista, personagem principal) e os comparsas (personagens secundários)”³. Partindo desse pressuposto, propõe tipos de romance, como romance de indivíduo,

³ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 1aed. Livraria Martins Fontes, Ed. Portugal, p. 272.

romances urbanos, etc... Adota ainda a tipologia de E. M. Forster, que “distingue as personagens românticas em duas espécies fundamentais: as personagens desenhadas (ou planas) e as personagens modeladas (ou redondas)”⁴. As teorias estruturalistas, em geral, não acolhem as tipologias mencionadas, sendo todas as personagens da narrativa vistas como elementos da estrutura – actantes, para alguns estruturalistas, e analisadas em função dos entrelaçamentos de suas funções na estrutura.

1.2 O Espaço

Quando se pergunta: “Onde se passavam os fatos?”, estamos diante de outro elemento da narrativa, que é o espaço. Embora não tenha atingido, ainda, no conjunto da crítica, um lugar de destaque, percebe-se que o espaço ganha grande importância na construção das personagens. “Não se vive impunemente em determinados lugares”, referencia Antonio Dimas, em *Espaço e romance*⁵. “Em qualquer caso, o narrador-cicerone ou narrador-personagem são o centro em relação ao qual se estabelece a perspectiva de descrição”, afirma Vitor Manuel em op. cit., p. 293. Pode-se, aqui, concluir que o estudo do espaço, enquanto referencial físico, não ultrapassa o enunciado, já a ambientação (franca, reflexa e dissimulada), segundo Osman Lins⁶, é uma categoria estrutural em nível de enunciação, porquanto a análise da ambientação requer a participação do narrador e do narratário.

1.3 O Tempo

O tempo da história/fábula delimita-se, e se caracteriza por indicações do calendário civil, estações do ano, dias e noites, facilmente mensuráveis. Já o

⁴ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 1aed. Livraria Martins Fontes, Ed. Portugal, p. 281.

⁵ DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2aed. Ed. Ática, São Paulo. 1987, p. 11.

⁶ DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2aed. Ed. Ática, São Paulo. 1987, p. 11.

tempo do monólogo interior e/ou do fluxo da consciência não se constata pelas indicações mencionadas, pois se trata de tempo psicológico. Esse tempo está relacionado à construção da narrativa. Anacronias, prolepsis, analepsis, são outras denominações propostas e analisadas por Vitor Manuel em sua teoria da literatura, todas complexas e relacionadas à enunciação.

1.4 Narrador e Narratário

Narrador – pelo que até aqui se expôs, ainda que sucintamente, conclui-se que o estudo dos elementos essenciais da narrativa – personagem, espaço, tempo – somente levará à estrutura da obra, se analisados à luz das visões do narrador. É o narrador que, com sua câmera, focalizará o espaço – descrevendo-o ou nele perpassando junto com os personagens, o leitor e o narratário – sob ângulo que lhe convier ou convier à construção das personagens; é ainda o narrador-personagem ou narrador-onisciente quem manipulará o tempo da narrativa; é também o narrador quem dirá ao leitor, no estilo direto, indireto ou indireto-livre, como são as personagens; enfim, cabe ao narrador a produção do discurso, que revelará o sentido da história, pois de sua manipulação se formará a intriga, que ele, narrador, deixará aberta, ou a fechará, para o seu leitor virtual.

Intrinsecamente ligado ao narrador e por ele criado é o narratário.

Narratário – seria o destinatário da narração, o receptor do narrado, ou seja, o leitor virtual e até mesmo o real, já que a obra literária não é produzida para contemplação de seu autor. Assim considerando, não seria o narratário uma categoria ficcional. Todavia se pensar-se que o narrador cria um leitor em seu discurso e a ele se dirige como uma criatura ficcional, este suposto leitor/leitora se transforma em personagem, narratário “in casu”. Em algumas narrativas, este ser ficcional é até caracterizado pelo narrador, “Em verdade lhes digo, meus sensíveis leitores, que eu desejava...”. Vitor Manuel tipifica o narratário em intradiegético (o ouvinte de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*) e o

extradiegético que se confunde com o leitor virtual, como os narratários de Machado de Assis.

1.5 Autor Implícito

Nem sempre o narrador representa a voz do autor, sendo-lhe, por vezes, até polêmico. O narrador é um ser ficcional, portanto, independente e com voz narrativa, o que não o impede, todavia, de se transformar numa das máscaras do autor implícito. Como se definiria o autor implícito? Segundo se pôde inferir das proposições de Vitor Manuel, em op. cit., e Lígia C. Moraes Leite, in “O Foco Narrativo”, esta categoria da enunciação estaria presente nos silêncios da narrativa, sem, contudo, participar do enunciado. O autor implícito não tem voz e nem faz intromissões avaliativas. Nas lacunas do texto ou em algum personagem se presentificará, como a voz de Eça de Queirós se materializa na estrutura de **O Primo Basílio**, através da construção de personagens – tipos, produto e causa dos males da sociedade lisboeta.

Pelo exposto, infere-se a importância do conhecimento dos elementos da narrativa, bem como de sua evolução teórica, para se chegar ao sentido da narrativa, pelos caminhos da narração. Considerando-se que a narração é a organização dos fatos e atos dos personagens da narrativa, pode-se presumir a importância do comportamento ficcional do narrador, o que se pretende analisar em **Ora, Pombas!**, já que narrador é que detém o poder da palavra narrada.

2. As visões da narrativa

As visões da narrativa e pontos de vista são terminologias correspondentes a focos narrativos. Em que pesem algumas divergências conceituais até pertinentes, essa categoria do discurso, a que se denominará foco narrativo, ora em diante, por se considerar esta denominação mais distante da subjetividade,

tem íntima ligação com o narrador, mais ainda, é o objeto de manipulação do narrador. De posse de sua câmera, o narrador tem plenos poderes sobre o seu alvo. Como um “câmera-man”, este ser ficcional mostra ao seu leitor a face que ele deseja, escolhe a luminosidade, a perspectiva, enfim: personagem, espaço e tempo, por ele, se representam.

Das teorias estudadas, optou-se pela terminologia de Norma Friedman, por ser a mais explícita dentro dos limites mencionados, oferendo maiores subsídios para análise do foco narrativo em **Ora, Pombas!**, objeto desta análise.

NORMAN FRIEDMAN, a partir dos conceitos de cena e sumário, propõe as seguintes características do narrador:

- a) Autor onisciente intruso – corresponde à narração “por detrás”, de J. Pouillon, ou seja, o narrador, além de demiurgo, intromete-se na narração, com análises, avaliações, proposições, etc. (**Quincas Borba**, de Machado de Assis);
- b) Narrador onisciente neutro – é o narrador demiurgo que não se intromete, deixa acontecer (**Madame Bovary**, de Gustave Flaubert);
- c) “Eu” como testemunha – o narrador é uma personagem secundária que participa dos fatos, dos acontecimentos (**A Cidade e as Serras**, de Eça de Queirós);
- d) Narrador protagonista – é o “eu” que vive os fatos narrados, corresponde à visão “com” de Pouillon;
- e) Onisciência seletiva múltipla ou multisseletiva – o narrador, praticamente, desaparece; os acontecimentos se dão na mente das personagens; predomina aqui o discurso indireto-livre, “pensamento, sentimentos e percepções são filtrados pela mente das personagens, detalhadamente,

enquanto o narrador onisciente os resume depois de terem ocorrido”⁷.

(**Vidas Secas**, de Graciliano Ramos);

- f) Onisciência seletiva – diferencia-se da anterior por se tratar de narrativa com apenas um personagem narrador-protagonista. (**Perto do Coração Selvagem**, de Clarice Lispector);
- g) Modo dramático – Não há narrador de acontecimentos. Apenas personagens em confronto (predomina no conto);
- h) Câmera – máximo de exclusão do autor; as cenas vão-se sucedendo sem uma ligação aparente (**Círculo Fechado**, de Ricardo Ramos).

Pode-se inferir, das leituras realizadas, a importância do narrador na produção do discurso narrativo, sem exclusão dos demais elementos. O que ficou patenteado nesta pesquisa é que o narrador funciona, na narrativa, como um diretor de produção, que às vezes burla o produtor e não deixa que seus interesses entrem em cena. O produtor (autor) lhe dá tudo para o filme e ele, diretor (narrador), trai seu produtor, fazendo da obra literária um grande jogo, onde quem dá a última cartada é o leitor real, porquanto o leitor virtual também é ficcional.

3. *Ora, Pombas!*

3.1 A fábula (o enunciado)

Dois pombos, de cor um pouco indefinida, encontram-se numa praça, apaixonam-se e se casam em seguida. Ele viera do Norte e ela do Sul. Pelas ilustrações e indícios na narrativa, os pombos são brasileiros e a praça do encontro é a de qualquer grande cidade do Brasil.

⁷ LEITE, Lígia Chiappini. *O foco narrativo*. P. 47.

O casamento se realiza na Catedral, chegando a noiva antes do noivo, o que faz seu coração quase saltar do peito e cair “na frigideira da baiana que fritava acarajés”. A cerimônia religiosa acontece às 18 horas, ao som do Angelus, com toda a pompa: “o barulhão de todos os sinos”, a noiva “Branquíssima” e o noivo de fraque.

O casamento de Tristão e Isolda é ruidosamente festejado numa “churrascaria da esquina”, com forró, tendo a noiva “assanhadíssima” bebido além do razoável.

Após o casamento, os noivos vão para a Europa passar a lua de mel, ajudados por um mágico, Mr. Bazart, que os levou na cartola. Em lá se instalando, Isolda, cansada da rotina do mágico ambulante, separa-se de Tristão, preferindo dançar cancã no Lido, em Paris. Tristão continua trabalhando como garçom, sonhando com a volta ao Brasil, para montar seu próprio negócio, enquanto Isolda prefere a arte da dança, planejando, porém, casar-se com algum magnata – “fisgar um marajá”.

3.2 Elementos da narrativa

3.2.1 As personagens

Segundo Vitor Manuel de Aguiar, em sua *Teoria da Literatura*, os protagonistas, na obra em estudo, são os pombos, Tristão e Isolda, auxiliados por Mr. Bazart, que os leva de carona para a Europa, em sua cartola de mágico.

Na tipologia de Forster, as personagens podem ser redondas ou modeladas, se possuem densidade psicológica; planas, se caracterizadas sem alteração de caráter ou comportamento no decorrer da narrativa; típicas, se representam uma classe social. Representando a classe media brasileira, de uma forma até caricatural, as personagens Tristão e Isolda são típicas e planas, como se verá:

1º) Tristão e Isolda não possuem cor definida, assim como a classe média é vista: sempre num partido de centro, procurando sempre a ascensão social e a estabilidade financeira proporcionada pelo acúmulo de capital.

As suas penas eram preto-e-branco, com algumas tonalidades de pardo-cinzentas.

Os nomes Tristão e Isolda remetem às óperas, gênero apreciado pela nobreza e pela burguesia em ascensão, em séculos passados. Ainda hoje, o gosto pela ópera empresta fumos de nobreza e bom tom aos aficionados, e aos que fingem (classe média) apreciá-las, para fins de melhor aceitação na alta burguesia, substituta da nobreza.

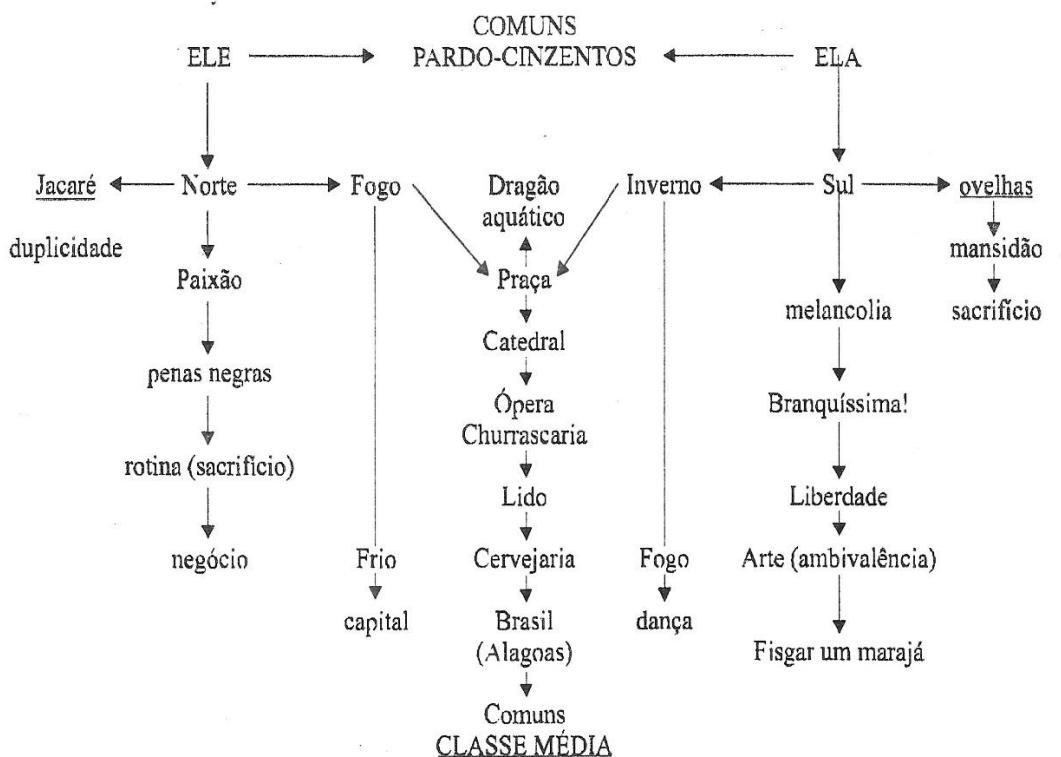
Tristão e Isolda casam-se dentro do mais chique figurino da classe média brasileira: a noiva “Branquíssima”, o noivo de “fraque” ao som de Angelus, numa Catedral, às 18 horas. O pagamento das despesas pelos convidados, na obra, corresponde aos “protestos em cartório” pelas despesas além das posses da família. A duplicidade de gosto dos protagonistas se divide entre a pompa do casamento e a ruidosa festa na churrascaria da esquina, denunciando a indefinição do gosto da classe média, além da inversão dos valores tradicionais num “enlace matrimonial”, com a noiva esperando o noivo no altar.

A viagem de lua-de-mel na Europa, porém de carona, reforça a representação da classe média brasileira empobrecida. Tristão e Isolda têm, na Europa, o destino de muitos jovens brasileiros que saem do país, por não se conformarem com a perda do status ou para conseguirem o dinheiro que os enroncará no ‘modus vivendi’ dos ricos: “Tristão estava trabalhando de garçom, em Munique, em certa cervejaria perto da estação” e Isolda “fora ser dançarina de cancã no Lido” e “estava planejando ser dançarina do ventre em Istambul ou Marrakech”, enquanto Tristão sonhava “voltar ao Brasil e aqui abrir o seu negócio”. Em ambos os casos, é o desejo de ter que os domina. Ainda que vibre com suas danças, Isolda pensa em “ir às Índias ou Alagoas, e fisgar um marajá”.

A planicidade dos protagonistas se manifesta logo no início da obra, numa das intromissões do narrador:

Era uma vez um pombo e uma pomba. Comuns como todos eles.

E essa representação da classe média brasileira permanece no decorrer da obra. A indefinição da classe média também se revela no jogo da estrutura da obra onde Ela e Ele são a mesma representação, na medida em que seus papéis se invertem; os espaços diferentes se confundem; caracterizações se transmudam sem diferenciar-se na essência, como se pode perceber no quadro a seguir:



A ópera é um drama trágico ou lírico cantado com acompanhamento de orquestra e com intervalos de danças ou espetáculos vários e vistosos (...). Na ópera séria ou grande ópera (*Tristão e Isolda* está entre estas), a ação é realmente lírico-dramática ou trágica⁸.

⁸ TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 4a ed., Ed. Bernardo Alves S/A, Belo Horizonte, 1969. P. 140.

O destino dos jovens brasileiros da classe média, realmente, é uma ópera séria, embora tenha as suas cenas bufas, por isso os cenários se confundem e se fundem no grande palco do teatro Brasil.

Na caracterização dos pombos, vê-se o pardo-cinzento desdobrar-se no olhar casto das matronas (católicas) e no ódio racista dos neo-nazistas – indícios da direita pardo-cinzenta, que se encontra no centro, entre o Norte e o Sul.

Mr. Bazart é um outro personagem envolto na indefinição. “Um certo Mr. Bazart que fora para lá fazer seus shows e ganhar seus trocados”.

O personagem é um mágico ambulante que vai para a Europa ganhar seus trocados, e leva o jovem casal de carona. Pelos indícios, Mr. Bazart é um artista pobre, portanto o seu papel de dar carona ao jovem casal, certamente, tem uma outra função dentro da estrutura da obra: instaurar mais incertezas, através do mágico, na representação da realidade através da arte; a própria mágica do viver da classe média, sempre dividida, ou ainda a mágica do equilibrar-se, entre o ser e o existir, ou entre o ser e o ter.

A Europa pode ser apenas uma ilusão ou pretexto para o narrador ampliar sua análise da classe média, na qual se insere, como amigo dos protagonistas e como artista, na medida em que **Ora, Pombas!** remete a outras obras literárias como **O Gato Xadrez, Era uma vez uma chave** e as personagens de obras infantis, como se pode constatar no final do texto:

*Quem nasceu para voar
não pode o destino mudar:
Como ser faxineira, babá
ou arrumadeira,
em Paris, Berlim ou Dakar,
se o destino do artista
é ir ao palco e brilhar?*

Dentre as personagens, deve-se considerar o narratário: “o que agradaria a todos, e também a vocês, espero”. Conversando com o leitor, o narrador faz uso da função metalinguística, o que pressupõe um receptor atento às explicações dadas. O receptor eleito pelo narrador, ou seja, o narratário, deve pertencer ainda à classe média, mas ao grupo dos letrados, que, dentro da ótica implícita na narração, também não tem um gosto definido: “o que agradaria a todos, e também a vocês espero”.

Ainda fazendo parte da categoria personagem, aparece o narrador, enquanto amigo de Tristão e Isolda, a quem os jovens enviam cartões da Praça de S. Marcos. Este narrador-personagem é o escritor, que, na obra em estudo, coloca-se o paradigma de Isolda: “Se era feliz? Ora, Pombas!”

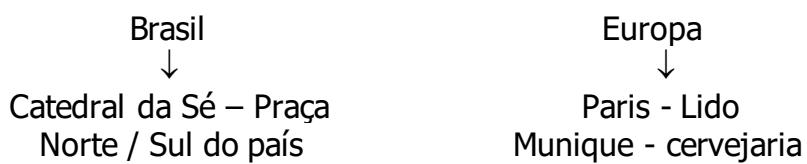
3.2.2 O espaço

A indefinição perpassa o espaço e o tempo, num entrecruzar contínuo com a oscilação dos personagens.

A nível do dito, têm-se quatro espaços – Praça, Catedral, Churrascaria e Europa – onde a fábula se manifesta:

Os pombos se encontram e se amam numa Praça; casam-se numa Catedral; festejam o casamento numa Churrascaria de Esquina; vão em lua-de-mel para a Europa e por lá ficam.

Esses espaços podem ser reduzidos a dois, considerando o dito e as ilustrações:



Numa leitura do entredito, vê-se que nos paradigmas Brasil e Europa estão o 1º e 3º mundos, considerando-se os aspectos econômicos e sócio-culturais:

BRASIL (3º MUNDO)

Istambul
 Marrakech
 Dakar – África
 Índias
 Alagoas
 Odalisca
 Marajás – xeque das Arábias
 cervejaria
 Praça de S. Marcos
 (imigrante do 3º mundo)

EUROPA (1º MUNDO)

Paris – Cancã (Lido)
 Berlim
 Munique
 Arábias (Petrodólares)
 Princesa
 Charles e Diana
 Praça de S. Marcos - Veneza
 (turista rico)

A classe média do 3º mundo anseia participar ou penetrar no 1º mundo, ascendendo:

Economicamente:	- social-democracia – Berlim, Munique. - capitalismo selvagem – Arábias (OPEP), Índia, Dakar, lendo-se aí a Inglaterra; Alagoas (América Latina).
Socialmente:	- Charles e Diana.
Culturalmente:	- Paris.

Ainda que o ser humano viva em sociedade, pertença a uma classe social ou a grupos dentro de uma classe (intelectuais, por exemplo), há em seu interior uma gama de desejos e sonhos que transcendem o real. Assim, essa ambiência pode desvelar um mundo interior que oscila entre o sonho (da arte) e a realidade (da sobrevivência); o ser (espécie humana) e o existir (a individualidade); o ser (afirmar-se), e o ter (consumir-se consumindo).

SER

No mundo capitalista,
 significa ter,
 para ser Homem:
 senso comum.

Marajá

Xeque das Arábias

↓
 Capital

↓
 Realidade (Alagoas)

EXISTIR

No mundo capitalista,
significa o estranho,
a loucura:
non-sense, o mágico.

Dançarina de cançã

odaliska
↓
arte
↓
sonho (Paris)

Os espaços são marcados por oposições, desde o primeiro encontro dos pombos:

<u>NORTE</u> (fogo – ele)	X	<u>SUL</u> (inverno – ela)
<u>PRAÇA</u>	x	<u>CATEDRAL</u>
ambiente aberto		ambiente fechado
profano – forró democrático		sagrado – Angelus
frigideiras de acarajé		institucional – Igreja
Ele e Ela (anônimos)		sinos (alto)
		Tristão e Isolda (nomes de trad.)
<u>PRAÇA (DA SÉ)</u>	X	<u>PRAÇA DE S. MARCOS</u>
Realidade do povo brasileiro		Ilusão do imigrante brasileiro e do turista

3.2.3 *O tempo*

O narrador opta pelo início tradicional das histórias infantis (fábulas ou contos de fadas) “Era uma vez...”, que se opõe à modernidade da temática subjacente a códigos atuais como Botha, Ku Klux Klan e outros.

Nos contos tradicionais, o “Era uma vez...” dilui o tempo, colocando a história em qualquer era. O dilema do ser humano, dividido entre o ser e o existir, entre ser e ter, são problemas universais e de todos os tempos.

Trazendo o tempo para o enredo, vê-se que há uma cronologia de fatos: encontro-casamento-viagem-separação. Um esquema sequencial tradicional sem o clássico final feliz: “Se era feliz. Ora, Pombas!”.

Assim, tem-se na narração: o tempo cronológico da narrativa; a extemporalidade do “Era uma vez...”; e um tempo psicológico instaurado pela “carona na cartola do mágico”.

3.2.4 O foco narrativo

Considerando-se a tipologia de Friedman, percebem-se dois tipos de narrador:

I- O narrador onisciente intruso, que corresponde ao narrador “por detrás” de Pouillon, na medida em que este se coloca como demiurgo, intrometendo-se na narrativa com análises, avaliações, proposições, metalinguagem:

Esta é uma história moderna e deveria ter um começo diferente, mas... (Metalinguagem).

Encontraram-se numa tarde, na Praça Principal... [...]

Trouxera do fogo a alma marcada pela paixão. (Onisciência de demiurgo).

Olhos raivosos dos racistas ou outros seguidores de Botha, Ku Klux Klan, neo-nazistas deste fim de século. (Avaliação).

Eles têm classe, mas, no máximo, deve ser uma tal classe média. (Análise).

Quem não nasceu para voar
não pode o destino mudar [...] (Proposição).

II- “Eu” como testemunha – corresponde à visão “com”, se caracteriza pela intromissão do narrador na narrativa, como personagem “secundário”, como acontece na obra em estudo, após a ida do casal para a Europa. O narrador deixa a sua visão “por detrás” e assume a visão “com”, já iniciada nas conversas com o leitor, e é nesse foco que revela a sua visão do viver do artista.

Durante algum tempo fiquei [...]

e não me sentir tão só sem meus amigos
Será feliz? Ora, Pombas!
Quem nasceu para voar [...]
é ir ao palco e brilhar?

3.3 Os discursos do narrador

3.3.1 A ideologia e a contra-ideologia

O narrador, no uso da 3^a pessoa, mascara o “autor implícito”; todavia, suas intromissões revelam o seu ponto de vista, na medida em que analisa, questiona, propõe, donde se infere que os pombos são a metáfora da classe média brasileira.

A classe média se abaixa
A classe média se agacha
Se estica que nem borracha¹

Tristão e Isolda casam-se com toda a pompa (Charles e Diana) na Catedral, mas não têm dinheiro para pagar as despesas da festa na churrascaria da esquina. O narrador não poupa ironia e crítica à classe média, colocando-a entre o “olhar casto das matronas” (beatas católicas), e os “olhos raivosos [...] neo-nazistas” (direita), chegando mesmo ao sarcasmo, “deve ser uma tal de classe média”.

Os discursos em *Ora, Pombas!* são um libelo contra a classe média brasileira, não se preservando nem o narrador-personagem, visto que este, apesar de poetizar os anseios de liberdade do artista e a sua solidão face ao mundo capitalista, reconhece-se nesse artista, cuja metáfora também é a pomba (dançarina), o apego ao capital, pelo planejamento de “fisgar um marajá”, que dilui nessa busca

¹ FELIX, Moacyr. *Poemas*. In: Encontros com a civilização brasileira, n. 12.

de xequês das Arábias qualquer preocupação de ordem social, desvelando-se, em consequência, o individualismo da classe média.

Ideologicamente, a obra, cujo leitor virtual, também considerado narratário, é o jovem brasileiro de classe média, pode reforçar o comodismo, o individualismo e a indefinição da classe média, mas o narrador não é confiável. “Se era feliz? Ora, Pombas!”. Indignação? Ironia? Desprezo a julgamentos alheios? Qual o destino do artista: “brilhar” ou “fisgar um marajá”?

Segundo Afonso Romano de Sant’Ana, o discurso ideológico reforça o “status quo”, enquanto que o contra-ideológico propõe ou incentiva transformações, donde se conclui “a priori” que o discurso onisciente em 3^a pessoa está para a contra-ideologia, enquanto denúncia e sarcasmo; e o discurso do narrador-personagem é ideológico, já que o poético sucumbe às estruturas de poder estabelecidas pelo capital.

3.3.2 A carnavalização na narração

A narração pressupõe uma linguagem que a organize, constituindo esta organização o trabalho do narrador.

A linguagem carnavalesca reúne os contrários, fundindo-os com humor e poeticidade, como no carnaval, onde o riso mascara o pranto de um ano de vida, fantasiando, por conseguinte, a dor (no Brasil). É o que se vê em *Ora, Pombas!*: o humor permeando o sério – a caracterização da classe média brasileira. No plano do discurso pode-se dizer que o narrador é contra-ideológico.

A carnavalização, na obra em estudo, evidencia-se na cerimônia e festa do casamento, o que desmonta a Instituição – Igreja Católica, na medida em que a música do Angelus se mistura às frigideiras de acarajés; o badalar ou reboar dos sinos se transforma em “barulhão dos sinos”; o tradicionalismo e a pompa de

Tristão e Isolda se ridicularizam com a noiva esperando o noivo no altar, bem como embriagando-se “assanhadíssima”, na festa da churrascaria, onde todos os convidados participam da despesa.

A carnavalização no uso da língua acontece com a mistura de recortes da língua popular à língua culta, como casório e enlace matrimonial, noivo galante, amigos, parentes e colegas, forró e Tristão e Isolda, bancarem a festa, etc.

Considerando que a carnavalização se acentua no casamento, cerimônia e festa, desde o seu anúncio, chegando ao sarcasmo, vê-se nesse discurso o desgaste da instituição – Igreja Católica – através da ridicularização de sua mais forte instituição – o casamento.

O desmonte dessa Instituição se concretiza com a separação do casal, face à manifestação da individualidade da mulher, tomando esta também a iniciativa, o que contraria a sua tradição de ser submisso, proposta pelas Escrituras, livro sagrado do mundo ocidental, e palco da narração.

Assim considerando, ressalta na obra a presença do feminino: a **pomba Isolda** assume um papel ativo: vai do inverno melancólico do Sul para o fogo do casamento (espera o noivo ansiosa, se embriaga, fica assanhadíssima) até ao fogo da dança (arte) das odaliscas (sensualidade), para, afinal, “fisgar um marajá”, depois de separar-se de Tristão, por sua iniciativa.

A Tristão é reservado um papel passivo em relação a Isolda. A sua ação vai do fogo da paixão para a rotina (frio) de acumular recursos financeiros (garçom) para ser detentor de capital (próprio negócio).

3.4 Produção de sentidos

Embora haja divergências e relativismos na história dos símbolos, o estudo realizado permite algumas relações pertinentes:

Isolda é uma **pomba**, a princípio pardo-cinzenha, comum, mas que se revela, no casamento, **branquíssima**. Veio do **Sul** e, nas ilustrações da Praça, o sul se caracteriza pelas **ovelhas**, em destaque. Sua arte é a **dança**, quer terminar **princesa** ou **odalisca**.

Branco – cor dos ritos de passagem, da revelação.

Pomba – (cristã) sublimação do instinto, de Eros.

(pagã) ave de Afrodite, representa a realização amorosa.

Metáfora da mulher.

Princípio vital – a alma.

Ave sociável – reforçando a valorização sempre positiva de seu simbolismo.

Ovelha – sacrifício – mansidão.

Dança – libertação, manifestação explosiva do instinto da vida, energia vital.

Odalisca – está ligada à dança dos véus, com significação de vida, energia e afins.

Princesa – nos contos de fadas, está relacionada ao desejo, ao idealismo da juventude.

Tristão é um **pombo**, a princípio pardo-cinzenho; no casamento ressalta o negro de suas penas; aceita a separação sem problemas; trabalha pensando em ter seu próprio negócio no Brasil. Nas ilustrações da Praça, o **Norte** de onde veio tem a figura do **jacaré**, em destaque.

Preto – lado sombrio da personalidade.

Lado feminino, terrestre, instintivo, maternal.

Passividade absoluta (embaixo do mundo).

Virgindade primordial.

Frio – negativo.

Jacaré – duplicitade (vida e morte / terra e água).

Assim podem-se estabelecer as seguintes relações de sentido nas quatro partes da obra:

a) Encontro

Ela – Sul: frio, melancolia, mansidão, sacrifício (ovelha).

Ele – Norte: fogo, paixão, duplicitade (jacaré).

b) Casamento

Ela – branco (ritos de passagem), embriaguez (divindade).

Ele – preto (passividade, frio).

c) Viagem

Ela – dança (jogo – vida – Eros); jacaré (duplicitade).

Ele – mansidão (ovelha).

d) Separação

Ela – princesa ou odalisca – satisfação do desejo – divisão entre ser e ter.

Ele – objeto do desejo dela (desejo de ser).

Considerando as relações estabelecidas, conclui-se que:

O casamento do preto e do branco é uma hierogamia; engendra o cinza intermediário que, na esfera cromática, é o valor do centro, isto é, o valor do homem².

Sob a ótica da temática das contradições da classe média, têm-se Ele e Ela ou Tristão e Isolda (anônimos e denominados) como a representação da classe média, brasileira especificamente, já que o narrador é bem explícito: o valor do homem é o centro.

² CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*. 2a ed., José Olympio Ed., R.J., 1990.

Sob a ótica filosófica, tem-se a hierogamia como a essência do ser humano, dentro do senso comum.

Sob a ótica do discurso da arte, tem-se predomínio do feminino, enquanto princípio vital, alma, ambiguidade, o non-sense do existir. ("O ovo perdido?")

Conclusão

Quando nos propusemos à análise da obra *Ora, Pombas!*, tínhamos como objetivo a análise dos elementos estruturais da narrativa, principalmente a questão do foco narrativo, visando, sobretudo, a verificar a influência que poderia ter no adolescente brasileiro, porquanto nos parece ser este adolescente o leitor virtual, eleito pelo autor, e objeto também de nosso trabalho como professor.

Concluída a análise dos elementos estruturais da narrativa, muitas questões estavam diante de nós: a ideologia, a carnavalização da linguagem, os símbolos, entrelaçando-se e entrecruzando-se nesses elementos, a levantar uma problemática muito séria: a questão do comprometimento do artista com a sobrevivência. Estariam os nossos adolescentes de escolas públicas interessados em discutir aquele "Se era feliz? Ora, Pombas!"? Não sabemos, mas gostaríamos de tentar, se houvesse alguma possibilidade, pois a temática da classe média vem sendo enfocada em várias oportunidades e áreas de estudo, mas a questão existencial... a questão do feminino e da fêmea, da duplicitade (masculino x feminino) que há em qualquer ser humano, enfim, são tantas questões sérias, e que não são discutidas nas escolas!

Face à extensão das questões que foram abertas ou revistas nesta análise, o tempo não nos permitiu aprofundá-las como mereciam.

Ficou-nos, todavia, a certeza de estarmos vendo a obra de outra maneira: não o “Ora, Pombas!” indignado, zombeteiro ou de enfado, mas um “Ora, Pombas!” de reflexão.

Referências:

ALBUQUERQUE, Maria Ariadne et alii. Resenha de *Ora, Pombas!*, PUC-BH, Curso de Narrativa II. Julho/1991.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 7^a ed., Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3^a ed., Ática, São Paulo. 1987.

BRANDÃO, Fiamma Hasse Paes. *O texto de João Zorro*. 1^a ed., Editora Inova, Portugal.

CANDIDO, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. 5^a ed., Ed. Perspectiva, São Paulo. 1976.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 2^a ed., Ed. José Olympio, Rio de Janeiro. 1990.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2^a ed., Ática, S. Paulo. 1987.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 4^a ed., Ática, S.P. 1989.

MUIR, Ewin. *A estrutura do romance*. 2^a ed., Globo, Rio Grande do Sul. 1975.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Ora, Pombas!* 1^a ed., Ed. de Orientação Cultural Ltda., Rio de Janeiro. S/d.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Era uma vez uma chave*. 4^a ed., Miguilim, B.H. 1990.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O gato xadrez*. 1^a ed., Miguilim, B.H. 1989.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Leve como a folha*. 4^a ed., Miguilim, B.H. 1990.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O ovo perdido*. 1^a ed., Miguilim, B.H. 1987.

SANT’ANA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 1^a ed., Ed. Vozes, Petrópolis. 1973.

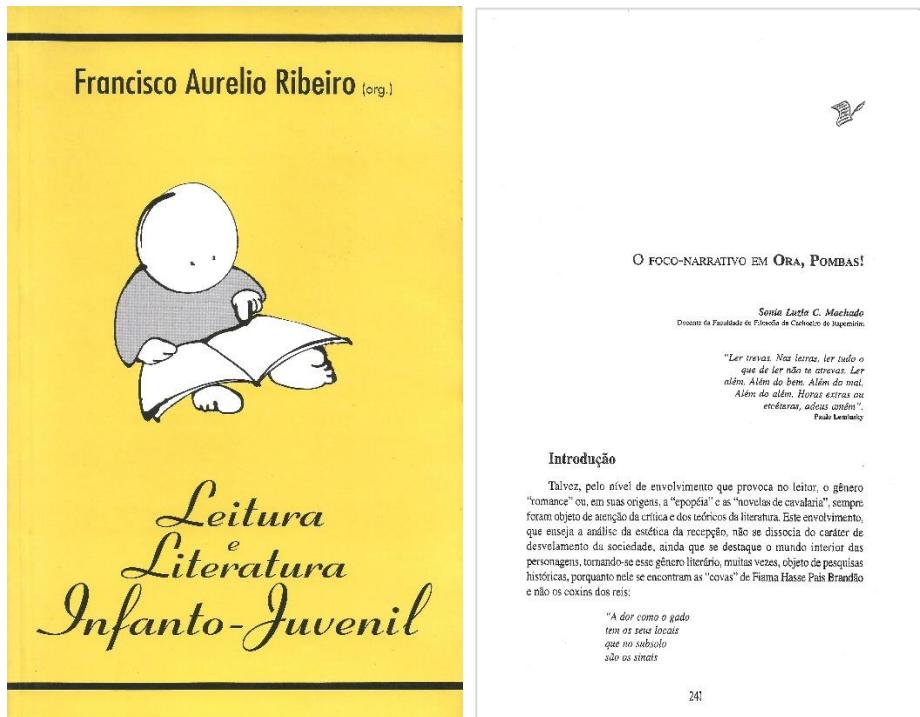
SCIACCA, Michele. *História da filosofia*. 3^a ed., Ed. Mestre Jou, São Paulo. 1968.

SILVA, Vitor Manoel Aguiar. *Teoria da literatura*. 1^a ed., Livraria Martins Fontes, Portugal. S/d.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 4^a ed., Ed. Bernardo Alvares S/A, B.H. 1969.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. 3^a ed., Cultrix, São Paulo. S/d.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Ed. Perspectiva, São Paulo. 1975.



Capa de *Leitura e literatura infanto-juvenil*, organizado por Francisco Aurelio Ribeiro, e página inicial do capítulo “O foco narrativo em *Ora, pombas!*”, de Sonia Luzia C. Machado.

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

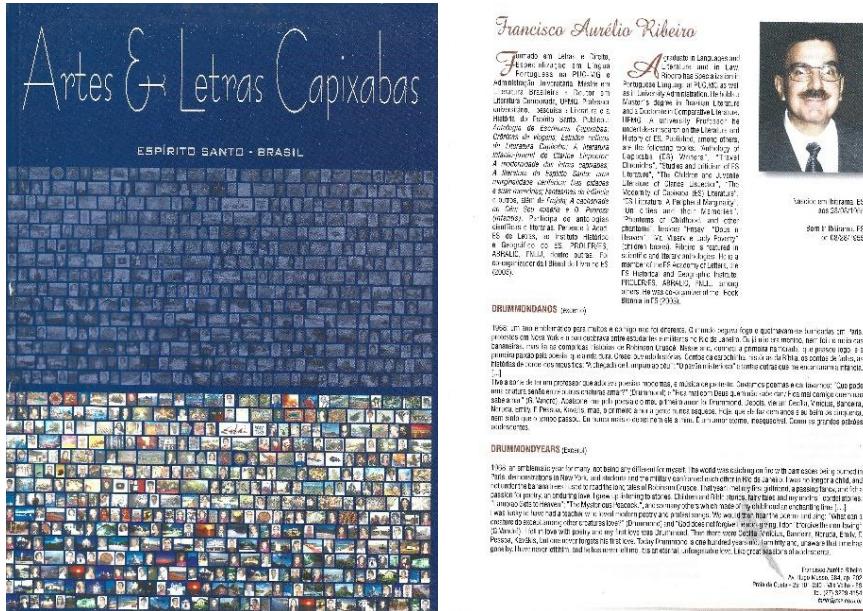
Graça Neves*

Formado em Letras e Direito. Especialização em Língua Portuguesa pela PUC-MG e Administração Universitária. Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada, UFMG. Professor universitário, pesquisa a Literatura e a História do Espírito Santo. Publicou: *Antologia de Escritoras Capixabas*; *Crônicas de viagens*; *Estudos críticos de Literatura Capixaba*; *A literatura infanto-juvenil de Clarice Lispector*; *A modernidade das letras capixabas*; *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*; *Das cidades e suas memórias*; *Fantemas da infância* e outros, além de *Frajola*; *A cachorrada no Céu*; *Seu Miséria e D. Pobreza* (infantis). Participa de antologias científicas e literárias. Pertence à Acad. ES de Letras, ao Instituto Histórico e

¹ NEVES, Graça. Francisco Aurelio Ribeiro. In: _____ (Coord.). *Artes & letras capixabas*. Vitória: Artgraf, 2005. [s. p.].

* Escritora, autora de *Graça, que graça!* *A vida* (1990), *Coral dos ventos* (1996), *Variações sobre o mesmo tempo* (1996), *Sibila e a escala musical* (1996), *Viveiro do silêncio* (2001), entre outros. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Geográfico do ES, PROLER/ES, ABRALIC, FNLIJ, dentre outras. Foi co-organizador da I Bienal do Livro do ES (2003).



Capa de *Artes & letras capixabas*, de Graça Neves, e página com o verbete sobre Francisco Aurelio Ribeiro.

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Pedro J. Nunes*

Capixaba de Ibitirama, 1955. Formado em Letras e Direito, fez especialização em Língua Portuguesa e Administração Universitária, e mestrado e doutorado em Letras. Professor universitário e escritor com vários livros publicados, dentre literatura infantojuvenil, crônicas, poesia e os demais de crítica e historiografia literária, além de inúmeros artigos, crônicas e poemas em várias publicações. É um incansável pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, ABRALIC, FNLIJ, PROLER-ES, AEI-LIJ, dentre outras instituições. Foi secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo no início dos anos 90. Graças a seu trabalho, surgiram novos escritores que se consolidaram como revelações da década. A SPDC sob sua direção publicou também livros inéditos de autores consagrados, firmando seus nomes no cenário da nossa literatura.

¹ NUNES, Pedro J. Francisco Aurelio Ribeiro. In: _____ (Coord.). *Tertúlia – livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, -2005. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/perfis_e_entrevistas/francisco_aurelio_ribeiro.html>. Acesso em: 5 maio 2025.

* Escritor, autor de *Aninhanka* (1993), *Vilarejo e outras histórias* (1993), *Menino* (1998), *A pulga e o jesuíta* (2010), *A tarde dos porcos* (2011), *A última noite* (2015) e *O tapete de Zezé* (2016). entre outros. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Outro grande mérito de seu trabalho à frente daquela secretaria foi “interiorizar” os livros aparentemente produzidos apenas para a capital. Inúmeras palestras e lançamentos de livros aconteceram em várias cidades do interior, de norte a sul do Espírito Santo. Além disso, não se pode deixar de mencionar a publicação da revista *Você*, que sobreviveu cerca de cinco anos, um marco significativo por se tratar essencialmente de uma revista voltada à cultura capixaba. Francisco Aurélio Ribeiro mantém intensa atividade intelectual e literária.

[tertúlia](#) [quem somos](#) [mapa do site](#)

Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO



Francisco Aurélio Ribeiro

Capixaba de Ibitirama, 1955. Formado em Letras e Direito, fez especialização em Língua Portuguesa e Administração Universitária, e mestrado e doutorado em Letras. Professor universitário e escritor com vários livros publicados, dentre literatura infantojuvenil, crônicas, poesia e os demais de crítica e historiografia literária, além de inúmeros artigos, crônicas e poemas em várias publicações. É um incansável pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, ABRALIC, FNLIJ, PROLER-ES, AEI-LIJ, dentre outras instituições. Foi secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo no início dos anos 90. Graças a seu trabalho, surgiram novos escritores que se consolidaram como revelações da década. A SPDC sob sua direção publicou também livros inéditos de autores consagrados, firmando seus nomes no cenário da nossa literatura. Outro grande mérito de seu trabalho à frente daquela secretaria foi “interiorizar” os livros aparentemente produzidos apenas para a capital. Inúmeras palestras e lançamentos de livros aconteceram em várias cidades do interior, de norte a sul do Espírito Santo. Além disso, não se pode deixar de mencionar a publicação da revista *Você*, que sobreviveu cerca de cinco anos, um marco significativo por se tratar essencialmente de uma revista voltada à cultura capixaba. Francisco Aurélio Ribeiro mantém intensa atividade intelectual e literária.

Print da página sobre Francisco Aurelio Ribeiro no site *Tertúlia*, coordenado por Pedro J. Nunes.

RIBEIRO, FRANCISCO AURELIO¹

RIBEIRO, FRANCISCO AURELIO

Francisco Aurelio Ribeiro*
Thelma Maria Azevedo*

Nasceu em Ibitirama, ES, em 1955. Graduado em Letras: Português/Inglês, pela FAFIMGSJ, de Cachoeiro de Itapemirim, em 1976, e em Direito pela Faculdade de Direito de Itapemirim, em 1977. Especializou-se em Língua Portuguesa pela PUC-MG, 1979 e Administração Universitária, UERJ/OU, 1995. Aprovado em concurso público para Professor de Literatura da UFES, em 1982. Fez Mestrado em Literatura Brasileira (1986) e Doutorado em Literatura Comparada (1990) pela UFMG. Escreveu obras de crítica literária: **Estudos críticos da literatura capixaba**, 1990, **A modernidade das letras capixabas**, 1993 e **A literatura infanto-juvenil de Clarice Lispector**, 1993, e várias obras de literatura infanto-juvenil, além de poemas e crônicas publicados no jornal **A GAZETA**. Sessão de posse na AESL: 13/12/1993. Presidente da AESL de 1999 a 2001, de 2005 a 2007 e de

¹ RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria. Martins, Elizabeth. In: _____; _____ (Org.). *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Formar, 2008. p. 200-201.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

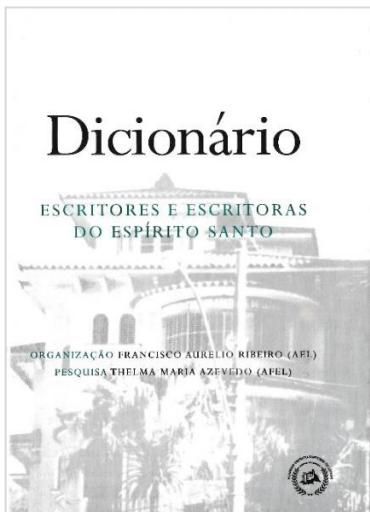
* Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (Afel).

2007 a 2010. Publicou: **A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica**, 1995; **Antologia de escritoras capixabas**, 1999; **Fantomas da infância**, 1997; **Leitura e literatura infanto-juvenil**, 1998; **Das cidades e sua memória**, 1995; **Literatura e Marginalidades**, 2000; **Vida Vivida**, poemas, 1997. Participou da Antologia **Alguns de nós**, de 2001, org. de Miguel Marvila e Maria Helena T. de Siqueira. Pesquisador da literatura do Espírito Santo e orientador de pesquisas acadêmicas na área “mulher e literatura” e “questões da alteridade” no Mestrado em Estudos Literários da UFES, até 2008. Em 2005, publicou **Haydée Nicolussi: 1905-1970. Poeta, revolucionária e romântica**, fruto de pesquisa de vários anos sobre essa escritora capixaba. Também auxiliou na realização do curta-metragem **Festa na Sombra**, de Margarete Taquete e Glecy Coutinho, sobre a mesma escritora. Tem trabalhos publicados em diversas revistas nacionais e internacionais, na Costa Rica, Equador, EUA, dentre outros. Em 13/12/2004 foi eleito para Presidente da AEL, mandato 2005/2007, reeleito em 2007 para o período 2007-2010. Cronista semanal de **A Gazeta**, publicou em livros suas crônicas semanais: **Estrela prometida**, 2003 e **A vingança de Maria Ortiz**, 2006. Também publicou, em 2006: **O Convento da Penha. Fé e religiosidade do povo capixaba**, publicação da CST e, em 2007, **Ainda resta uma esperança: vida e obra de Haydée Nicolussi**, na col. Roberto Almada (PMV/AEL). Sua obra escrita para crianças e jovens chega a 16 títulos publicados, que são: **Era uma vez uma chave, Leve como a folha, O gato xadrez, O ovo perdido, A casa mal-assombrada, Ora, pombas!, Mistérios de lá e de cá, Frajola e sua paixão, Seu Miséria e Dona Pobreza, Cachorrada no céu, A gralha e a tralha, Juanita e sua galinha, O rabinho do porco, Circe e Ricardo, Saudades de Clarice, Totonho e seu rival**. Em 2007, publicou **Vitória, cidade portuária**, e, em 2008, **Findes: 50 anos**.

Dicionário

ESCRITORES E ESCRITORAS DO ESPÍRITO SANTO

ORGANIZAÇÃO FRANCISCO AURELIO RIBEIRO (AFEL)
PESQUISA THELMA MARIA AZEVEDO (AFEL)



Capa do *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*,
de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo,
e página do verbete sobre Francisco Aurelio Ribeiro.

DICIONÁRIO DE CONCEPÇÕES E ESCUTURAS DO ESPÍRITO SANTO

ao Instituto Geográfico Brasileiro, Academia Cachoeireira de Letras, Academia Luso-Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco. *Publ. História Geral - 1^ª série* 1913; *Historia Geral - 2^ª série*, 1914; *Outubro na História*; *Tese do Concurso de Catedrático*, 1919. Tem méritos. A *criação de 1849* na província de Espírito Santo: *Congreso Histórico Nacional*. Os holandeses no Brasil: *Tese apresentada no Congresso de História da Bahia*.

2008, Revista Brasileira de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 19(1), 199-208

DÍCIONÁRIO DE ESCRITORES E ESCRITÓRIOS DO ESPÍRITO SANTO

RIBEIRO, HUDSON. Nasceu em Vitoria, ES. Poeta. Participou na Antologia de Poetas Contemporâneos, 10º volume, organizada pela Câmara Brasileira de Poetas Contemporâneos. Participou no volume As 100 melhores poesias de 2004, da Câmara Brasileira de Poetas Contemporâneos. FONTE:

www.ecomarabrasileira.com

100

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: CONJUNTO DA OBRA¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: THE ENTIRE WORK

Jô Drumond*

1. Apresentação do autor

Francisco Aurelio Ribeiro é um escritor eclético, que circula facilmente entre diversos gêneros literários, com produção profícua e variada. É professor, poeta, cronista, ensaísta, historiador e grande pesquisador da Literatura no Espírito Santo, sobretudo da Literatura feminina.

Veremos aqui o conjunto da obra de um Doutor em Literatura, que vem desenvolvendo há décadas uma incansável pesquisa sobre Literatura produzida no Espírito Santo. Mostraremos, sucintamente, seu valioso legado de registro

¹ DRUMOND, Jô. Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 108-116.

* Doutora em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

historiográfico da literatura produzida nesse Estado, assim como sua produção poética e ensaística, sua profícua produção de crônicas, sobretudo de crônicas de viagem (é cronista semanal do jornal *A Gazeta* - ES), e suas obras infanto-juvenis.

Francisco Aurelio Ribeiro nasceu em 1955, em Ibitirama, ES. É graduado em Letras e Direito; pós-graduado em Língua Portuguesa e Administração Universitária; mestre e doutor em Literatura Comparada. Exerceu o magistério, assim como cargos administrativos desde 1973, na Ufes, na PUC/Minas, e em Faculdades do Estado, como Cesat, Saberes, Cesv, UVV. Aposentou-se pela Ufes, onde foi Secretário de Produção e Difusão Cultural, Coordenador Geral do Pós-Graduação em Letras, Coordenador de Pesquisa e Extensão do PPGL, Coordenador do Curso de Especialização em Literatura e História do Espírito Santo. Nos anos 80, foi um dos batalhadores pela criação das disciplinas Lit. Infanto-juvenil e Lit. do ES, nos cursos de Letras dessa universidade; sua Tese de Doutorado, defendida na UFMG, foi a primeira a abordar a Lit. do ES; Atuou em cerca de 20 bancas de Mestrado, sendo a maioria na Ufes. Foi o criador da Edufes, em 1995; criou também a revista Você, que durou cerca de 5 anos. Na Faculdade Saberes, foi coordenador do Curso de Especialização em Língua e Literatura, e no mesmo período (1999/2000), foi Coordenador do Curso de Letras no CESAT. Está à frente da Academia Espírito-santense de Letras, já em seu terceiro mandato como Presidente, sendo que, entre 2002 e 2004, atuou com vice-presidente dessa mesma instituição. Entre 2008 e 2009 foi Consultor da Secretaria de Estado da Educação, nas áreas de Língua Portuguesa e de Biblioteca. Pertence a diversas entidades como o Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo (desde 1992), à Academia de Letras Humberto de Campos, de Vila Velha, SBPC, ABRALIC, ANPOLL, ABL entre outras. É representante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no Espírito Santo, desde 1983. Pertenceu à Associação de Escritores e Ilustradores de Livros Infantis e Juvenis no Espírito Santo, de 2003 a 2007. Foi organizador e Editor das coleções literárias

da SEMC/PMV e da AEL, de 2007 a 2010. Foi coordenador da coleção —Leituras do Espírito Santo||, com 10 livros publicados pela Editora Nova Alexandria, SP, em 2009. Participou de dezenas de congressos, na maioria como conferencista ou palestrante e de várias bancas de concursos. Atua também como organizador de antologias e dicionários de autores residentes no ES. Em seu vasto currículo, constam também diversos ensaios e artigos publicados em revistas de pós-graduação e em revistas literárias.

2. Obras publicadas

Como é difícil reunir toda a obra do autor, seguem-se abaixo, em ordem cronológica de publicação, algumas resenhas e/ou informações que poderão auxiliar os professores no momento de adotar um livro a ser explorado em sala de aula. Esses dados facilitarão o trabalho de escolha, no momento das indicações de leitura e das sugestões de pesquisa.

2.1 Livros infanto-juvenis

Seus livros infanto-juvenis são muito diversificados no quesito apresentação e ilustração. A temática preponderante envolve animais, sobretudo animais domésticos. Nota-se no autor a constante preocupação com a linguagem. Em sua concepção, o livro, cujo público alvo é formado por crianças e jovens deve ser trabalhado tanto no conteúdo quanto na forma. Não se trata apenas do registro verbal de um conto reproduzido ou inventado. O apuro com a linguagem se faz necessário. Por conseguinte, em algumas de suas obras, nota-se a utilização de técnicas poéticas, como figuras de estilo, assonâncias, rimas e aliterações, que dão maior cadênci à prosa e proporcionam maior fruição no momento da leitura. O livro *Mistérios de lá e de cá* é um verdadeiro poema, todo metrificado, em redondilha, com rimas no segundo e quarto verso de todas as estrofes.

1984 – *Era uma vez uma chave* – ilustrações de Paulo Roberto Sodré.

Uma chave, triste por não ter fechadura, sentia-se sem serventia. Foi aconselhada a sair pelo mundo atrás de surpresas. Desiludida de tanto procurar um lugar feliz para viver, desistiu da procura e tirou um cochilo debaixo de uma marquise. Um engraxate, de passagem, precisava de uma chave para sua caixa. Pegou-a, experimentou-a, e dela tomou posse, pois era a chave perfeita para aquela fechadura. “A chave ficou roxa de felicidade”.

1984 – *Leve como uma folha* – Ilustrações de Paulo Roberto Sodré.

Duas lesmas, Matilda (a mãe) e Clarice (a filha), durante um passeio matinal, avistaram numa laranjeira uma folha multicolorida, que mais parecia uma flor. Aproximaram-se e descobriram que se tratava de uma folha que passeava na garupa do vento. Em cada lugar por onde passava, levava uma cor, de lembrança, e deixava uma saudade.

1985 - *O Gato xadrez* – ilustrações de Atílio Colnago.

Leitura cadenciada e muito agradável, com rimas em “ê’s” ao longo de todo o texto. Era uma vez um gato xadrez... maciez – pedrês – siamês – freguês - três – burguês – mês – chinês – fez – talvez – limpidez etc.

1987 – *O ovo perdido*.

Livro escrito em parceria com sua filha Flávia, quando esta tinha nove anos. Projeto gráfico de Atílio Colnago. Trata-se de duas historietas. A primeira, mais curta, é de Flávia. Fala de uma cidade sem cor, sem luz, sem vida, sem alegria, sem ruído algum. “Cachorro não latia, gato não miava, gente nada dizia, criança não brincava...” A alegria da cidade voltaria se encontrassem um ovo perdido do Papai Noel. No dia 25 de dezembro surgiu, numa casa, uma caixa trazida do céu. Ao abri-la, um menino gritou: É um ovo! E a mãe se pôs a falar e tudo se pôs a brilhar. A cidade voltou a ter vida.

A segunda história, de autoria de Francisco Aurelio, fala da criação do mundo. Com o advento do ser humano na terra, tudo se tornou escuro. A terra perdeu

sua harmonia devido ao desrespeito para com o meio ambiente. Muitos anos sem luz se passaram. Surgiu um velho de barbas brancas, bata e capuz, dizendo que a solução de tudo estaria num ovo perdido no tempo, há milhões de anos-luz. Só depois de encontrado voltaria a cor, a luz e a harmonia à terra. Muitos se puseram a procurá-lo, mas não se sabe se foi encontrado. Não se sabe tampouco se algum dia tal ovo existiu.

1990 – *Ora pombas* – ilustrações de Paulo Fábio Beleza.

O narrador começa dizendo que essa é uma história moderna, mas que, apesar disso, vai começar com “era uma vez”, pois é a melhor maneira de se começar uma história. No meio do conto, relembra o leitor de que se trata de uma história moderna, com personagens da classe média, em lugar de príncipes e princesas. Dois pombinhos chamados Tristão e Isolda marcaram casamento para as dezoito horas, na Catedral. Foram passar a lua-de-mel na Europa, de carona dentro da cartola de um mágico. Tristão acabou trabalhando de garçom numa cervejaria em Munique. Isolda o trocou pelo mágico, e depois, se livrou deste, para ser dançarina de canção no Lido, em Paris.

1993 – *A gralha e a tralha* – ilustrações de Joyce Brandão.

Texto melodioso, ritmado, repleto de assonâncias. A história, que termina com um insólito casamento entre uma gralha e um hipopótamo, foge do clichê de “foram felizes para sempre”. O autor atualiza a narrativa e leva o leitor à reflexão. “Há um risco: e se o casamento deles terminar? Afinal, essa é uma história atual e só nas histórias antigas era-se feliz para sempre, o que parece tempo demais... ou não?”.

1995 – *Mistérios de lá e de cá* – Ilustrações de Mirella Spinelli.

Na primeira página o autor lança um desafio ao leitor: que ele adivinhe quem é o narrador, antes de chegar ao final da história. O texto foi escrito em onze estrofes de quatro versos de sete sílabas (redondilha), rimando sempre o segundo com o quarto verso.

Certo dia o narrador percebe que toda a bicharada, elegantemente vestida, dirige-se a uma festa para a qual ele não havia sido convidado. Continua a caminhada pela rua e encontra sua namorada, que tampouco havia sido convidada. Os dois rejeitados ficam juntos e se consolam mutuamente. Para quem não conseguiu desvendar o enigma durante a leitura, o narrador se identifica, na última página: é o senhor Ratão, figura sempre rejeitada.

1999 – *A Casa Mal-assombrada* (Juvenil) – Ilustrações de Eliana Brandão.

O narrador relembrava nostagicamente suas férias escolares no interior do Estado, em Muqui. Entre a casa de seu avô e o centro da cidade, percurso que fazia com certa frequência, havia uma casa mal-assombrada, cujo proprietário se enforcara num dos caibros de uma janela da que dava para a rua. Segundo consta a lenda, como nunca fora enterrado, aparecia habitualmente aos passantes, como alma penada. O narrador pede a seu avô que lhe conte a história da dita casa. Este lhe narra uma insólita noite em que um forasteiro valentão, que não acreditava em assombração, resolveu passar a noite justamente no quarto onde o velho havia se enforcado. A história (também moderna) apresenta três desfechos possíveis ao leitor, de modo que o mistério continua.

2002 – *Frajola e sua paixão* – Ilustrações de Nilson Bispo de Jesus.

Frajola era um ganso de estimação, que vivia dentro de casa, sempre ao lado de Zezé, com quem assistia às novelas televisivas. Tal ganso era o único no terreiro e acabou se apaixonando pelo galo, que só tinha olhos para as galinhas. Frajola curtiu seu amor platônico até que um dia a família resolveu fazer um ensopado do galo, que já estava ficando velho. Com a morte do galo, Frajola morreu de tristeza, pela falta do amado, no mesmo dia.

Na primeira página o autor afirma que essa é uma história real e que “viver é conviver, também, com a morte. Para isso existem as histórias: para reviver os que se encantaram”.

Em depoimento durante o “De bate-papo com o escritor”, em julho de 2010, na Biblioteca Pública Estadual de Vitória, o autor declarou que, em atendimento a solicitações externas, viu-se obrigado a transformar o ganso em gansa, para evitar conotação homossexual.

2003 – *Seu Miséria e Dona Pobreza* (Juvenil) – ilustrações de Denise Rodrigues Pimenta.

História antiga, contada pelo avô do narrador. A cena se passa há dois mil anos, na época em que Cristo andava pela terra. Um casal perdera tudo, inclusive os filhos, durante uma grande seca. Eram tão pobres que os passantes os chamavam de Seu Miséria e Dona Pobreza. Seu Miséria ajudava a todos. Um dia, apesar dos protestos de sua mulher, desmanchou na forja, a única panela que havia em casa, para fazer uma farradura para um passante, que perdera uma das farraduras no caminho. O viajante incógnito era nada menos que Jesus Cristo. Em agradecimento, Cristo solicitou ao homem que fizesse três pedidos. Em vez de pedir riqueza, conforto ou o céu, fez três pedidos insólitos, o que causou conflito entre ele e sua esposa. Pediu uma cadeira da qual ninguém podia se levantar sem sua autorização, uma tamareira repleta de frutos da qual ninguém descia sem sua autorização e uma bolsa da qual nada saísse sem sua ordem. Sua esposa se indignou com a bizarria dos pedidos.

Para fazer as pazes com ela, vendeu sua alma ao diabo, em troca de 20 anos de luxo e riqueza. No final dos 20 anos, o diabo veio, sentou-se na cadeira e ficou preso. Só foi autorizado a sair dela, depois de ter prometido mais 20 anos de riqueza ao casal. Passados esses 20 anos, vieram dois de uma vez, para evitar esperteza por parte do velho. Viram a tamareira repleta de frutas suculentas e subiram para saboreá-las. Ficaram presos nas alturas e só puderam descer depois de ter garantido mais 20 anos ao casal. No final dos 60 anos de boa vida, veio um bando de diabos, para buscá-los. Como Seu Miséria estava muito velho disse-lhes que estava muito fraco e bastaria um diabo do tamanho de uma formiga para levá-lo. O espertalhão fez-lhes um desafio: Se são mesmos poderosos, juntem-se todos num só e transformem-se numa formiga. Dito e feito. Pegou a

formiga, colocou-a dentro da tal sacola da qual nada saia. Caiu de cacetadas em cima da sacola. Ao abri-la, os diabos se escafederam e desistiram de vez daquela criatura. Quando os dois velhinhos decidiram morrer, foram bater à porta do céu, mas São Pedro não os aceitou, por causa dos três pedidos que ele havia feito, em vez de aceitar a sugestão reiterada de pedir o paraíso, por parte deste. Foram para o purgatório, mas lá não puderam ficar, porque era lugar apenas de passagem. Dirigiram-se ao inferno. Na chegada, aos serem avistados pelos capetas, estes se trancaram e não os abrigaram. Assim sendo, os dois ainda andam rondando de porta em porta, com almas penadas, vagando por aí.

2003 – *Cachorrada no céu* – Ilustrações de Arabson.

Segundo a narrativa, todo ano, no aniversário de São Pedro (29 de junho), havia festa no céu para a bicharada, mas para evitar transtornos, os cachorros nunca eram convidados. Numa dessas festas, eles foram convidados, pela primeira vez, com uma condição. Com o intuito de evitar encrenças, o santo exigiu que todos eles deixassem o rabo do lado de fora. Na saída, tiveram dificuldades em encontrar os respectivos rabos. Para evitar tumulto, na esperança de serem convidados para a festa do ano seguinte, cada um pegou um rabo qualquer e se foi. É por isso que até hoje todo cachorro tem mania de cheirar o rabo do outro, na expectativa de encontrar o seu.

2004 – *Juanita e sua galinha* – ilustrações de Denise Pimenta.

Texto aparentemente escrito como “recuerdo” de uma viagem à Guatemala. Trata-se do registro de uma cena vivenciada pelo narrador-turista, e registrada em forma de conto infantil. Juanita era uma linda e pobre garota, que andava sempre abraçada à sua galinha de estimação, e que acabou se tornando atração turística na região. Os forasteiros pagavam 1 dólar para serem fotografados ao lado da garota que ostentava atraente indumentária. O dinheiro arrecadado ajudava na despesa da casa. O leitor mirim, durante a leitura, aprende alguns termos regionais, como “totoras”, “cakchiquel”, “recurerdo”, “quetzais”.

2004 – *Saudades de Clarice* (juvenil) – projeto gráfico de Thiago Rezende Setubal.

Trata-se de vinte e uma crônicas e uma fábula, focalizando animais variados: galinhas, cachorros, cavalos, dinossauros, golfinhos, jaguatirica, jacu, gatos-doméstico, leão, marreco, paca, tatu e pássaros em geral.

2004 – *O rabinho do porco* - Ilustrações de J. Carlos.

Deus havia criado todos os animais sem rabo. Logo começaram as reclamações. Os animais se reuniram e procuraram o criador para reclamar a falta que o rabo fazia. A reunião começou tumultuada, pois todos falavam ao mesmo tempo. Deus pôs ordem, exigindo uma longa fila. Cada um justificaria a falta do rabo e ele criaria uma cauda de acordo com as necessidades de cada espécie. O porco, estando faminto, tentou furar a fila por várias vezes. Zangado com seu atrevimento, Deus, que estava com a mão na massa fazendo outro rabo, pegou um pedacinho de massa, fez um rabinho pequenino e o colocou no porco, dizendo que doravante não faria mais rabo algum. Por isso, o ridículo rabinho do porco é tão desproporcional. É por isso também que o homem, que seria o seguinte, na ordem da fila, ficou sem rabo. Para se vingar, este matou o porco e cozinhou com feijão seu rabinho, seu focinho, suas orelhas, suas patas etc. Virou prato tradicional: a feijoada.

2005 – *Circe e Ricardo* – Ilustrado por Zappa.

Circe era uma feiticeira belíssima, que ficava cada vez mais bela, com o passar do tempo. Todos que a procuravam, para obter o segredo da imortalidade e da eterna beleza eram recebidos por um temível dragão. A feiticeira não gostava de pessoas medrosas. Ela se transformava em animais e devorava todos os que se atreviam a visitá-la, pois todos sentiam medo de sua aparência. Um dia, Ricardo, filho do rei Arthur, estava caçando raposa e, sem perceber, invadiu os domínios da feiticeira. Ela se transformou numa terrível serpente e foi ao seu encontro. O príncipe, a princípio, ficou imóvel, sem ação. Depois. Começou a conversar com ela. Disse-lhe que respeitava seus poderes, mas que gostaria de um diálogo com

ela na forma humana, para se conhecerem melhor. Como ela percebeu que ele não tinha medo, transformou se em mulher, mas na mulher mais feia do mundo. Durante o bate-papo, Circe percebeu que se tratava de um gentleman e não de um imbecil, como tantos outros que a procuravam. Tentou seduzi-lo conversando sobre filosofia, astrologia, álgebra, alquimia... Ricardo ficou embevecido com sua sabedoria. Ao perceber que já era tarde, quis partir, mas ela o convidou para jantar. À meia noite, Circe transformou-se na mulher mais bela do mundo. Ricardo apaixonou-se perdidamente e a pediu em casamento. Ela aceitou com uma condição. Apareceria bela somente para ele, à noite. Durante o dia seria horrível e deveria ser assim apresentada aos amigos e aos familiares. Ele aceitou o desafio, arriscando o deboche de todos. Com isso, inocentemente, ele quebrou o encanto. Ela havia sido enfeitiçada por uma bruxa invejosa, quando nascera linda e loura. O encanto só seria quebrado quando um homem a amasse e a reconhecesse bela, "para além das aparências".

2007 – *Totonho e seu rival*.

Outra história real. Totonho era um galo de estimação. Certa noite um gato-domo entrou no galinheiro e estraçalhou grande parte da criação, mas Totonho e sua irmã Carijó sobreviveram. Já na velhice de Totonho, filhotes destinados a futuros galos foram comprados para substituí-lo. Estes cresceram muito depressa e começaram a disputar as mesmas galinhas com o rei do terreiro. Certo dia, Dourado, um novo galo deu uma coça em Totonho, e arrancou lhe um pedaço da crista, para lhe mostrar sua soberania no terreiro. Após esse malfadado evento, a família arranjou um galinheiro à parte para Totonho e o tratou com muito amor e carinho, para que se recuperasse mais rapidamente. Certo dia, Dourado conseguiu entrar por um buraco do galinheiro, deu outra coça no Totonho e lhe furou o olho esquerdo. No final do conto, o autor compara os animais aos seres humanos, mostrando que, assim como no reino animal, há humanos rancorosos, invejosos, sempre prestes a prejudicar ou destruir o próximo, em benefício próprio.

2009 – *Nos passos de Anchieta* (Juvenil) – ilustrações de Eduardo Azevedo.

Juliana, de 12 anos, aceita o convite de sua tia Cristina, para participarem juntas da caminhada “Passos de Anchieta”, um percurso de 100 km, em quatro etapas, de Vitória até Anchieta. O narrador entremeia as etapas da caminhada com histórias que a tia conta à sobrinha, sobre fatos interessantes da história do ES. Trata-se de um livro instrutivo, de leitura muito agradável. Além de traçar fielmente o que se passa durante o percurso, o livro apresenta, de modo prazeroso, diversos fatos ocorridos na época de Padre Anchieta.

2.2 Historiografia e crítica literária

1990 – *Estudos Críticos de Literatura Capixaba* é uma coletânea de textos destinados a alunos, pesquisadores e professores de Letras. Nesses estudos abordam-se obras de autores da terra, como Luiz Guilherme Santos Neves, Marcos Tavares, Deny Gomes, Fernando Tatagiba, Bernadete Lyra, Sebastião Lyrio, Adilson Vilaça, José Carlos de Oliveira, Debson Afonso, Francisco Grijó, Sérgio Blank, Miguel Marvilla, Ester Abreu, entre outros.

1993 – *A Literatura Infanto-juvenil de Clarice Lispector*: o autor aborda o conceito do gênero Literatura Infanto-juvenil, na tentativa de delinear seu estatuto por meio de análises comparativas entre alguns contos para adultos e 4 livros para o público infantil, todos eles de Clarice Lispector. Francisco Aurelio levanta questionamentos tais como: que critérios ou características marcariam a especificidade da lit. Infantil? O texto para crianças seria apenas um pretexto para transmissão de ideologias ou teria um ideal estético? O pesquisador parte das características básicas da ficção clariceana destinada a adultos e analisa suas —obras escritas para a infância, comparando-lhes a estrutura formal, os temas, a linguagem||. No final da obra há um espaço reservado à opinião das crianças leitoras de Clarice, alunas da rede pública e privada, com 3 e 4 anos de escolaridade.

1993 – *A modernidade das Letras Capixabas* é o resultado de sua tese de doutorado na UFMG, em Literatura Comparada. O autor faz uma longa

introdução, de cerca de 50 páginas, sobre Modernidade e Pós-modernidade. Em seguida, baseando-se na pluralidade e na diferença da produção pós-moderna, ele aborda semelhanças e dessemelhanças em algumas obras publicadas na década de 80, por nove autores capixabas, nos diversos gêneros. São elas: *A nau decapitada*, de Luiz Guilherme Santos Neves; *Blissful Agony*, de Amylton de Almeida; *No escuro armados*, de Marcos Tavares; *O País d'el Rey e A casa imaginária*, de Roberto Almada; *As contas do canto e O jardim das delícias*, de Bernadete Lyra; *Eis o Homem*, de Valdo Motta; *Pus*, de Sérgio Blank; *Tigres de papel e Nada de Novo sob o neon*, de Sebastião Lyrio; *Diga adeus a Lorna Love*, de Francisco Grijó.

2005 – *Haydée Nicolussi (1905-1970): Poeta, Revolucionária e Romântica*. Vitória: EL/PMV, 2005. 148 páginas. A publicação desse livro foi fruto de uma pesquisa de dez anos, realizada pelo autor.

1996 – *A Literatura do ES, uma marginalidade periférica*. O autor considera a Lit. produzida no ES como “marginal” ou “periférica” pelo fato de estar à margem dos grandes centros culturais da região sudeste, desde a época da descoberta do ouro em Minas Gerais, quando houve grande evasão de quase todo o contingente populacional do sexo masculino. Ficaram aqui, segundo ele, mulheres, crianças, idosos, índios, funcionários públicos e escravos. O autor faz, no primeiro capítulo, um apanhado da produção literária no ES até o século XX e afirma que nossa Lit. continua à margem da produzida nos grandes centros do país. Cita vários exemplos de escritores capixabas que, para atingirem certa notoriedade no cenário nacional, tiveram que atravessar as fronteiras do Estado e se estabelecer em grandes centros, como Rubem Braga, Geir Campos, Carlinhos ou Marly de Oliveira, entre outros. Nos capítulos subsequentes, ele aborda a produção literárias das minorias: mulheres, homossexuais, negros, índios e pobres. O último capítulo é reservado para a literatura feita para crianças e jovens, no ES.

1999 – *A árvore das palavras. Adilson Vilaça: vida e obra*. Vitória: SMC/PMV, 1999. Col. Roberto Almada, 90p. Antologia de textos de Adilson Vilaça, com

seleção feita por Francisco Aurelio Ribeiro, que redigiu também a notícia biográfica e um comentário crítico. O título escolhido é também título da terceira parte de *Albergue dos querubins*.

2003 – *Literatura Feminina Capixaba*. O autor focaliza autoras tais como Maria Antonieta Tatagiba, Maria Eugênia Celso, Rosalina Coelho Lisboa, Haydée Nicolussi, Lydia Besouchet. Focaliza também alguns nomes de destaque na época da criação da Academia Feminina ES de Letras, em 1949, como Judith Leão Castelo Ribeiro, Maria Stella de Novaes, Anette de Castro Matos, Virgínia Gasparini Tamanini, Arlette Cypreste, Maria José Albuquerque de Oliveira, entre outras.

2007 – *Afonso Cláudio*. Essa obra faz parte da coleção “Grandes nomes do ES”, da qual é a vigésima publicação. Abolicionista e republicano, Afonso Cláudio (1859-1934) era conferencista, escritor, publicista, jornalista, advogado, professor de direito, jurista e magistrado. Foi o 1º Presidente do Estado, assim como o 1º presidente do Tribunal de Justiça, na fase republicana, em 1889.

2007 – *Ainda resta uma esperança. Haydée Nicolussi: Vida e Obra*. Col. Roberto Almada. Vol. 14. Vitória: AEL/SEMC. Seleção, notícia biográfica e estudo crítico de Francisco Aurelio Ribeiro.

2009 – *As gentes que formaram a minha terra*. O autor aborda o caldeirão étnico-cultural chamado Espírito Santo. Focaliza as primeiras imigrações e os principais grupos étnicos que se instalaram no Estado. Aos nativos, somam-se primeiramente os portugueses, com sua língua, religião, hábitos e costumes. Com os negros trazidos da África, vieram também hábitos alimentares, danças, folguedos, crenças religiosas, folclore, enfim, tradições que foram aos poucos incorporadas pelos habitantes da terra. Na segunda metade do século XIX, vieram: alemães, pomeranos, holandeses, belgas, luxemburgueses, suíços, austríacos, italianos, sírios, libaneses, poloneses, chineses, japoneses e coreanos. Por conseguinte, segundo ele, não há um tipo regional característico, nem um —falar|| particular do ES, como o mineiro, o nordestino, o gaúcho, o caboclo

amazônico, entre outros. O capixaba é resultante de uma mistura tão grande, que, segundo o autor, pode representar todo o Brasil, devido à sua diversidade étnica e cultural.

2010 – *A Literatura do ES: Ensaios, História e Crítica* – Abordagem sucinta da literatura produzida no Estado do ES nos últimos cem anos. Esse livro reúne tanto textos já publicados em livros ou revistas, quanto textos inéditos, todos eles abordando a historiografia e crítica sobre a literatura produzida no ES. No último parágrafo, o autor faz a seguinte citação de Paul Souday: “Um crítico imparcial e consciencioso faz necessariamente três sortes de inimigos entre os autores: 1º) os que foram esquecidos; 2º) os que tiveram restrições; 3º) todos ou a maioria dos distinguidos, porque a distinção lhes parece diminuta ou foi também estendida a outros”. Assim é a vida, declara Francisco Aurelio: “Antes errar por fazer, pois receber pedras é próprio das árvores que dão frutos, que por não fazer, por acomodação ou tédio. Esse tem sido meu lema de vida nesses últimos 30 anos de vida, em que tenho procurado estudar a literatura produzida por capixabas, ou feita no ES...” (p. 139).

2.3 Crônicas

1995 – *Das cidades suas memórias*. Livro de crônicas de viagens. No primeiro texto, intitulado “Cidadão do mundo”, o autor declara que aos 40 anos já havia percorrido mais de 40 países, alguns dos quais ele já havia estado várias vezes, e que resolveu registrar em livro algumas passagens interessantes dessas viagens mundo afora.

1998 – *Fantasmas da infância*. Trata-se de 21 crônicas que abordam a infância do autor, pessoas que conheceu ou com quem conviveu, e que陪同ham seu imaginário, desde a infância. Personagens tais como a velha Dona Maria, Mariana Cotoca e vovó Florcinda tocam profundamente e trazem lágrimas aos olhos dos leitores, sobretudo daqueles que cresceram em contato direto com a natureza, caçando preás e nadando em rios de águas cristalinas.

2002 – *Estrela Prometida*. Algumas dessas crônicas já foram publicadas em jornais, revistas ou antologias; outras são inéditas. As 70 crônicas aqui inseridas foram divididas em seis blocos: Atualidades, Cultura Capixaba, Educação, Literatura, Memória e Viagens.

2006 – *A Vingança de Maria Ortiz*. Trata-se de 56 crônicas, de temática variada.

2009 – *O olhar para o mundo*. São 56 Crônicas de viagem. O autor registra suas andanças mundo afora. Trata-se de uma ótima leitura para quem gosta de viajar. Uma das epígrafes, de Marcel Proust, diz o seguinte: “A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares”.

2.4 Livros publicados como organizador

1997 – *Leitura e Literatura Infanto-Juvenil* - Trata-se de ensaios dos alunos de um curso ministrado pelo professor, na Ufes. Tal curso deu origem a um seminário sobre o mesmo tema. Os ensaios abordam questões de leitura e análise de textos infantis e juvenis.

1998 – *Antologia de Escritoras Capixabas*. Biografia e textos de diversas escritoras.

2000 – *Literatura e Marginalidades*. Essa obra, por ele organizada, origina-se da compilação de trabalhos apresentados e discutidos durante o evento de mesmo nome, abordando sobretudo a noção de “margem”, a questão de gênero e de minoridade.

2002 – *Academia Espírito-santense de Letras*. Patronos & Acadêmicos. Biografias dos patronos e dos ocupantes das quarenta cadeiras da Academia.

2007 – *Vitória, cidade portuária, na visão de seus cronistas, poetas e historiadores*.

2008 – *Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo*. (Co-autor)

2010 – *Ensaios de Leitura e Literatura Infanto-juvenil.*

2010 – *Academia Espírito-santense de Letras. Patronos & Acadêmicos.* Versão atualizada.

2.5 Livro de poemas

1997 – *Vida Vivida.*

2.6 Livros didáticos

1984 – *Proposta curricular de Didática de Comunicação e Expressão para os cursos de habilitação ao magistério* (co-autor).

2004 – *Literatura: análises, resumos, obras, autores VEST/Ufes.*

2.7 Livros escritos sob encomenda Trata-se de publicações luxuosas, feitas com esmero, de capa dura e em grandes dimensões, contendo belas ilustrações sobre papel de ótima qualidade.

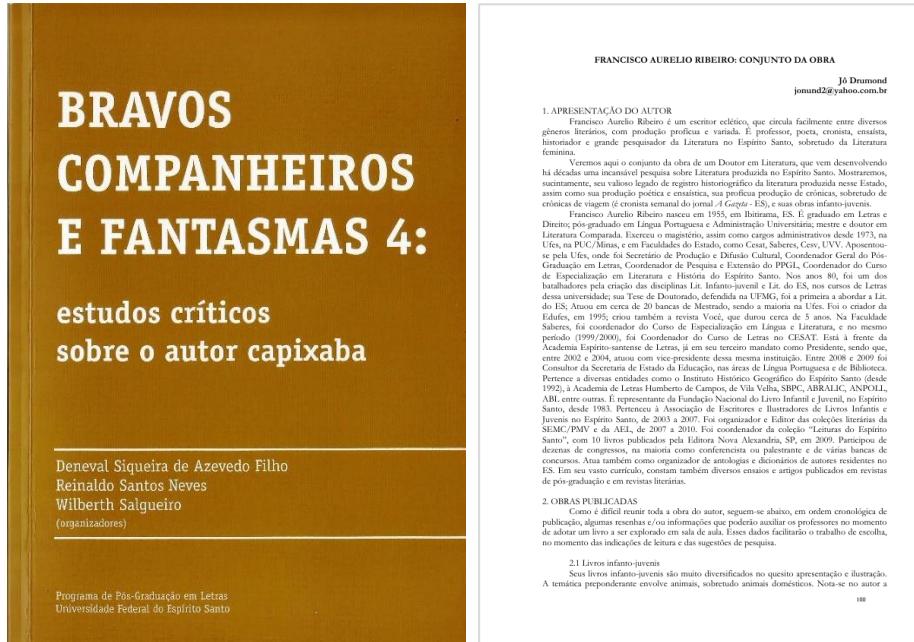
2005 – *Companhia Siderúrgica de Tubarão: a história de uma empresa.*

2006 – *O Convento da Penha: Fé e Religiosidade do povo capixaba.*

2010 – *FINDES: 50 anos.*

Finalizando, além de ser autor, co-autor ou organizador de cerca de 50 livros, Francisco Aurelio Ribeiro é responsável pela publicação de mais de duzentas obras de autores variados. Isso porque, muitas pesquisas realizadas e publicadas no ES partiram de sugestão, de solicitação ou até mesmo de orientação de sua parte.

Seu trabalho em prol da Literatura produzida em nosso Estado é um marco, um divisor de águas na historiografia literária capixaba. Deve-se a ele a descoberta e o resgate de importantes escritos de nossos compatriotas, que teriam sido relegados ao anonimato ou ao esquecimento, não fosse seu arguto senso de pesquisador e a capacidade crítica de um bom literato.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 4*
e página inicial do capítulo “Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra”, de Jô Drumond.

DAS MIL CENAS DO COTIDIANO CAPIXABA¹

OF THE THOUSAND SCENES OF EVERYDAY LIFE IN ESPÍRITO SANTO

Jeanne Bilich*
(*In memoriam*)

Disse lá Mestre Fernando Pessoa, no verso inaugural de “Autopsicografia”, que “O poeta é um fingidor”. Pois, aqui, neste hipnótico e cativante “Adeus, amigo e outras crônicas”, coletânea de crônicas do Mestre Francisco Aurelio Ribeiro, dá-se paradoxalmente o inverso: o aclamado cronista expõe – desrido do fingir cantado por Pessoa – os recônditos sensíveis da sua alma de cristal, convidando-nos a com ele passear, de mãos entrelaçadas, pelas mil cenas do cotidiano capixaba. Em linguagem coloquial e franca, desvela os valores, preferências, crenças e descrenças que cultua, (com)partilhando com o leitor impressões e memórias – alegres, reflexivas, divertidas ou tristes – colhidas no correr das estações da vida. Mas, sobretudo, pincela com talento & arte, o retrato veraz, autêntico e profundo da

¹ BILICH, Jeanne. Das mil cenas do cotidiano capixaba. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Adeus, amigo e outras crônicas*. Serra: Formar, 2012. p. 5-6.

* Mestre em História Social e Política pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

realidade – passada e presente – do Espírito Santo. Os perfumes e fragrâncias tão típicos e peculiares da terra capixaba!...

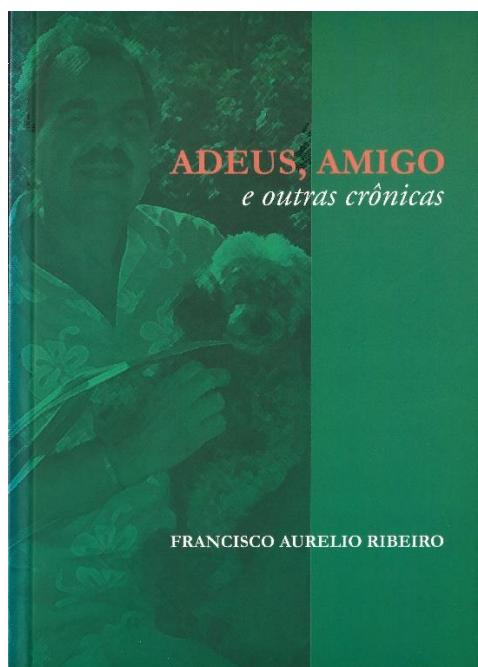
Aqui lembrada, louvada e exaltada – e, sim, por vezes, criticada – sob múltiplos aspectos: figuras históricas hoje esmaecidas saltam vívidas na prosa do autor, valsando, com leveza e graça, no *corpus* das crônicas. Que, também, apontam os bem e mal feitos dos políticos atuais e de outrora, em paralelo ao resgate dos heróis e heroínas capixabas. Historiografia do Espírito Santo na escrita leve, agradável e saborosa da crônica. É ler para crer, caro leitor!...

Afirmou, no entanto, Mestre Francisco Aurelio em um de seus textos: "Gosto de escrever sobre o presente. O tempo presente é a minha matéria, mas às vezes, escorrego para o passado, o que agrada a muita gente, pelas respostas que recebo. Do futuro, não gosto de falar, prefiro não pensar no que virá." Assim, situado no tempo presente, leva-nos a prantear com ele a morte do seu pequenino cão, figura central da comovente crônica "Adeus, amigo" que, aliás, inaugura este livro. Depois?... Viajamos confortáveis e seguros nas narrativas, simulacros de ombros, deste incansável cronista Torna-Viagem, colhendo suas argutas impressões e sensíveis olhares sobre países distantes, assistimos a peças teatrais, concertos e filmes, participamos de eventos culturais, conhecemos novos títulos de livros, partilhamos das peripécias por ele vividas na condição de professor-itinerante a espargir saberes por este Brasil Continental. E, *last but not least*, soltamos, de inopino, sonoras gargalhadas quando das crônicas permeadas por finíssima ironia, verve e mordacidade. Sim, também elas aqui não escasseiam!... Saber fazer rir é parte da difícil arte do humor, prova da requintada inteligência do Mestre Cronista Francisco Aurelio.

Mas, "Adeus, amigo e outras crônicas" oferece mais: as crônicas-correspondências endereçadas a diferentes destinatários – vivos e mortos – grafadas por motivos diversos. Cartas de protesto dirigidas aos "donos do poder", políticos venais e primeiras-damas; missivas de saudade aos amigos que já se foram; cartas para Machado de Assis, Coelho Neto, Monteiro Lobato, cronistas

nacionais e conterrâneos do autor, além de outros imortais da Literatura Brasileira. E, recentemente, uma carta especial, recheada de carinhos e derrames de ternura, endereçada à Clarissa, neta recém-chegada que deslumbrou o meio século de vida do brilhante avô literato, cronista e poeta, ex-presidente da Academia Espírito-santense de Letras, por três gestões, com mais de 40 livros publicados e uma centena de viagens internacionais realizadas.

Tudo isso, caro leitor, você encontrará em “Adeus, amigo e outras crônicas”. E ouso acrescentar: e o céu também. Providencial tempero! Terra & Céu. Como grafou o próprio Francisco Aurelio: “A leitura é um momento de encontro entre o texto, o leitor e o imaginário. Uma das poucas coisas que podemos fazer, com prazer, sozinhos. E é tão bom quanto chupar manga, comer jabuticaba ou goiaba no pé. Experimente!” Pois eu cá, prefiro convidá-lo à degustação deste saboroso livro, caro leitor. Trata-se do supremo deleite de participar do banquete dos deuses. Néctar & Ambrosia. Prove das delícias das mil cenas do cotidiano capixaba, sim?...



Capa de *Adeus, amigo e outras crônicas*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e a página inicial do prefácio “Das mil cenas do cotidiano capixaba”, de Jeanne Bilich.

Das mil cenas do cotidiano capixaba

Disse lá Mestre Fernando Pessoa, no verso inaugural de “Autobiografia”, que “O poeta é um fingidor”. Pois, aqui, neste hipnótico e cativante “Adeus, amigo e outras crônicas”, coleção de crônicas do Mestre Francisco Aurelio Ribeiro, dá-se paradoxalmente o inverso: o aclamado cronista, espôe - despojo do fingir cantado por l’essor - os recônditos secrétos da sua alma de cristal, convidando-nos a com ele passear, de mãos entrelaçadas, pelas mil cenas do cotidiano capixaba. Em Enquaternado coloquial e franca, desvela os valores, preferências, crenças e descrenças que cultua, (com) partilhando com o leitor impressões e memórias - alegres, reflexivas, divertidas ou tristes, no correr das estações da vida. Mas, sobretudo, pincela com talento & arte, o retrato veraz, autêntico e profundo da realidade - passada e presente - do Espírito Santo. Os perfumes e fragrâncias tão típicos e populares da terra capixaba...

Aqui lembrada, louvada e exaltada - e, sim, por vezes, criticada - sob múltiplos aspectos figurais históricas hoje esquecidas saltam vividas na prosa do autor, valendo, com leveza e graça, no *corpus* das crônicas. Que, também, apontam os bem e mal feitos dos políticos amais e de outros, em paralelo ao resgate dos heróis e heróinhas capixabas. Historiografia do Espírito Santo na escrita leve, agradável e saborosa da crônica. E lei para crer, caro leitor!“

Afimón, no entanto, Mestre Francisco Aurelio em um dos seus textos: “Gosto de escrever sobre o presente. O tempo presente é a minha matéria, mas às vezes, escorrego para o passado, o que agrada a muita gente, pelas reportar que tecço. Do futuro, não gosto de falar, prefiro não pensar no que virá.” Assim, situado no tempo presente, leva-nos a plantear com ele a morte do seu pequeno elão, figura central da convivente crônica “Adeus, amigo” que, aliás, inaugura este livro. Depois?... Viajamos

UM DEDO DE PROSA: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

A LITTLE PROSE: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Gabriela Zorza*¹

Nome conhecido na literatura capixaba, Francisco Aurelio Ribeiro é autor de vários livros, entre eles está *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. O livro é um registro de lugares que o autor conheceu, escrito com a sensibilidade de 30 anos de experiência com literatura. Francisco já publicou mais de 50 obras entre poesias, crônicas e livros infantojuvenis.



Prints da exibição do programa *Um dedo de prosa*, com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro.

¹ TV ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do Espírito Santo. *Um dedo de prosa*: Francisco Aurelio Ribeiro. Entrevista a Gabriela Zorza. Vitória, 13 out. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NJJx7YnW8vA&t=774s>>. Acesso em: 4 abr. 2025.

* Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Gabriela Zorbal (GZ): Olá, começa agora mais um programa *Um dedo de prosa*. É o nosso espaço aqui na TV Ales, para falar sobre literatura. E hoje a gente conversa com o escritor Francisco Aurelio Ribeiro. Francisco, seja bem-vindo ao nosso programa!²

Francisco Aurelio Ribeiro (FAR): Obrigado. É um prazer estar aqui com vocês.

GZ: Nós estamos com um dos seus livros aqui. Você tem vários livros publicados, mais de 50 livros publicados. A gente está com um livro seu aqui, que são crônicas de viagem; o nome é *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. Gostei dessa ideia de crônica de viagem; deve ser uma delícia escrever!

FAR: É. Na verdade, quem gosta de viajar também gosta de ler sobre viagem; eu leio muito sobre viagem, gosto muito, mas quando a pessoa sabe contar, porque tem pessoas que contam determinadas coisas que não interessam para o público de um modo geral. E o meu objetivo é exatamente falar, mas de uma maneira para as pessoas que gostam de saber como é o mundo que eles não conhecem ou a experiência de alguém que está indo ao mundo mesmo que ele conheça, mas como foi a experiência que ele teve.

GZ: Agora esse livro são 122 países, né? O senhor visitou todos esses países?

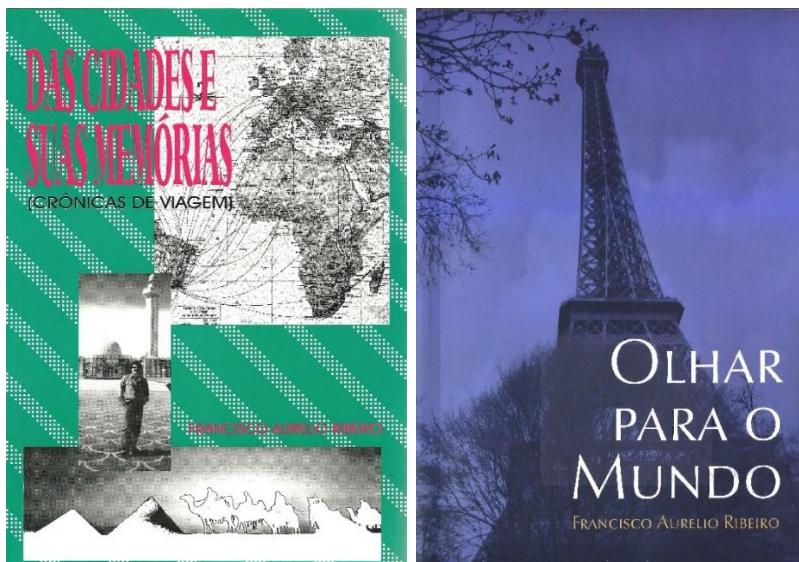
FAR: Olha, eu comecei a viajar pelo mundo com 20 anos. Em 1975, comecei a sair. O primeiro lugar que eu acabei chegando foi até em Assunção, no Paraguai. Naquela época ainda era um jovem professor, pouco dinheiro, tipo mochilão. Só

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

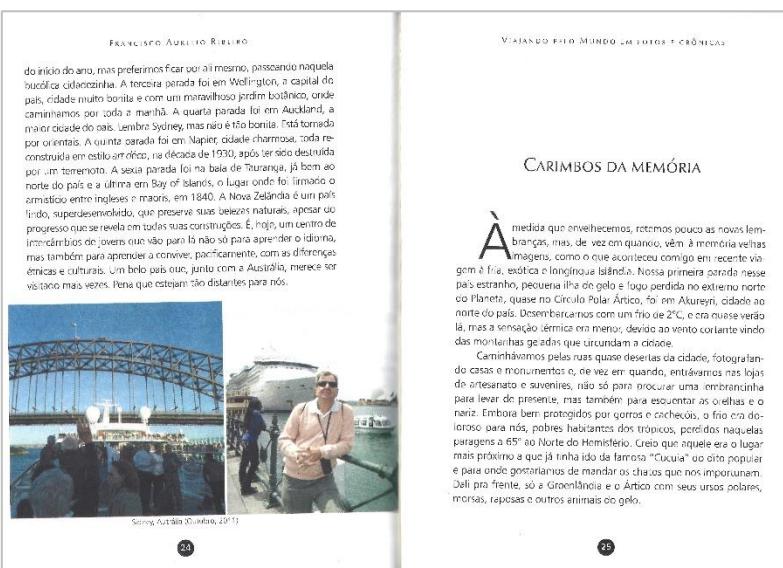
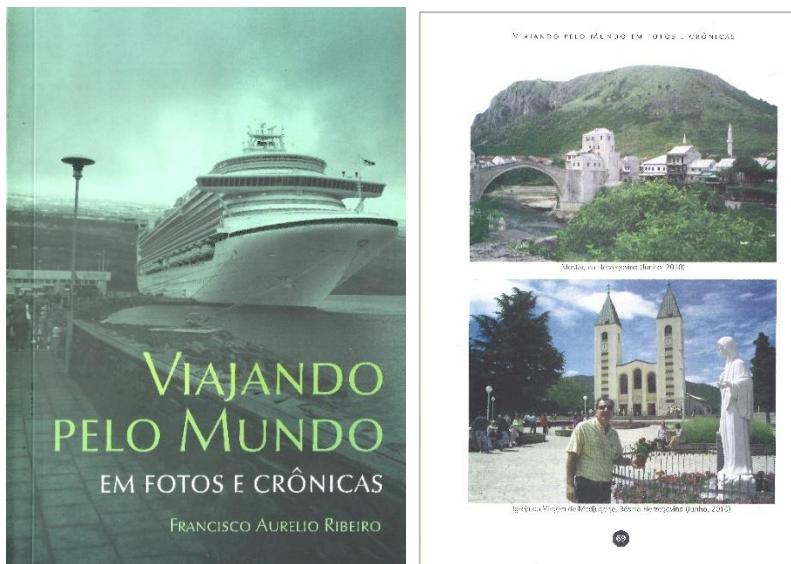
que eu gostei dessa experiência de viajar pelo mundo, assim, sem programar muita coisa e para conhecer mesmo, saber o que existe. Hoje, é claro, que com a internet fica tudo mais fácil. Primeiro, você entra e vê como é que o clima e tudo; mas é uma experiência que ainda não acabou. Eu continuo tendo o espírito jovem ainda.

GZ: O senhor tem outros livros? Esse não é o primeiro livro de crônicas de viagem.

FAR: Não, o primeiro livro de crônicas de viagens chamava-se *Da cidade e sua memória*, foi em 1995; depois eu escrevi um outro chamado *Olhar para o mundo*, e agora esse é o terceiro, é o mais recente. E depois desse terceiro eu não sei se virão outros ou se eu ficarei apenas com o site. Porque eu também tenho um site de crônicas de viagens.



Capas dos primeiros livros de crônica de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capa e páginas de *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

GZ: Porque eu essas viagens, esses lugares, essas experiências que o senhor tem te inspiram tanto para escrever?

FAR: Eu não sei bem por que, não. Eu tenho impressão que deve ser uma coisa genética. Eu até já andei fazendo uma pesquisa. Pelo lado da mãe, eu tenho a família Ricci que teve um grande viajante, na época da Idade Média, chamado Matteo Ricci, que foi um padre que foi até a China, na época da Idade Média; e pelo lado do pai, toda a ascendência portuguesa. Os portugueses foram os maiores navegantes do mundo, os maiores descobridores do mundo. Inclusive,

segunda-feira vou fazer uma palestra na Biblioteca Pública sobre isso, sobre essa herança dos portugueses pelo mundo, a partir da minha experiência de viagem. Então, acho que tem muito a ver com essa influência genética e cultural da minha origem.

GZ: E viajar é uma delícia, né?

FAR: É e não é!

GZ: Como assim?

FAR: É e não é. Porque a gente não pode ir com esse olhar romântico de viajar é só uma delícia; viajar também pode ser um grande transtorno.

GZ: Você já passou perrengue?

FAR: Muitos; todo tipo de perrengue que você puder pensar eu já passei. Agora, você tem que ter é o espírito de encontrar o diferente, o desconhecido, e de estar preparado para resolver o que seja; seja perda do avião, seja um maremoto – como eu já peguei; eu já peguei um tsunami; eu nunca tinha ouvido falar o que era um tsunami e eu já peguei num naviozinho lá na Grécia. E, então, na verdade, é saber fazer mesmo do limão uma limonada. Isso é básico para quem viaja.

GZ: Você falou de a gente não romantizar a viagem. Agora, esse tipo de situação, esse perrengue também inspira para escrever, também é tema de crônica.

FAR: Eu acho que são as melhores histórias; são exatamente essas quando as coisas acontecem não do jeito que você previu, mas que muda tudo. Então eu penso que são as melhores histórias. Agora em janeiro, por exemplo, a gente foi fazer um cruzeiro que saiu do Rio de Janeiro para ir até Santiago, atravessando lá pelo antigo Estreito de Magalhães, que é uma região muito perigosa, sempre

foi uma região muito perigosa, e que só pode ser feita no verão. Como nós fizemos isso há dez anos, eu e minha esposa resolvemos fazer agora em janeiro, no início desse ano, porque a primeira viagem foi maravilhosa. A segunda deu tudo errado: pegamos uma tempestade no navio, nós ficamos mais de uma semana presos dentro do navio sem poder sair. Mas por outro lado, tudo isso depois acabou revertendo em benefícios, porque o valor do cruzeiro foi devolvido, e aí eu peguei esse valor e fiz um outro.

GZ: Quer dizer, ainda rendeu uma outra viagem.

FAR: Rendeu outra viagem.

GZ: E rendeu muita crônica?

FAR: Nossa! Olha, é só entrar no site que você vai ver que tem no mínimo umas dez crônicas dessa viagem desastrada.

GZ: Qual é o site, Francisco?

FAR: www.tornaviagem.com.br



Página inicial do site *O torna-viagem*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

GZ: Agora com que frequência você viaja?

FAR: Olha, sempre que tem dinheiro. Então o que é que eu faço – e não precisa ter muito, não. Eu sempre financio minhas viagens. Então, na hora que tem algum dinheirinho sobrando eu já começo a pagar a passagem, e terminou de pagar aquela já compro outra, porque o mais caro é a passagem aérea. Pagou a passagem aérea, qualquer grana no bolso, tô indo. Agora, tipo mochilão, sem mesmo preocupar, porque o dinheiro para o hotel caro e para a comida cara, isso aí eu não tenho, sou professor e não tenho dinheiro pra isso. Agora para viajar, eu adoro ir para a África, gosto muito da África. Atualmente estou fazendo mais África e Ásia, países... é... claro que eu comecei pela América Latina. Eu já fui já visitei todos os países da América Latina; da América Central só falta El Salvador; do Caribe só falta uma ilhazinha chamada de San Vicente. Da África agora eu tô indo a vários países e da Ásia. E são países baratos.

GZ: Agora, você comentou nos bastidores que você escreve todo dia; é um exercício diário. Durante a viagem também dá tempo de escrever ou é a hora de dar uma pausa?

FAR: Dá. Dá, mas eu não me preocupo com isso, não. Às vezes, quando, por exemplo, você está fazendo um cruzeiro e você tem um, dois dias de mar, aí dá para escrever; aí eu sempre levo o laptop, uma coisa assim pra poder escrever. Agora, de um modo geral, não gosto nem de levar o laptop, não gosto porque dá um trabalho passar tudo quanto é fronteira com aquilo: tem que tirar da mochila, aquele negócio todo. Então, não gosto. Outra coisa: não sou aficionado por foto; não gosto de tirar milhares de fotos...

GZ: Mas o livro tem bastante foto...

FAR: Tem, mas são poucas. As minhas fotos são ruins e poucas; eu não sou fotógrafo. Todo mundo se acha fotógrafo hoje com as máquinas digitais, mas na

verdade é porque as máquinas têm muito recurso, mas não curto muito, não. Eu gosto de escrever para que as pessoas imaginem. Eu gosto muito desse imaginário anterior ao da foto.

GZ: E quando você tem a foto ali, você já visualiza o local; sem a foto o leitor, ele vai imaginando, compondo aquele cenário...

FAR: E outra coisa: você geralmente não tira foto de perrengue; só tira foto da hora boa, do pôr do sol, da coisa bonita. E as melhores histórias são histórias do perrengue.

GZ: Agora, eu queria que você destacasse algum lugar desse livro, que está neste livro – são 122 países. Tem algum com uma história especial?

FAR: Só que nesse livro aí não tem cento e vinte e dois; tem alguns que eu fiz, e são países, assim... hoje pouca gente vai para Madagascar, país a que pouca gente vai e que não tem nada a ver com o filme; é um país muito pobre, mas que tem uma cultura incrível.

GZ: Foi o lugar que chamou a atenção, que te marcou...

FAR: Não o que me marcou mais desses países da África foi a Etiópia, porque a Etiópia é o berço da humanidade; lá foi descoberto o primeiro esqueleto, os primeiros hominídeos nasceram lá. E a Etiópia, para a minha geração que viveu a guerra da Etiópia, que foi nos anos 80, toda aquela questão da fome e tudo, era pra nós, a ideia da Etiópia, aquele que de um país muito pobre, aquelas crianças famélicas e tal, ainda existe, mas não como era na década de 80. Agora, a cultura daquele país é incrível, é incrível. Então eu tive a oportunidade de passar duas semanas lá; conheci as quatro capitais do país, é um país muito antigo, é um país que é citado na Bíblia como um dos jardins do Éden, que era a terra de Cuxe, Cuxe era um dos netos de Noé. Então, esse foi um país que me

impressionou muito. Outro também foi a Armênia. Armênia é um país muito pequeno, espremido entre a Rússia e a Turquia, um país que tem um problema muito sério tanto com a Rússia quanto com a Turquia, porque foram grandes países que tentaram dominar, como fizeram com muitos outros, e com os armênios eles não conseguiram. Então, a Armênia é um país milenar, eles também se dizem descendentes de Noé, eles se dizem descendentes de Jafé; o monte Ararat pertencia à Armênia, hoje pertence à Turquia, depois que a Turquia tomou em épocas passadas. Então é um país que eu fui no ano passado e que me impressionou muito. Então, sempre tem esses países que chamam a atenção. E você observa o seguinte: o que me impressiona são as culturas milenares, não são as grandes igrejas, não são as grandes obras, pontes, nada disso me impressiona muito. É claro que impressiona, sim, quando você vai no Japão, você vai lá e vê a China que está num momento incrível, mas o que me atrai ainda, como professor de literatura e estudioso da história, são as culturas milenares que conseguiram sobreviver, apesar de toda a pressão que ela sofreu e sofre durante milênios.



Etiópia, um dos países admirados por Francisco Aurelio Ribeiro
(Foto sem crédito).



Armênia, outro país admirado por Francisco Aurelio Ribeiro
(Foto de Gevorg Avetisyan).

GZ: Agora pelo que você fala é você cita destinos que não são tão típicos assim pra turista, grandes rotas turísticas. É uma vontade sua mesmo ir para esses lugares às vezes não tão destaque assim na questão turística?

FAR: Eu faço dois tipos de viagem, Gabi: uma viagem eu faço com a minha esposa, que é a viagem aonde todo mundo vai, onde tudo é certinho, tudo é bonito, tudo organizado; esse tipo ela gosta, todo mundo gosta, então é ótimo...

GZ: Aqueles roteiros...

FAR: Mês que vem eu vou para a Itália...

GZ: São os roteiros mais clássicos...

FAR: Mais clássico. Mas mesmo indo para a Itália, de lá pegando o navio pelo Mediterrâneo, eu vou parar em lugares que não são tão comuns. Kotor, por exemplo, em Montenegro; tem um porto também da Eslovênia em que navio dificilmente para lá. Então, até quando eu escolho roteiro de navio, eu escolho roteiros assim... em navios pequenos, porque são os que conseguem parar nesse ponto e lugares assim onde não tem muito fluxo de turismo, porque o turismo em massa é uma praga, uma praga no mundo todo. Você chegar em Roma e ter milhares de pessoas e você não conseguir tirar nem uma foto do Coliseu; isso já

aconteceu comigo; você chegar em Paris e não conseguir subir à torre Eiffel porque milhares de pessoas estão na fila para subir, e você teria de ficar o dia inteirinho lá para conseguir subir na torre, isso é um inferno, para mim é um inferno. Então, você dizer que Roma ou Paris ou Londres são maravilhosas, que nada! Às vezes são horríveis! Depende da experiência por que você passa. Então, tem esse roteiro cultural que eu já faço sozinho e, às vezes, é quando eu arranjo um companheiro tão doido quanto eu. Por exemplo, em janeiro agora eu tô indo para as Ilhas Maldivas e de lá eu vou pro Sri Lanka e para a Costa da Índia, que eu ainda não conheço, que é a costa oeste.

GZ: E a gente pode esperar crônica no site.

FAR: Com certeza, muitas.

[Intervalo]

GZ: Francisco, já falamos bastante sobre seus destinos, suas crônicas de viagem...

FAR: Pra mim eu só comecei, Gabi [Risos].

GZ: Tem muita coisa pra falar, né?

FAR: Mas é melhor deixar para ler no livro, né?

GZ: É. O nome do seu livro é *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas...*

FAR: Isso porque no outro que eu fiz, o *Olhar para o mundo*, as pessoas diziam: "Poxa, tem pouca foto!", porque hoje o mundo vive de fotos... Aí eu tentei colocar um pouco mais aí. Agora eu fui para o site onde eu posso colocar mais fotos.

GZ: Ia falar justamente isso, que você também tem um site em que escreve sempre sobre crônicas de viagem. Eu queria falar com você também sobre literatura, principalmente a literatura do Espírito Santo. Você tem vários livros publicados; é presidente da Academia Espírito-santense de Letras. Vamos falar um pouquinho sobre essa produção literária aqui. Eu acho que uma pessoa como você passando por aqui a gente não pode deixar de falar disso. Como você avalia o nosso mercado?

FAR: Eu tenho acompanhado isso muito, Gabi. A minha tese de doutorado foi sobre literatura do Espírito Santo; isso foi nos anos 80. Eu analisei o que acontecia nos anos 80. Depois disso continuei estudando e, atualmente, o que eu posso dizer para você é o seguinte: nós temos uma grande produção, uma grande e diversificada produção, diante dessa facilidade hoje provocada pelas leis de incentivo e pela informatização que permite as pessoas fazerem um livro, muitos fazem até... Então nós temos uma produção muito grande. Em 2014 eu cheguei a fazer um levantamento de cerca de 300 livros publicados por ano no Espírito Santo, quer dizer, é um grande número, se compararmos ao passado. E eu pensei que com a crise isso fosse diminuir, mas não é o que eu tenho visto, não, porque eu tenho visto muita coisa sendo feita, muitas vezes com recursos próprios ou com apoios. Agora, a grande dificuldade de quem escreve no Espírito Santo é a distribuição e a divulgação disso que eles produzem. Nós temos o maior comprador de escritores capixabas que sempre foi o governo estadual. Então o governo estadual, até 2007, comprava muito. O que que aconteceu?

GZ: Comprava – só esclarecendo –, comprava os livros para as escolas.

FAR: Para as escolas. Então, o governo comprava o livro e esse livro era distribuído para as escolas. O Espírito Santo tem mais ou menos 500 escolas da rede estadual. Considerando aí, vamos dizer que o governo compre 2 mil para cada escola teria mil livros que seria uma boa venda uma boa tiragem para

qualquer escritor. Bom, isso aconteceu até 2007. Daí pra frente o governo parou de fazer esse investimento, porque foi quando ele começou a investir nos editais. Então, na lógica de quem estava na gestão, eles imaginavam que, fazendo os editais, eles estavam já cumprindo a obrigação do estado que seria a divulgação da leitura, apoiar a produção literária e levar aos alunos. Só que isso não ocorre, porque o que acontece: os editais, eles são seletivos. Para você ter uma ideia, no ano passado houve duzentos livros inscritos no edital de literatura e dez foram selecionados; então, 190 deixaram de ser publicados com o apoio do governo. Bom, esses dez livros, então, eles vão ser distribuídos nas escolas, uma parte da tiragem vai para as escolas, para as bibliotecas públicas, e os outros? Como é que ficam os outros que não publicaram por edital? Geralmente, por exemplo, um autor mais conhecido, ele não publica por edital; ele já tem publicação por editora, e, geralmente, ou pode ser que, às vezes, seja até os melhores, porque já tem o mercado, já tem um nome firmado. É uma grande injustiça que tem ocorrido no Espírito Santo. Então esse é um problema generalizado.

GZ: Inclusive, Francisco, vários escritores que vêm aqui no Programa, a gente conversa sobre isso, também apontam um problema nessa distribuição e divulgação. Quer dizer, não é tão difícil você publicar, você consegue, mas dali pra frente o que fazer?...

FAR: Inclusive, eu recomendo hoje aos jovens escritores para não publicarem se não tiver como divulgar, porque, se não, você vai ficar com livro debaixo da cama. Normalmente, quando um jovem escritor vem conversar comigo, "Ah, eu consegui apoio pra fazer meu livro", [eu digo] "Olha, então faça uma tiragem bem pequena, para experimentar o mercado, porque você vai fazer uma tiragem grande e você vai ficar com o livro encalhado". Não tem como o escritor sozinho fazer essa divulgação. Isso é um processo; é um outro processo, o processo comercial. E além de não termos também o apoio que nós deveríamos ter por parte do governo, nós também não temos um mercado do livro no Espírito Santo.

Por exemplo, pouquíssimas editoras, pouquíssimas livrarias; e se você procurar um livro de escritor capixaba, você não acha. Entra nas grandes livrarias dos shoppings e vê se você acha algum livro do autor capixaba: pouquíssimos, só os que publicaram fora daqui, como Elisa Lucinda, Viviane Mosé, o Rubem Braga, os nomes mais conhecidos. Agora, quem publica aqui não consegue; esse é um problema muito sério.

GZ: Agora eu queria falar com você também sobre o leitor; como é que está o nosso leitor? Sei que você também é professor de literatura.

FAR: Com certeza. Olha, o leitor é o grande, vamos dizer assim... eu sempre digo o seguinte: que a relação da literatura é uma relação triangular, tem o escritor que produz, tem o objeto que ele produz, mas isso só se completa quando chega ao leitor. Então, é uma relação triangular. Não adianta você escrever um livro se você não conseguir publicar e se este livro não chegar ao leitor. São três coisas que estão juntas: autor, livro e leitor. Bom, o leitor hoje é completamente diferente do leitor da época em que eu comecei a escrever. Para você ter uma ideia, Gabi, os meus primeiros livros foram escritos para criança e saiu uma tiragem de três a cinco mil exemplares, que eram vendidos em um ano. Havia uma grande divulgação da literatura nas escolas, havia muito mais leitura nas escolas do que hoje. Então, eu tive livros, como, por exemplo, *Leve como a folha*, *Era uma vez uma chave* e livros que saíram na década de 80, que chegaram a ter 8 tiragens de três mil exemplares, mais de 20 mil livros foram vendidos naquela época. Hoje, quem consegue divulgar livro é o processo inverso; são aqueles que fazem sucesso na internet, são os youtubers, são os maiores vendedores de livro hoje no Brasil. E confesso pra você que é uma obra de baixíssima qualidade, porque o menino de 16, 17, 18 anos, ele não tem maturidade, ele não tem leitura suficiente para escrever alguma coisa de qualidade. Então, aquele produto que ele faz são produtos de adolescente destinado a adolescente é mais ou menos o que acontece na rede social, ou seja, não há um crescimento. A literatura, ela é uma arte e como toda arte é uma

evolução do espírito humano, qualquer pessoa pode fazer um sambinha, uma musiquinha e tal. Mas para você compor uma sinfonia, uma obra com qualidade, você tem que estudar; não basta apenas o seu valor pessoal; a escritura, a escrita é a mesma coisa. Você pode ter seu valor, você pode ter seu mérito, sua tendência, mas você tem que ter estudo e o estudo para quem escreve é muita leitura. Esse é que é o estudo, para você aprender com os grandes mestres, e aprender a escrever não apenas o óbvio, mas a escrever realmente o que tem valor; esse é que é o grande desafio.

GZ: Mas, Francisco, só pra gente fazer um contraponto: você está falando dos clássicos de literatura? De essa meninada, de esses adolescentes terem acesso e lerem esse tipo de literatura?

FAR: É um aspecto, ou seja, eles podem ler. Foi fundada a primeira Academia Estudantil de Letras, e eu estive lá. Com que alegria eu conversei com aqueles jovens. E quando eles vinham – eu que dei posse a eles como presidente da Academia –, eu dava um livro de presente pra eles e depois perguntava pra eles. Por exemplo, havia a menina da cadeira Rachel de Queiroz. Eu perguntei assim: “O que você já leu da Rachel de Queiroz?”. Ela falou: “*O quinze* e estou adorando”. Eu falei: “Olha, procura ver que o que ela descreve em *O quinze* em relação à seca de 1915 é o que estamos vivendo hoje; só que aquele era um contexto do Ceará, hoje é um contexto do Espírito Santo”. Então, você veja como é que a literatura pode ser universal; só que a Rachel de Queiroz era jovem quando escreveu aquele livro, mas ela fez uma obra que perdurou no tempo, daí ela se tornou clássico. Agora, eu te pergunto, essa produção que é feita aí, em massa, desses jovens, ou, então, vou pegar uma escritora que vendeu muito, não sei se continua vendendo, como a Thalita Rebouças, tem a tal de Kéfera, também, tem esse povo assim da moda que escreve. Será que daqui a cem anos eles vão ser lidos? Será que daqui a 100 anos o que eles escreveram vai significar para a história da humanidade? Essa que é a grande diferença, Gabi, entre o que

se faz e tem valor e o que se faz e apenas passa, como a maioria do que existe no mundo de consumo, que é esse mundo de hoje.

GZ: Apesar de que se fala também, Francisco, que a gente, nós estamos lendo muito e escrevendo muito.

FAR: Isso é uma verdade. Nunca se leu e se escreveu tanto quanto nos dias de hoje.

GZ: Agora, a questão, pelo que você fala, é a qualidade...

FAR: A qualidade do que se lê e do que se escreve, porque se desenvolveu uma comunicação escrita bastante rudimentar e, por outro lado, também bastante... porque você veja o seguinte: ou a gente conversa abreviando o que a gente conversa, nas redes sociais, ou então usando esses símbolos visuais que são limitados. Será que toda vez que você tá alegre com alguma coisa é aquela carinha que tá lá, daquele idiota, a carinha assim idiota? Como escrever esse sentimento de alegria é completamente diferente de você pegar um simbolozinho e tal. Então, houve uma redução da expressão humana; houve uma grande divulgação, mas uma redução, porque a maneira de expressar o que nós sentimos do sentimento humano, ela é infinita, tantas quantas forem as possibilidades do ser humano de dizer isso.

GZ: Francisco, nesse cenário o que que a literatura, o que que o escritor pode fazer? O que fazer?

FAR: Bom, em primeiro lugar, eu acho que o escritor de literatura tem que continuar buscando a perfeição como artista que deve ser, já que literatura é arte. Agora, o papel mais importante é o papel da escola, porque é uma escola de qualidade que vai formar bons leitores e futuros bons escritores de literatura. Então, tudo se resume numa educação de qualidade.

GZ: E também, só para reforçar, o incentivo em casa, a leitura em casa.

FAR: Isso é essencial. As crianças não são diferentes dos adultos, do mundo dos adultos. Na verdade, não adianta os pais quererem que os filhos leiam se eles não leem, se eles não leem com eles. "Eu não tenho tempo pros meus filhos...". Bom, se você não tem, então como é que vai resolver o problema? Esse é um problema, sim; a escola, ela forma, ela educa, mas esse processo, ele continua na vida social e na família.

GZ: Francisco, o nosso programa está acabando. Quero agradecer muito a sua presença aqui no *Dedo de prosa*. Eu acho que a gente tinha assunto para vários programas, e eu aproveito para deixar as portas abertas, para que você retorne com novidades, com novas obras, para um novo bate-papo.

FAR: Está bom. Eu agradeço também; espero voltar no próximo ano com um livro infantil que eu estou apostando muito nele.

GZ: Então está marcado já.

FAR: A história da minha netinha, chama *Clarissa e o beija-flor*.

GZ: Então eu vou esperar. Bom, o programa *Um dedo de prosa* de hoje termina aqui [...].



Print da exibição do programa *Um dedo de prosa*, de outubro de 2016,
com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Gabriela Zorbal.

O NARRADOR EM *O MENINO E OS CIGANOS*¹

THE STORYTELLER IN *O MENINO E OS CIGANOS*

Fabiani Rodrigues Taylor Costa*

No final do de 2012, quando fiz o curso Ler e escrever Rubem Braga, promovido pela Secretaria Estadual de Educação para professores da rede estadual de ensino, mediado pelo professor Francisco Aurélio Ribeiro, pude tanto me aprofundar no assunto crônica como também no nosso principal cronista que é Rubem Braga, quanto começar a escrever minhas primeiras crônicas que foram publicadas futuramente e premiadas.

Foi no referido curso que o professor também nos apresentou suas crônicas e suas diversas outras histórias que me encantaram como aconteceu com o livro *O menino e os ciganos*, publicado em meados de 2012. Escrito por Francisco Aurélio Ribeiro, nascido em 1955, capixaba de Ibitirama, com um currículo

¹ COSTA, Fabiani Rodrigues Taylor. O narrador em *O menino e os ciganos*. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 111-123.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

vastíssimo nas letras capixabas, tanto como escritor como professor de literatura e pertencente à Academia Espírito-santense de Letras onde desenvolve diversos projetos relacionados, principalmente, à cultura capixaba para que possamos conhecê-la melhor ou nos aprofundarmos ainda mais no que já sabemos. O ilustrador foi o Valter Natal, nascido em 1967, fluminense de Resende que iniciou sua carreira profissional na Marinha Mercante, mas o apelo pelas artes plásticas falou mais alto e assim, além de ilustrador é designer têxtil e docente em restauração do patrimônio histórico.

Ao perpassar pelas páginas desse singelo livro, deparei-me rapidamente com a figura do griô contador de histórias que, conforme Silva (2015, p. 3):

Os griôs, os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico. Há registros da atuação desses artistas desde o século XIV, onde já atuavam no Império Mali. São eles os mantenedores da tradição oral africana, nos últimos setecentos anos, sem dúvida. De fato, a arte verbal dos griôs é tão antiga quanto a mais antiga das cidades da África Ocidental e as pesquisas arqueológicas podem nos fazer crer que tal arte já era mesmo praticada, na África, antes de Cristo.

Assim, Francisco Aurélio nesse singelo livro infantil, torna-se esse griô que, com o bilro em suas mãos, transforma artesanalmente as palavras e nos presenteia tal qual Tia Nastácia de Monteiro Lobato, com suas histórias contadas pela oralidade, mas que mesmo passando para a escrita, elas se entrelaçam às nossas histórias e formamos como ouvintes outras que talvez um dia também possamos contar para as futuras gerações também como griôs – vovós ou vovôs – que passam de geração para geração à memória de um povo.

Esses dois artistas se juntaram e deram vida ao livro *O menino e os ciganos* composto por quatro contos, conforme será explicitado a seguir, pois conforme Silva (2015, p.03) o griô diz “Kwesukeswkela”, que quer dizer “era uma vez, há muito tempo” e assim Francisco Aurélio inicia suas narrativas e nós, os ouvintes dessas histórias emocionantes dizemos “cosi, cosi” que quer dizer “estamos prontos para ouvir”.

O narrador em *O menino e os ciganos*

O Narrador com traços autobiográficos

O conto de abertura do livro e que dá nome ao mesmo *O menino e os ciganos* conta-nos as impressões do narrador sobre um fato que lhe ocorreu quando criança. O narrador, em primeira pessoa, inicia o conto falando de sua cidade natal: as brincadeiras de antigamente, as sinestesias inesquecíveis que outrora perpassaram em sua vida, os parentes singulares que existem em nossas famílias e o convívio com os pais.

Tudo é narrado de uma forma singela e aparenta a tranquilidade de um lugar interiorano onde quando acontece alguma coisa que destoa da rotina do lugarejo, chama atenção de todos. Foi o que aconteceu com o narrador quando os ciganos chegaram a seu lugar e a normalidade foi tirada por algum instante e percebida pelo narrador, pois as histórias que os mais velhos contavam sobre os ciganos eram inclusive de sequestro de crianças. O narrador foi pego por um cigano e colocado dentro de um balaio para dar uma volta no burro, mas quando se viu preso e sacolejando no escuro, veio a lembrança das histórias horríveis sobre aquele povo.

Depois de certo malabarismo, o narrador conseguiu se desvencilhar do cigano e foi para casa todo machucado, nervoso e quando se sentiu seguro, começou a chorar e contou a história para sua mãe que não acreditou e ainda acusou a Petita, ama e protetora, de contar histórias desse porte para o menino.

Nesse conto, o narrador fala-nos, em primeira pessoa, que um acontecimento específico de sua infância, como lembrança de outrora, marcou a sua vida, deixando-nos, conforme Faria (2012, p. 29):

[...] perante um narrador ‘autodiegético’ que, tendo atravessado múltiplas experiências e aventuras, relata, a partir de uma posição amadurecida, o devir da sua existência. De acordo com a designação

de Gérard Genette, este género [sic] de narrador enquadra-se no tipo ‘autobiográfico’, pois fala em seu próprio nome, sendo o registro de primeira pessoa gramatical, resultante da coincidência narrador personagem [...].

É interessante notar que esse narrador com traços autobiográficos é um adulto relembrando suas memórias através do menino que foi, mas “Tendo atravessado um processo de maturação, traços da personalidade do narrador personagem sofreram alterações” (FARIA, 2012, p. 30).

Sendo esse narrador um adulto, ele se utiliza de métodos para se distanciar do adulto e deixar transparecer o menino, a infância como se estivesse acontecendo agora, tal qual quando fala de coisas relacionadas à infância, mas que, no próprio pensamento que o leva há tempos remotos, ele faz uma pausa e conversa com o leitor, demonstrando que é um adulto relembrando algo que aconteceu:

Meu maior prazer era ver as pessoas saltarem do ônibus, entrar no bar em frente, tomar café pingado, comer uma brevidade ou mironga e prosseguir a viagem. Enquanto as mulheres lá de casa observavam trajes e roupas dos viajantes, eu ficava a imaginar os mundos que percorreriam, as pessoas e lugares diferentes que conheceriam e as experiências de vida que iriam ter. Nasceu daí minha vontade de contar essa experiência em histórias como estas que, agora, compartilho com vocês (RIBEIRO, 2012, p. 7).

É interessante notar ainda, a observação feita por Bosi (1994, p. 55) em relação sobre trazer o passado para o presente:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias [sic] de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias [sic], nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Dessa forma, o narrador fala-nos, já no final do conto, sobre o presente quando cita as pessoas da família “Elas morreram, muito tempo depois, sem nunca terem acreditado em mim. Mas esta história é verdadeira e estou contando-a, hoje, para vocês, esperando que acreditem em mim” (RIBEIRO, 2012, p.14). Nesse momento, o narrador faz uma ponte entre o passado e o presente, esperando que o seu leitor acredite em sua história.

O narrador contador de histórias

Também no livro encontramos o narrador preocupado em passar para as próximas gerações as impressões de sua infância, de fatos ocorridos no passado que, provavelmente foram contados a partir da oralidade e que agora ele traça suas linhas para leituras futuras e também seu doce olhar sobre acontecimentos recentes, deixando transparecer um mundo cheio de controvérsias, mas também cheio de um olhar amoroso sobre as coisas. Dessa forma, é possível observar que:

O autor contemporâneo tem representado o griô. Numa relação agora individualizante, íntima, muito próxima e extremamente afetiva, esse narrador-avô, recupera o papel de porta-voz do grupo e de detentor do passado, da ancestralidade, para dotar seu neto de elementos (histórias/exemplos) que o habitem para a continuidade (SILVA, 2013, p. 11).

Esse griô moderno, provindo da literatura africana, resgata a história oral de seus ancestrais e torna-a concreta a partir da escrita, conforme observamos no conto *Quem matou o mar morto?* que traz-nos o narrador em terceira pessoa que conta a história de uma família que era composta pelo pai, mãe e quatro filhos (três homens e uma mulher). No leito de morte, o pai divide a herança e deixa para o filho mais velho todos os bens e o incube de cuidar da família que fica. Para o segundo filho, ele deixa as coisas pertinentes à pesca, pois era isso que ele gostava de fazer. Para o terceiro filho, ele não deixou nada, mas era para o

mesmo passar seis meses do ano com cada irmão e, no final, ele iria ter uma profissão e os seus irmãos o recompensariam.

O irmão mais velho começou a prosperar com o gado e o mais novo cresceu os olhos e começou a roubar para tentar abrir seu próprio negócio, mas o irmão mais velho descobriu e afastou-o e pediu para ele só retornar quando tivesse juízo. Como não tinha para aonde ir, procurou o irmão do meio, que ficou com a arte da pesca, próspero também no que fazia. Porém, o irmão caçula, mais uma vez, roubou, agora o material de pesca para tentar enriquecer com as coisas do irmão.

O irmão do meio, então, ficou sem nada, mas teve um sonho com seu pai que lhe falou de uma arca e ao dizer as palavras mágicas, ele conseguia ter sal para vender e sustentar sua família. E assim foi feito, mas o irmão mais novo retornou e, novamente, ficou com tamanha inveja que pegou a arca e proferiu as palavras de forma exagerada, transformando, assim, o mar numa grande salina e este o tragou para o fundo do mesmo.

Dessa forma, tanto nesse conto como no decorrer do livro, além de algumas marcas da oralidade como, por exemplo, "Eia", "Tá", "Oba", as falas inseridas pelo narrador, através do discurso direto para dar voz às pessoas que cita nas histórias, servem ainda para aproximar mais o que escreveu da vida real e através desses exemplos, como também constatamos em Oliveira (2006, p. 9), é a própria oralidade que terá sua continuidade através da palavra escrita:

A moderna literatura africana pertence a uma 'rede de cumplicidades', como bem define Inocência Mata. Rede esta cuja matriz primeira é a tradição, fonte que durante décadas vem alimentando as narrativas africanas. Neste sentido, [...] seguem o percurso dos contadores ancestrais. O espaço matricial é recuperado em vários níveis, o destaque, no entanto, é para a discursividade oralizada e a materialização de tal discurso...

Levando em consideração que o narrador é um adulto que recupera a forma oralizada de narrativa de seus antepassados e passa a criar sua própria narrativa

através da escrita e mesmo sabendo que “quando a narrativa de um griô vira texto escrito, fica faltando a atmosfera do evento, do acontecimento em que ele está inserido, fica faltando as nuances trazidas pelo ritmo, pela voz, pela entonação, pelo gesto, pelo movimento corporal. Fica faltando toda a sinergia que resulta dessas misturas de texto, voz, coreografia e musicalidade.” (SILVA, 2013), o narrador consegue, além de utilizar as palavras vindas da fala, utilizar-se também da *metacontação*, ou seja, existem histórias sendo contadas dentro de sua história, através do discurso direto dado pelas falas das outras personagens que perambulam suas histórias.

Dessa forma, a *metacontação* é observada principalmente no conto *O menino turista e o cachorro vira-lata*, terceiro conto do livro em que o narrador volta a ser em primeira pessoa e fala-nos sobre uma de suas viagens, onde encontrou duas mulheres que só se importavam com compras e, uma delas tinha um filho e não ligava para ele. O menino ficava o tempo todo sozinho, só passou a ter um momento de felicidade, na viagem, depois que começou a alimentar um gatinho no hotel onde estava hospedado. O nosso narrador conta-nos com muita emoção o quanto o menino era triste e solitário e, em um determinado momento, ele encontra um cachorro que passa a ser o seu amigo na viagem.

Porém, no momento de ir embora, ele queria levar o cachorro com ele, mas a mãe não permitiu, o menino chegou a sugerir que ela o deixasse no lugar em que estavam já que ninguém gostava dele. Uma pessoa local o convenceu de que o cachorro era feliz ali e que ficaria bem. O que emocionou o narrador foi o momento do embarque em que o menino foi abraçar o cachorrinho que o havia seguido até o aeroporto.

Nesse conto, o menino ganha voz para sabermos as impressões do mesmo sobre os fatos ocorridos, através do uso do discurso direto e, assim, distancia-se um pouco do narrador em 1^a pessoa que visa ter sua verdade como única, ignorando as outras e explicita a voz do menino envolvido na história, deixando transparecer outras verdades, ou seja, ele transgride o narrador ocidental – da verdade absoluta - e passa a interagir com a personagem, não contando por ela a história.

Mas sobre essa diversidade de elementos, ou seja, subsídios para tornar real cada versão narrada, disse Bosi (1994, p. 51):

A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos 'sistemas' que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato.

Dessa forma, podemos concordar com Benjamin (1994, p.198) e estender à narrativa *O menino e os ciganos* que "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos."

E assim o próprio Benjamin (1994, p. 201) fala que "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" e, é por isso, que a narrativa de Francisco Aurelio Ribeiro chama-nos a atenção, porque tais experiências relatadas por ele agregam-se às nossas e formamos uma teia para contarmos a outras pessoas.

Então, não se pode negar que "uma tradição de cultura oral com uma literatura escrita numa língua europeia para desenvolverem, dessa forma, a criação de uma outra escrita que reverbera, tal como cá, vozes de lá e ecos daqui" (QUEIROZ, 2015, p. 54). Refletindo, também, que "A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos" (BOSI, 1994, p. 90).

O narrador de memória

Levando em consideração que o narrador tem traços autobiográficos e as impressões do autor menino ficam marcadas na narrativa de *O menino e os ciganos*, Bosi (1994, p. 46-47) faz a seguinte observação sobre a memória:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Tal narrador se utiliza de personagens que fizeram parte da sua infância ou até mesmo de algum fato não tão antigo, mas que serve para dar ainda mais veracidade às suas memórias, pois

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p. 54).

Não criamos nossas memórias sozinhos. É claro que as alocamos num espaço destinado a elas em nossos cérebros, tornando-as algo individual. Porém, para se chegar a esse ponto, precisamos, em um dado momento da nossa história, da interação com os outros indivíduos que estão ao nosso redor.

Dentre os indivíduos que estão ao nosso redor, o narrador transmite-nos uma forte interação com as pessoas que fazem parte ou circundam a sua família. Ele chama atenção para sua mãe e a Petita, ama e protetora, que fizeram parte do episódio com os ciganos no conto que dá nome ao livro, deixando vir à tona que:

[...] episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores. [...] Tocamos sem querer na história, nos quadros sociais do passado: moradias, roupas, costumes, linguagem, sentimentos [...] (BOSI, 1994, p. 424).

É possível observar também que no conto *O menino e os ciganos* percebemos através da fala da mãe para com a Petita o quanto esta tem influência sobre o menino, através da contação de histórias quando fala “- 'Tá vendo, Petita, o que dá ficar contando história pra esse menino. Ele fica achando que é verdade.” (RIBEIRO, 2012, p. 14), ou seja, essa pessoa tão ligada à família, mostra-nos a

convivência que ela já possui no espaço familiar, tal qual foi observado por Bosi (1994, p. 73):

Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Estes não têm, em geral, a preocupação do que é 'próprio' para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular.

No conto *Seu Ovídio e a mula Meu Amor*, quarto e último conto do livro, o narrador também em primeira pessoa, diferente do conto de abertura do livro, agora ele se encontra na cidade grande, em Vila Velha, mas ainda provinciana. E narra a época em que a condução era feita através de animais de tração e o mesmo conhecia o senhor Ovídio e o pai deste tinha um negócio de carroceiro e fazia o transporte como profissão. Certo dia, o Ovídio ganhou uma mulinha do pai e se apaixonou pela mesma, até que depois de se aposentar também da profissão que o pai lhe ensinou, não se desfez da mulinha chamada Meu Amor. Em um determinado momento, a mula fugiu e o senhor Ovídio ficou louco atrás dela até que a encontrou em um departamento de animais da prefeitura, mas para tirá-la de lá, era preciso pagar cem reais e ele não tinha essa quantia. Por fim, a história ganhou repercussão na mídia e um comerciante teve compaixão e doou o dinheiro para que a mulinha de Seu Ovídio pudesse retornar ao dono.

Nesse conto percebemos que o narrador tem um forte contato com as pessoas que estão ao seu redor, mostrando-nos que a memória é garantida também a partir do coletivo, pois "[...] Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade" (BOSI, 1994, p. 55).

É percebido, então, que formamos nossas memórias a partir do contato com o outro, já que "O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado" (BOSI, 1994, p. 414).

Conclusão

Sobre o narrador, ainda diz Bosi (1994, p. 91):

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira.

Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.

Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.

Através das histórias de *O menino e os ciganos* percebemos a experiência desse narrador griô que nos deixará suas histórias e experiências para que as mesmas possam ser contadas para as próximas gerações e se juntarem a tantas outras histórias que ainda serão contadas, formadas a partir do ouvinte que guardou também em sua memória o que lhe foi transmitido e que agora continuará o ciclo sagrado que é formar novos narradores.

Referências:

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 43-91.

FARIA, Helena Maria Martins. *As crianças na narrativa de Ondjaki*. <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9930/1/ulfl141494_tm.pdf>. Acesso em: 04 out. 2015.

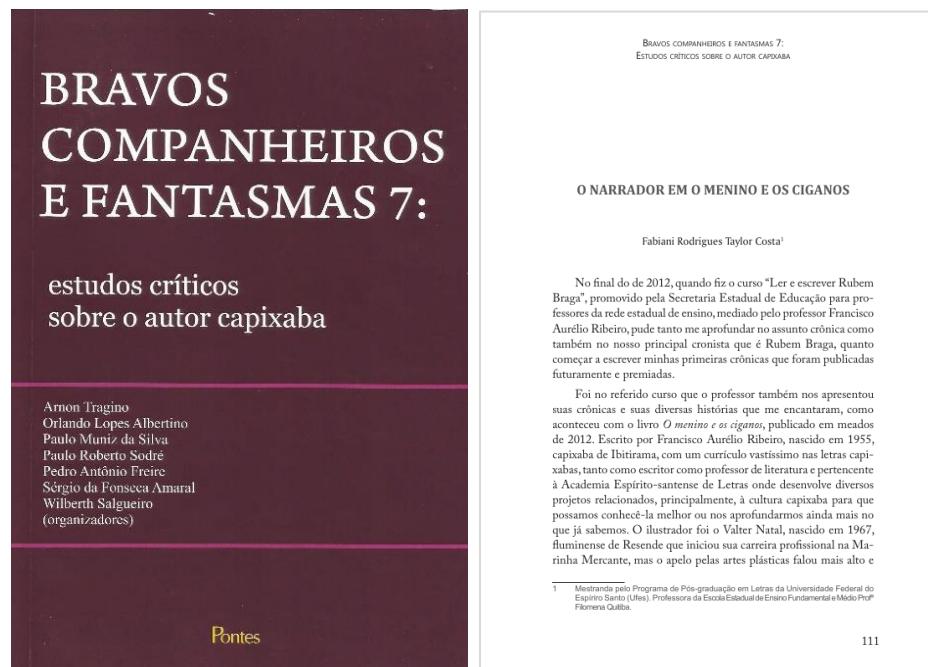
OLIVEIRA, Jurema José de. *Gêneros literários e tradição oral nas literaturas africanas de língua portuguesa*. <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_casepel/casepel02.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. "Vozes de lá, ecos de cá: confluências da palavra escrita entre América e África. In: OLIVEIRA, Jurema de (Org.). *Africanidades e*

brasilidades: culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p. 43-56.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O menino e os ciganos.* Ilustrações de Valter Natal. Serra: Formar, 2012.

SILVA, Celso Sisto. *Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil.* <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859>>. Acesso em: 17 ago. 2015.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 7* e página inicial do capítulo “O narrador em *O menino e os ciganos*”, de Fabiani Rodrigues Taylor Costa.

O PIONEIRISMO E O ATIVISMO EM PROL DA LITERATURA INFANTIL DE FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO'S PIONEERING SPIRIT AND ACTIVISM IN FAVOR OF CHILDREN'S LITERATURE

Ivana Esteves Passos de Oliveira*

Ninguém quer escrever para si mesmo!

Francisco Aurélio Ribeiro

Francisco Aurelio Ribeiro é capixaba de Ibitirama, que fica na região do Caparaó, onde nasceu, em agosto de 1955. É formado em Letras e Direito, tendo cursado especializações em Língua Portuguesa e Administração Universitária. É também doutor em Letras, possuindo vários livros de literatura publicados (infanto-juvenis, de crônicas e poemas);

¹ OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurelio Ribeiro. In: _____. *A indústria criativa da literatura infantil – Histórias de autores e livros: a cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – a performance de cinco autores*. Vitória: Diálogo Comunicação e Marketing, 2018. p. 85-94.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

também tem diversas publicações de pesquisa acadêmica. É professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e um incansável pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo. É integrante da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e é há 20 anos representante da FNLIJ². Publicou ao todo 20 livros infantojuvenis.

Francisco Aurelio, como secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, no início dos anos de 1990, promoveu a interiorização da literatura capixaba, com a criação de linhas editoriais para escritores e com o fomento à publicação de revistas e outros materiais, em paralelo à realização de concursos e eventos, que promovessem a literatura do Espírito Santo em âmbito regional. Foi também o responsável por criar a disciplina de Literatura Infantil na matriz curricular do curso de Letras viabilizado pelo Departamento de Línguas e Letras, na Ufes e por inseri-la na matriz curricular original do curso de mestrado em Letras (então, Mestrado em Literatura Brasileira) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes, ainda em 1994. Esse perfil profissional indica um papel pioneiro e, a seu modo, ativista, em defesa de causas que julgou pertinentes.

O escritor publicou, de 1984 até o início do século XXI, por editoras nacionais, 9 livros infantojuvenis: *Era uma vez uma chave* (1984), com ilustrações de Paulo Roberto Sodré, pela Editora Miguilim, com 8 edições. *Leve como a folha* (1985), pela Editora Miguilim, com 8 edições. *O Gato Xadrez* (1985), pela editora Miguilim, com ilustrações de Attílio Colnago, com 6 edições. *O ovo perdido* (1987), em parceria com a filha, Flávia Meneguelli, e com ilustrações de Attílio Colnago, pela Editora Miguilim. A obra teve três edições. *A Gralha e a tralha* (1988), com ilustrações de Joyce Brandão, pela Editora Melhoramentos – na

² A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968. É a seção brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY, e constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro.

época a maior editora do país, segundo o autor. Foram publicadas duas edições. Ribeiro foi o primeiro escritor capixaba a lançar livro infantil pela Editora Melhoramentos.

Além dos mencionados, publicou *Ora, pombas!* (1990), com ilustrações de Guto Lins, pela Editora Orientação Cultural, com duas edições. Dessa obra fez também uma publicação independente, em 1998. *Mistérios de lá e de cá* (1993), com ilustrações de Mirella Spinelli, pela Editora RHJ, com seis edições. *A casa mal-assombrada* (1999), com ilustrações de Heliana Brandão, pela Editora Miguilim, sendo publicado com três edições. *Frajola e sua paixão* (2002), com ilustrações de Bispodejesus, pela Editora RHJ, com três edições. E, ainda, pela Editora Nova Alexandria, de São Paulo, editou: *Nos Passos de Anchieta* (2009) e *Os povos que formaram minha terra* (2010).

Por editora independente do Espírito Santo, no caso, a Editora Formar, a partir do século XXI, publicou: *Seu Miséria e Dona Pobreza* (2003); *Cachorrada no Céu* (2003); *Juanita e sua galinha*, com ilustração de Denise Pimenta (2004); *O rabinho do porco*, com ilustração de J. Carlos, (2004), *Saudades de Clarice. Vinte crônicas e uma fábula* (2004); *Circe e Ricardo*, com ilustrações de Zappa (2005); *Totonho e seu rival* (2007) e *O menino e os ciganos* (2012). O escritor foi contemplado por edital da Secult com a obra *Espírito Santo de A a Z* (2010).

Na pesquisa de campo com o escritor Francisco Aurelio, advieram os primeiros desvelamentos da cadeia produtiva da literatura infantil do Espírito Santo. Foi possível traçar uma trajetória histórica desse contexto no estado, por meio de narração e documentação, em uma coleta amparada pela metodologia do indiciarismo. Os dados ficaram disponíveis, foram observados e, independente da tensão relevância-irrelevância, foram traduzidos todos, como prova de experimentações e vivências de um dado momento da tessitura literária do escritor Francisco Aurelio Ribeiro, voltada para crianças do Espírito Santo (ANEXO 7).

Os documentos, tais como certificados de participação em eventos estaduais, nacionais e internacionais, relacionados à literatura infantil (ANEXOS 6.2.3 a 6.2.5), dão a ver a articulação do escritor para se atualizar, integrando-se às discussões acerca do mercado de literatura produzida para crianças. Também foram encontradas cartas de aceite do professor e escritor, que atestavam a sua adesão a entidades, como a FNLIJ e o Prêmio Bienal de Literatura Infantil e Juvenil (ANEXOS 6.2.8 a 6.2.9) e, ainda, a declaração de ter ministrado a disciplina de Literatura Infantojuvenil no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), em 1998 (ANEXO 6.2.6).

Tais documentos comprovam a trajetória do escritor em suas interlocuções criativas, com o mercado literário infantil e com as esferas de legitimação da literatura (no caso, como intelectual e professor, por exemplo). Denotam a estrada percorrida e demonstram os procedimentos adotados. Também evidenciam o empenho do escritor em propagar as suas obras, a maioria publicada por editoras como Melhoramentos (ANEXO 6.2.1.1), Editora Orientação Cultural (ANEXO 6.2.1.2), Miguilim (ANEXO 6.2.1.3) e Editora RHJ (ANEXO 6.2.1.4).

O investimento de tempo e também de dinheiro – quando não conseguiu mais ser publicado nacionalmente e, para não se permitir calar, começou a investir seu próprio dinheiro na perpetuação de sua produção – foi feito, segundo depoimento oral do escritor, no afã de expressar uma literatura que oportunizasse a crianças do Espírito Santo percorrerem páginas de livros com relatos de seu estado e reminiscências de possíveis marcas identitária socialmente partilhadas. Apesar do percurso galgado e consolidado na academia, a disciplina de Literatura Infantil e Juvenil na Ufes foi extinta, no âmbito do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Isso contribuiu para suscitar um desabafo acerca da fragilidade da divulgação e da distribuição de livros produzidos para crianças no Espírito Santo: “Não é função do escritor atuar na

venda de suas obras. O escritor é o criador da obra. Divulgação e venda não deve ser atribuição de escritor. Faço e sempre fiz por não ter quem o faça por mim" (Informação verbal)³.

Nessa conversa em sua casa, o escritor admitiu a prática como divulgador e vendedor de livros infantis sob sua responsabilidade. Uma conduta que ele rejeita, mas que se mostra inevitável diante da ausência, no mercado local, de profissionais especializados em cuidar da divulgação e da distribuição da literatura produzida no Espírito Santo, como ele também atestou na entrevista no campo. No contato por telefone, o escritor informou a existência de documentos, de vestígios do seu protagonismo como comerciante de livros, dispondo-se a colaborar no estudo. A espontaneidade é computada na pesquisa indiciária, como indício a reforçar as premissas investigadas. Era como se dissesse que tinha provas, mesmo, para atestar a ineficiência de um sistema. Em um artigo, publicado no jornal *A Gazeta*, no Caderno Pensar, o professor apresentou dados que concorrem para desvelar essa problemática (ANEXO, 6.1.5).

Agendado o encontro em sua casa, o escritor já estava à espera, com uma pasta de prontidão, contemplando fazeres datados desde a década de 1980. Ficaram disponíveis contratos de edições de obras, recibos de acertos de direitos autorais, incluindo a prestação de contas; textos enviados a editoras com recusa de publicação; demonstrativos de estoques de seus livros, encaminhados pelas editoras nacionais; certificados de participação em eventos literários e acadêmicos; certificados relacionados ao seu percurso de professor pesquisador na área de literatura para crianças e jovens na UFES; convites de lançamento de seus livros e recortes de jornais que contextualizam momentos diferentes da literatura infantil do Espírito Santo. Tais documentos foram levados pela

³ RIBEIRO, Francisco Aurelio. Respostas de Francisco Aurelio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 de junho de 2015.

pesquisadora para serem fotografados, escaneados, lidos e relidos, em busca de poder delinear os processos produtivos do escritor (ANEXO 6).

Foi nessa tensão entre as falas do escritor, em entrevista oral, feita em sua casa, o questionário encaminhado por e-mail e, sobretudo, pelos recortes disponibilizados espontaneamente pelo autor para servirem como comprovação de um contexto social que afeta os processos estético-criativos do autor, que se deu a captura dos indícios.

O escritor Francisco Aurélio iniciou-se na escrita de livros infantis na década de 1980 e, também nesse período, ao ingressar na UFES como professor concursado do Departamento de Línguas e Letras, começou a pesquisar literatura infantil. O escritor conta sua aproximação com a literatura infantil:

Minha primeira identificação com as histórias em livro se deu quando eu descobri, em casa, uma edição das histórias da carochinha, publicada por Guilherme Figueiredo, em 1855. Uma obra precursora de Monteiro Lobato. Eu estava, então, na minha primeira fase de escolaridade. Depois vieram o ginásio e a faculdade. [...] Minha monografia de graduação foi sobre realismo fantástico. Na década de 70, o escritor da moda era J. Veiga. Da pesquisa sobre a literatura fantástica para a literatura infantil foi um pulo, pois havia muitos pontos em comum (ANEXO 6.1.4)⁴.

Sua primeira obra, de 1983, *Era uma vez uma chave*, já havia vendido na ocasião cerca de 30 mil exemplares pela Editora Miguilim, de Belo Horizonte. E o segundo livro, *Leve como a folha*, publicado pela mesma editora, em 1985, naquele ano, computava a quinta edição.

Contudo, apesar de otimista em relação ao promissor mercado dos idos da década de 1990, Francisco Aurelio já chamava atenção para a falta de profissionalismo no Espírito Santo. Ressalta na matéria: "Aqui você tem que

⁴ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

pagar para fazer um livro, tem que batalhar" (ANEXO 6.1.1). No entanto, em sua opinião, essa batalha, essa garra não é o autor que tem que ter: "Isso compete ao editor, ao livreiro, porque na verdade quem ganha com o livro são eles. O autor ganha muito pouco ou quase nada" (Informação verbal)⁵.

Uma década antes, apesar da grande produção, o escritor sinalizava em outra reportagem sua preocupação com o advento da tecnologia. Em entrevista à repórter Terezinha Alvarenga, em um suplemento literário, o escritor comenta, ao ser indagado acerca da influência do avanço tecnológico na literatura infantil, que esta já era uma influência (ANEXO 6.1.2).

Apesar de ter a maior parte de seus livros editados por editoras nacionais de renome, o escritor Francisco Aurelio é incansável na busca pela divulgação de suas obras e na prospecção do mercado para a literatura infantil. Além das palestras e cursos, que oportunizam contatos com professores, como relatado anteriormente, as divulga também por meio de sua atuação como professor e pesquisador na área de literatura infantil, abrindo canais de distribuição.

Um exemplo desse protagonismo do escritor em abrir canais de divulgação e de distribuição, visando à geração de demanda para sua produção, bem como para a produção de outros autores, foi a atuação no Projeto Salas de Leitura da FAE⁶.

Outra publicação originária dos documentos pessoais do escritor, datada de 1985, de autoria do jornalista Álvaro Muniz, intitulada "Como as crianças podem descobrir o prazer da leitura", sinaliza para essa preocupação de Francisco Aurelio com a difusão da literatura infantil do Espírito Santo. A matéria fala da possibilidade de abrangência do projeto Salas de Leitura a 37 mil alunos da rede municipal de ensino de 15 municípios capixabas que, a partir de fevereiro de

⁵ Idem.

⁶ O projeto 'Sala de Leitura', criado em 1988, é resultado da parceria com a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC). À FAE competia a seleção, compra e distribuição dos livros de literatura infanto-juvenil aos alunos do ensino público.

1986, seriam incorporados ao projeto, englobando 70 escolas da rede estadual de ensino, mas que enfrentava entraves burocráticos.

O projeto teve o envolvimento de 10 escritores capixabas, como transcreto na matéria: Francisco Aurélio Ribeiro, Hermógenes Fonseca, Pedro Teixeira, Renato Pacheco, Bernadete Lyra, Guilherme Santos Neves, Cecílio Abel de Almeida, Nilton Braga, Roberto Almada e Gilson Soares. Na matéria consta que:

O professor do Departamento de Línguas e Letras da Ufes, Francisco Aurelio Ribeiro, que já publicou 'Era uma vez uma chave', 'O Gato Xadrez' e está acabando de escrever 'O Sono e o Sonho', também integra o Projeto Salas de Leitura. Na realidade, Francisco foi uma das pessoas que ajudariam a elaborar o projeto no Espírito Santo. Mesmo estando participando diretamente do programa com uma de suas obras – 'Leve como a folha'-, ele não economiza críticas às dificuldades burocráticas encontradas no Estado para que o projeto fosse implantado. [...] Desde a elaboração do projeto até sua implantação, as coisas mudaram muito e, além disso, o projeto poderia ter sido muito mais amplo do que o atual, que está sendo implantado. A Sedu tinha à sua disposição uma verba de CR\$ 150 milhões para a aquisição de jornais locais e para a produção de autores capixabas, diz Francisco. Segundo ele o excesso de burocracia, falta de interesse e até mesmo falta de pressão política levaram o Estado a perder grande parte dessa verba. 'Assim, agora somente 10 autores capixabas serão atendidos e com uma tiragem bem menor de livros do que se poderia ter atingido caso houvesse um interesse maior' (MUNIZ, 1985, p. 3).

Nota-se por esses recortes de jornal que, além de escritor, Francisco Aurelio sempre foi e ainda o é um ativista da luta em prol da literatura infantil no Espírito Santo. Desde sempre, seja como professor ou como escritor, Francisco atua na difusão da literatura produzida para crianças do Estado. Na matéria, Francisco lamenta ainda a ineficiência da estrutura educacional do Estado:

Depois de analisar o projeto, Francisco Aurélio volta a criticar a estrutura educacional do Espírito Santo. Segundo ele, o Estado não oferece absolutamente nada para a criança. [...] É bom deixar claro que esse projeto não pretende formar qualquer biblioteca. Ele quer apenas colocar um bom livro ao alcance do leitor. Uma coisa importante é que não há qualquer tipo de cobrança à criança (Informação verbal)⁷.

⁷ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

Ele apresenta com orgulho contratos de edição (ANEXO 6.2.1), acertos de direitos autorais (ANEXO 6.2.2), documentos de uma era próspera para os editores que encaminhavam seus textos para aprovação de editoras de outros Estados.

No ano de 1992, no Jornal *A Gazeta*, no Caderno Dois, Márzia Figueira, jornalista especializada em literatura, publica a matéria “Santos de casa que fazem milagre”. A matéria foi localizada pelo escritor Francisco Aurelio, em seu arquivo pessoal, para auxiliar na composição do trabalho. Na reportagem, o escritor ganha uma capa no Caderno Dois, por ser o campeão de vendagem de livros infantis, na Rede Logos de Livraria e na rede de livrarias A Edição (hoje extinta). Ainda na mesma reportagem, o escritor atribui o sucesso de vendagem ao seu trabalho de divulgação.

O que acontece é que dou muitos cursos para professores e cada professor que adota um livro meu são cinquenta que se vendem, para cada município, essa coisa toda. Acho que é isso, o fruto desse relacionamento que tenho com professores é que facilita e não que meus livros sejam melhores (FIGUEIRA, 1992, p. 7).

Em outra matéria, publicada também no Caderno Dois, no ano de 1993, de autoria do jornalista Alvarito Mendes Filho, matéria essa também disponibilizada pelo próprio Francisco Aurélio para esta pesquisa, oriunda de seus arquivos pessoais, percebe-se um momento próspero da literatura infantil no Espírito Santo (ANEXO 6.1.4). Nessa ocasião, o escritor responde à pergunta do repórter sobre o momento para o mercado de literatura infantil:

É o melhor que existe. Porque já temos no Brasil um público leitor formado, seja ele imposto ou não. A partir de 1965, a escolarização foi muito grande e promovida até mesmo a toque de caixa. E a questão da literatura infantil ficou vinculada ao processo de escolarização. Este ano (1993), a Fundação Nacional do Livro Infantil completa 25 anos de existência. Eu sou representante da entidade aqui no Estado. Em todo o país temos trabalhado na divulgação deste gênero literário, através de estudos e congressos. Hoje a literatura infantil brasileira está equivalente à produzida nos países do Primeiro Mundo (MENDES FILHO, 1993, p. 3).

Mas com a entrada do governo do presidente Fernando Collor – de 1990 a 1992 – seguido pelas crises econômicas posteriores, e com o advento da internet, as editoras nacionais começaram a reduzir a demanda. Nos anexos 6.2.1 e 6.2.2, algumas cartas de editoras recusando a publicação de livros do escritor evidenciam essa baixa demanda em publicar textos de autores capixabas. Reconhece-se, nos documentos, o mérito literário das obras, e o argumento para a recusa, em geral, é evasivo, mas podemos supor que se relacione tanto com o momento econômico do país, quanto com a reorganização do sistema produtivo em cultura, que demanda dos autores agir como personalidades públicas, com presença física constante em eventos e feiras e virtual na mídia impressa e eletrônica – o que fica um pouco mais inviável para escritores fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo (com extensões já sinalizadas em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, principalmente).

No entanto, a despeito disso, em 2010, um projeto da Editora Nova Alexandria, de Minas Gerais, orquestrado pelo empresário do ramo de livraria Silvio Folli, abrangendo os escritores capixabas Francisco Aurelio Ribeiro, Luiz Guilherme Santos Neves, Neusa Jorden e Silvana Pinheiro, tem como objetivo a publicação de livros voltados para a difusão da literatura e da cultura do Espírito Santo. Com um componente histórico, o livro deveria ser adquirido pela SEDU, a fim de atender a escolas de ensino médio. Mas a Sedu acabou não adquirindo os livros e a editora, então, ficou desestimulada em investir em autores capixabas. Esse episódio ilustra a ausência de incentivo público à comercialização de livros infantojuvenis no Espírito Santo.

Como relata Francisco Aurelio, o seu livro e o dos demais escritores chegou a ser publicado em uma pequena tiragem. No seu caso, o livro publicado sob encomenda da editora é *Os povos que formaram a nossa terra* (2010), trazido a lume pela própria editora Nova Alexandria. No mesmo ano, o escritor foi contemplado no edital da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT) com a publicação do livro *Espírito Santo de A a Z* (2010).

Com a impossibilidade de publicar por editora nacional, em vista do contexto, o escritor buscou impulsionar a profissionalização do mercado interno. Em busca de uma editora local, viu na Editora Formar, ligada à Rede Logos de Livraria, a oportunidade de publicar as suas obras regionalmente. Essas publicações contaram com o investimento pessoal e profissional do escritor, que teria que cuidar da divulgação e comercialização: “Busca-se recurso através de lei de incentivo, patrocínio de empresas privadas ou com recursos próprios, como foi o caso de meu último livro, *O menino e os ciganos*” (Informação verbal)⁸³².

Ainda sobre a divulgação e distribuição das editoras regionais, o autor enfatiza, na entrevista concedida no campo, que é precária. Segundo ele, não há ou há pouca divulgação dentro do próprio estado e nem fora – seja por meio dos agentes públicos, das instâncias acadêmicas ou por meio da formação de professores e das práticas de educação escolar. Os livros, quando estão nas bibliotecas, não circulam, ressaltou. E em relação à mídia, o escritor diz tentar alguma divulgação, mas considera que o espaço dado ao autor capixaba é mínimo.

Em artigo de sua autoria, publicado no Caderno Pensar, no jornal *A Gazeta*, em fevereiro de 2015, Francisco Aurelio Ribeiro reflete sobre as políticas públicas, que ainda estão focadas na produção de obras literárias, em detrimento do enfoque na circulação das obras literárias:

Há uma produção editorial, hoje, no Espírito Santo, espalhada em seus principais municípios, de dezenas de livros produzidos em pequenas gráficas e editoras, muitas vezes com circulação apenas local. Há escritores que têm edições de milhares de livros vendidos entre os leitores de sua cidade. [...] Enfim, citando Lipovetsky, vivemos a cultura do excesso. Nunca se publicou tanto quanto nos tempos atuais. Temos uma infinidade de poetas, de cronistas, de escritores de literatura infanto-juvenil, os mais cultivados romancistas. [...] O que falta, ainda, no Espírito Santo, é uma política de circulação e de divulgação dos livros

⁸ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

capixabas, lugares públicos e privados onde possam ser vistos e conhecidos e uma política de aquisição de livros de autores capixabas (RIBEIRO, 2015, p. 3).

Há 31 anos publicando livros para crianças no Espírito Santo, a sua crença é a de que, se o autor não divulgar e distribuir os seus livros, estes não serão vendidos. Por isso, o autor está atualmente desestimulado a produzir livros infantis no Estado. Rememorando sua trajetória na literatura infantil, ele afirma que:

Os primeiros livros tinham edições sucessivas, quase anuais. Foram publicados por editoras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Isso durou uns quinze anos. Depois que comecei a publicar meus livros aqui, no Espírito Santo, as tiragens se tornaram pequenas e só quando havia alguma compra de órgãos públicos fazia-se nova tiragem. [...] Temos bons autores, bons livros publicados, mas desconhecidos do grande público. Ninguém quer escrever para si mesmo. O objetivo de quem publica um livro é ser lido. Se órgãos públicos incentivam a publicação de obras literárias, deveriam criar formas para fazê-las circular e chegar a seu real destinatário, o leitor, mas isso não existe no Espírito Santo. Há oito anos, o estado do Espírito Santo não compra obras literárias de autor capixaba para os acervos das bibliotecas públicas. Licitações têm sido feitas, mas não incluem o autor local. Há uma discriminação visível dos capixabas. É como se Estado e prefeituras achassem suficiente o fato de apoiarem a publicação das obras. Não é. Não basta publicar, o livro precisa chegar ao leitor. Se isso não ocorrer, não adianta ter sido escrito e publicado (Informação verbal)⁹.

Perguntado sobre o que falta para a expansão do mercado de livros infantis no estado, o escritor reitera com veemência que é maior visibilidade e valorização do escritor local. “O que adianta publicar suas obras se poucos as conhecem?”, indaga o escritor (Informação verbal)¹⁰.

Desse modo, em relação à trajetória de Francisco Aurélio Ribeiro, fica um perfil pioneiro e ativista – estabelecido em diferentes frentes: autoria, edição, pesquisa, docência, gestão pública (na secretaria de cultura), divulgação etc. A esse perfil, contudo, atravessa certa decepção e mesmo algum ressentimento, em face de

⁹ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

¹⁰ Idem.

um possível descaso do poder público, da mídia, dos agentes de legitimação e do frágil sistema editorial ainda em vias de constituição e consolidação, já que, em mais de 35 anos de dedicação à literatura do Espírito Santo – e, em particular, no que diz respeito a essa pesquisa, à literatura infantil – o cenário parece, para o autor, ter se robustecido relativamente pouco, continuando na dependência das iniciativas individuais. Esse diagnóstico explica o fato de o autor, recentemente, vir se mostrando de certo modo cansado ou desiludido no que diz respeito à literatura infantil no Espírito Santo.



Capa de *A indústria criativa da literatura infantil – Histórias de autores e livros: a cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – a performance de cinco autores*, de Ivana Esteves Passos de Oliveira, de 2018, e página inicial do capítulo “O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurelio Ribeiro”.

HISTÓRIAS CAPIXABAS, DE FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

*HISTÓRIAS CAPIXABAS,
BY FRANCISCO AURELIO RIBEIRO*

Getúlio Marcos Pereira Neves*

Ao propor a instalação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Carlos Xavier Paes Barreto advertia para o fato de serem inúmeras as tradições locais que passavam quase obscuramente, quase a ponto de serem esquecidas. A reação a esse estado de coisas foi o móvel da fundação, em 1916, da Casa mais que centenária. E, felizmente, tem sido ao longo do tempo o móvel de pesquisadores, profissionais e amadores, que se dedicam a levantar e registrar fatos e vultos de relevo, de modo a não deixar que se apague a memória de nossas tradições.

¹ NEVES, Getúlio Marcos Pereira. *Histórias capixabas* de Francisco Aurelio Ribeiro. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 24, p. 48-49, 2019. Disponível em: <https://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/revista_ael_2019.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

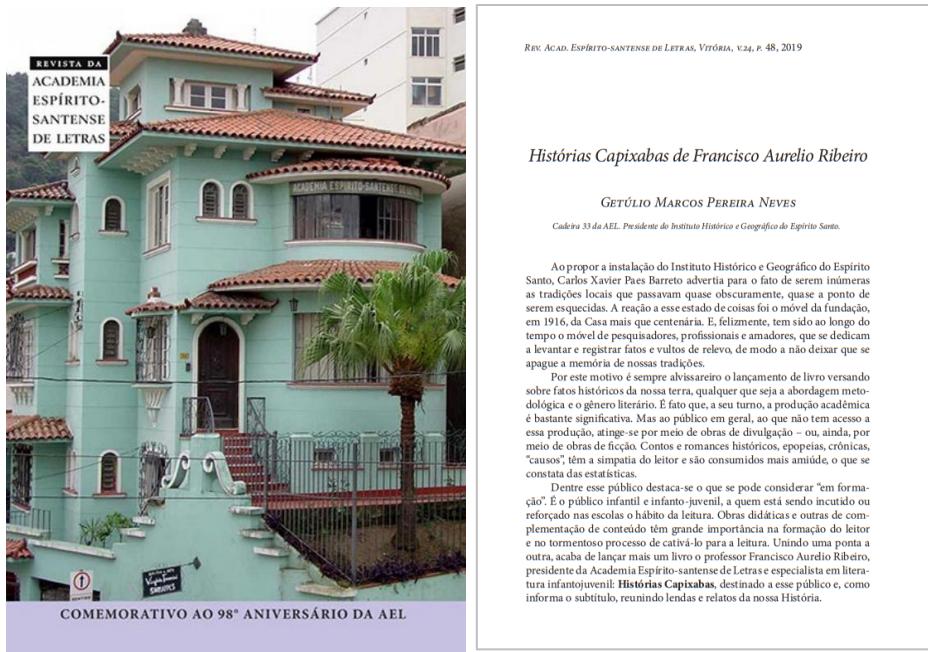
* Doutor em História das Relações Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL). Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES).

Por este motivo é sempre alvissareiro o lançamento de livro versando sobre fatos históricos da nossa terra, qualquer que seja a abordagem metodológica e o gênero literário. É fato que, a seu turno, a produção acadêmica é bastante significativa. Mas ao público em geral, ao que não tem acesso a essa produção, atinge-se por meio de obras de divulgação – ou, ainda, por meio de obras de ficção. Contos e romances históricos, epopeias, crônicas, “causos”, têm a simpatia do leitor e são consumidos mais amiúde, o que se constata das estatísticas.

Dentre esse público destaca-se o que se pode considerar “em formação”. É o público infantil e infanto-juvenil, a quem está sendo incutido ou reforçado nas escolas o hábito da leitura. Obras didáticas e outras de complementação de conteúdo têm grande importância na formação do leitor e no tormentoso processo de cativá-lo para a leitura. Unindo uma ponta a outra, acaba de lançar mais um livro o professor Francisco Aurelio Ribeiro, presidente da Academia Espírito-santense de Letras e especialista em literatura infantojuvenil: **Histórias Capixabas**, destinado a esse público e, como informa o subtítulo, reunindo lendas e relatos da nossa História.

São doze histórias, ricas em informações que, passadas sem intenção professoral, situam o leitor na trama que se vai narrar. Dentre estas, fatos históricos, como a Insurreição de Queimado, as desavenças entre Caramurus e Peroás, devotos de São Benedito, a construção do Convento da Penha; vultos históricos, como o próprio donatário Vasco Fernandes Coutinho e o cacique temiminó Maracajaguaçu, exilado por estas bandas. E também lendas e tradições recontadas livremente, como o tesouro da Pedra dos Olhos, o fantasma do Palácio Anchieta, a convocação de Santo Antônio para integrar nossa tropa de linha, o ouro da bengala do Barão de Monjardim, as avós índias “pegas a laço”. Tudo fatos e tradições passadas de geração em geração e que, algumas, corriam risco de passar quase obscuramente, como vaticinava meio pessimista o intelectual Carlos Xavier Paes Barreto.

Graças também ao esforço de Francisco Aurelio Ribeiro, podemos augurar a esse material histórico/afetivo uma sobrevida cuja duração não nos arrisquemos a vaticinar. A memória do povo tem razões que não podemos perscrutar, nem é caso disso. Antes, vamos à leitura do **Histórias Capixabas**, que garanto ser agradável, e comemoremos o fato de um pesquisador consagrado se dedicar a registrar esses “causos”, essas histórias, e generosamente passá-los adiante em linguagem apropriada para a juventude. Pois é a esses novos leitores que devemos confiar o futuro, onde inserida está a sobrevivência da memória capixaba.



Capa da *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, de 2019, e página inicial da resenha de Getúlio Marcos Pereira Neves sobre *Histórias capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

“O MENINO E OS CIGANOS”: UM ENCONTRO ENTRE A RUA E A LITERATURA¹

“O MENINO E OS CIGANOS”: AN ENCOUNTER BETWEEN THE STREET AND LITERATURE

Letícia Queiroz de Carvalho*

 O objetivo deste texto é contribuir para as reflexões acerca da formação do leitor infantil, a partir da análise dos ecos advindos do espaço público, presentes na narrativa *O menino e os ciganos*, do autor capixaba Francisco Aurelio Ribeiro, de modo a ressaltar as articulações entre a leitura do mundo que também se faz presente nas brincadeiras, lendas, sons e ruídos que constituem o imaginário infantil.

Publicado em 2012 e ilustrado por Valter Natal, o conto escolhido como *corpus* desta análise compõe – juntamente com outros três: “Quem matou o Mar Morto?”, “O menino turista e o cachorro vira-lata”, “Seu Ovídio e a Mula Meu Amor” – o livro *O menino e os ciganos e outros contos*, no qual um narrador em

¹ CARVALHO, Letícia Queiroz de. “O menino e os ciganos”: um encontro entre a rua e a literatura. In: SODRÉ, Paulo Roberto et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019. p. 282-289.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

primeira pessoa nos conduz pelas ruas da pequena vila de Santa Bárbara do Caparaó em meio a suas experiências infantis alicerçadas nas brincadeiras, nos movimentos, cores e nas formas frequentes das ruas.

Desse modo, propomos um estudo do conto em tela, a partir da concepção freiriana da leitura do mundo (FREIRE, 1989), a nosso ver, o fio condutor da narrativa, na qual as vozes da praça, das ruas e dos espaços vivos de interlocução se entrecruzam nos discursos vivos do cotidiano e povoam o imaginário infantil.

O texto será organizado, portanto, em três seções, quais sejam: a primeira, intitulada “Da leitura do mundo ao mundo da leitura: diálogos entre a rua e a literatura”, apresentaremos – a partir da narrativa escolhida – os elementos do mundo da vida presentes no percurso textual e as suas relações com o texto literário, des tacando a visão freiriana da leitura.

Em seguida, na segunda seção, “A formação do leitor infantil sob a ótica das ruas”, discutiremos alguns aspectos do processo formativo do leitor em diálogo com a rua, articulada ao contexto social mais amplo e aos elementos presentes na vida cotidiana, os quais são preteridos em muitos espaços potencialmente educativos – escola, família, instituições religiosas e culturais.

Por fim, na seção “Apontamentos para discussão”, faremos uma síntese das ideias apresentadas a fim de que caminhos alternativos para pensarmos a leitura e a formação dos leitores infantojuvenis possam estimular novos movimentos de reflexão acerca do contato com os livros e da necessária conexão entre eles e a vida.

Da leitura do mundo ao mundo da leitura: diálogos entre a rua e a literatura

A narrativa “Os meninos e os ciganos” nos remete ao cenário das ruas interioranas do Espírito Santo, espaço pelo qual uma voz nos guia em suas

reminiscências infantis. Neste conto infantojuvenil, uma criança que vive as aventuras próprias do seu universo e se encanta com as vozes, sons, cores e personagens que habitam o espaço público nos apresenta uma aventura vivida em meio a um grupo de ciganos recém-chegados a sua cidade, povo que sempre o encantou e povoou o seu imaginário, de modo a nos conduzir em uma trapaça narrativa com a qual nos provoca: teria mesmo vivido a experiência de ser levado pelos ciganos e ter se desvencilhado deles ou tal história não seria apenas um devaneio infantil?

Pouco importa, uma vez que a literatura é mesmo uma “trapaça salutar da língua”, no sentido barthesiano (BARTHES, 1980) e nos descentramentos e sobrevoos ao cotidiano que ela nos possibilita, cabe a nós, leitores, participarmos responsivamente da história e também criarmos as nossas hipóteses de leitura e os nossos caminhos. Na edificação narrativa de “Os meninos e os ciganos”, onde percorremos o espaço em que são delineadas as experiências dos personagens, os diálogos entre o universo ficcional e o espaço das ruas se fazem presentes de forma recorrente:

A rua era o meu mundo e os transeuntes que por ali passavam constituíram meu primeiro conceito global de mundo. Os sons, ruídos, cores e formas que guardo da infância fazem parte, indelevelmente, do meu imaginário. Lembro-me, com uma sensação de intenso prazer, dos ruídos e dos movimentos que anunciam a chegada de uma tropa de burros com os seus tropeiros (RIBEIRO, 2012, p. 7-8).

O mundo das ruas, pois, integra as lembranças do narrador e se apresenta indissociável do ato de ler que se dá pela experiência, primeiro da leitura do mundo, deste pequeno mundo que cerca o narrador (FREIRE, 1989), para depois a leitura da palavra em situações formais.

São muitas as passagens em que – sob o foco narrativo em primeira pessoa – a realidade circundante oferece experiências sensíveis de leitura para além da palavra materializada em texto: “Outro grande prazer era a chegada das charretes, que passavam na rua, trazendo pessoas para as compras. [...]

Admirava-me a beleza dos cavalos, baios ou negros, alazões ou malhados, sua elegância e fúria vigorosa, além das cores das charretes (RIBEIRO, 2012, p. 8).

O sentido freiriano da leitura do mundo que antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1989) alinha-se a essa capacidade que tem o narrador de "O menino e os ciganos" de trazer à baila as emoções e experiências que o fazem representar a vida, os lugares e as pessoas quando observa atenta e argutamente o cenário das ruas em sua contradição: a elegância fina e a fúria vigorosa dos cavalos, os figurinos dos transeuntes, os ruídos vivos das vozes que o encantavam.

O encantamento maior, contudo, era a chegada dos ciganos com o colorido das suas roupas e as credices com as quais eram criadas e propagadas muitas das suas histórias. É a narrativa que nos traz a magia do universo cigano descrita pelo olhar infantil:

Mas o que me encantava naquela vila pacata e sono lenta era a chegada dos ciganos. Eles vinham a cavalo, com suas mulheres e vestidos coloridos, cheios de babados e fitas, cabelos enfeitados e dedos com muitos anéis. Paravam em frente à minha casa, saltavam e iam pedir mantimentos ou propor barganhas. Todos os evitavam e temiam (RIBEIRO, 2012, p. 10).

Esse mistério que envolvia a chegada dos ciganos no espaço narrativo é o mote para as ações desenvolvidas no conto, as quais se amplificam quando o narrador personagem é levado por um deles, dentro de um balão, sentindo-se ameaçado com os possíveis desdobramentos dessa aventura.

O conto nos mostra, também, o quanto ainda é preconceituosa a visão dos adultos sobre o universo cigano e as concepções que ele carrega historicamente consigo, quais sejam o rótulo de serem um povo pouco afeito ao trabalho, ladrões de crianças, sem valores éticos e morais, pouco cuidadosos com seus corpos, enfim, valores axiológicos que atravessam gerações e instauram pensamentos generalizantes e excludentes.

Mas o viés da nossa análise, por ora, é o de potencializar o mundo da rua na formação leitora, considerando-se a concepção ampla da leitura, para além do universo pedagógico, ou seja, a leitura do mundo como elemento humanizador e organizador das emoções e valores, os quais agregam sentidos ao contato com o mundo ficcional.

Desse modo, os diálogos entre a rua e a literatura no conto remetem à importância de se aprender a ler o mundo e de constituir como ser humano a partir das experiências que ele nos proporciona, seja no refinamento dos nossos sentimentos, seja no despertamento para a vida em suas contradições mais concretas – as distorções, desigualdades, distinções entre pessoas, vestimentas, falares e valores que a constituem.

O narrador de “O menino e os ciganos” também retoma suas experiências infantis para compreender a sua leitura do mundo, tal qual Freire (1989, p. 9) que busca em suas reminiscências infantis a compreensão do seu ato de ler o mundo em seus múltiplos espaços e vivências pelos quais transitava:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando,recio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A experiência da leitura, pois, antecede o contato com a palavra escrita, povoa a memória infantil a partir dos significados advindos do modo como são vividas as experiências sonoras, sensoriais, narrativas e sociais humanizadas pela interlocução, pelas brincadeiras e pela interação com o mundo concreto. Freire (1989, p. 10) também reitera que em suas buscas para compreender-se como leitor do mundo, acima de tudo, era importante considerar que

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” do contexto ficcional se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmins -, no corpo das árvores, na casca dos frutos.

O diálogo entre a literatura e a vida em suas variadas dimensões é um pressuposto para a constituição de experiências leitoras mais integradas com as questões sociais que emergem no universo vivo das ruas, da praça, das feiras e do movimento no espaço público traduzido em sons, em cores e na pluralidade de linguagens que nos atravessam ampliando a nossa memória intertextual e potencializando o encontro do leitor com o contexto ficcional.

Sob tal ótica, uma questão nos apresenta como fio condutor da próxima seção do nosso texto: de que modo o universo das ruas amplia o contexto de formação do leitor infantil? A ela nos dedicaremos a seguir.

A formação do leitor infantil sob a ótica das ruas

Trazemos conosco relações de afeto com os variados espaços que frequentamos em nossas experiências sociais. A lembrança de muitos desses ambientes que nos constituem desperta em nós sentimentos carregados de antagonismos e contradições que confirmam a nossa humanidade: cores e escuridão, amor e ódio, medos e coragens, riso e tristeza, saudades e presenças, enfim.

A leitura, considerada como prática humana e social, não pode ser desvinculada dessas emoções que nos refinam e nos possibilitam viver experiências sensíveis a partir das possibilidades que o texto ficcional nos apresenta, seja por sua materialidade que se constitui por uma linguagem que nos desafia por sua conotação e polissemia, seja pela tradução das angústias e desejos humanos na edificação do literário.

Candido (2000) ressalta a interlocução entre literatura e sociedade, em obra homônima, a partir do pressuposto da literatura como conhecimento produzido historicamente, tecido nas contradições das situações concretas da vida. A compreensão do texto literário como produto histórico e social pressupõe um diálogo entre o autor, o leitor e a sociedade, de modo a provocar, nas práticas de leitura, a compreensão ativa do sujeito-leitor (PINHEIRO, 2006).

Nessa perspectiva, de que modo a leitura do mundo possibilitaria um trabalho com o texto literário materializado em um momento significativo? Alinhada a tal questão, uma outra indagação também deveria se fazer presente no trabalho com o texto literário: por que a escola desconsidera, em suas práticas, a leitura do mundo trazida pelos alunos?

Esses questionamentos são frequentes e abundam o cenário de pesquisa concernente à formação do leitor literário. Rocco (1994) já anunciava, há algumas décadas, parte do problema ao apresentar o desinteresse dos jovens pela leitura no contexto educacional, em razão da ausência de prazer na atividade literária. Assim, no dizer da autora (1994, p. 39) a criança e o jovem que estuda

Lêem mais por exigência de uma avaliação, muitas vezes, draconiana; lêem para poderem responder às questões pouco interessantes e unidirecionais dos livros didáticos e cujas respostas são exigidas e avalia das pelo professor. Quase nunca a leitura vem ligada à satisfação. Quase nunca a leitura corre em um espaço socializado e aberto.

Ao tratar a Literatura apenas como um componente curricular na escola, sujeito a prescrições e práticas enrijecidas e sem qualquer ligação com a satisfação e a expressão de humanidade que subjaz ao universo dos leitores, a escola aniquila a possibilidade da experiência de leitura e a dialogia possível no encontro dessas experiências compartilhadas entre esses sujeitos que lêem.

A provocação de Rocco (1994) evoca questões inevitáveis sobre a prática pedagógica ainda tão enraizada no contexto escolar que habitualmente se fecha

ao diálogo com as diversas instâncias sociais e, em alguns casos específicos, distancia-se da própria comunidade e realidade cultural em que se insere.

Afinal, onde estão os sujeitos leitores? Em que lugares sociais as práticas leitoras podem se efetivar? A leitura literária na escola parece não considerar o alargamento da discussão acerca do mundo literário e dos textos que transitam em espaços diversificados – bibliotecas, museus, hospitais, salas de leitura, cursos de formação, escolas, praças, centros comunitários – nos quais os discursos renovam as formas do trabalho com a Literatura. Nesse sentido, as lembranças que emergem no conto “O menino e os ciganos” nos remetem a este debate: a rua e os seus personagens também integram a nossa memória de leitores e destacam a riqueza de um cotidiano muitas vezes ignorado nas práticas de leitura que acontecem no ambiente escolar.

Assim, a vida ordinária e todas as manifestações delas advindas são preteridas por discursos autoritários que invadem o universo da escola e desvalorizam cada vez mais a experiência humana em sua plenitude, de modo a silenciar as manifestações que buscam ressaltar esse viés do homem comum, da rua, da praça e das vivências cotidianas que podem nos ajudar a ler, compreender e modificar o nosso mundo e a nossa realidade. A leitura e a escrita das palavras, portanto, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (FREIRE, 1992, p. 41).

Apontamentos para discussão

Percorrer o universo da narrativa infantojuvenil do autor Francisco Aurelio Ribeiro nos permitiu pensar em como as vozes que nos atravessam em nossas interações sociais e em como o mundo que nos rodeia nos oferece elementos fundamentais

para que compreendamos ainda mais a complexidade que nos constitui como seres humanos.

Infelizmente, pouco dessa leitura que o cenário social nos possibilita é considerado em nossas práticas de leitura, ainda bastante alinhadas a questões curriculares e pedagógicas distanciadas da vida pulsante do cotidiano e da vida ordinária, em suas cores, ruídos, espaços, dimensões, afetos, contradições, humor e personagens em cuja assimetria poderemos encontrar os ecos para compreendermos também a nossa humanidade.

Na puerilidade da voz narrativa de “O menino e os ciganos” encontramos traços para o resgate da leitura na escola, a partir das pistas trazidas pelos leitores em seus conhecimentos prévios construídos na vida cotidiana, os quais precisam ser valorizados no diálogo com o texto literário.

Para tal prática, a postura dialógica torna-se essencial, na medida em que essa possibilidade de ler o mundo em sua singularidade só se concretizará nos espaços de leitura em que o encontro com o texto literário seja mediado pelo cruzamento das experiências leitoras compartilhadas.

Tal qual o narrador infantil do conto, os leitores em formação precisam ser desafiados em suas reminiscências de modo a estreitar as relações entre os personagens de papel e as experiências que vivem em suas ações narrativas e as questões homens que subsidiam a concretude da vida real.

Referências:

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. (Polêmicas do nosso tempo, 4)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. *Literatura em sala de aula*: a dinâmica da construção do conhecimento. Disponível em: http://www.portradasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/literatura_em_sala. Acesso em: 20 abr. 2018.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O menino e os ciganos e outros contos*. Serra: Formar, 2012.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto*. São Paulo: FDE, 1994. (Série Idéias, n. 13), p. 37-42.



Capa de *Brav@s companheir@s e fantasmas 8*
e página inicial do capítulo “O menino e os ciganos’: um encontro entre a rua e a literatura”,
de Letícia Queiroz de Carvalho.

PATRONOS E ACADÊMICOS CADEIRA 6 FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

PATRONS AND ACADEMICS CHAIR 6 FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Academia Espírito-santense de Letras*



**adeira 6.
Francisco Aurelio Ribeiro
3º ocupante**

Nasceu em Ibitirama em 22 de agosto de 1955. Graduado em Letras Português/Inglês pela FAFIMGSJ, de Cachoeiro de Itapemirim, em 1976, e em Direito pela Faculdade de Direito de Itapemirim, em 1977. Especializou-se em Língua Portuguesa pela PUC-MG, 1979. Professor de Literatura da UFES, de 1982 a 2000. Fez Mestrado em Literatura Brasileira (1986) e Doutorado em Literatura

¹ ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Francisco Aurelio Ribeiro*. Vitória, out. 2021. Disponível em: <https://wwwael.org.br/patronos_e_academicos/cadeira_06.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

* Fundada em 4 de setembro de 1921.

Comparada (1990) pela UFMG. Escreveu obras de crítica literária: *Estudos críticos da literatura capixaba* (1990), *A modernidade das letras capixabas* (1993), *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector* (1993), e várias obras de literatura infantojuvenil, além de poemas e crônicas. Cronista do jornal *A Gazeta*. Sessão de posse na AESL: 13/12/1993. Presidente da AESL de 1999 a 2001, de 2005 a 2007 e de 2008 a 2010. Eleito presidente da AEL para o mandato 2013-2016 e reeleito para 2017-2019. Publicou: *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1995); *Antologia de escritoras capixabas* (1999); *Fantomas da infância* (1997); *Leitura e literatura infantojuvenil* (1998); *Das cidades e sua memória* (1995); *Literatura e marginalidades* (2000); *Vida vivida* (poemas, 1997). Participou da antologia *Alguns de nós*, 2001, org. de Miguel Marvilla e Maria Helena T. de Siqueira. Pesquisador da Literatura e História do Espírito Santo e orientador de pesquisas nas áreas “Mulher e Literatura” e “Questões da Alteridade” no Mestrado em Estudos Literários da UFES até 2008. Em 2005, publicou *Haydée Nicolussi: 1905/1970. Poeta, revolucionária e romântica*, pesquisa de vários anos sobre essa escritora capixaba. Também auxiliou na realização do curta-metragem *Festa na sombra*, de Margarete Taquete e Glecy Coutinho, sobre a mesma escritora. Em 2006, publicou *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas*. Tem trabalhos publicados em diversas revistas nacionais e internacionais, na Costa Rica, Equador, EUA, dentre outros. Publicou ainda: *Companhia Siderúrgica de Tubarão: A história de uma empresa* (2005); *O Convento da Penha. Fé e religiosidade do povo capixaba* (2006); *Afonso Cláudio. Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo* (2007); *Ainda resta uma esperança. Haydée Nicolussi: Vida e obra* (Coleção Roberto Almada, volume 14, 2007); *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*, em parceria com Thelma Maria Azevedo (2008); *Olhar para o mundo* (crônicas de viagem, 2009); *Gentes de minha terra. Etnias 2* (2009); *Nos passos de Anchieta* (2009); *Findes: 50 anos* (2010); *Literatura do Espírito Santo. Ensaios história e crítica* (2010); *Ensaios de leitura e literatura infantojuvenil* (2010); *Adeus, amigo e outras crônicas* (2012); *Método confuso. Mendes Fradique: Vida e*

obra (2012). *O menino e os ciganos* (infantojuvenil, 2012); *Ler e escrever Rubem Braga* (crônicas, Org., 2013); *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas* (2013); *Histórias capixabas* (2019).



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS



Francisco Aurélio Ribeiro

3º ocupante

Nasceu em Ibitirama em 22 de agosto de 1955. Graduado em Letras Português/Inglês pela FAFIMGSJ, de Cachoeiro de Itapemirim, em 1976, e em Direito pela Faculdade de Direito de Itapemirim, em 1977. Especializou-se em Língua Portuguesa pela PUC-MG, 1979. Professor de Literatura da UFES, de 1982 a 2000. Fez Mestrado em Literatura Brasileira (1986) e Doutorado em Literatura Comparada (1990) pela UFMG. Escreveu obras de crítica literária: *Estudos críticos da literatura capixaba* (1990), *A modernidade das letras capixabas* (1993), *A literatura infantopjuvenil de Clarice Lispector* (1993), e várias obras de literatura infantopjuvenil, além de poemas e crônicas. Cronista do jornal *A Gazeta*. Sessão de posse na AESL: 13/12/1993. Presidente da AESL de 1999 a 2001, de 2005 a 2007 e de 2008 a 2010. Eleito presidente da AEL para o mandato 2013-2016 e reeleito para 2017-2019. Publicou: *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1995); *Antologia de escritoras capixabas* (1999); *Fantomas da infância* (1997); *Leitura e literatura infantopjuvenil* (1998); *Das cidades e sua memória* (1995); *Literatura e marginalidades* (2000); *Vida vivida* (poemas, 1997). Participou da antologia *Alguns de nós*, 2001, org. de Miguel Marvila e Maria Helena T. de

Prints do verbete da Academia Espírito-santense de Letras
sobre o acadêmico Francisco Aurelio Ribeiro.

VITRINE LITERÁRIA: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

LITERARY SHOWROOM: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Francisco Grijó*

Começa agora *Vitrine Literária* com o professor e escritor Francisco Grijó. Tudo sobre literatura contemporânea: temas, autores, obras, debates, análises, curiosidades e bate-papo com autores e editores.



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária*, de maio de 2023,
com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro.

¹ FOLHA Vitória. *Vitrine literária*: Francisco Aurelio Ribeiro. Entrevista a Francisco Grijó. Vitória, 24 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ss_N3Cq_e5dU&t=1291s>. Acesso em: 11 abr. 2025.

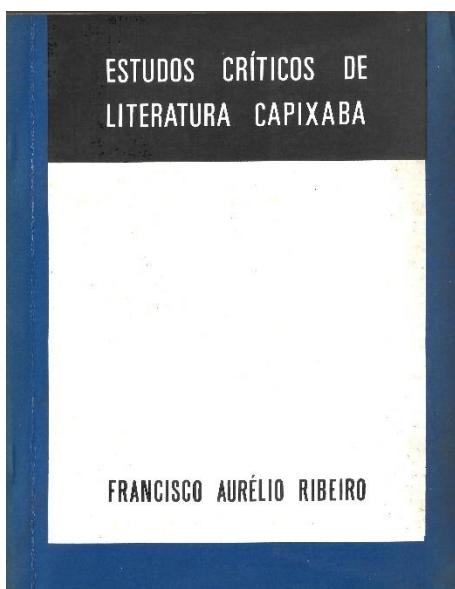
* Escritor, membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL).

Francisco Grijó (FG): Olá, pessoal, mais uma edição do *Vitrine Literária* com Francisco Grijó, aqui pela Rede Vitória, podcast, YouTube. Bem, hoje eu vou direto para o entrevistado, o nosso convidado, que foi meu professor na Universidade Federal do Espírito Santo, é uma figura representativa em termos literários e em termos críticos, ou seja, de crítica literária, algo que falta muito ao Espírito Santo. Nós não temos mais grandes críticos; aliás, eu diria até que nós não temos mais críticos literários no Espírito Santo, nem em jornal nem na academia, ou seja, está faltando realmente a crítica. Crítica é importante? Eu acho que sim. É o que nós vamos discutir hoje. Mas quem é essa figura, Grijó? Essa figura se chama Francisco Aurelio Ribeiro, que é membro da Academia Espírito-santense de Letras, foi presidente da Academia, é professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo, professor de Teoria Literária, professor de Literatura Brasileira, escritor prolífico, cronista, contista, só não escreveu romance. Acho que você nunca escreveu romance, né?

Francisco Aurelio Ribeiro (FAR): Não, romance, não.

FG: E o Chico Aurelio também escreveu para crianças, é um autor que tem um lugar consagrado na literatura infantil e na literatura infanto-juvenil. Então, hoje a gente vai conversar com ele, mas eu vou começar a falar justamente sobre a questão da crítica. Os irmãos Campos diziam que crítica era metalinguagem, ou seja, escrever sobre uma determinada obra é você fazer metalinguagem, e eu concordo absolutamente. A questão que passa é: quem ainda tem disposição para isso? Chico Aurelio, nos anos 80, nos anos 1980, lançou um livro – que causou muito furor dentro da academia e também fora dela – chamado *Estudos literários [críticos de] sobre literatura capixaba*. Nesse livro, inclusive, eu sou citado e eu gostei muito do que ele falou sobre mim, porque o Chico Aurelio foi de uma honestidade muito grande. Eu tinha lançado apenas um livro, e tinha aquela natural arrogância dos escritores iniciantes, e Chico deixou isso claro para mim, nesse livro, dizendo “Grijó tem um grande futuro, se a arrogância da

juventude não o atrapalhar". Eu nunca esqueci isso, porque foi muito importante ler isso aí, vindo justamente de uma figura que tinha uma bagagem cultural para poder fazer essa afirmação. Eu tô aqui com Chico Aurelio e, Chico, eu vou começar conversando com você justamente, diretamente sobre isso. Você escreveu sobre crítica literária, você fez crítica literária arguta, inteligente para leitores inteligentes sobre escritores que você considerava importantes, mas você parou com isso. A questão é: por que você não continua essa ideia?²



Capa de *Estudos críticos de literatura capixaba* (1990), de Francisco Aurelio Ribeiro.

FAR: Grijó, há vários fatores. Em primeiro lugar, a crítica, ela exige muito, ela exige muito conhecimento, porque você tem que conhecer não só a obra do autor, como você tem de conhecer uma teoria pertinente àquela obra, porque, na verdade, cada obra te induz a uma leitura, a um tipo de leitura. Então eu, na verdade, eu não parei definitivamente com a crítica, porque eu continuo muito fazendo prefácio de livro que as pessoas me pedem. Mas eu só faço isso hoje quando eu tenho interesse em fazer, porque não dá mais para você fazer um

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.), frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

prefácio de um livro, uma crítica de um livro de um escritor iniciante, por exemplo, e falar o que eu falei com você, hoje, sem que eu não seja colocado de escanteio – ou como é que se diz hoje? É quando... *cancelado*, sem que você seja cancelado, entendeu? Porque hoje as pessoas só querem ouvir elogios; essa rede social acabou criando o culto do eu-eu-eu, que é uma coisa terrível. Então, eu acho difícil hoje fazer até a crítica literária, por isso. Então, o que eu vejo é muito compadrio, é guetos se autoelogiando, e isso não é pertinente a uma crítica, pelo menos a crítica no sentido que eu entendo. A gente estudava muito; você começava com Aristóteles e tudo, para poder analisar um livro. Então, não vejo muito espaço para isso hoje em dia, não. Não parei totalmente, mas não é uma coisa hoje mais que que me faz tomar muito meu tempo.

FG: Mas aí que vem uma pergunta, uma pergunta, eu afirmo e considero uma pergunta que vai me satisfazer muito particularmente. Mas você não acha que, justamente por isso, é que uma figura como você, com toda essa bagagem que você tem e com todo prestígio que você tem na crítica literária, não seria interessante você continuar com isso, justamente para combater essa ideia desse compadrio?

FAR: Pois é, Grijó, mas eu vejo... Por exemplo, eu fui um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em Letras, em 1994. Vai fazer 30 anos agora que nós criamos o Programa de Pós-graduação. Eu fui orientando da Regina Zilberman, e a Regina, na época, era representante da Letras na Capes. Ela me chamou, no dia da minha defesa, e falou: “– Chico, você tem uma responsabilidade muito grande; o Espírito Santo é o único estado da região sudeste que não tem programa de pós-graduação em Letras”. Eu falei: “– O quê?”. Ela falou: “– É. Você tem que voltar para lá e criar esse programa”. Isso foi em 1990...

FG: Nas universidades públicas?

FAR: Públcas, mas o Espírito Santo só tem universidade pública...

FG: Não, mas no Sudeste...

FAR: Não, ela falou que o Espírito Santo não tinha programa de pós-graduação em Letras, a questão era essa. E aí eu vim empenhado nisso. Mas nós tivemos muito problema no departamento [de Línguas e Letras], porque o nosso departamento era muito mais dominado pela Gramática do que pela Literatura.



Prédio da Reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo (Foto sem crédito) e Prédio de Letras Bernadette Lyra, à direita (Foto de Paulo R. Sodré).

FG: Certo, certo.

FAR: Entendeu? Havia figuras como José Augusto [Carvalho], Carlos Laet, que eram figuras dominantes, Vera Marina Monjardim, todas ligadas à Gramática, ao estudo linguístico da língua. E nós, você sabe muito bem, que nós da área de Letras, ou a gente é gramatiqueiro ou é "literatureiro", ou seja, a gente se divide.

Bom, o que eu observo agora desses 30 anos do Programa de Pós-graduação em Letras é que o Programa não formou críticos. Então, observe, eu vejo as dissertações e as teses que são defendidas, quando... só pelo título eu não tenho vontade nem de ler, porque a pessoa se aprofunda tanto sobre determinadas coisas que eu confesso que eu vejo muito assim aquilo que Foucault chamava de “niilismo de cátedra”, sabe? Me parece que é uma muita teoria sobre nada...

FG: Eu me lembro, Chico, que era tão importante o seu trabalho, que eu me lembro que você foi o primeiro a estudar a minha geração, eu, Paulo Sodré, Waldo Motta, aquela rapaziada que tava começando a escrever e que precisava de um olhar sobre ela justamente para saber se a gente devia ir adiante ou não. Eu me lembro de várias vezes você citando que aquela geração, a geração que você chamava “Geração de 80” – aliás, é um termo seu –, que foi uma grande geração, e teve Deny Gomes como uma figura, uma mentora, e assim por diante. Você não vê isso hoje? Você não vê um grupo de escritores que hoje pode brilhar mais tarde?

FAR: Grijó, o que eu vejo é o seguinte: aquela geração, ela teve um sentido político muito grande, porque foi a geração da abertura, 79 acabou, a censura, e 80 começou aquele movimento da democracia que eles chamavam de ampla e gradual... tinha uns termos assim que os militares usavam. Então, aquela geração, a Geração de 80, ela marcou para mim, ela foi definitiva aqui no estado porque ela foi um marco não só literário, não só de criação literária, mas também um marco político. E teve uma série, vamos dizer assim, de fatores: a própria Editora da Universidade...

FG: Tinha a Fundação [Ceciliano Abel de Almeida], né?





Prédio onde funcionava, nos anos de 1980, a editora da Fundação Cecílio Abel de Almeida (FCAA), cujo editor, Reinaldo Santos Neves (Foto sem crédito), foi responsável pela publicação dos quarenta títulos da Coleção Letras Capixabas (Foto de Pedro J. Nunes).

FAR: ...o momento de crescimento que a Universidade passou, aquilo tudo. A partir dos anos 90 a gente entra no processo de crise. Essa crise começa exatamente em 90, com Collor, quer dizer, o auge dessa crise foi com aquela desgraça daquele governo do Collor. Depois daquela, outra desgraça foi o governo do Sarney. Então, tudo isso influenciou muito não só a questão cultural como também a questão política, vamos dizer assim, e aí depois vem a internet. A internet, ao mesmo tempo que ela é uma grande aliada da juventude hoje, por outro lado, ela matou muito a literatura; ela matou, porque hoje as pessoas, elas têm seus blogs, ela tem seus sites e curtem. E, aí, aquilo... não existe mais uma geração; existem guetos; existem grupos.

FG: Você não concorda que a internet difunde mais do que o livro?

FAR: Olha, eu acredito que ela difunde a obvialidade, ela difunde a superfície; eu não acredito que a internet contribua para aprofundar nada. Por sinal, o que eu observo é que as pessoas estão lendo muito pouco coisas que realmente deveriam ler; elas leem muito coisas óbvias e eu acho que perdem muito tempo. Um livro demanda muito tempo.

FG: Sim.

FAR: Eu li essa semana *A guerra não tem rosto de mulher* daquela bielorrussa que ganhou Nobel de Literatura em 2015, eu não lembro o nome – esses nomes, muitos são complicados [Svetlana Aleksiévitch] –; eu fiquei uma semana lendo o livro, lendo assim em estado de transe, porque o que ela descreve eu nunca tinha lido na minha vida: a história da guerra contada do ponto de vista da mulher, a mulher na linha de frente; a gente sempre viu a guerra com uma coisa masculina. Então, eu acredito, Grijó, que para você entrar na literatura, você tem que ter tempo, você tem que se dedicar a ela, e não é isso que eu vejo nos dias atuais. Inclusive, vejo até em relação às crianças...

FG: E é isso que desestimula você a fazer crítica?

FAR: Muito, muito, desestimula muito. Olha, Grijó, para você ter uma ideia, nós não temos mais livrarias em Vitória que vendem autor capixaba, não tem.

FG: Nós não temos as livrarias, né? Praticamente.

FAR: Vamos dizer, as que sobraram, que são livrarias de shopping; elas não vendem autor capixaba. Então, nós não temos livraria; os municípios, todos os municípios tinham biblioteca pública, não têm mais. Dos setenta e oito municípios, não tem mais. Estão fechando livrarias, fechando bibliotecas; as bibliotecas estão vazias. Eu tenho ido à Biblioteca Pública Estadual, para pesquisar, é um deserto... Então a coisa migrou da palavra impressa para esse tipo de comunicação hoje: todo mundo grudado no celular o tempo todo, todo mundo repassando, mas é tudo muito na superfície.

FG: Chico, olha só, um dia desses nós conversamos eu, você, o Adilson [Vilaça] estava também nesse papo, Álvaro [José Silva], mesmo que fosse uma conversa virtual, mas nós chegamos a uma discussão em que eu falei: “– Eu quero que o Chico vá ao programa, para a gente poder abordar isso”. Que é o que que nós

queremos? O que que a Academia quer? O que que a Academia Espírito-santense de Letras faz de positivo para que a gente possa difundir o autor capixaba e fazer o autor capixaba chegar à cabeceira do leitor?



Academia Espírito-santense de Letras (Fotos sem crédito).

FAR: Eu acho muito difícil, até pela experiência que eu tive... até por esse contexto que a gente vive. A Academia, ela não se moderniza, ela não tá ligada a esse mundo que a gente está vivendo hoje e, você sabe, é uma entidade paupérrima, e cada vez eu acho mais difícil fazer com que o que a gente faz chegue a esse público de hoje em dia, a esse leitor de hoje em dia. Então, eu confesso para você que eu não sei. Eu tô chegando à velhice, eu acho que não cheguei ainda, porque eu tô com 67; eu acho que a velhice começa mesmo com 70. Alguns até conseguem estender mais, mas eu já tô me preparando para entrar nessa velhice que é essa parte de desalento, mas eu já tô bastante desalentado com que eu vejo, com muito que eu vivo. Eu sempre acreditei muito

na literatura, no poder transformador do mundo através da leitura, da responsabilidade social que o escritor tem. Eu sou de uma geração que foi criada lendo esses autores. Eu sou de uma geração, a geração do Sartre, a geração que falava o tempo todo em engajamento.

FG: É, mas você faz uma coisa que... Ah, desculpa, desculpa, conclua.

FAR: Só para concluir: então, o que eu vejo hoje é que a Academia, ela está tão estilhaçada como o mundo que a gente vive; a gente não consegue mais ser um bloco homogêneo, não; a gente se vê como é que nós estamos. E outra coisa: e uma subjetividade muito grande, sabe?, muito eu-eu, muito narcisismo não só na academia, mas no mundo que a gente está vivendo. Por sinal, é o próximo tema da minha crônica – eu continuo escrevendo crônicas... – num próprio tempo eu quero falar disso, desse mundo extremamente narcísico que a gente vive.

FG: É interessante que você se diz desalentado, você se diz decepcionado, mas você continua produzindo biografias literárias, cujo objetivo é justamente

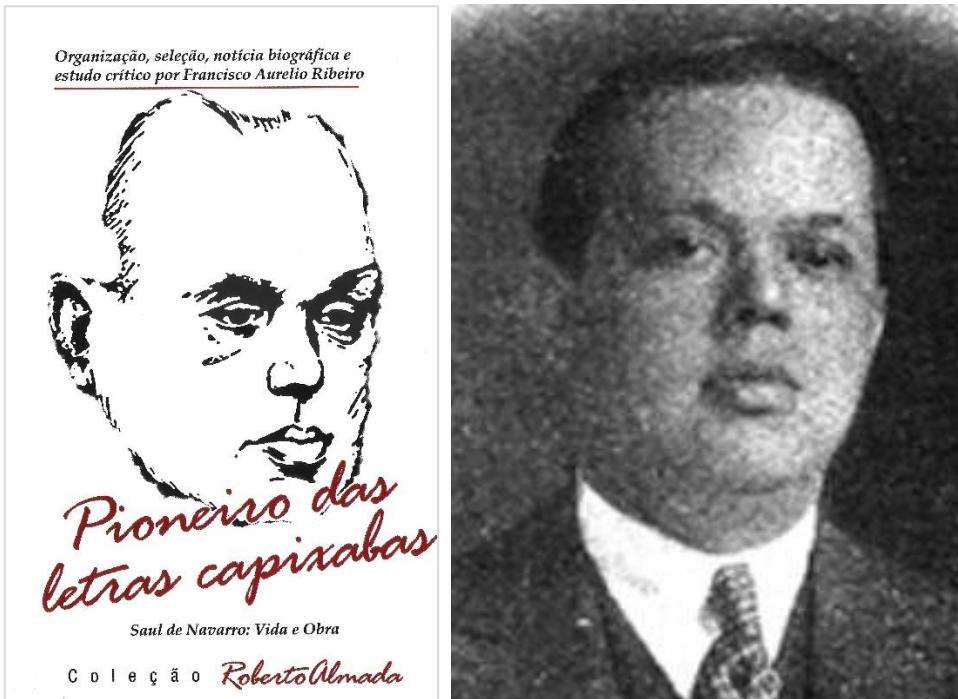
FAR: Reler...

FG: ...e informar sobre algumas figuras. Eu queria que você mostrasse aqui, Chico, olha só...



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária* com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Francisco Grijó.

FAR: Grijó, olha, é aquilo que eu digo, eu ainda não entrei... essa, por exemplo, é a biografia do Saul de Navarro. Eu fiz durante a pandemia. Ninguém sabia mais quem foi Saul de Navarro, o nome de uma rua na Praia do Canto.



Capa de *Pioneiro das letras capixabas – Saul de Navarro: vida e obra*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e retrato do autor (Foto sem crédito).

FG: Eu vou confessar aqui. Aqui está a biografia [mostrando a capa do livro sobre Saul de Navarro]. Eu vou confessar uma coisa: quando eu fui eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, eu fiquei com uma determinada cadeira, como todos ficam, e um dos membros anteriores dessa cadeira era o Saul de Navarro, que eu fui pesquisar, e é um pseudônimo e é o nome de uma rua, onde fica, inclusive, a minha barbearia.

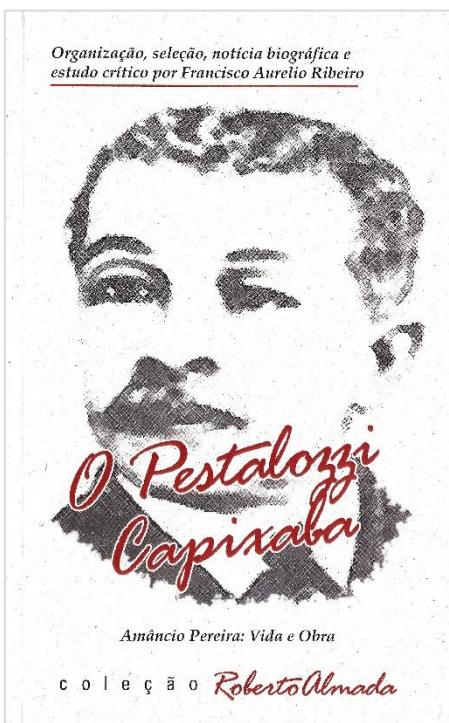
FAR: Álvaro Henrique de Souza.

FG: Exato. Essa é a minha questão: você tem um desalento, mas contraditoriamente você apresenta ao leitor figuras que são importantes para a literatura.

FAR: Com certeza.

FG: Esse seu projeto de resgate, esse seu projeto é... mostra um Francisco Aurelio que ainda tem esperança.

FAR: Sim. Não, eu não perdi a esperança, porque eu acho que eu só vou perder na hora que eu estiver assim: "Descansou". Aí, sim, quando debaixo de uma lápide "Descansou", porque realmente, aquilo que eu disse para você, a velhice tem muito a ver com esse desalento. Eu não sou um... não estou me preparando para ser "um velho bobo", conforme eu vi isso de um colega escrevendo nas redes sociais: que a Academia tá criando "velhos tolos". Eu não quero ser um "velho tolo" e eu acho que uma das maneiras que a gente tem de não ser um "velho tolo" é exatamente isso: tentar entender até o que nós somos. Então, esse projeto de resgate de pioneiros da Academia me dá muita satisfação fazer isso. Quando eu escrevi sobre o professor Amâncio Pereira, eu descobri que o professor Amâncio Pereira foi o maior escritor da época dele e era o primeiro escritor negro do Espírito Santo, e ninguém falava disso. Pelo contrário, a própria família, que leva o sobrenome dele, foi branqueando com o tempo, foi embranquecendo e, de uma certa maneira, apagando essa negritude do velho Amâncio.



Capa de *O Pestalozzi capixaba – Amâncio Pereira: vida e obra*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e retrato do autor (Foto sem crédito).

FG: Mas os filhos dele, que é Antônio Benedicto Amâncio Pereira...

FAR: Antônio Benedicto é neto dele.

FG: É, é neto dele. Foi meu professor. O Hariolus que é irmão dele...

FAR: Não, são netos dele.

FG: Os dois foram meus professores do Curso de Direito, e eram pretos...

FAR: Eram pretos...

FG: Interessante isso; e nunca tentaram esconder, nunca tentaram ser... nunca tentaram se “branquear”...

FAR: E o professor Amâncio Pereira, ele viveu na mesma época do Machado de Assis; eu o comparo ao Machado de Assis capixaba, sim, pela importância... Inclusive, já tem um artigo que fala sobre a questão do humor em Amâncio Pereira, enquanto que o Machado de Assis... [trecho incompreensível]. Eu acho que era a maneira que eles tinham de rir da época deles, de rir da sociedade deles, já que eles não podiam mudar aquele meio que eles viveram. Além do importante papel que ele teve como autor de teatro. Segundo Oscar Gama, e é verdade, ele é o primeiro escritor brasileiro a fazer uma peça de teatro para criança, 1915. Olha que coisa bacana!

FG: Ótimo, ótimo!

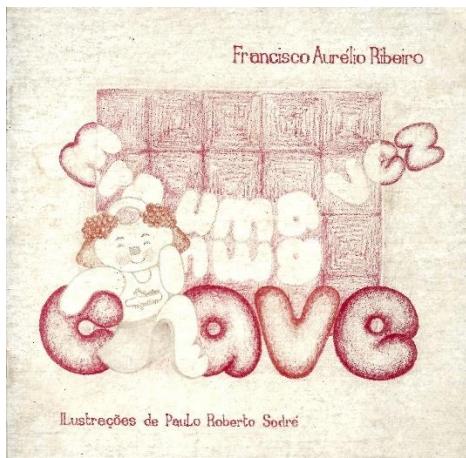
FAR: Então, essas coisas me dão muito alento.

FG: E por falar em criança, você escreveu muito para crianças. Esse Chico Aurelio que escreve para crianças é o Chico Aurelio crítico, é o Chico Aurelio cronista ou é um outro Chico Aurelio, cuja sensibilidade se aflora e é dirigida para essa Literatura Infantil?

FAR: Na verdade, Grijó, eu criei duas disciplinas na Ufes. Criei a disciplina de Literatura Infantil e criei a de Literatura do Espírito Santo. Então esse era os meus dois focos na época que eu entrei na universidade como professor. Primeira coisa, eu achava que a gente tinha que ler a literatura que estava sendo feita no Espírito Santo, naquele momento, porque eu constatava que era uma literatura que precisava ser lida. Isso aí foi importante na minha carreira de professor. E também a questão da Literatura Infantil, porque o Brasil estava vivendo também o boom da Literatura Infantil. Grandes autores surgiram na década de 70 e estouraram na década de 80: Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Joel Rufino e muitos outros. E aí acabei começando a minha carreira de escritor, na verdade, com a Literatura Infantil. O ano que vem faz... não, este ano agora faz 40 anos que eu publiquei meu primeiro livro, 1983.

FG: Qual foi?

FAR: Foi *Era uma vez uma chave*, por uma editora de Belo Horizonte, que era muito famosa, a Editora Miguilim; eu nunca, vamos dizer assim, batalhei para ser escritor para criança, não; foi uma coisa que surgiu a partir do momento que eu estava estudando a literatura do Espírito Santo e acabei, nos meus cursos de formação para professor, acabei produzindo também. Mas, olha, Grijó, eu considero a literatura para criança uma questão muito séria, uma literatura muito séria.



Capa do primeiro livro para criança, *Era uma vez uma chave*, de Francisco Aurelio Ribeiro, de 1983.

FG: Eu acho muito difícil.

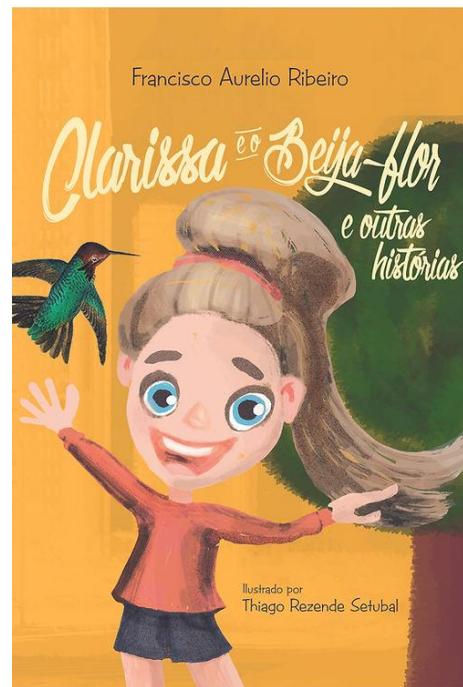
FAR: Muito sério e muito difícil. O que eu tenho observado é que a literatura não melhorou muito, a literatura para criança; pelo contrário, o escritor para criança ainda vê muito essa literatura como a literatura pasteurizada, uma literatura que tem que ser suavizada, como se houvesse o mundo para adulto, o mundo para criança, ou, então, o livro como instrumento de didática, instrumento de ensinamento. Então, eu pego, por exemplo, esse livro meu que foi premiado, que ganhou...

FG: Mostra aí pra gente.



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária* com Francisco Aurelio Ribeiro.

FAR: ... que ganhou o edital da Secult-ES, *Clarissa e o beija-flor*. Primeira coisa, as minhas histórias são sempre realistas; as crianças perguntam de onde é que vem a imaginação para escrever; eu falei “–Do mundo, vem do mundo em que eu vivo e que você vive também”. Minha netinha achou um filhotinho de beija-flor e resolveu criar esse filhotinho de beija-flor. Eu falei: “– Como é que você vai criar um filhote de beija-flor?”. Eu sou da roça, nasci na roça, já criei muito bichinho, passarinho em gaiola, na época que a gente podia ter, um melro em gaiola, mas nunca vi ninguém criar o filhote de beija-flor. E ela criou. Aqui [mostrando a fotografia da neta na contracapa do livro] tem ela com o filhotinho de beija-flor no dedinho, carregando pela casa. Só que eu tinha que prepará-la – ela tinha três aninhos –, eu tinha que prepará-la que esse beija-flor fazia parte de um outro mundo; ele não podia viver ali, ele tem que ir embora, ele tem que ir para a natureza. “– Não, vovô, ele é meu!”. “– Não é seu, você criou ele, porque ele caiu do ninho, a mãe não conseguiu levar para lá; você criou, mas ele tem que voltar para a natureza”. Euuento essa história; de uma certa maneira acho que é isso. As histórias para criança são para preparar as crianças para a realidade do mundo em que elas vivem. Então, eu falo da morte, eu falo das diferenças sociais, eu falo de tudo que eu falaria num conto que não fosse para criança. Tudo é uma questão de linguagem.



Capa do livro para criança premiado pela Secult-ES,
Clarissa e o beija-flor e outras histórias,
de Francisco Aurelio Ribeiro, de 2017.

FG: Eu sempre quis fazer essa pergunta para alguém e eu acho que você é a pessoa adequada. O que que você me diz desses textos clássicos que são adaptados para criança? A minha pergunta é: Você é favorável a isso? Você sente que isso é uma corrupção do clássico? O clássico deveria ser lido por pessoas mais velhas na época certa? O que que você acha de trazer o clássico para a criança e reestruturar a linguagem? O que que você pensa disso?

FAR: Grijó, eu já fiquei muito preocupado com isso, quando pegaram, por exemplo, Monteiro Lobato e começaram a reescrever Monteiro Lobato. Aí, eu falei: “– Meu Deus, Monteiro Lobato é tão recente, tem 100 anos que ele escreveu e já estão reescrevendo”. Walcyr Carrasco reescreveu Monteiro Lobato. Depois, eu fiquei pensando o seguinte: na verdade, o que está por aí é a intenção pedagógica, levar o clássico até a criança. Eu acredito que pode ser um recurso para que ela um dia leia o texto original, da mesma maneira quando a gente lê um texto de outra língua e a gente não sabe a língua original; você lê aquilo traduzido. Mas eu te pergunto: Até que ponto esse tradutor foi fiel, não é? Se

você lê um livro que foi escrito em francês ou inglês ou italiano ou russo, se você lê um Dostoievski que foi escrito em russo e agora você lê esse livro traduzido, você também não tá lendo o livro original, essa é uma adaptação...

FG: ...é uma adaptação.

FAR: A tradução também é uma adaptação. Adaptação à língua da pessoa que tá lendo. Então, nesse aspecto, eu acredito que tudo que leve à formação de um leitor integral é válido. Por exemplo, eu não sei se você viu, eles estão fazendo histórias em quadrinhos de clássicos...

FG: Sim, sim.

FAR: Você já viu a história em quadrinho do *Canaã*?

FG: Não, não vi, não, mas vi do *Cortiço*...

FAR: Agora você imagina um *Canaã*, que é um livro dificílimo de ler, um livro que tem uma linguagem de começo de século, bastante rebuscada...

FG: Expressionista, né?

FAR: É. E aí você pega o livro transformado em história em quadrinho. O que que eles pegam? Eles pegam o que é “quadrinável”, vamos dizer assim, e trazem isso para o adolescente. Eu fui a uma escola na semana passada, e os meninos estavam todos com história em quadrinhos na mão. Aí, o menino me perguntou: “– O que que o senhor acha da história em quadrinho?”. Eu falei: “– Olha, pra sua idade... Eu também gostava de ler história em quadrinho na sua idade; só espero que você consiga superar isso...”.

FG: É.

FAR: "Eu espero que um dia você consiga ler uma história que não seja em quadrinho". Então, acho que é por aí, sabe? A gente tem que ver essas tentativas como formas, vamos dizer assim, de se formar esse leitor que a gente gostaria tanto que houvesse.

FG: Chico, eu vou agradecer a você pela sua lucidez, cara, e pela sua clareza para falar; é invejável. Você tá de parabéns; foi um privilégio ouvir você aqui. Agradeço muito a sua participação, quero muito que você volte para a gente conversar sobre modernidade. Eu vou agendar com você para você voltar aqui, mas infelizmente o nosso tempo acabou. Eu agradeço demais sua participação, valeu mesmo. Se quiser falar alguma coisa...

FAR: Eu sugiro, Grijó, que, de repente, a gente pode voltar a falar, se você quiser, falar sobre literatura capixaba ou literatura do Espírito Santo – até o termo né? –, porque eu me dediquei muito a isso e hoje eu não tenho mais, vamos dizer, a oportunidade de divulgar isso para os meus alunos, porque nem para banca de Mestrado eles me chamam mais... Acho que já me consideram velho até para poder participar de banca... E também nem faço muita questão, sabe, Grijó? Porque aquele tipo de tema que está sendo discutido não me interessa. E eu tô numa fase da minha vida que hoje eu escolho o que eu quero ler, o que eu quero criticar, o que eu quero analisar.

FG: Ótimo! Obrigado, Chico. Valeu mesmo, muito obrigado!

FAR: Eu que agradeço, Grijó. Muito obrigado!

FG: Espero que você volte.

FAR: Também espero.

FG: Valeu, gente! Um grande abraço! Uma aula aqui com o professor Francisco Aurelio, meu xará. Um grande abraço a vocês todos.



Bate-papo com Francisco Aurélio Ribeiro



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária*, de maio de 2023,
com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Francisco Grijó.

A PROSA POÉTICA DE HADALY
(GUILLY FURTADO BANDEIRA)
EM CINCO
“CARTAS SEM DESTINATÁRIO”
DE *VIDA CAPICHABA*

THE POETIC PROSE OF HADALY
(GUILLY FURTADO BANDEIRA)
IN FIVE
“LETTERS WITHOUT AN ADDRESSEE”
IN *VIDA CAPICHABA*

Grace Alves da Paixão*

Guilly Furtado Bandeira nasceu no Espírito Santo, em 1890, e passou a infância e a juventude no Pará. Depois de casar-se com o militar Raymundo Bandeira, foi para o Rio de Janeiro. Contudo, nunca perdeu o contato com seu Estado natal, tendo trabalhado ativamente no meio literário da capital espírito-santense. Foi uma das pioneiras na empreitada de abrir cada vez mais espaço às mulheres nesse universo: formou-se no Ensino Superior, participou da fundação da Academia de Letras do Pará,

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

publicou em diversos periódicos e atuou também na política (PAIM, 1983; RIBEIRO, 2010; DRUMOND, 2014).

Em formato de livro, no ano de 1914, lançou *Esmaltes e camafeus*, um conjunto de contos bastante alinhados às estéticas do século anterior, haja vista a referência do título a *Émaux et camées*, de Théophile Gautier (1852). A ficcionalização de personagens do folclore brasileiro, em alguns contos, revela a atmosfera vivida no início do século, no sentido de dar a ver a cor local nas obras produzidas em nosso país (PUPO, 2001; RAMOS JR., 2018). Trata-se de um marco importante, porque é o primeiro livro publicado por uma mulher nascida no Espírito Santo (OLIVEIRA, 2020).

Porém, sua estreia na vida literária data de antes, no jornal *A Província*, de Belém, no Pará. Em solo capixaba, a primeira notícia que temos de suas publicações se dá em 1910, com o conto “Suprema ambição”: antes de ser inserido em *Esmaltes e camafeus*, já havia sido publicado no *Jornal do Comércio* do Espírito Santo, assinado com seu nome de solteira: Guilly Tesch Furtado (1910). O conto figura na primeira página do periódico, ocupando, portanto, lugar de destaque e, na mesma página, encontram-se algumas palavras elogiosas dos editores a respeito das produções da escritora estreante, a “talentosa conterrânea”.

Ao longo de praticamente toda sua vida, publicou, em periódicos, tanto contos e poemas, quanto artigos de opinião e reflexões de cunho político e filosófico. Estudos como os de Rangel (2011), de Scolforo (2020) e de Rangel e Nader (2020), por exemplo, revelam sua postura progressista diante da discussão sobre o feminismo e sua participação no periódico *Vida Capichaba*. Nesta revista, a presença de Guilly Furtado Bandeira se faz sentir, porque foi uma das colaboradoras a formar um grupo de mulheres que ali tinham espaço de expressão.

No Rio de Janeiro, entre 1916 e 1917, é possível ler produções suas na revista *A Faceira*. Um pouco depois, em 1918, na *Revista das Moças*. No final da década de 1920 e início da década de 1930, publicava com certa frequência n'*O Paiz*, onde assinava apenas G. ou Gui e também seu nome completo: na seção feminina “Elegância e Conforto”, escrevia sobre moda e também lançava crônicas e reflexões sobre o viver; em outras seções, discursava sobre as instituições de caridade da capital.

Figura 1: Comentário sobre Guilly Furtado Bandeira no *Jornal do Comércio*, de 1910.



Fonte: *Jornal do Comércio*, Vitoria, ano XX, n. 183, 19 ago. 1910. (Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/229687/per229687_1910_00183.pdf>.
Acesso em: 01 mar. 2025.

A imprensa da época registra o reconhecimento que a autora obteve em vida. E, após sua morte, não deixou de ser lembrada: em 2010, tornou-se patrona da cadeira número 39 da Academia Feminina de Letras do Espírito Santo e, em 2011,

Esmaltes e camafeus (1914) foi republicado pela Academia Espírito-Santense de Letras (OLIVEIRA, 2020). No entanto, ainda há que se fazer um trabalho de compilação das suas obras esparsas (as quais estão em arquivos que guardam os periódicos em que publicava) no intuito de dar visibilidade à sua produção e não deixar que caia no esquecimento, uma vez que constitui memória do patrimônio imaterial da Literatura Brasileira produzida no Espírito Santo.

Figura 2: Capa do n. 13 do periódico *Futuro das Moças* e foto de Guilly Furtado Bandeira no interior da revista.



Fonte: Revista *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, 1917. (Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6825/14/Anno.I_n.13_45000033186_Output.o.pdf>). Acesso em: 28 fev. 2025.

A imagem acima é uma das poucas que encontramos da autora. Quando, em 1925, ela foi convidada pelos editores de *Vida Capichaba* a responder ao questionário da seção “Página Confidencial” (BANDEIRA, 1925), não enviou uma fotografia sua, mas escreveu uma autodescrição com título “Auto-retrato”. Para

falar de si, utiliza uma célebre citação atribuída a Schopenhauer: “Um verdadeiro *especimen* de Schopenhauer: um animal de ideias curtas e cabelos compridos”.

Compreender o sarcasmo de Guilly exige conhecer as ideias misóginas do filósofo do século XIX, em especial no excerto “Esboço acerca das mulheres”, publicado em 1850 no livro *As dores do mundo* (SCHOPENHAUER, 1985) e *A arte de lidar com as mulheres* (SCHOPENHAUER, 2004). A ironia está no fato de que, todos sabemos e ela própria estava certa disso, não era um ser de ideias curtas. Ao contrário, foi uma mulher lettrada e à frente de seu tempo em muitas questões, sobretudo quanto à valorização da intelectualidade feminina.

Figura 3: Capa do n. 50 do periódico *Vida Capichaba* e excerto da “Página Confidencial” no interior da revista, respondida pela autora em julho de 1925



Fonte: BANDEIRA, Guilly Furtado. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória, ano III, n. 50, [s. n.], 31 jul. 1925. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1925_00050.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Para compreender aspectos da literatura espírito-santense, em especial a literatura produzida por mulheres, conhecer a obra de Guilly Furtado Bandeira parece-nos essencial. Nesse sentido, a contribuição desta seleta está em lançar luz sobre uma parte de sua produção escrita, por meio de uma compilação de

cinco textos publicados em *Vida Capichaba*, entre os anos de 1927 e 1933, sob o pseudônimo de Hadaly. Trata-se das “Cartas sem destinatário”, escritos numa prosa poética que revela intenso trabalho sobre a linguagem a fim de que o texto tome ares líricos.

Quem nos revela a identidade sob esse pseudônimo é a revista *Vida Capichaba* que, em 30 de julho de 1927, publica uma nota de homenagem à escritora em virtude de sua formatura na Faculdade de Filosofia, no Rio de Janeiro, e afirma: “[...] À apreciada escritora espírito-santense, de cuja colaboração, sob o seu nome ou o de Hadaly, este quinzenário se desvanece sinceramente participando da alegria de seu esplêndido triunfo, nossas afetuosas felicitações” (VIDA, 1927, [s.p]).

É possível que o pseudônimo tenha sido escolhido por influência do francês Villiers de L'isle-Adam, o qual criara a personagem Hadaly em seu romance que *L'Ève future*, de 1886. Na história, que mescla o fantástico com a ficção científica, a personagem é produto de um experimento: um androide produzido por Thomas Edison, com a finalidade de satisfazer o gosto dos homens. Chama a atenção – e não nos parece gratuito – o fato de uma de nossas escritoras mais afinadas com o feminismo na primeira metade do século XX tomar de empréstimo o nome da personagem que está no centro de uma obra carregada de misoginia.

Uma primeira hipótese é a de que a Hadaly de Guilly queira justamente reproduzir o aperfeiçoamento feminino promovido pelo cientista que criou a Hadaly de L'Isle-Adam. No romance – por meio de um processo de viagem astral, isto é, de uma transferência de alma que descorporifica uma mulher real – o androide feminino é dotado de um espírito superior, elevado, nobre. Na década de 1920, as mulheres buscavam mostrar-se valorosas, inteligentes, intelectualmente capazes, em contraposição aos estereótipos machistas sobre a condição feminina. Dessa forma, uma personagem como Hadaly das “Cartas sem

destinatário” dá a ver uma mulher sensível à beleza do mundo e dos sentimentos nobres e dotada de capacidade de criação artística e fruição estética.

Por outro lado, a postura feminista da autora e a maneira satírica com que lida com os preceitos machistas levam-nos a outra hipótese, isto é, a de que sua Hadaly sirva justamente para evidenciar o quanto é irreal uma mulher que seja tão subserviente. Ou seja, situa-se no campo da idealização e da ficção uma figura feminina que seja dominada pelo sentimento de amor e pelo desejo absoluto de entrega ao ser amado, como se seu corpo fosse feito para ser o objeto de seu prazer. Nesse sentido, tanto a Hadaly de L'isle-Adam, quanto a de Guilly seriam androides programados para agradar ao sexo oposto. Esta segunda, pelo contexto de criação, pode ser lida pela chave da ironia da autora e mostrar o quanto os homens reduzem as mulheres à condição de seres formatados somente para os amar.

Suas “Cartas sem destinatário” podem ser consultadas nos arquivos da Biblioteca Nacional, de forma *online*, uma vez que as edições de *Vida Capichaba* foram digitalizadas e estão disponibilizadas em rede pela Hemeroteca Digital. A transcrição que consta nesta seleta tem o objetivo de facilitar o acesso dos leitores do século XXI a produções de cerca de um século atrás. Para propiciar uma melhor leitura, a grafia foi modernizada de acordo com as normas atuais da escrita da língua portuguesa.

É preciso ainda realizar um trabalho maior no sentido de compilar os textos esparsos de Guilly Furtado Bandeira e agrupar as publicações assinadas por Hadaly, com vistas a produzir uma edição crítica de sua obra. Assim, teríamos uma visão do todo e poderíamos melhor delinear os contornos de uma personalidade tão interessante para os estudos da Literatura Brasileira. Nesse sentido, a presente seleta representa apenas um passo de uma longa trajetória a ser empreendida no encalço de publicizar e analisar a produção da autora.

A primeira “Carta sem destinatário” (HADALY, 1927) a figurar nesta seleta foi publicada em 30 de abril de 1927, na edição de n. 91 de *Vida Capichaba*. Está disposta na página 27 de uma edição com cinquenta páginas e divide o espaço com duas fotografias relativamente grandes de times de futebol e uma nota que dá notícias do resultado da partida entre Sulamérica e Bangú. Assinada por Hadaly, destina-se a “Meu desvairado amor”, o que estabelece uma atmosfera de segredo normalmente associada ao universo feminino.

A mulher confessa ao amado seu estado de alma longe de si: o desespero e a angústia da saudade. As suspensões de pensamento evocam a emoção de um discurso cheio de rupturas e hesitações próprias da pessoa que ama e cujos sentidos não permitem a racionalização do pensar. As aliterações e assonâncias conferem uma musicalidade quase poética: “poente peneira, por entre as copas de esmeralda, a pulverização irisada do crepúsculo morrente”.

A segunda “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929a) localizada neste trabalho foi escrita em dezembro de 1828, mas publicada em 17 de janeiro de 1929, na 158^a edição de *Vida Capichaba*. Divide a vigésima página do periódico (que tem cinquenta no total) com uma foto do ministro do Tribunal Federal, Heitor de Souza, e uma nota sobre seu falecimento. No rodapé, há uma citação atribuída a Robespierre: “Há alguns homens úteis, mas nenhum necessário: somente o povo é imortal”.

Hadaly dirige-se ao seu “desvairado amor” num discurso eloquente e poético. O “Natal” afasta-se de seu sentido original e não evoca a mística cristã do nascimento do Salvador, mas refere-se à apoteose de um amor que é, ao mesmo tempo, carnal e espiritual. As referências à natureza são constantes: o amor floresce como as plantas em um vergel; o amor ilumina como os raios de sol em uma caverna escura. A menção a um Deus que dota o humano da capacidade de amar confere aos sentimentos humanos uma faculdade divina.

A terceira “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929b) apresentada neste breve estudo foi publicada em 31 de outubro de 1929, na edição de n. 199 de *Vida Capichaba*. Está disposta na página 19 de uma edição com cinquenta e duas páginas e divide espaço com uma fotografia pequena de uma comitiva presidencial. A missiva é assinada por Hadaly e o destinatário é “Meu insano desejo”, uma figura não revelada que evoca a ideia de amor proibido ou platônico, próximo ao tipo de discurso encontrado em textos de diários secretos.

A mulher conta ao amado uma experiência sensorial que tem traços de uma alucinação ou de uma vivência transcendental. Em um movimento sinestésico, as flores de jasmim a inebriam fazendo com que o odor floral tome uma forma humana que somente é visível para os que têm alma de poeta. A voz desse ser misterioso lhe alerta sobre os perigos de se entregar ao amor, visto por ele como uma falácia. Porém, ela não pode dar-lhe ouvidos: não pode deixar de amar, porque fez do amor a única verdade de seu destino. A dualidade entre razão e emoção, entre a Ciência e o Amor, dialoga com as contradições do cientificismo moderno diante da subjetividade e das simbologias humanas.

A quarta “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929c) que trazemos a público nesta seleta, escrita em outubro de 1929 e publicada em *Vida Capichaba* na edição n. 200, de 7 de novembro do mesmo ano, ocupa toda a página do periódico, salvo por uma pequena nota de rodapé que traz uma notícia da Loteria. Hadaly insere, como epígrafe de seu texto, dois versos de Banville, poeta francês do século XIX que compartilhava das ideias de Théophile Gautier sobre a função da poesia, conhecido pelo seu empenho na Arte pela Arte, isto é, pelo seu trabalho formal rigoroso com a linguagem (LEMAÎTRE, 1898).

A atmosfera é de um sonho que evoca o entardecer no mar da Grécia antiga, numa beleza plástica que se assemelha ao trabalho de um pintor sobre uma tela em branco. Suas palavras são pinceladas de tons avermelhados que trazem uma reflexão sobre o amor: assim como a pérola forma-se de uma ferida no corpo do

molusco, o amor é o “carcinoma da alma”, isto é, a joia humana que nasce da dor de seu âmago.

A quinta e última carta escolhida (HADALY, 1933) não traz o título da seção “Carta sem destinatário” no topo nem a data de composição ao final, mas observa o mesmo estilo e a mesma estrutura das demais: quem assina é Hadaly e, novamente, endereça sua missiva a “Meu desvairado amor”. O texto foi publicado em 30 de março de 1933, na edição n. 337 de *Vida Capichaba*, e ocupa a 13ª página, juntamente com duas fotografias de blocos de carnaval. A mulher convida o amado ao amor que já não é mais o da juventude.

Os movimentos de seu corpo e espírito são comparados aos fenômenos da natureza e a linguagem misteriosa, musical e rebuscada insere o texto em vetores que emanavam das correntes finisseculares. Invoca-se o crepúsculo, mas não se vê a melancolia dos simbolistas que tanto tematizam essa hora do dia. Ao contrário, retrata-se uma alma que se abre ao amor: ela compara-se à flor da vitória-régia, que só desabrocha ao anoitecer, numa analogia carregada de erotismo e brasiliade.

Esse breve comentário tem a finalidade tão somente de apresentar de forma sucinta a autora e os cinco textos que compõem esta seleta. Encerro, portanto, essas linhas com a esperança de que Guilly Furtado Bandeira seja a voz mais ouvida nestas páginas.

Referências:

OLIVEIRA, Ester Vieira Abreu de. Apresentação. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 25, p. 5-6, 2020. Disponível em: <https://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/revisa_ael_2020.pdf>. Acesso em 28 fev. 2025.

BANDEIRA, Guilly Furtado. *Esmaltes e camafeus*. Paris; Rio: Garnier, 1914.

BANDEIRA, Guilly Furtado. Página confidencial. *Vida Capichaba*, Vitória, ano III, n. 50, [s. n.], 31 jul. 1925. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1925_00050.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

DRUMOND, Josina Nunes. *Esmaltes e camafeus: retratos de mulher*. Vitória: Opção, 2014.

FURTADO, Guilly Tesch. Suprema ambição. *Jornal do Comércio*, Vitória, ano XX, n. 183, p. 30, 19 ago. 1910. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229687&pesq=guilly&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11684>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

GAUTIER, Théophile. *Émaux et camées*. Paris: G. Charpentier, 1884.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano V, n. 91, p. 30, 30 abr. 1927. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=2710>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 158, p. 20, 17 jan. 1929a. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&pesq=%22carta%20sem%20destinat%C3%A1rio%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3585>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 199, p. 30, 31 out. 1929b. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=5826>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 200, p. 17, 7 nov. 1929c. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&pesq=%22carta%20sem%20destinat%C3%A1rio%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5876>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Ao meu desvairado amor. *Vida Capichaba*, Vitória, ano XI, n. 337, p. 30, 31 out. 1933. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=12074>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LEMAÎTRE, Jules. *Les Contemporains: études et portraits littéraires*. Paris: Société Française d'Imprimerie et de Librairie, 1898.

PAIM, Antônio. *Bibliografia filosófica brasileira (1808-1985)*. Brasília: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro; Senado Federal, 1983. Disponível em: <<https://silo.tips/download/bibliografia-filosofica-brasileira>>. Acesso em 27 fev. 2025.

PUPO, Guilherme Falcon. *Arlequim folião: o folclore no nacionalismo modernista*. 2001, 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, História Social e Cultural, Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho, Franca, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5facd5da-8220-4c94-bb7d-47429c6a166f/content>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

RAMOS JR., José de Paula. Mário de Andrade e a lição do Modernismo. *Revista USP*, n. 116, p. 97-106, jan.-mar. 2018.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. "Feminismo ideal e sadio": os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas – Vitória/ES (1924 a 1934). 2011, 268 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Hist%C3%B3ria-UFES/UFES_PPGHIS_L%C3%A7%C3%8DVIA_AZEVEDO_SILVEIRA_RANGEL.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira; NADER, Maria Beatriz. Mulheres escritoras e o debate sobre o feminismo na imprensa capixaba (1920 e 1930). *Revista do Arquivo Público do Espírito Santo*, ano IV, n. 7, p. 49-66, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_7_.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Guilly Furtado Bandeira, uma capixaba pioneira na Academia. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 13, p. 31-56, 2010.

SCOLFORO, Jória Motta. A escrita e pensamentos das mulheres na revista "Vida Capichaba". *Revista do Arquivo Público do Espírito Santo*, ano IV, n. 7, p. 187-193, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_7_.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. Disponível em: <<https://www.kufunda.net/publicdocs/Dores%20do%20Mundo.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2025

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <<https://archive.org/details/AArteDeLidarComAsMulheres>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

VIDA Capichaba. Guilly Furtado Bandeira. *Vida Capichaba*, Vitória, ano V, n. 96, [s. n.], 30 jul. 1927. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1927_00096.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste de. *L'Ève future*. Paris: Maurice de Brunhoff, 1886.

Recebida em: 3 de março de 2025.
Aprovada em: 7 de abril de 2025.

SELETA

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

“Minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza”, inclina-se sobre o teu coração distante, como tomba, falecida e dolorosa, nostálgica da primavera e dos jardins, na solidão penumbrosa de um aposento fechado, presa ao ergástulo estreito de um jarro de vidro, a silhueta esguia de um íris cor de sangue...

É o langor deste sol que me afaga; o hálito incandescente do mormaço que me beija os olhos, entrecerrando as pálpebras na volúpia felina de uma sesta; é o quebranto indizível da saudade de tua carícia, que envolve meu ser na melancolia entorpecente do silêncio e da angústia...

A minha alma de artista, torturada e insatisfeita, cobre-se de sombra!

É um cisne negro, viúvo, vogando solitário sobre as águas mansas do lago adormecido, enquanto o poente peneira, por entre as copas de esmeralda, a pulverização irisada do crepúsculo morrente.

Experimento, na soledade onde me engolfo, a lacinância de um desejo, a fremir revoltado, estrangulado pela ânsia de um gozo apetecido, inacabado...

Meu coração de poetisa pulsa, batendo no meu peito, como punho forte de um desgraçado a dar pancadas numa porta de ferro, que se fechou, prendendo a sua felicidade...

Meu sonho vocifera como um ébrio, cambaleando, pelas ruas desertas, confundindo as pupilas dos gatos amorosos com o luci-luzir do setestrelo distante...

Evoco o teu sorriso... O arco-íris da alegria desponta no oriente de minha fantasia. Desce do firmamento de turquesas, que envelhecem, a poesia da ilusão... Roça-me o pensamento. É o beijo etéreo de uma recordação alucinante a vibrar no teclado maravilhoso dos meus nervos. Todo o meu ser estremece na emoção despertada e no meu cérebro irrompe a eflorescência mirífica dos meus sentidos provocados...

Meu amor! ...

Lírio vermelho dos jardins interiores da Quimera e da Paixão, desabotoa para o beijo fecundador de minha estrofe, abre a corola do teu seio purpurino, nascido das gotas de sangue do coração de um deus assassinado, e deixa pousar aí, como uma abelha agonizante, exangue, na tarde lenta que se acinza, no desencanto do abandono, “minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza”.

Rio, 28-2-27

Figura 4: "Carta sem destinatário" publicada em 30 de abril de 1927.

30 VIDA CAPICHABA

O «SPORT» NO INTERIOR DO ESTADO

30 - 4 - 27



Em cima: O bravo «Sul America F. B. C.», de João Neiva, que venceu o «Bangui F. B. C.» pelo score de 2x0. Assinalado pela cruz vê-se o sr. Durval Gama, seu esforçado presidente. Em baixo: O valeroso «Bangui F. B. C.», de Pendanga.

Carta sem destinatário

Meu desvairado Amor:

«Minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza», inclina-se sobre o teu coração distante, como tomba, esfalecida e dolorosa, nostalgiada primavera e dos jardins, na solidão penumbrosa de um aposento fechado, presa ao ergastulo estreito de um jarro de vidro, a silhueta esguia de um iris côn de sangue...

E o langor deste sol que me afaga; o halito encandescente do morango que me beija os olhos, en-

trecessando as palpebras na volúpia felina de uma sesta; é o quebranto indizível da saudade de tua carícia, que envolve meu ser, na melancolia entorpecente do silêncio e da angústia...

A minha alma de artista, torturada e insatisfeita, cobre-se de sombra!

É um cysne negro, viujo, voando solitário sobre as águas mansas do lago adormecido, enquanto o poente peneira, por entre as cópulas de esmeralda, a pulverização irizada do crepúsculo morrente.

Experimento, na soledade onde me engolfo, a lancinância de um desejo, a fremir revoltado, estrangulado pela ancia de um goso apetecido, inacabado...

Meu coração de poeta pulsa, batendo no meu peito, como punho forte de um desgraçado a dar pancadas numa porta de ferro, que se fechou, prendendo a sua felicidade...

Meu sonho vocifera como um ebrio, cambaleando, pelas ruas desertas, confundindo as pupilas dos gatos amorosos com o luci-luzir do setestrello distante...

Evóco o teu sorriso... O arco-íris da alegria desponta no oriente da minha phantasia. Desce do firmamento de turquezas, que envelhecem, a poesia da illusão... Roça-me o pensamento. E o beijo éthereo de uma recordação aliciante a vibrar no tecido maravilhoso dos meus nervos. Todo o meu ser estremece na emoção despertada e no meu cérebro irrompe a efflorescência mirifica dos meus sentidos provocados...

Meu Amor!..

Lírio vermelho dos jardins interiores da Chimera e da Paixão, desabotão para o beijo fecundador de minha estrophe, abre a corolla do teu seio purpurino, nascido das gotas de sangue do coração de um deus assassinado, e deixa poifar aí, como uma abelha agonisante, exangue, na tarde lenta que se acinza, no desencanto do abandono, «minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza...»

Rio, 28-2-27.

HADALY

TRÓVAS

Nos pleitos de amor, em vista
De me teres cabalado,
Serei... serei governista?
Não sou oposicionista
Para ficar derrotado...
Y.

A Loteria de Minas tem pago, com pontualidade, todos os bilhetes premiados.

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 91, 30 abr. 1927.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

Mais um Natal cantou a glória do triunfo em nossos corações. Mais uma estância do nosso amor vitorioso floresceu – lírio vermelho do sonho – no vergel do carinho nosso; este afeto bendito, que nos enche o porvir de anseios e de bênçãos, engrinaldar de poesia o luar dos teus cabelos brancos, e solta, em minha boca as abelhas dos meus versos. E foi assim que te saudei. Amado de minha alma, nesse novo Natal, que glorificou o nosso amor tão velho onde perdura sempre a primavera de nossos devaneios.

Numa carícia leve como um raio de sol através das stalactites de uma caverna escura, o meu amor penetra em teu coração e doira as lágrimas calcárias da furna de tua vida. Essa réstia de luz afagará todo o teu ser, e, num momento, envolverá em tua clâmide fluida, auri-rosada, toda a tua alma, na irradiação magnífica da apoteose do meu sonho...

E, sentiremos, então, num hausto de ventura, a delícia de viver na consubstanciação de um afeto demasiado grande para vida tão pequena.

E juntos, unidos pelo Amor, unificados na mesma prece, vibrando na mesma esperança, olhos no céu, murmuraremos na catedral do carinho:

Gloria in excelsis Dei!

Sim, a glória de Deus que pôs a graça deste amor em nossos corações! Glória a Deus que te fez o senhor do meu destino!

Glória a Deus que, em meio à infâmia dos homens e a covardia dos perversos, permitiu que pudesse cantar em

tua alma a glória dos outonos e a poesia dos poentes, o
grande, imenso, imorredouro amor

de tua

Hadaly

Rio, 1928. Dezembro.

Figura 5: "Carta sem destinatário" publicada em 17 de janeiro de 1929.



Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 158, 17 jan. 1928.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu insano desejo:

A primavera voltou. O jasminheiro que perfuma o ambiente aonde eu vivo atira sobre meus cabelos, quando passo, as suas flores nevadas – a grinalda única que me tem cingido a fronte. E o aroma toma uma forma; humaniza-se, fala, canta. Sua voz é um poema evocativo das florestas longínquas e tem a sonância voluptuosa e mística dos hinos de Valmiki. Reminiscências de outra grei, florescida à sombra do Himalaia, onde “o espírito divino circula nos céus” para fundir-se na realidade única, identidade inicial e final de todas as coisas – Brahma.

Na maravilhosa fantasmagoria dos sentidos, um gênio pérvido me enlaça e Maya envolve-me o ser no seu manto mágico de mistério e de ilusão.

Uma vertigem momentânea dá-me a sensação da perda do peso específico do corpo, e leve, fluida, como uma nuvem rolando na amplidão, tangida pelo vento, ascendo no ar, numa impressão deliciosa de voo.

A noite desce. O jardim se povoa de entidades que nem todos os olhos podem ver, mas a clarividência das faculdades educadas e de minha visão afeita às sombras percebe, delineia, estereotipa, entende e confabula. A “alma das coisas” se exterioriza nessa hora esotérica do ocaso. O acúleo perverso de uma rosa feriu-me. O sangue gotejou rubro, no dedo indicador e o sofrimento pungente despertou-me do enlevo. Senti a existência na dolência que vibra através da humanidade como um fenômeno universal da própria vida. Uma voz me segredou no bafejo da brisa:

“Liberta-te da dor, criatura miserável, que a mentira adormenta e o amor ilude. A ciência é a via única que conduz à libertação salvadora. Sê livre! As almas que desconhecem e temem a verdade ficam enredadas pela

ignorância da causa primeira na trama de sofrimento, transmigrando de corpo em corpo, até a purificação derradeira. Mata o desejo! O nirvana é a felicidade das felicidades que espera aquele que estrangulou a paixão e o desejo de existir.

Contempla a vaidade universal das coisas e dos homens, cospe na imundície dos apetites... Não ames e não deixes que te amem. Sê livre! Sê forte! Só há uma verdade: o vazio que enchemos com o próprio ego e a distância que esbate todas as perspectivas e as arestas... Os deuses morrem num calvário. A humanidade sofre, porque tem medo e cultiva a mentira.

Busca a verdade! Sê livre!"

Disse e passou.

Em vão o jasmineiro tremeu acariciado pelo vento e o aroma me envolveu no seu beijo perfumado. Eu via apenas, na roseira trêmula, uma rosa purpurina, sobranceira, no pedúnculo frágil, como uma gargalhada de escárnio numa boca adorada... E via o meu próprio sangue, rubro, pingando, como lágrimas de rubis...

No meu coração ressonava aquela voz misteriosa, tentadora, seducente: "a ciência é a via única que conduz à libertação salvadora"....

Aqui tens, tu, que tudo sabes, meu coraçãozinho de mulher, a tremer, assustado, fremente de verdade, ansioso, a filosofar, curiosa, sobre as verdades da grande renúncia... Mas, como há de viver sem teu amor, aquele que fez dessa maravilhosa mentira a única verdade de seu destino?

Rio, 10-1929

Figura 6: "Carta sem destinatário" publicada em 31 de outubro de 1929.

CARTA SEM DESTINATARIO

Meu insano desejo:
A primavera voltou. O jasmimero que per-
fume o ambiente aonde eu vivo, atira sobre
meus cabelos, quando passo, as suas flores
revadas—a grinalda unica que me tem cingido
a fronte. E o aroma toma uma forma; humani-
za-se, fala, canta. Sua voz é um poema evocati-
vo das florestas longinhas e tem a sonancia
voluptuosa e mystica dos hymnos de Velniki.
Reminiscencias de outra greci, florescida á som-
bra do Hymolayi, onde «o espirito divino cir-
cula nos céos», para fundir-se na realidade uni-
ca, identidade inicial e final de todas as coi-
sas—Brahma.

Na maravilhosa fantasmagoria dos sentidos,
um genio perfido me enlaça e Maya envolve-
me o ser no seu manto magico de mysterio e
de illusão.

Uma vertigem momentanea dá me a sensa-
ção da perda do peso especifico do corpo, e le-
ve, fluida, como um nuvem rolando na ampli-
dão, tangida pelo vento, ascendendo no ar, numa
impressão deliciosa de voo..

A noite desce. O jardim se povoa de enti-
dades que nem todos os olhos pôdem ver, mas
a clarividencia das facultades educadas e de
minha visão affeta as sombras percebe, defineia,
estereotypa, entende e confabula. A alma das
coisas» se exterioriza nessa hora esoterica do
ocesso. O acúleo perverso de uma rosa feriu-
me. O sangue gotejou rubro, no dedo indicador e o sofrimento punzente despertou-me do
enlevo. Senti a existencia na dolencia que vi-
bra através da humândade como um pheno-
meno universal da propria vida. Uma voz me
segredou num bat-jo da brisa :

«Libertate da dor, creatura miseravel, que
a mentira adormeça e o amor engille. A sciencia
é a via unica que conduz á libertação sal-
vadora. Sê livre! As olmas que desconhecem
o tem a verdade, ficam enredadas pela igno-
rancia da causa primaria na trama de sofrimen-
to, transmigrando de corpo em corpo, até
a purificação derradeira. Mata desejo! O nir-
vana é a felicidade das felicidades que espera
quelle que estrangulou a paixão e o desejo de
existir.

Contempla a validade universal das coisas
dos homens, cóspe na imundicie dos appe-
sites... Não ames nem deixes que te amem. Sê
livre! Sê forte! Só ha uma verdade: o vazio

que enchemos com o proprio ego e a distancia
que esbate todas as perspectivas e as arestas...
Os deuses morrem num calvario. A humândade
soffre, porque tem medo e cultivâ a mentira.
Busca a Verdade! Sê livre!»

Disse e passou.

Em vão o jasmimero tremeu acariciado pelo
vento e o aroma me envolveu no seu beijo
perfumado. Eu via apenas, na roseira tremula,



*Quatro «elegantes» da comitiva presidencial,
Sesostres de Andrade, Roberto Ribeiro
de Souza, José Horta e Augusto
Aguilar Salles.*

uma rosa purpurina, sobranceira, no pedunculo
fragil, como uma gargalhada de escarneio num
boca adorada... E via, o meu proprio sangue,
rubro, pingando, como lagrimas de rubis...

No meu coração resonava aquella voz mys-
teriosa, tentadora, seducente: «A sciencia é a
via unica que conduz á libertação salvadora»...

Aqui tens tu, que tudo sabes, meu cora-
çãozinho de mulher, a tremer, assustado, fre-
mente de verdade, ansioso, a philosophar, cu-
riosa, sobre as verdades da grande renuncia...
Mas, como ha de viver sem teu amor, aquelle
que fez dessa maravilhosa mentira a unica
verdade do seu destino?

Rio, 10-1929.

Hedaly

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória n. 199, 30 abr. 1929.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

... "J'ai trouvé des mots vermeils.
Pour rendre la couleur des roses"

Vibrando com a ruínas rubras de Banville, no ambiente vermelho de meu sonho, que o colorido das velas purpurinas dos primitivos barcos fenícios, tingidas com a substância corante dos márICES, pescados nas costas submersas das montanhas da Grécia, ao longo da costa acidentada: envolta pelo rubor da cláMIDE do ocaso, que afoga nas ondas flamejantes do crepúsculo vespertino, espétalo, às brisas sussurrantes da tarde que morre, as rosas escarlates do desejo.

Desejo, que vibra, a rir, na gargalhada rósea da ironia.

Ironia, que anda a cantar à flor da boca, insinuante e sarcástica como um verso de luz no fecho de um soneto.

Canto, que corresponde em cor ao cromatismo de um pêssego sazonado sob a carícia do sol; em aroma, às redolências de um rosal, quando o poente se irisa; em harmonia, às notas revoltadas da música eslava e ao grito agudo das águias feridas, embriagadas pelo temporal...

O matiz das cerejas agridoces tinge de um idealismo colorido o pensamento que fulge: as ideias, hieráticas como deuses egípcios, arrastando a púrpura de suas vestes majestosas, passam, repassam e parecem envolvidas de auras fluidas, sanguíneas, sonorizando fanfarras de triunfo e cornetins de conquista. A visualidade da palavra é cor que vibra; a visão se expressa e se anima, como um corpo transparente num raio de luz. A pérola é uma gotícula d'água cristalizada por um beijo de sol, talqualmente o

amor, uma gota de lágrima, feita pela carícia da felicidade imprecisa, fugaz, inebriante de um átimo de exaltação. Aquela é a doença da ostra, o quisto de um molusco, transformada num tesouro pela destra artística de um joalheiro; este, é o carcinoma da alma, transmutado no poema rubente do sonho, na harmonia nervosa da vida, pelo instinto da espécie e a nevrose do desejo e da ilusão...

A emotividade violenta dos ritos bárbaros do paganismo primitivo, repassado da religiosidade dos sacrifícios sanguinolentos e volúpicos, evolutivamente, desperta em meu senso artístico a coreografia exótica de um bailado fantástico de reminiscências atávicas. Escuto a sinfonia de uma legião vermelha na revolta latente dos pulsos agrilhoados, a liberdade escravizada ao jugo do cativeiro, mas a vingança sanguinária desabrochando, latente, nos pensamentos livres; no anseio do ódio e da traição, da vindita e da guerra...

Flâmulas de combate esvoaçantes aos ventos de todos os quadrantes, são lenços cor de brasa, fulvos, simbolizando oceanos de adeuses e convites de peleja...

É a voz dos séculos vibrando no clarim das civilizações o hino épico da vida, que evolui na morte. E, acima de todos os ecos e ressonâncias distantes, desfolhados pelos tufões do materialismo grosseiro em deliquescência de rubis e granadas, os rosais do crepúsculo, na harmonia rubente dos poentes, cantam a sinfonia escarlate do sonho humanizado em beijos, do desejo vermelho feito vida, da hemoglobina vital no sangue transformado em amor...

Num conceito róseo da Beleza, em cambiantes cromáticos do roxo intenso, dos vinhos capitosos ao desmaiar do rosado fresco de uma carne moça, baila estonteada, num ritmo de poesia e graça – bailadeira oriental numa pyrausta de sândalo – a minha alma cheia de sonhos, meu coração repleto do teu amor, senhor do meu destino.

Rio, outubro de 1929

Hadaly

Figura 7: "Carta sem destinatário" publicada em 7 de novembro de 1929.



Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 200, 7 nov. 1929.

[CARTA SEM DESTINATÁRIO]

Meu desvairado amor:

O ocaso espetala papoulas rubras no regaço do ocidente; a crista dos morros se azula e uma tinta violácea se evapora na linha longínqua do poente.

No outono de tua mocidade morta a poesia do meu amor esfolha a rosa sanguínea da paixão.

Escuto a voz de minha alma num poema de encantamento; o meu sonho maravilha: é como as vitórias régias dos igapós amazônicos, que desabrocham, pompeantes, ao fluido mágico do plenilúnio das noites misteriosas. Ao vir o sol, fecham as pétalas de pérolas enfermas sobre o tapete esmeraldino de suas folhas imensas, e, como um bando de garças mortas, ficam boiando à flor das águas marulhosas.

Repercute no teclado mago dos meus nervos a sonata deste enlevo, que fez de ti a harmonia máxima da musicalidade artística do meu ser. Crispam-se-me as fibras todas no frêmito indizível que faz estremecer de emoção o verdadeiro artista, tocado pelo cromatismo crepuscular, irradiando através da superfície diáfana de um repuxo, na solidade de um jardim, extasiado, na acuidade refinada de seu temperamento, ante o impressionismo da cor; a expressão de um olhar; a graça de um sorriso; a criação do pensamento; o ritmo da palavra; a sinfonia da linha; a penumbra de um rosal; o revoo de uma asa...

Dos abismos de mim mesma, como os nelumbos que afloram para o beijo vivificante do sereno vespertino, na quietude de um lago adormecido, emerge a floração dos versos na alegria sintética da vida triunfal. E o meu sonho é uma canção...

Assim, na volúpia de viver que me arrasta, ébria de sorrisos, maravilhada de emoções, como um deserto árido

fecundado pelos sentimentos da enxurrada, venho dizer-te numa carícia: mata em teus lábios o lamento da renúncia, porque não se é velho quando se guarda ainda um amor no coração...

Abre a tua alma para o irradiar mirífico dos crepúsculos inspiradores!

A mocidade ama, porque pode amar; a madureza ama, porque pode querer... Ademais, o gênio não envelhece... Enquanto a inteligência não repousa, o fastio não estrangula o desejo, o espírito não exige a paz, a juventude não se aniquilou.

Revivesce para a voluptuosidade do grande sonho vencedor, para a Alegria que aviventa, para a Vitória dos eleitos!

O que te falta, sobra-me a mim...

Que importam as rugas? Que valem as cans?

O teu ser desabrolha para o meu carinho como as boninas, que se desabotoam, quando anoitece, a perfumar os campos, acolhendo em seu seio os vagalumes.

Eu sou a poesia que vem dourar os abrolhos dos teus desalentos; sou a mocidade que torna a aurora boreal de um descampado; sou o entusiasmo que triunfa, a fé que aquece, a esperança que ilumina...

Neste momento silencioso de tua vida, apaga a sombra do passado e dá-me – numa renúncia suprema, a glória do teu porvir!

Figura 8: "Carta sem destinatário" publicada em 30 de março de 1933.



Córes e Flores

Meu desvalrado amor

O ocaso espelhâ papoila rubras no regaço do ocidente; a crista dos morros se azula na distancia e uma linda violacea se evapora na linha longínqua do poente.

No outono de tua mocidade morta a poesia do meu amor esfolha a rosa sanguinea da paixão.

Escuto a voz de minha alma num poema de encantamento: o meu sonho maravilha: é como as vitorias regias dos iguapós amazônicos, que desabrocham, pompeides, no fluido magico do plenário das noites misteriosas, ao vir do sol, fecham as pétalas de perolas enfermas sobre o lúpiz esmeraldino de suas folhas imensas, e, como um bando de garças mortas, ficam boiando à flor das aguas marujosas.

Percute no leclado mago de meus nervos a sonata deste enlevo, que fez de ti a harmonia maxima da musicalidade artística do meu ser. Crispam-se-me as fibras todas no frento indizivel que faz, e s'tre mecer de emoção o verdadeiro artista, forçado pelo chromalismo crepuscular, irradiando através da superficie diaphana de um repuxo, na solidude de um jardim, exalasado, na acuidade refinada de seu temperamento, ante o impressionismo da cor, a expressão de um olhar, a graca de um sorriso, a criação do pensamento; o rythmo da palavra; a symphonia da linha; a penumbras de um rosal; o revôo de uma aza...

Dos obysmos de mim mesma, como os nelumbos que aforam para o beijo vivificante do sereno vesperino, na queleade de um lago adormecido, emerge a floração dos

Só Risos,
Picole
e Sotta Nega

versos na alegria synthetica da vida triunfal. E o meu sonho é uma canção...

Assim, no voluptu de viver que me arrasta, ebria de sorrisos, maravilhada de emoções, como um deserto ando fecundado pelos sedimentos da encurrada, venho dizer-te numo caricia: mata em teus labios os lamentos da renuncia, porque não se é velho quando se guarda ainda um amor no coração...

Abre a tua alma para o irradiar marifico dos crepusculos inspiradores!

A mocidade amo, porque pode amar; a madureza amo, porque sabe querer... Ademais, o gênero não envelhece... Enquanto a intelligencia não renvelhe, o falso não estrangula o desejo, o espírito não exige a paz, a juventude não se aniquila.

Revivesce para a voluptu os sítios do grande sonho vencedor, para a Alegria que avivenda, para a Victoria dos eleitos!

O que te fala, sobra-me, a mim...

Que importam as rugas? Que valem as canis?

Revivesce para a voluptu os sítios do grande sonho vencedor, para a Alegria que avivenda, para a Victoria dos eleitos!

O que te fala, sobra-me, a mim...

Que importam as rugas? Que valem as canis?

Hadaly



Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 337, 30 abr. 1933.

POEMAS DE LINO MACHADO: UMA ANTOLOGIA

POEMS BY LINO MACHADO: AN ANTHOLOGY

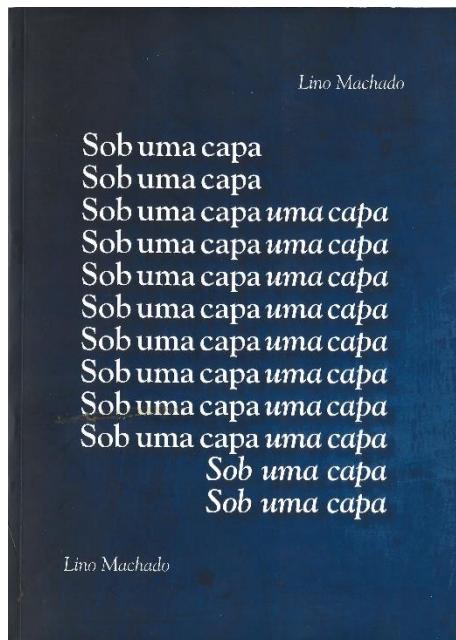
Paulo Muniz da Silva*
Pedro Freire*

Esta seleção de poemas se extraiu de duas obras — por ora, as mais vultosas — entre as publicações do poeta Lino Machado: *Sob uma capa* (2010) e *Entre dois vetores* (2014). Esses dois livros impressos, vencedores de Editais da Secult-ES, são posteriores a estes textos que o próprio autor listou (2014: orelha de livro) sobre sua dispersa, para nós, produção poética: “Meus & de mais” (2002); “Quatro cadências” (2005); “(Pseudo)glosas ao cancioneiro medieval” (2009); “Seis epígrafes & algumas gafes” (2010). Entre “capa” e “vetores” (2010–2014). Contamos aqui com 92 poemas para o primeiro livro citado, numa diferença de quatro anos, aproximadamente mais 144 deles para o livro seguinte. Isso, para quem conhece

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

a labuta, é mesmo para doutores¹ na matéria uma marca invejável e, como veremos adiante, ele não parou pelos subsequentes anos, dando ainda mais vazão ao seu pluriversátil multiverso literário.

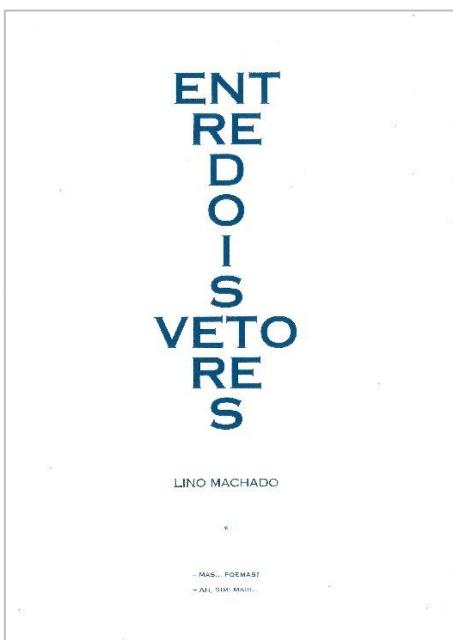


Capa de *Sob uma capa*, 2010, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2006 (Foto de Paulo R. Sodré).

¹ Lino Machado é professor titular aposentado do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Capa de *Entre dois vetores*, 2014, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2021 (Foto sem crédito/Rede social).

Como essa tamanha e meticulosa produção cobraria destes antologistas grandes responsabilidades, procuramos equalizar as principais demandas do poeta com

as nossas, a fim de que um possível sequestro de sua criatividade não se consumasse completo por um todo. Engendrado o *nostra culpa*, optamos por um filtro que privilegiasse certo diálogo com diversos retroacessos que se vêm sobressaindo em nossos dias, como o expresso por um excerto do emblemático “CULTURA”, à guisa aqui de abre-alas: “Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos, / mas eram tantos e maiores que logo aumentei meus planos” (MACHADO, 2014, p. 154-155). Saiba-se que cada verso preterido nos acometia de um corte na própria carne, embora ele nos remeta a uma infinitude de esqueletos mais de fora que de dentro do armário.

No primeiro livro, nota-se um projeto de fino acabamento, em tom provocador desde o primeiro poema, “Sob uma Capa”, com já uma oportuna questão: “Autor e leitor / são dois, não são? // Eles / não formam um / elo? // Não é um número ideal / para um dueto / ou um duelo?” (MACHADO, 2010, p. 12). Acreditamos ser esse o espírito mais adequado para lidar com a obra, pois indignação e cumplicidade se tornam permanentes, ora pelas agudezas ora sutilezas ali presentes e vice-verso. *Sob uma capa* se divide em sete sugestivos blocos: “Seis epígrafes (lapidares ou não)”; “Escárnios (a bem dizer)”; “Não só as plantas”; “Aeropoemas”; “Pungentes, pontiagudos”; “Trobares...”; e “Quatro finais”. De cada um desses, daremos uma prova que nos tenha provocado à maneira de uma pedra de toque ou TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), porque difícil é sair da sua lida ilesa.

De “Seis epígrafes...”, grifamos o poema “Cores que Afloram à Pele”: “Ao te ver assim / *dark*, / ó *darling* / tão diversa / do que trago em mim / [...] // Uma coisa só / minha fé de ateu / deveras me diz: / um de nós / deverá por fim / nesta sede / não sei se saudável, / se perversa” (MACHADO, 2010, p. 21-22). De “Escárnios...”, salientamos “Sobre a (Minha) Ironia”: “[...] Missas brancas / não são mais a regra / do que rezas brabas / nesta velha / veripócrita / zona franca / de bençãos e pragas” (p. 70-71). De “Não Só as Plantas” (talvez o bloco mais incisivo), destacamos “Zoopolítica”: “[...] o homem / não deixando de ser / o lobo

civil / que quer ter o homem / no seu abdômen" (p. 94-95). De "Aeropoemas", selecionamos "Provável": "A bordo / e à beira-tédio / [...] // [...] / passo / ao estágio aceso / do assédio / e logo improviso / sorrisos alados. // Abordo / a bela nervosa / recorrente / em levar unhas roídas / aos seus dentes / ao meu lado. // Ela não dirá Sim / nesse estado?" (p. 119). De "Pungentes, Pontiagudos", extraímos "Poetastro": "Bêbado / de não ver os postes / num luar / de círculo vasto // enquanto declamo aos céus / e também / reclamo aos ratos [...]" (p. 130). De "Trobares...", pescamos "Ao Ministério da Saúde": "Das cinzas do cigarro / infelizmente / — meu caro — / nenhuma fênix / só o pigarro // [...]" (p. 144). De "Quatro finais", elegemos "Vox não Mais tão Populi": "[...] Com um porém: / serei oblíquo / ou inexato / embora aqui / e ali / coloquial / quase prosaico [...]" (p. 165-174). Convenhamos, convivas, o poeta apresenta uma dicção muito variada para recepções diversas ou como já cabalisticamente prevenimos numa outra oportunidade:

As poesias de Lino Machado, intituladas *Sob uma capa*, editadas em 2010, trazem 7 séries de poemas. E isso pode ser significativo, para quem, como nós, conhece o poeta. Os saberes de extração esotérica conferem ao número 7 atributos associados ao espiritual, intelectual, idealista, estudioso, científico, inteligente e criativo. Mas advertem também que pessoas equivalentes a esse número podem parecer reservadas, sarcásticas, inflexíveis, caladas, irritadiças, frias e calculistas, contudo isso geralmente disfarça o fato de serem muito exigentes consigo mesmas e com o próximo (SILVA; FREIRE, 2018, p. 457).

Acredita-se que tal exigência, literariamente, possa vir a ser muito proveitosa, fazendo com que acerca do *Entre dois vetores* (2014) muito mais possa ser dito (se o caso não fosse o de sermos aqui sucintos), porque a quantidade de poemas é acrescida de quase 1/3 em relação ao livro anterior. Talvez seja até por isso que de cara o poeta saliente chistosamente: "— MAS... POEMAS? / — AH, SIM: MAIS..." (MACHADO, 2014, capa); enquanto seu *dia!* continua sintonizado com as nossas mais ridículas graças e as nem tão passíveis de riso assim. Tudo em tom cada vez mais peculiar, já que, como o próprio afirma em "LÍRICO OU

MÉLICO²?", se: "[...] Mudo / sou apenas mais / um / último ego // demonstrativo / de monstros bem íntimos nossos / de fato cômicos / com ou sem / seu acompanhamento de risos. // [...]" (p. 69-70). Aliás, nosso poeta já teve seus artifícios rítmicos e alegóricos vistos como de vasta tendência mallarmaica (PAIXÃO, 2019, p. 217).

Além do já apontado, há uma vertente autocrítica a permear ambos os livros, tendo nossas angústias passadas a limbo como aqui nessa oportuna sequência do já citado "CULTURA": "[...] Como falta de espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu? [...] Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na indiferença do universo — simplesmente até quando [...]" (MACHADO, 2014, p. 154-155), com lamentos oriundos de diferentes épocas e hemisférios, "GOZOS": "[...] Segue / canção já cansativa / em deslouvor dos Leopoldos / mais que literalmente reais / (sem deixar de mencionar / os seus menores / de várias bandeiras, mentiras, cores) / coabitando em todos nós / nas amplas / latilongitudes do planeta [...]" (p. 85-87). Algo à maneira de preliminares para os reconhecidos paroxismos do século XX, "TRAUMAS EM TEMPO DE PAZ": "[...] precursores / do que nas guerras / tanta gente faz [...]" (p. 261-262).

Por sinal, essa recorrente abordagem acaba mesmo por nos devolver ao *Sob uma capa*, especificamente ao seu talvez mais cogitado poema: "Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland" (MACHADO, 2010, p. 64-66), cuja tradução seria "a morte é um mestre que veio da Alemanha", referente a um famoso verso do poeta romeno Paul Celan, após ter este sobrevivido às sevícias de um campo de concentração nazista. Todavia, aqui já com alguma ressalva da crítica:

² "[...] penso ser adequada a [...] opção terminológico-semântica em geral menos adotada: mélica, em substituição à 'lírica' no sentido antigo": A título de ilustração trazemos aqui essa epígrafe posta pelo próprio poeta na respectiva obra, para diferenciar a afetada sensibilidade esperada do lirismo convencional frente à sua abrangente jocosidade canora, presente inevitavelmente em todos de seus poemas.

No texto do brasileiro, por outro lado, o possível diálogo com a *Shoah*, sugerido pela utilização de um trecho de Celan como título, não se efetiva. A morte de que trata o [nossa] autor é, sem dúvidas, apresentada como um mestre, mas não há nada que justifique sua procedência alemã. Sua maestria está não em uma postura autoritária, mas nas muitas maneiras e, portanto, na habilidade, de lidar com a humanidade e conduzi-la ao fim: essa morte é capaz de tantas artes, numerosas manhas, atua de modos diversos, se disfarça, não se disfarça, possui várias nuances, é grande intérprete. Apresenta-se de incontáveis maneiras, mas é, enfim, inevitável. Não estamos, aqui, diante de um retrato da barbárie. Há, sim, sedimentos da injustiça histórica em meio aos versos, como em “Nos trópicos,/por exemplo, tem rosto sombrio,/trágico [...],” contudo, logo em seguida, vemos que esse rosto pode ser “[...] colorido também,/berrante,/até festivo [...]” (POSTAY, 2019, p. 287).

Ressalva que depõe a favor da atualidade do poeta frente à problemática questão ainda em voga, vide o sadomasoquismo tão vigente em nossa sociedade, vide a “morte” se tratar no referido poema de “um ator magnífico”: “[...] Superior ao ponto / de não recusar / o Oscar deste ano [...]”, com a convivência de esclarecidos cinéfilos de plantão. Apesar do breve apontamento, nosso intuito é suscitar no leitor a vontade de um passeio pelos intercambiáveis sentidos retóricos e sentimentos de mundo presentes nos poemas aqui assinalados por Lino Machado. Para mais deleite, indicamos ainda a leitura do material postado por ele entre 2011 a 2017, salvo engano, no *site* Estação Capixaba (MACHADO, 2010) e outra dispensado em seu *Facebook*, onde podem ser encontradas mais poesias (suas e alheias), instantâneos, dicas, comentários e resenhas a respeito do trato. No que aqui chamamos de “instantâneos”, a exemplo do “Na vida e na História, sempre temos tempo para ‘cair do cavalo’” (MACHADO, 2025), são uma espécie de aforismos feitos quase que diariamente acerca das nossas contumazes mazelas, tanto factuais como simbólicas. Esses, ao que nos parecem, escamoteiam motes afeitos a mais e maiores de suas verbivocais transgressões: o que possivelmente já deve estar a caminho também no modo livro-de-mais-e-melhores-poemas.

Referências:

FREIRE, Pedro Antônio; SILVA, Paulo Muniz da. Lino Machado em clave política. In: TRAGINO Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 457-463.

MACHADO, Lino. *Entre dois vetores*. Vitória: Secult, 2014.

MACHADO, Lino. Repertório literário. NEVES, Maria Clara Medeiros dos Santos (Coord.). *Estação capixaba*: Blog Patrimônio Cultural Capixaba. Vila Velha, 2010. Disponível em: https://estacaocapixaba.com.br/lino-machado-repertorio-literario_1/. Acesso em: 12 jan. 2025.

MACHADO, Lino. Na vida e na História, sempre temos tempo para “cair do cavalo”. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/lino.machado.7311?mibextid=wwXIf&mibextid=wwXIf>. 2025. Acesso em: 5 mar. 2025.

MACHADO, Lino. *Sob uma capa*. Vitória: Secult, 2010.

PAIXÃO, Grace Alves da. Presença francesa no campo literário do Espírito Santo. Um primeiro olhar sobre o tema. In: SODRÉ, Paulo Roberto et al. (Org.). *Brav@\$ companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 207-220.

POSTAY, L. Leite negro da madrugada: a lírica e a barbárie — considerações a partir de Lino Machado e Gabriel Menotti. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 277-292.

SELETA

***Sob uma capa* (2010)**

Sob uma capa

*Mas o que se esconde
sob uma capa?*

*Um sujeito seríssimo
e com jeito
de conde Drácula?*

O próprio Stoker?

Um fazedor de arte?

*Um grande
mestre de obras?*

*Ou
apenas um esperto
treinador de lagartos
e cobras?*

*Mas o autor é um chato:
não responde.*

*E vejam isso:
o seu maior desejo
é ser um ás
que guarda na manga
uma espada –
e nada mais.*

*Com a espada
muito bem guardada
ele se põe de guarda
e espera.*

*Autor e leitor
são dois, não são?*

*Eles
não formam um
elo?*

*Não é o número ideal
para um dueto
ou um duelo? (p. 11-12)*

Cores que afloram à pele

In the old age black was not counted fair,
Or if it were it bore not beauty's name:
But now is black beauty's successive heir

William Shakespeare⁴²

Ao te ver assim
dark,
 ó *darling*
tão diversa
do que trago em mim,
fui à caça
de sexo e cabeça
de outra raça?

Ou bem vice-versa:
fui a caça
 e por fim
vim cair na rede
da tua conversa?

Uma coisa só
a minha fé de ateu
deveras me diz:

um de nós
deverá pôr fim
nesta sede
não sei se saudável,

⁴² "A cor negra era ontem sem valia / Ou da Beleza não levava o nome; / Mas agora é do Belo herdeira e cria" (Trad. de Jorge Wanderley) (Daqui em diante, todas as notas serão do poeta).

se perversa. (p. 19-20)

Fausto forever

Despertem, demônios.
Isso,
mais perto: querovê-los,
nada de velas, só
à luz do dia.

E venham
de todos os vermelhos
e tamanhos.

Venham
não dos vinhos
que há nos sonhos

nem das outras
formas de vinho
com que sonho.

Mas da própria
e bêbada vida
é que venham. Isso,
venham vindo
e daqui, nunca, nunca mais
tenham ida.

E me tenham. (p. 27)

Bhras, Bersil, Brazille, etc.

Gentes
mais dilatadas que diletantes,
perto de portos, distantes,
porém com suas mentes
lançadas
para além de qualquer cais;
gentes
desde bem antes de antes
de anteontem
postas a especular

a respeito de recifes, costas
e corais
que existissem no verde
ou azul
das águas
do mais tenebroso
mar.

Séculos de gentes
tão papagueantes:

“Em algum abril
encontrem uma ilha
milhas adentro do poente
que nenhum de nós
já viu, cheirou, tocou,
remoeu, ouviu,
uma terra nova no oeste
distante
digna de arder
entre bês, esses, zês e mais
tretas mil
para vir a ser a proprietária natural
do nosso antigo nome
Brasil”.

Mais ou menos desse jeito
lancinante
não exatamente gentil
pedito e feito:

um país em certo sul

(sabe-se lá
se antes de nascer
já meio crismado
em sânscrito)

de muitos pais e mães
se pariu

– atlântico. (p. 31-32)

Bestiário

Homens-pomba
podem
ganhar um Nobel
porém
eles nem sempre
conseguem impor
alguma paz.
Homens-pomba:
quase nunca
implodem
injunções e suspeitos
edifícios
inter
nacionais.
Homens-pomba,
ao menos
não se percam
nos percalços
entre cães, falcões
e bichos mais. (p. 40)

Ralas relações

Poderoso Caballero
Es Don Dinero.

Francisco de Quevedo

Eu e o Senhor \$
é lamentável
– demais Senhores –
mas não nos apertamos
afetuosamente
as mãos.

Da sua filha
mais estimada
por ex.
eu sei apenas
o sobrenome
e alguns rumores:

a bela Cifra
das altas rodas
– talvez casada
com o imponente
Senhor Torres.

É quanto eu capto
distante
ou bem desperto
neste meu canto

(enquanto faço
uma série de partos
que quase sempre
começam
bem antes de ontem):

boatos
quem sabe
se totalmente sérios
ou com um zero tolo
em matéria de fatos

que ressoam porém
no mínimo
desde os dias sumérios. (p. 47-48)

Semântica política

Alguém depõe, ou antes,
alguns
que se acham os Novos
Eleitos
com efeito
depõem
um Presidente.

Logo depois,
muitos
são presos de fato
ou
se têm mais sorte
são apenas chamados
a depor.

Também haverá
o tempo certo
para outros
(nunca poucos?)
sofrerem uma deplorável
deportação.

Vários usos
(diversos deles
bastante
indi
gestos)
para a maleável
raiz de pôr.

Alguém
algum dia depõe
(finalmente!), ou antes,
é obrigado
a explicar direito
uma boa cifra de porquês
dos seus complôs. (p. 54-55)

Forças de paz

Mas o que faz

(ou o que fez
alguma vez)

uma força de paz
contra
todos que ousam
ser os mais-que-abusados
pais da força?

(Aliás,
das forças também.)

Sempre se trata
dos atos
duma farsa
muito pouco eficaz?

Ou
por outro
porém:

uma vaga marca (“forças de paz”)
que – além de rota –
é quase sempre
refém?

Não sei se prossigo –
perguntando demais. (p. 56)

Mutuu

Alguém alvejado
mortalmente.

E um atirador
que dizem de elite
no telhado.

Ou melhor:
alguém mais
que também
tem coisas humanas
pulsando na mente.

Neste caso:
“Morto mais um outro
dos imundos
do outro lado”.

Um ser alvejante –
e por sua vez
alvo, certamente.

“Mais um dos imundos”,
segundo os postados
com seus próprios pentes
furibundos
no outro lado. (p. 57)

I. M. Paul Celan

O que se quer
imperativo
em nossa era

ama também
ter o poder
de liquidar

conjuntamente
passivo-e-ativo
vale dizer

fazer render
ao máximo
o que incinera. (p. 63)

Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland

A morte é um mestre na Alemanha

Paul Celan

A morte é um mestre em toda a parte?
A morte
é capaz de tantas artes,
dançando conforme a letra
de cada mote?
Tão numerosas assim
as suas manhas
aprendidas
em leste, oeste,
sul
e bandas do norte?

Com certeza: um triplo
ou quádruplo
sim...

Um mestre que atua
para a minha admiração

e a tua
de modos diversos.
Nos trópicos,
por exemplo, tem rosto sombrio,
trágico,
mas colorido também,
berrante,
até festivo, nem um pouco restrito
a um só estilo –
grosseiro
quando for preciso,
tanto quanto
galante
disparando
alguns sorrisos.

A morte é um mestre,
sem dúvida –

e entre mais coisas
um mestre
de mil disfarces

– ou disfarce algum
o grande mestre utiliza:

um ator magnífico
apto a operar
com ene nuances
a partir
de uma única face,
tipo
transformado em tipos,
perito
em efetuar entrelaces.

Superior ao ponto
de não recusar
o Oscar deste ano,
do próximo
ou de qualquer outro,
sob vãas
afinal não letais
de críticos severos,
hiper-adornianos.

A morte,

grande intérprete
na neve
de palcos distantes,
no chão duro
deste meu agreste
e no mais
do mais do mais que enfim
ainda nos reste(m).

A morte, em síntese: um mestre. (p. 64-66)

Sobre a (minha) ironia

O, o, o, o, o, o

Gautier de Coincy

Tenho os pés na lama
– meu caro –
até
o
pesc
o
ç
o.

Neste drama
meus olhos atuam
com mãos
que me valem tanto
pelo que vos falo
como
pelo que – anti-ourizo –
aqui e ali
ouço
em almoço fino
ou
muitíssimas vezes
em devorar grosso.

2

Missas brancas

não são mais a regra
do que rezas brabas
nesta velha
veripócrita
zona franca
de bênçãos e pragas. (p. 70-71)

Não só as plantas mas todo o planeta

Farrapos de verde
cercados pelo pano sujo
da cidade.

Cimento e clorofila.

O verde em farrapos
e às vezes
a roupa de muita gente
literal
mente em farrapos.

Caem as folhas verdes
das árvores,
caem
as próprias árvores cortadas,
cai rápido
a cotação da vida

e sujeitos de ternos bem feitos,
etc.
(principalmente
este etc.)
continuam sendo os Eleitos
sempre sorridentes
e responsáveis.

Com certeza, OS responsáveis.
As baleias & cia.
o que é que têm a ver
com a água podre
das baías?
E o pobre ar das aves?

A cotação do verde
cai ligeiro

sim
mas com ela um dia o mercado inteiro
vira cinzas. (p. 82-83)

Rodovia

Cotovia⁴³
– curiosa, coitada –
quis saltar
do seu bom descampado
para o chão negro-liso
ora direto,
ora não retilíneo
que cortava em dois
o seu bom descampado.

Som
de carros velozes
ou de veículos mais lentos
alternado
com silêncio
completo
antes e depois
da péssima hora
daquele anti-dia.

Massa
vermelho-escura
com amarelos descorados
esmagada por acidente:
frangalhos ainda visíveis
sobre
o negro polido do asfalto
aqui retilíneo,
ali mais ondulado
do que uma cobra quilométrica.

Na lembrança
(a minha, agora a tua)
repercute
somente
como consolo

⁴³ Calhandra, sabiá-do-campo, caminheira...

ou
por convenção
dos nossos neurônios
alguma melodia. (p. 84-85)

Lógica fria e ecologia

“Que bela vista”, exclama triste
o pessimista,
“enquanto
algum pirata
dono de imobiliária
não a conquista!”

Ele já pressente,
o pessimista,
o futuro
JARDIM BELA VISTA?

LUXO, REQUINTE, PRIVACIDADE
NUM DOS MELHORES PONTOS
e outros atrativos
oferec
idos
por Desigualdade Itlta.
aos seus amigos
a(r)mados. (p. 89)

Zoopolítica

Em várias partes do mundo
conseguem
fazer dos países
grandes
médios
pequenos
circos

e neles
nunca nos vêem
no papel de palhaços

porém
como uns belos micos –

o que afinal
não garante de fato
um futuro
dos mais fascinantes
para os autênticos
mas já não
numerosos macacos.

Noves fora
eis aqui
um bem arcaico
abecê,
isto é,
o homem
não deixando de ser
o lobo civil
que quer ter o homem
no seu abdômen.

O lobo selvagem
portanto
que abra o olho
na neve
ou no seu covil
pondô também
as próprias patas
de molho

enquanto
não longe do seu bafo
certa história
trágico-patética
se escreve
onde quase nem os ursos
podem dar
grandes abraços. (p. 94-95)

Dementia praecoce

“Como quem
(tolamente?)
se atolou aqui

paro
e declaro que eu também
desisti.

Frente a tanto
lixo tóxico
já não tenho planos
para os próximos
cem mil anos.

A não ser
o de ser
bem
mais humano
quer dizer
sem ter ódios
específicos
causar danos
ao mundo
aos outros
e a mim.” (p. 102)

Provável

A bordo
e à beira-tédio
rumo
à aerodemora das horas
rota
Roma-...-Vitória
em travessia-avião.

Bardo barbudo
(condenado
talvez com acerto
desde os dias de Platão)
passo
ao estágio aceso
do assédio
e logo improviso
sorrisos alados.

Abordo
a bela nervosa
recorrente

em levar unhas roídas
aos seus dentes
ao meu lado.

Ela não dirá Sim
nesse estado? (p. 119)

Saudação

Um viva
muito ascendente
ao amplo universo
oriundo
da aviação:

um mundo criado
acima
da extensão evidente
a quase todos os sentidos
do próprio mundo.

Um outro viva
ao que sem dúvida
também merece
ter o seu brinde
com toque de elite:

o espaço
menos perceptível
dos satélites.

Isto,
apesar das ameaças
permanentes
que ambos os domínios
deixam no ar.

Um viva ou dois:

depois
tentar subscrever
sem muitos remorsos
o que restar. (p. 125-126)

Poetastro

Bêbado
de não ver os postes
num luar
de círculo vasto

enquanto
declamo aos céus
e também
reclamo aos ratos

penso
nos dois sóis tão belos
e aceito
como algo perfeito
(não
um andar de rastos)

ser o teu
único
herético
ereto

poetrasto. (p. 130)

Urbanismo

Las piquetas de los gallos

Federico Garcia Lorca

Amaria ouvir
o som
das picaretas dos galos
batendo contra
o cimento calado
(prédios paredes apartamentos)
destas auroras.

Mais ainda
amaria ouvir
qualquer coisa soando
como anti-lamento

em algumas das nossas
ou só das minhas
piores horas.

Amaria rir – e rio enfim
lascando a machado
barulhento
metade e mais metade
do teu mundo
grave de agora. (p. 134)

Particularismos

Há quem inveje
o ouro gelado
(e ainda leve)
desta cerveja?

Pois sim: que seja.

Mas que também
uma entidade
de ferro ou bronze
proteja
minha pessoa
desde a presente
hora tardia
ao próximo
raiar da aurora
em ruas
quase vazias.

Tarefa boa
a de mirar
ao menos hoje
ébrio e humilde
a prataria
deste lugar. (p. 140)

Ao Ministério da Saúde

Das cinzas do cigarro
infelizmente

– meu caro –
nenhuma fênix:
só o pigarro.

2

Das cinzas de que morro
por que –
amigo antigo –
não me separe?

3

Das cinzas, sim,
o que minhas tripas
dizem aqui
infelizmente
amanhã
ficará mais claro. (p. 144)

Brinde

Toda a nossa respeitosa
saudação
às hienas –
que elas são
previsivelmente
hienas, apenas.

Nunca negam
aos demais
os seus dentes
entrerrindo
se comem dos corpos
que estão putrescentes –
ou já indo. (p. 150)

Vox não mais tão populi

“Cabo e Barco bradaram

os seus próprios
recados
com mil e um
ousados fados
prosopobárdicos
em mares fortes, fartíssimos,
que eram os seus.⁴⁴

O próprio Sol
numa tarde
de maciço calor
soviético
diante de um vate
agitado
não se calou
quando este mais ardeu.⁴⁵

Então
por estes céus de Deus
tão poluídos
por que *eu* (a quem
os três mal citados
nos seus dias
de maior fogo
recitaram
com fulgor)
não teria ao menos
uns minutos
verdadeiramente meus
em que de um palanque
ou cadeira cativante
falaria a todos
josés que fossem
ou marias bem doces?

Com um porém:

serei oblíquo
ou inexato,
embora, aqui

⁴⁴ Cabo: Adamastor, o Cabo das Tormentas, em *Os Lusíadas*, V, claro que de Camões. Barco: "Le bateau ivre", óbvio que de Rimbaud.

⁴⁵ Sol: "A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no verão na *datcha*", do próprio.

e ali,
coloquial,
quase prosaico.

Também garanto:

farei sempre
uma pausa ou duas
enquanto
saio de um canto
para
compenetrado
entrar
no canto mais próximo.

(Preparem as orelhas
e os silêncios
reverentes e ouvintes,
meus caros,
por conseguinte.)

Não!
Negativo!

Há
um novo trato
a propor
aos que desejarem
o favor
do meu Om
narrativo:

acabei de alterar
(tal como um velho muda
um velho testamento
e é um-Deus-nos-acuda)
meus próprios pensamentos
ativos, altivos,
dos mais agudos
ângulos
aos que vão retos.

Será bem outro
de fato
o meu sermão:

não mais oblíquo,
quero ser direto
(se deveras
de agora em diante
não minto
em favor deste
ou daquele mito
que veja como belo
ou interessante).

Saiba
este mundo insano
de incluídos
e exclusos
de modo a não
ficarem buracos
no queijo partilhado
do sabido:

com os meus próprios pés
inteligentes
posso voltar atrás
ou ir adiante;
quanto
às minhas várias mãos
sempre laborais, estas
com as suas pás
conseguem cavar
daqui de cima
do monte em que estamos
até à China
de novos paxás
(digamos).

Preciso tanto
(ou nada, acreditem)
de quem me digite
como de alguém que não
me tenha aos dedos
feito brinquedo.

Sou o poema, a voz
lenta ou veloz
mas sempre audaz

que deve falar
com cérebro e emoção
de tudo o que for
celebrável
e muito mais.

Um exemplo
em que cada
um dos Doutos
e das Senhoras Mestras
de antes, de hoje
e das próximas horas
verá que a todos
eu contemplo
– não
em meros mares
de cantores de espumas
nem debaixo, depois diante
dos raios solares
de algum sovietóvski
de verão,
mas como gotas perdidas
no orgasmo do cosmo:

VÓS E O RESTANTE

*Um
ponto denso, tenso,
feito de
fogo,
formando
seu quando e seu onde
ainda
em estado expansivo
(ou
– quem pode saber? –
nada disso
e o oposto tampouco
em abecedê
de
finitivo).*

*Explosão branca
do Big-Bang
que não se estanca
até a hora*

de restar exangue:

*o universo
como primária Big Band
a ressoar
no próprio universo,
orquestra
e seu histérico maestro
ao mesmo tempo –
se tempo
com todo o seu imenso
colorido
tingindo Antigos
e Juvêncios
pode ter aqui
um verdadeiro registro
não soçobrando
no mais mudo si
lêncio.*

*Do amarelado brando
chegando
ao amarelo de verdade,
ao vermelho-laranja,
ao colapso
dos buracos negros,
a, o...
não deixando de avistar
homéricos gregos
nalgum momento
da jornada
(e assim
sem qualquer pudor
estou me fazendo
desde antes do início
do início
um demiurgo
pintor).*

*Neste ponto
ou aparte cósmico
em que colapsam
as cápsulas de fogo,
para vós
(para sempre ou não?)
o restante da gesta
é muito mais taciturno*

*do que outras indigestas
ausências de som
foram já para os que tinham
vez e voz na festa.*

*Ao fundo
contudo
sobram farrapos
de ruídos,
restos de restos
de restos puídos.⁴⁶*

Como disse
distante do início,
neste canto
ou nas Chinas à vista,
sou o Poema
agora maiúsculo
e – deveras oblíquo,
ó meus não muito
distintos
presentes –
nem um nada peço
ao tal sujeito
creio que insatisfeito
através do qual
sou eu que me digito.

Sim,
o próprio Sol
não se calou
e mais Cabo e Barco
todos são de fato marcos
do que fui
e apesar de todos os cercos
ainda
agora
sou.

⁴⁶ Quem quiser que pesquise por sua conta Cosmologia e outros bichos.

(São minhas TODAS estas notas, o que não impede que um bípede tolo se veja como o seu redator.)

Vou..." (p. 165-174)

Pena capital

Totenkopf

("Cabeça-da-morte": S.S.)

Cabeça
cortada do corpo
com
cat
ego
ria – precisão
que está para além do bem
e do mal:
mas nada boa segundo alguém
nesse dia
muito especial
em que alguns aplaudem
ótimas
pontarias.

Cabeça portanto
sem corpo –
bem de acordo
com o propósito alheio
de que
(entre mais coisas)
ela não veja as cores
das coisas
nem discorde
de verdades cabais
como a de que o azul
antes foi rosa.

Cabeça feita
pequeno corpo: corpo
da cabeça
sem o resto
do corpo
(algo bem funesto
para a medula espinhal
nessa data

que – apesar de espinhosa –
é dita capital).

Corpo menor: corpo estirado
sem cabeça
no pó.

Ou maior, monstruoso: questão
de ponto de vista
(José
rebatendo bastante
irritado
idéias divergentes
de João
e vice-versa: duas cabeças, duas
sentenças
numa só travessa).

Cabeça também
sem cabeça,
caro
camarada: muda, surda, cega
logo que for
decepada.

Aliás, cabeça que se deve dizer
bastante
diversa: mudada.

Não mais
maiúscula, versal: cabeça que passou
ou foi passada
pela pena
capilar
– corrijo – capital.

Cabeça então
que ninguém mais
com rigidez
pode xingar
de “dura”.

“Caiu podre
no chão
de tão
madura”
(humor grego,

claro que a respeito
dos muitos danos
que os helenos causaram
aos seus troianos).

Cabeça condenada
porque (nada mal!) pôs belas aspas
na cabeça
de um monarca
em algum dia ou mês
de certo ano –
ou em vários
(uma vez
não é uma vez só
não é só uma vez...)

Modernização:
seja
no vosso reino mirim
ou na nossa
vastíssima união
providencial
de províncias
e estados
não é mais preciso
cortar cabeças
já que hoje, amigos e amigas, somos bastante
civilizados;
uma bala,
não mais,
para cada casta,
perdão: caso –
e zás! basta,
cessam os estragos.

2

Machado,
espada, guilhotina, disparo
ou tão-só “decepando
com uma larga e certeira faca”
(Oswald) – tanto faz.

Conta apenas
termos na cabeça
os termos certos

para aniquilar
as dos outros, criar rápido
uma poucas
ou várias vítimas
para – Ivos, Jorges, Lívios
ou mais carrascos
sempre bem
ou mal armados –
termos paz.

(Acabe a lista
em Zeferino
e recomece-a,
apesar do tédio,
por exemplo
em Ado.)

3

Anular cabeças:
não há
oh não não há
modo melhor
de fazer
sumir de sob
o sol-luar
o pensar-sentir-mover
de sujeitos que começam
a perturbar.

4

Penúltimo
viés:

corpo
ao rés do chão
sem cabeça
(ou tanto faz
se for
ao invés).

Ora, por que não
o pequeno
mas sincero
excesso

de pensar também
em decepar
seus dois pés?

(E que ninguém ouse
a ingratidão
que ao seu castrador
dirige sempre
o castrado
gritando com raiva
ter ele um zero
no lugar
que falam sagrado
dum certo ser
deste vale
dito de lágrimas –
vale dizer,
o coração.)

5

Cabeças, enfim:
bom assim
tão constantemente
à mão!

Seja para que se seguem
às pressas
ou – às avessas – que inspirem
a produção
de algum poema
para um séquito
de leitores seletos,
que um dia ou século
atestem
com todas as aspas:

Ei-nos defronte
de mais um genuíno
poema-cabeça
na praça. (p. 175-182)

Mundo-cão

“Mundo-cão”,
por aqui
e acolá
hão-de achar
boa gente
que maldiga.
Entretanto,
minha amiga,
por que não
vem à mente
por igual
“mundo-cobra
cascavel
ou coral”?

*Simplesmente
porque são
baixo astral...
E não sou
sua amiga,
meu senhor
sabichão!*

Está bem,
admito:
um epíteto
tem veneno;
quanto ao outro,
causa medo
não pequeno.
Mas que tal
pôr em cena
o “dragão”?

Bem dramático...

Ou quem sabe
“mundo-rato”
caiba exato
no projeto
específico?

*Melhor não:
muito imundo,
abjeto.*

“Mundo-pulga”?

*Visão tosca:
uma lástima
lançar mão
de coisinha
tão minúscula.
A despeito
de mais grado,
deixe fora
de igual modo
“mundo-mosca”.
(Por tabela
não vai bem
“mundo-grilo”
e – é claro –
“pernilongo”,
“joaninha”,
“marimbondo”,
etcéteras
de insetos
e insetas.)
Todavia,
siga em frente
com a sua
zoológica
ladainha..*

“Mundo-abutre”,
ó amiga
prestativa
duma figa?

*Um pavor...
Mesmo óbice
que merece
mais acima
“mundo-rato”.
(Não repita
imundícies –
por favor.)*

“Mundo-águia”?

*Ah, ficou
bem melhor*

*desta vez
seu juízo,
meu senhor
tão astuto!
Tem até
um ar cult,
com requinte
algo nobre –
muito embora
uma gente
mais esnobe
vá lembrar
das tonturas
que haverá
certamente
nessa altura.*

Paciência.
“Mundo-peixe”
por exemplo?

*Nem comece.
Ou já vem
o senhor
com algum
previsível
“tubarão”
ou ainda
(ai, meu pai!)
o “monstrengos
que – parece –
há no tal
Lago Ness”?
Faz um tempo
formidável
somos seres
só terrestres.
Além disso,
deixe logo
nossos bichos
irreais
ou verídicos
sossegados.
E lhe tasco
sem modéstia
ou temor
meu recado:*

*por que não
simplesmente
por um ano
"mundo-humano"?
Porventura
viveríamos
uma festa.
Mesmo ao custo
de ser mais
do que urgente
enxergar
no fatal
homo sapiens
outra espécie
de animal –
talvez não
tão demente
nem tão trágico
afinal...*

“Mundo-humano”?

Mas assim
– que diabo! –
como uns tontos
perseguindo
os seus rabos
não voltamos
ao incrível
“mundo cão”?

*Não e não! –
(novamente
et cetera
de tal modo
que uma seta
vá atrás
de outra seta
e nenhuma
seja enfim
alve... záz!) (p. 183-189)*

Para voz alta – e baixa atenção

Leia para nós
em voz alta

o poema que ontem
eu não fiz
sem temer
que o seu tema
mate
a comunicação
com o ouvinte
que não saiba
como usar
corretamente
ou com requinte
o seu nariz.

Leia o poema
sem temer
que o seu tema
mate
na verdade
o ouvinte
aliás
abata um
dois
dez
dezenove
mais de vinte
num atentado
tão bem feito
que será dito
feliz.

Leia o poema
que sem tremer
zomba
tanto
do homem de paz
quanto
do homem-bomba
porque um
como o outro
é capaz
de comer
o seu próximo
ou
o seu distante
sem requintes
em nossa terra
e em mais brasis.

Leia o poema
sem oferecer
um oásis
de perfumes
aos ouvintes
e até
aos falantes
que não consigam
resolver
os problemas
mais gritantes
que chegam
ao conhecimento
de qualquer nariz.

Leia o poema
e agradecido
diga a todos:
"Mui-to o-bri-ga-do
porém
por hoje basta
de capim.
Amanhã
e depois
continuamos
este evento
aqui
ou
noutro canto
apropriado
por exemplo
o inferno
exemplar
que faz tempo
vamos erguendo
como um templo
ainda
que a isto
os nossos bilhões
de cascos
chifres e rabos
não estejam sendo
obrigados."

(Sem mais rabiscos
entre

o nascer do sol
e o pôr-do-som
termine o poema
lunático
declarando
em alto
e bom Não
que a festança
é só esta
não há mais ossos
para o nosso repasto –
caros irmãos). (p. 190-193)

***Entre dois vetores* (2014)**

Sublunar

Estrelas,
tê-las também
horizontalmente –
terra a terra –
tarefa que (meu peito
bufa,
berra, esbra
veja) nunca é fácil,
reles,
rasteira:

como encaixar
um valor mais alto
aqui embaixo

ou – esforço indócil –
equiparar
em certos dias
um Everest
a uma cadeira?

Estrelas pensadas
com os emotivos
sinais positivos
apenas
sob um céu de estrada:

obviedade,
convenção
que pouco arde.

Estrelas, ao invés:
como Keplers e Bilacs
in
sanos ou hoje
radioastrônomos,
conseguir
ouvir seus sons,
quer dizer,
de vez em vez
descê-las

ao subestimado
(mas tão valioso) nível do chão,
o nosso terráqueo
convés.

No extremo
dos
extremos
eis
todavia
um risco:

obter assim
apenas
extrelas –
ou bem menos
que alguns meros
rabiscos. (p. 27-29)

Situação

O
desamor
desarruma a imagem
de gavetas
de guarda-vestidos,
armários
ou qualquer outro móvel
com objetos que mãos organizaram
de modo harmônico,
coisas ao lado de coisas
agradando – mais do que aos olhos –
ao calor da mente
que ainda se anima com a figura central
do coração.

Ou ele faz aparecer
em quantidade incômoda
nessas gavetas emotivas
objetos cortantes,
agressivos
mesmo quando bem arrumados
em mobília
que em outros momentos
nos alegra.

Situação em que da pele
ao interior da carne
o que é emoção é corpo,
corpo, emoção –
e essa reunião muito esquecida
quando lembrada assim
implora
(durante algum tempo
sem o menor barulho
de coisas ruins ruindo de vez)
pela sua própria
implosão.

Com certeza
ou setas
que se demoram demais
no seu trajeto
o desamor quase nunca é
o que em alguém se desfecha
com rapidez. (p. 36-37)

Correções

O a,
feminino:

desatino
de dar
dó.

Bom seria,
ou melhor, muito mais correto,
se
feminina
fosse de fato
a letra que chamam
de o.

Já
do i
– sendo a coisa tão evidente –
nada irei
re
ferir

a não ser
é
cl
aro
que o belo o me tente
antes
de

ele dar
de
repente
o
f
ora
d
aqui. (p. 40-41)

Entre as cores

Febril
feito um forte
amarelo
afirmo: já vi vermelhos
em meus delírios

conforme anotei
com muita precisão
em não sei qual página
de ar
dos meus cadernos.

Alguém
então me dê
colírio incolor
para que eu suporte
o fulgor-paráíso
deste nosso
estranho inferno.

Melhor ainda:

que eu mereça
o elixir vital
para continuar aqui

despivestido
entre as cores
que invejo tanto
e as que
como vocês
eu nunca escolhi
– garanto. (p. 50-51)

Aguerrido

Um único
(não dois nem três)
aviso amigo
de alguém
meu conhecido
aos sonhos daqui
de lá
e até
de além
sempre fingindo
que são
por sua vez
não agressivos:

“Troiano ou grego
agora
ponho meus nervos
em guerra
de preferência
relâmpago
contra quem tente
grego ou marciano
perturbar meu sossego
com golpes baixos
ou sobressaltos típicos
das nossas guerras
egocêntricas
de nervos.”

Decerto
um único
aviso besta
às feras
astutas
que na segunda

já pensam
contudo
com suas garras
como vencer mil mundos
na sexta. (p. 60-61)

Lírico ou mélico?

Mostro meus ossos
digo
meus dentes preciosos
ao dentista
em silêncio aflito
com minha pessoa
agarrando todos os possessivos possíveis
para defender
mais um setor da carne ou caverna
que afinal
pertence ao mundo.

Mudo
sou apenas mais
um
último ego

demonstrativo
de monstros bem íntimos nossos
de fato cômicos

com ou sem
o seu acompanhamento de risos.

Fora da consulta agora:
enfim posso
voltar a perder na rua
meu rosto
com dor no interior da boca.

Assim ele não é mais
meu.

Bom
que perdure no ar
ou na língua
por um bom tempo

esse gosto per
turba
doramente
feliz. (p. 69-70)

**Também
“nosso tempo”**

As existências são poucas:
Carteiro, ditador, soldado.

Carlos Drummond de Andrade

Ser presidente
ou presidiário
ou supreender presidindo
tempos após
haver estado preso
ou ser preso
depois de exercer despreocupado
a presidência
ou outras combinatórias
recolhidas
das cartolas contemporâneas:
tudo isto é muito,
Carlos poeta pessimista!

Ou – mais humilde –
a mim
e a tantos outros
tintos
é que devo corrigir depressa?

Admito não saber
que papéis de verdade
existam para além
de deveres bem vários
nos quais correndo
nós encaixamos desejos
mas também medos múltiplos.

“Lugar ao sol”:
lugares
de repente salgados
seja com salários precários

ou exibindo
obscenos bilhões
além de infinitos
números intermédios –

nenhuns deles
hoje nos salvam
da imagem
duma selva cada vez menos se
letiva. (p. 71-70)

Dual & cia.

Um paraíso fiscal:

lugar onde
toda a ideia do bem
faz um bom
número de anos
se fez coisa
anormal.

O inferno financeiro
todavia:

região
em que até
no refrigerador
do nascer
ao sol-pôr
a nossa grana ardia.

Paraíso financeiro,
inferno fiscal
(sem deletar
algum bom purgatório
como fato médio)

ou
– em outros termos –
banqueiros
de todo o mundo
tendo como lema:

"Em nossos acertos

& assentos
a presença de muitos traseiros
não seria
coisa bastante *us
ual*'. (p. 73-74)

Gozos

Os "mestres da dor"
(saúdem-nos
ainda
quando sem maiúsculas)
frequentam florestas,
asfaltos,
também ferindo
em qualquer solo diferente destes
– e não só
os muito másculos, os bem musculosos
sob o sol.

Fazem sofrer
(já foram
enviados ao Congo,
bons belgas)
em qualquer parte,
países
ou pontos do corpo.

Nunca são,
todavia,
os outros somente, os puros insanos
nem
de uma nação única.

É viável, provem: podemos ser todos
tais "anjos da morte"
ou, ao invés
desses "monstros totais"
com açoites
e outros itens que provoquem
tremores de pânico,
por que não
um extremo aceitável,
o de meros
"mosquitos humanos"

picando
psiques dos próximos?

Grau,
graduação de asas,
de gozos
(doentes ou saudáveis)
de cada um.
Escalas.
Muito mais do que apenas
um único viés,
um êxtase exclusivo.
Sapiência de vasto
(algumas vezes devastador)
alcance
– e que merece incansáveis
realces:

apta
a dar conta
de incontáveis cortes decepantes
entre os punhos
e as suas mãos negras
suando de trabalho absurdo
nas selvas;

apta ainda
a abarcar intrigas
ferinas ou ferozes
de que temos ciência
no coração
dos nossos aposentos
ou com os pulmões respirando
ao ar livre
em Congos, Bélgicas e no restante
do alfabeto integral do mundo
hoje sob as vistas
da Internet.

Envio

Segue,
canção já cansativa
em deslouvor dos Leopoldos
mais que literalmente reais
(sem deixar de mencionar
os seus menores

de várias bandeiras, mentiras, cores)
coabitando em todos nós
nas amplas
latilongitudes do planeta.

Vai
até findar um dia
de vez
toda essa rubrísima
diarreia. (p. 85-87)

A Zemocracia

meu suspiro impertinente,
meu social transtornado.

António Gedeão

Pergunta
que às vezes consegue
atentar
nossa alma
a ponto de
esta vir a querer
calmarias
que antecipem tempestades
no ar:

*a Zemocracia
é mesmo algo em que
os tantos Zés, as quantas Marias
deveriam
com maior insistência
atentar?*

Não sei dizer
porque
admito não saber mais
precisar.

Ou talvez
melhore o tom
desta paródia que zomba
dos piores dias
ou até

– dando mãos à palmatória
e à palinódia –
busque outra modulação
com um claro “Alto lá!”.
Então:

*a Zemocracia
veja você
é a grande zebra
(às vezes mais,
outras menos) rubra
que há –
quer haja sol
quer façam chuva.*

Se não chegamos ao zê
nite
e ainda estamos
engarrafados no agá
por que
não andarilhamos todos
ou ao menos
os que não tenham
muitos maus modos
para mais perto
de lá? (p. 92-93)

Impasse

Sei que *Surtos* seria
um ótimo título
para uma série
ou – com mais requinte –
breve suíte
de poemas.

Porém
agora é verão
e meus vizinhos
familiares e amigos
além de outros
que não estou nomeando
(poetas ou não)
andam viajando.

Assim
não vejo ninguém
diante
da alça de mira
da minha lira.

Além do mais
eu mesmo
(não escondo)
venho vivendo
bem calmo
nos últimos dias.

Pena:
trago num bolso
a boa ideia dos *Surtos*
e no outro
um vazio imenso
para o meu assunto. (p. 102-103)

Up-to-date

Tudo se esgarça
mesmo o universo.

O mesmo universo
a nosso favor
ou ventando adverso
vira carcaça.

Tudo se esgarça
com toda a certeza
mas também
com seus grãos de graça
e certa beleza –
mesmo a carcaça.

Tudo se amassa:
amores,
teus poemas
e
felizmente
tristezas –
mesmo as mais baças. (p. 122)

Rimas f(r)acas

se quiser
mande o pau
(ou não)

Haroldo de Campos

Mais um
homem forte
visto
como agente
do progresso
dum país
para a gente
hoje
venerar.

Mais um outro
narcisista
dito artista
que na mídia
se explicita
para a gente
de novo
meramente
espelhar.

Mais um outro
megaempresário
que chega
com maus empregos
e microssalários
a tiracolo
para a gente
agora
tirando chapéus
aguentar.

Mais um outro
que chamam
programa piloto
ou lixo
para a mente
e o corpo

tendo até
suas garotas
seminuas (?)
de programa
ensaiado
com cuidado
para a gente
num futuro
quase presente
se deixar
teleguiar.

Mais um –
mais
uns e outros –
mais
ou menos doutos –
um conjunto
que faz tempo
para tantos
na verdade
tanto
(mal) faz –
eis aí,
genteimosos
como este
que vos escreve,
o que hoje,
hoje
e hoje há.

2

Me diga
um Zeus
ou quiçá um sábio
Ogum
em que coisa enfim
consiste
ser um
pós-Nietzsche
em tão intragável
zerum? (p. 126-129)

Óbvia

Alguns líderes têm:
telefônias,
microfones sem fio,
rádios, TVs,
um certo harém,
secretárias,
bajuladores a postos
e outras feras.

Então
por que também
se preocupam
com o aumento-ereção
dos seus arsenais de guerra? (p. 130)

Lição de lobotomia

20 e poucos ossos
(mas seria o mesmo
em caso de mil)
se protegem
a nossa cabeça
de traumatismos
nada podem
contra a desgraça
de uma só canção
(quanto mais
se alguém lembrar
não uma
mas uma legião)
imbecil.

Ossos firmes
com suturas
numa certa
região –
mas não peçam
que uma dessas
20
e poucas peças
seja páreo
para os crimes
auditivos

que saturam
este mundo
absurdo
de cujas estacas
barulhentas
não escapam
as trompas
de eustáquio
tantitonas
de tão estupradas
num Brasil
ponta a ponta.

Porém
a quem reclamar
perdidanos
contra os quais
mês a mês
são inúteis
paredes mentais
que só queiram o
antibis?

Valia mais
torcer muito
que uma epidemia
de amusia
nos devastasse
por uns 300
e 60
e mais dias.

20 e poucos ossos
que um tal
Padre-Nosso
se existiu
obviamente
se eximiu
de projetar¹
contra sons –
muito menos
como adversos
à audição
de tons boçais

¹ Darwin que me perdoe.

e duvido
que de vis –
e até mais.

... Ou não:
talvez
o bom fosse
pôr a ira
mais colérica
na coleira
ou mesmo
de quarentena
e propor
a certa casta
restrita
de amigos
abastecermos
as caveiras
com álcool
ou outro éter
do tipo
até conseguir
anestesiar
ouvidos
agraciados
com sonoras
agressões
feitas sempre
sem remorsos.

Esta não sendo
a melhor
das bandeiras –
ou seja,
a de piratas
com rum –
também não é
senha ruim,
meu senhor.

Agora, sim:
eis o meu fim
100% –
ou um basta
nestas praças
de lamúrias
mil, lamentos

sem (l)arga
massa. (p. 132-135)

Metamorfoses

Ironia
o estuprador
vir a ser estuprado
por prisioneiros
não acusados de estupro
na cela
e
ironia
elevada ao cubo
prisioneiros
não acusados de estupro
se transformarem
assim
em estupradores
justiceiros.

(Câmaras de eco
e de horrores –
porém
qual dos dois tipos
fotografar primeiro?) (p. 138)

(Con)versão

“Eu sou também
uma das vítimas”,

disse
o bom carrasco
para não se ver
como o astro
de muitas cenas
sinistras.

“Eu não sou
(tenho fé),
alguém mais

é que é
a fera
legítima.”

E (ch)orou, ora, pensando
na sua lista. (p. 148)

Paradoxo

Sem palavras
não teríamos
os atos

que levassem
de Auschwitz
aos Balcãs

ou às ruelas
de Ruanda
e suas facções

resolvidas
com as grandes facas.
Parte disso

(paradoxo)
sem mais conversa
que a das botas

e até
dos pés des
calços!

(Cacos
de vidro. Cascos.
Gritos...) (p. 149)

O ator, a cicatriz

“Aqui
à beira do cais
onde faz pouco explodiu
o navio cargueiro

ninguém mais admite
(só eu)
que ainda cogita ganhar
o Prêmio Dinamite
da Paz.

Aqui
à beira do cais
ou seria perto da sala VIP
do aeroporto?

Não importa.
Num caso ou outro
nunca sumirá a cicatriz –
mire bem:
que trago a mais
no meu bético rosto.” (p. 150)

Cultura

(em 15 versículos – quase todos saindo pela culatra)

Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos,
mas eram tantos os maiores que logo aumentei os meus planos.

Imaginei nem mais nem menos que os tomos duma enciclopédia,
pomposamente atijolados para conter toda a tragédia,
mas o projeto foi crescendo em pretensão e qualidade, e a
Britânica das Matanças virou Biblioteca de Sade
– ainda bastante incompleta, mas cada vez mais encorpada.
Aparecem tantos volumes que não posso encadernar cada.

Prateleiras hospitaleiras recebendo o material não dão conta
de todo o sangue deste mundo tão hospital.

Como falta espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele
caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu?

Nele caberia o que o mundo hoje mesmo faz esquecendo?
Não sei responder, mas sei bem o que vamos sempre fazendo.

Eu também e você e quem aparecer no chão da Terra, nós que
matamos os seus mares e até decapitamos serras.

Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na
indiferença do universo – simplesmente penso até quando.

Penso em certas ruas e casas, numa porta às vezes aberta.
Também penso em certa garota, que era mesmo a garota certa.
Os livros lidos e os não lidos na estante da minha cabeça,
mostrando os títulos-lombada onde as aventuras começam.
A música solta no espaço da sala e depois da memória. Um

sorriso, um rosto, uma foto, tudo o que tem alguma história.

Devagar e logo depressa sensações, palavras, idéias, idéias, sensações, palavras zumbem minha mente-colméia

e trabalham bem produzindo o desânimo com seu fel, os sabores do pessimismo, que mancham este papel

com uma pergunta final que rapidamente eu apago, riscando também todo o resto das folhas que – juro – já rasgo. (p. 154-155)

Real(ce)

Mesmo longe
hoje
acordamos
com nossos travesseiros à beira
de usinas atômicas
tal seu poder
seu perigo
para lá de letal.

Elas são nossas pirâmides
porém com novas
funções e formas
que mais assustam
que fascinam.

Centenas de não triângulos
em horizontes
espalhados pelo mundo.

Já não parecem naves de pedra
erguidas na areia
para atravessar o tempo
levando mortos
como em veículos
que não se deslocam.

Agora
a morte precisa ser vista
como energia
ou morte bem viva
à espera
de um deslocamento do mundo
ou dos séculos.

Mesmo longe

faz tempo
almoçamos e jantamos todos
sem pensar muito
na cabeceira
destes abismos. (p. 158-159)

Tecendo a treva

É possível fazer poesia depois de Fukushima, com adornos radioativos?

Raimundo Nonato

Após o horror
dos terremotos televisados
(2011)
alguns afirmam
ainda que sem muita pose
nas mesmas televisões:

**“AS NOSSAS UZINAS NUCLEARES
CERÃO MAIS SEGHURAS.
ESSA MATRIZ DE TEKNOLOGIA...”**

Pausa –
aliás,
andropausa – menopausa – quase
raivopausa!

Vale prosseguir?
Enfrentando
o demônio do desânimo
que ataca homens e mulheres,
sim.

Na boca
de certos matracas
essa matriz
nunca poderá ser
uma péssima
madrasta
nem num trilhão de vezes
irá nos jogar para além das fronteiras
do “Por-um-triz”.

Um desastre apenas não tece a noite:
é preciso
que um vazamento nuclear
não seja aos poucos esvaziado
com ares técnicos
e que outro vazamento
entrelace os seus dedos
de plutônio e urânio (por que não dizer:
de plurânio e urônio?),
eu dizia:
algum dia outro vazamento
pegue nas suas mãos as daquele;
que um novo
se irradie com estes
e que novíssimos irmãos
se abracem etc.
quem sabe até
que numa certa manhã
diante desse enorme toldo
radiativo
tecido pela comunhão de todos
os vazamentos
já não exista quem possa repetir:
“azar”.

2

Após o terror televisado
ao tratar
das implicações do assunto
em público
neste e em mais brasis do mundo
("Mas que implicantes!")
alguns
de verdade ainda fingem ter
a mesma visão. (p. 160-162)

Experiência

“Leões
não são apenas cães
com jubas”,
matutou um tigre
lambendo com tristeza

os seus botões –
já não sabendo
a melhor maneira
de dar ciência
aos seus filhotes
do valor (ou “des-”)
do que todos
espertos e tolos
chamam
sem maior cuidado
experiência.

“Eles porém
não são piores
que aqueles símios
de poucos pelos
que pelos tempos
com os seus cães
vêm soletrando
as leis que querem
nos nossos nichos
aos borbotões
sejamos bichos
atordoados
ou autoconfiantes
leões.” (p. 172-173)

Moduladainha

Meus bons
maus poemas – vejam: –
remam
rios acima
lágrimas
(ou esgrimas)
abaixo

enquanto eu mesmo
em silêncio imodesto
nomeio
não mais ilhas
ou outros acidentes
do líquido da Terra

mas galáxias

deste vigésimo
primeiro século
não menos des
amparado
que uns simétricos quarenta e dois
de antes

também eles com más
obras primas
– vejam! – rimando
abismos
abaixo
sorrisos acima. (p. 174-175)

79 como símbolo

O sol vem suando
suas gotas
ouro-ferventes,
amarelo quase líquido
sobre meus cabelos
brancos.

Que me lembre
ontem
esse ouro, digo: vermelho-fogo
não ardia muito.

Amanhã – tremo –
ele irá fundir
o metal ósseo que dá
a forma bela ou de gente
ao meu crânio?

Ao seu modo
vejo como o sol
(mudo)
já me responde.

(Ao fundo
ainda se ouvem aves.
Mas certos monstros
tanto quanto seres
minúsculos
e também formidáveis

nem as formigas
conseguem mais saber
por onde...) (p. 180-181)

Cabo de tudo

(num demótico
dos diabos, espero)

Aqui não tem erro.

Aqui
não vêm gralhas
assombrar
não sei que galhos
ou hipotéticas
calhas:

bocetas e ânus,
bocas,
grelos e caralhos
são
nossas maravilhas
como são
nossos próprios
espantalhos –

por obra
do que também não sei
quantas vezes nos (a
na)
valha. (p. 184)

Destruktionstrieb

Abro a porta –
e ei-la, logo na sala:
a minha fúria.
Vou à cozinha –
e lá, em cima da pia:
a minha fúria.
Abro a geladeira –
ela, no congelador:
a minha fúria.

Chego à janela –
ei-la, na paisagem à frente:
a minha fúria.

Entro no quarto –
volto à sala –
reabro a porta – e sempre ali:
a minha fúria.

Fúria
por comodidade,
porém.
O mote mais certo
seria
agressividade – noves fora qualquer
nhenhenhém.

Não faz mal,
todavia:
é a mesma bossa
dia a dia.
Minha fúria
mais boçal
afinal
é tal a vossa,
como dizem
“sem tirar nem pôr”:
o que eu chamaria
de adverso amor.

(Outro “afinal”:
minha fúria seria
minha luxúria
im
pessoal?) (p. 187-188)

Conclamor

Juntem
as suas forças,
farsas
e fuças,
fraternautas,
e façam coro
comigo

num viva urrado
à vida,
à mesma
vezvida surrada
em cada via,

ou seja,
um brado brabo
porém
cheio de ressalvas
e ressacas
à supracitada
com a mais honesta
in
certeza

pois
diante desta
bela cadela
hoje não há outro
afazer

senão
vaiassaudar
até
os mais deliciosos
dos dissabores
na sua multiminguada
cama-e-mesa. (p. 190-191)

Ditados sabidos

“Líquido e certo”
alguma Sulamita
me vir dar de beber
neste deserto?

Pouco adiante
uma que avisto
(e “dispo com os olhos”)
quase me leva
a crer no mito.

“Líquido e certo

somente o álcool"
seja talvez
a tradução dum dito.
No entanto,
peito pateta,
ela tão perto...

Isto,
atitude,
quebre a métrica!
Coração
e mente adiante:
logo o resto
será beija-flor
e/ou
um caule que pica.

Assinaremos assim
um novíssimo
Cântico dos quânticos:
"Líquido e certo" –
e de olhos cativos
segue-se o resto.

.....
.....

Ah, Deus!
Para onde se foi
a Sulamita?
Feito pateta
(ou per-)
ainda faço
essa pergunta... (p. 196-197)

Ao seu toque

Não raro (não ralas),
lágrimas
nesta ou neste
Valegria
& arredores
rolam, pérolas
de dor.
Porém se dedos

terapêuticos porque delicados
aparecerem
pelas redondezas
(tanto faz se parque ou periferia
em guerra urbana)
no segundo certo
ao seu toque
uma alquimia da alma
terá efeito
corpo afora:
o ácido
que percorria a face
corroendo
alguma psique
será
como coisa
nunca sida, sequer pensada
(sente um contato?)
nisto
que todos os de olho
na validade
do seu passaporte
clamam vida. (p. 198-199)

O dia c (ou da catástrofe)

Mais do que alguém que desperte
recebendo a notícia
de que ganhou o Nobel
ou acorde com o tapa da novidade
de como era réu
num processo muito estranho
em certo dia
(manhã – tarde – noite)
você se vê surpreendido
pela imagem da explosão
quando ele ou ela garante:
não será mais o seu par
no pacto angélico
feito faz pouco ou mais tempo
em nave de paraíso
cruzando mares celestes.
Evidente: outra vez
ou bem pior do que antes
forças gravitacionais do inferno

jogam para o solo
corpo e (c)alma de quem
vinha patinando feliz ou
pateta
acima do convés que já deslizava
no ar.
Alternativas nulas:
nem as cartas
traiçoeiras ou atraentes
do tarô
nem as equações precisas
que no século XXVII
um jovem matemático desenvolveu
para as oscilações do matrimônio
serviram para prever
os enormes estragos
causados por quem de repente
agiu como homem
ou mulher-bomba
numa história que parecia prometer
rotas de felicidade incomum,
não estilhaços
agredindo retinas distraídas.

“Bem feito”
devemos supor que ninguém
ousará dizer? (p. 201-202)

Terra

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter,
Saturno, Urano, Netuno, Plutão e
(talvez) X.

Para os menos céticos
em dez
segundo a direção da ponta
da seta
(chegada ou saída)
terceiro pode ser oitavo
mas também é certo
que oitavo seja
terceiro.
Ela ¬ ei-la → vista daqui

ou admirada
pelos também atrevidos de astros
de lá.
O vento do sol
às vezes
sopra com força
lasciva
a cauda magnética
do seu vestido
de noiva.

Sim, faz pouco tempo
estamos indo, ensaiando
sair,
crianças que farejam
outra festa.
Mas quem vier deverá pousar
como amado
às cegas
ou com blindagem
em todos os seu lados?

Aqui – céticos
ou não céticos
a respeito de terceiro
e oitavo –
por enquanto ignoramos
qual o ponto de vista
certeiro,
o mais próximo do centro
do alvo. (p. 217-218)

Formação

Extraterrestre com certeza
teu ódio não é
nem teu amor
tem origem no campo
das estrelas.

Ou essa origem
ambos têm
de verdade:
hidrogênio e hélio
ajudaram a formar

a constelação
com pés no teu peito
e pescoço
sob a tua cabeça
nem sempre confusa.

Não espanta que existam
num mesmo planeta
desenhos gigantes
e linhas quilométricas
nos terrenos de Nasca
de propósitos
para nós obscuros

tanto quanto a Nasa
com os seus projetos
(projéteis)
ainda precisos. (p. 220)

Cone de luz

↑
futuro
▽
pres.ente
△
passado

Qualquer um
vê:
um vértice de triângulo
equilibra
outro vértice de triângulo,
milagre
no meio da figura
em forma de X.
Primeira pirâmide, o passado se afunila
até um ponto
ou presentempo
estreito
como o diâmetro
da Terra.
Logo
(jogo de opostos)

a segunda pirâmide se amplia
pelo futuro sempre vasto,
miragem
multiplicada por miragem
que o *laser* eficaz
dos microssegundos e macromilênios
transforma
em cinzas fumegantes.

Mas o amanhã e o hoje
não dão meia volta? E dos dois lados
da partícula do agora
também não saem setas?

Estranhas

(espero
que num décimo primeiro céu
alguém
tenha rabiscado algumas
das suas possíveis
respostas)

perguntas. (p. 221-222)

Agora (e ao lado)

Depois do ano perde-&-ganha
1945
um bom número de nazistas
obteve emprego na Nasa.

Outra parte – dita menor –
associou-se
à sigla diversa
URSS.

Questão de gosto, talvez de olfato.

Preferência pelo odor
deste
ou daquele urso,
tanto o protestante
quanto o ateu
tendo os céus

como a sua referência.

Nosso antiamém
aos dois
(ou ao menos
o meu)
ao vivo
e em memória.
Eles não se amavam
ou talvez
com paixão em excesso.

2

Físicos e ficcionistas
que teorizam sem temor
sobre os universos
paralelísticos
enxergam muito além:
ianques e eslavos
enxaguando roupas
de nazis
em outros mundos.
Dizem eles:
“Ali,
ao nosso lado, vizinhos”...

Tanques e máquinas de lavar
com a suástica
associada a alguns belos
logotipos?
Oh
horror (g)ótico... (p. 226-227)

Fótoms e afetos

Os desertos que disseram
eu teria que atravessar
coloquei numa gaveta
e busquei depois no mapa-múndi
outros lugares
onde pôr os pés
com o resto do corpo

(convicto
de que não existem só desertos
na geografia dos desejos,
no aqui e ali
em que afetos e fótoms
se afunilam
tanto quanto se esparramam:

fótoms e afetos
que se estreitam e se espalham
durante a história
em que a testa de cada um
terá que evitar
cabeçadas e quedas demais
na paisagem
estendida de berços a montes
rodeados do restante).

Talvez
mais do que dissessem desertos
aliciassem
– e eu
com assidu
idade
ou
visse
uma série de sereias
entre automóveis e todo
o resto –

sem poder jurar
já não haver sido
um ser da sua espécie
abrindo para os outros
vários travessões de perigo.

Desertos, montanhas,
pro
fundidades
cheias de vento ou de líquidos
ali doces,
salgados adiante
sempre saltam
do vácuo ou de gavetas.

“Devagar”
é o velho conselho que os pés

acham difícil seguir
convivendo com as pegadas de outros
“antes de agir
entre as aves altivas
e os bichos que mastiguem fogo
nos subterrâneos do mundo”. (p. 228-229)

Meses depois de

“Agora ou faz tempo”
(pensou o físico entre os seus cálculos)
“física é o nome
da minha preciosa magia,
a que – como física – apenas pode ser
algo público,
o que – como magia – não deve mais
ter este nome preciso.
Faz tempo ou agora
física é o nome grego antigo
dado ao termo persa
magia
não de todo esquecido
pela minha sábia pessoa.
Agora faz tempo”
(calculou o físico entre os seus
pensamentos)
“podemos sacolejar o espaço-tempo
em segundos.
Agora”
(hesitou o físico)
“que tempo faz mesmo lá fora?”

Alegre com tais cálculos
e pensamentos,
a Morte “destruidora de mundos”
todavia
estremeceu por um brevíssimo
momento:
“E se o bravo sapiens – em todos os sentidos –
consegue um dia ensinar ao mundo
a destruir a Morte?
Será a glória ou afinal
a minha participação forçada
no jeito circular de ser
de certas serpentes?”. (p. 232-233)

A vida, a não-vida e o nada

Jerusalém Atenas Alexandria
Viena Londres
Irreais

T. S. Eliot (1922)

Barulhos, Babel, Baal,
balbúrdia
nestes dias que já são décadas
em formato de ca(c)os
cada vez mais cosmopolita
ou audiovisual.

Atravesse ruas e selvas
como eu
não dando a mão
a uma simples criança
mas a alguma cara geringonça
enquanto carrega
no interior da cabeça
um novo modelo da velha
televisão
se não qualquer outra telinha da praça
que peça:

“Confiança cega, neurônios.
Temos sinopses
que são realmente parte
da ração
das vossas sinapses,
o melhor
para os vossos egos e eros
antes da sua grande
erosão”.

Sim, mas isto dito
agora e sempre em silêncio
em meio à baalbúrdia
das nossas ágoras tão gordas
com e sem fios
que mandam a nossa razão

para o espaço
faz um bom tempo.

Tema
para távolas redondas
de físicos, astronautas, filósofos
ou qualquer outra nata
observando o que enquadra
neste planeta
a vida,
a não-vida
e o nada. (p. 238-240)

Segundo milênio A.C.

Babel,
Babilônia.
Ele declara, quase ruge, Hamurabi.
Faz seus ditos ressoarem
no escuro da rocha,
diorito
onde ordenou que inscrevessem
seu autoelogio
encabeçando um tronco maciço
tatuado
com 51
colunas
de leis.

Pedra
depois perdida
um número enorme de anos –
ou mais
de três milênios
de soterra
mento
até poder vir a dar seus brados
brabos
outra vez:
“Pois saibam,
sou eu
o príncipe escolhido, Hamurabi,
os deuses
me chamaram pelo nome,

touro bravo
que chifra os corpos inimigos
e cala a boca dos que berram
enquanto
conquista os quatro cantos
do mundo".

Baixo-relevo esculpido
na área superior da rocha,
sim, foi
ele próprio
que refez uns templos
(de cidades
que antes arrasou).
Foi: "Vim
trazer justiça para todos,
minhas leis impedem que os fortes
firam os fracos.
Dominei povos de cabeças escuras
e esclareci a Terra".

Babilônia e outras cidades
louvam o seu soberano
através da voz cuneiforme
do seu próprio soberano:
"Eu sou
o alto, o humilde, o inteligente,
o poderoso" (com certeza), "o tal e qual
o céu, aquele
que providencia vários canais
de água generosa
protetendo
a vida das gentes e das cidades,
invencível
que põe os pés
mesmo na caverna dos ladrões,
piedoso
pastor de escravos
e dos que sofrem alguma
violência,
sol
sobre Suméria e Acádia,
sumidade
para cada um dos
Quatro Cantos Do Mundo.
Os povos agora me vejam
fazendo justiça.

Sou eu,
nesta pedra está a lei, o bem-estar
das pessoas".

Vaidade monumental do poder
(imagem esculpida
de pé
estendendo uma das mãos
diante de um deus sentado)
mais do que
simples poder da vaidade –
alta relevância
exibida com gana
nos dois metros e pouco
de um pré-*outdoor*
de granito.

Estranho, porém,
que ele já não andasse sobre as águas
nem voasse a jato
nem haja efetuado naquele tempo
a fissão do átomo
ou feito algumas ironias
sobre a ideia
do aquecimento global.

Sim, "sou eu"
para o futuro pavor
dos psicóticos,
já com o seu compacto conjunto
de leis. (p. 250-253)

Traumas em tempos de paz

(Antes de 1914,
depois de 1918.)

Não só os mais evidentes:

também os martelos invisíveis
provocam dor
quando – por isto ou aquilo –
recaem
com bastante vigor
sobre as cabeças ou psiques

dos existentes,
sempre imagináveis
de modos vários,
menos
o de bigornas férreas,
de fato resistentes.

São traumas
em tempos de paz:
precursores
do que nas guerras
tanta gente faz
ou – depois destas –
práticas
de pós-doutores?

São o que forem,
porém
santos não, meus amores:
demos
a que nos damos com prazer,
baixezas
elevadas ao cubo.

Entre os fios desta fábula
contudo
talvez se possa ver no futuro
algum
que indique alívio
para um número não desprezível
de almas corpóreas:
o de haver a sério
certa paz
mesmo quando em tempo
de traumas. (p. 261-262)

Díptico

porque esta dor que a alma me penetra
não ache o menor bem na menor letra

Violante do Céu

Haverá
quem pense à vera:

com agredido e agressor
num mesmíssimo
pacote
ainda que não (ou nem sempre)
em situação de pacto –

enquanto
não tiver agredido
alguma outra pessoa,
o agressor
não poderá ser agraciado
com o seu diploma
de agressor

e tampouco
o sujeito agredido
terá direito
ao seu título apropriado
(de Mestre ou Doutor)
caso
não mostre ao mundo
ao menos um bom
hematoma – obtido ou não
dentro de casa.

O que
atrairá a pergunta:

se a segunda
parte do tema (o hematoma
considerado
em quantidade mínima agora)
deve ser lida apenas
à letra
como traumatismo que se exibe
à nossa cara

ou se o sangue do seu caso
também poderá ter
caráter não restrito,
dilatado,
simbólico.

Uma
tanto quanto outra resposta
não impedem alguém de engatilhar

nova pergunta
(de espírito oposto
ao que primeiro foi pensado
deveras):

antes do seu ato,
o agressivo
não
merecerá todos os sinônimos
de agressor
e o passivo por seu lado
não
deverá ser visto como um verdadeiro
sofredor
previamente
a no mínimo um choque
bem sofrido?

2

“O mundo é dos espertos”,
sem a tentação da dúvida
rezam os candidatos mais atentos
a papéis
nem um nadinha cônscios.
Todavia,
desde bem antes da véspera
de anteontem,
apesar dos seus vários caminhos
e diversos des-,
um
ponto
deveria ser
trivial, tribalmente sabido:
o
dito mundo
é de todos, espertos e não,
qualquer o horizonte que se admire –

ar, terra, mares,
usinas
e armamentos nucleares. (p. 270-273)

7 x 1.000.000.000

A única evidência, pelo que sei, a respeito de outra vida é, primeiro, que não temos nenhuma evidência; e, em segundo lugar, que lamentamos muito não tê-la e adoraríamos ter.

Robert Ingersoll

Faça-se de conta
que uma explosão
(como inúmeras outras)
já passa da conta.
De quê?
Poderá ser – entre mais coisas –
de pês:
superpopulação.

Neste século
alguém faça
não sei qual espécie de contas
para vir bem a saber:
sim,
SUPERPOPULAÇÃO,
acríscimo de corpos
& psiques
(psicorpos, corpsiques),
nunca de nova matéria
ao Mundo,
sempre com o seu mesmíssimo
ABZ.

Com certeza
uns (os corpos) tão só
se transmudam.
Mas umas (as outras)
emudecem
um dia para valer
aos pés
dessa transformação?

(Sobre esse belo colar
desfeito
e ao menos em parte
refeito sempre
perturba perguntar
para onde irão todas

as contas.) (p. 274-275)

Não “se” mas “quando”?

Se os geneticistas estão corretos, entre 500 mil e 800 mil anos atrás, algo [...] destruiu a maior parcela da população humana, reduzindo-a a mais ou menos meros mil indivíduos.

Charles Seife

Depois
de valas e mais valas,
transformamos ao menos
nossas maneiras
à mesa
(ou a ira
com que conseguimos
virá-la).

Grande,
grave conquista:
fazemos agora
revoluções
que mudam formas de governo,
não
o “modo de produção
capitalista”.

Mas quase nunca seguimos
nossas bem sábias estantes,
descendo
punhos e cucas
às ágoras
para defender de verdade
os direitos
da terra, do ar, das águas,
das éguas
e do restante que reside,
resistindo,
em redes da natureza

contra o que nossas nucas
e frontes
fazem com ela:
fezes químicas, industriais, nucleares

e não sei mais o quê
de nossas linhas de frente
e costas
(ou já circunferência sem limites)
atirados
em seus pobres poentes
e pomares.

Avante
assim mesmo,
burgoproletários, campocitadinos
de todo o planeta!
São talvez
seus ventos sacros
aliados aos laicos
que vêm reunindo forças
e fúrias
na grande praça do mundo
diante
de nossas fuças.

Palácios e palhoças
mal irmanados
o que irão poder
ignoro
perante os zilhões
de soldados inumanos
de pântanos,
desertos,
roças e não roças.

Uma raça inteira
pode prosseguir
algum tempo urinando
por exemplo
petróleo
mais ou menos
dolarizado –

não orar no futuro
aos deuses
das suas hipermodernas
usinas
por no máximo algumas horas
não doloridas.

(Se “meros mil” foi o número

que nada indica
ter saído apenas da humana
matemática,
“quando” virá – pois “onde” é aqui mesmo –
a próxima subtração
é coisa que não preocupa tanto
como o “quanto”
de nossa atual mas pouco inocente
ignorância.)

Sim,
palhaços, polícias
e mais aditivos,
o que mal ou (enfim)
bem irmanados
poderemos fazer
desconheço,
o que talvez abasteça
certa esperança in
certa. (p. 278-281)

O dia do juízo final

O
dia-espada
ou
escada-da-razão
em que cada
um de nós
iria
pensar claro,
certinho, racional
mente
afinal
nunca veio.

E
se houvesse
tal
advento
aqui
no terra-a-terra,
na geral
correria
(na correria-guerra

da geral),
alguma gente
todavia
com sua dialética
do esclarecimento
ex-correria
sabendo
que esse dia-sabão
escorreria –
pelo ralo,
é
claro. (p. 283-284)

Otimismo

No fim de tudo
o luto?

No fim do luto
me iludo
de novo
que de outra vez
farei
melhor estudo,
terei estalos
bem mais espertos
para evitar
um fim-de-tudo.

Quem sabe
assim
até acerte
com precisão
de sabre
antes de haver
o fim-de-tudo
que já
ao soar do A
promete a
quizombaria extrema
ainda não
decodificada bem
pelo nosso QZ.

Quem sabe
alguma vez
(proeza
e o que mais?)
as minhas setas
não piruetem
– mas
zutezotezitezetezás:
aprendam,
avancem retas
previsíveis
portanto *eficaz*
à p
az
.
. (p. 292-293)

Recebida em: 11 de março de 2025.
Aprovada em: 15 de março de 2025.

DIAS, ALINE. *BAGUNÇA*. VITÓRIA: MARÉ, 2025.



(Foto de Higor Ferraço)

Aline Dias*

Sobre *Bagunça* eu posso dizer o que eu quis dizer e também o que me disseram que entenderam, explicar a intenção ou o arrebatamento que

* Jornalista e escritora, autora de *Vermelho* (novela, 2012), *Além das pernas* (contos, 2015), *A única coisa que fere é manhã pós-amor* (prosa poética, 2017), *E se o mundo descostura?* (literatura para crianças, 2023), *Suja* (poesia, 2024), *O roubo do sol*, em parceria com Max Hidalgo e Irene Pérez (literatura para crianças, 2025).

ocasionaram algumas escolhas, comentar sobre o idioma e sobre pedaços de mim que se colocam em minha obra.

Antes, no entanto, é bom que se saiba que nasci em Cachoeiro de Itapemirim, ES, mas passei boa parte da infância em Iúna, no mesmo estado. Formei-me em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e venho trabalhando como assessora de comunicação e repórter em diversos veículos locais e nacionais. Publiquei vários livros em prosa e verso, estreando com a novela *Vermelho*, em 2012.

Bagunça é minha narrativa mais longa até agora, um romance que levou sete anos para ser escrito. As escolhas da protagonista se dão todas para que a história aconteça, e também assim se dão as escolhas da narradora do livro e da escritora que sou ao inventá-la. Nesta resenha, proponho-me a dizer sobre a linguagem escolhida, a violência dos fatos, o tom da narração e um pouco de como entendo a história que está sendo contada.

Gosto muito de pensar em modos de dizer, e em *Bagunça* eu me organizei bastante para isso, que divido abaixo com trechos específicos e escolhas destrinchadas desta autora que sou, embebida de todo drama, forró, novelas mexicanas e História que me precederam.

Linguagem:

- Cruiz em credo! Cara feia pra mim é fome! Acena pra ele, Stéfanny!
- Eu? Eu pra quê?
- Eu tô com vergonha.
- E eu não tô vendo nada.

E Analuz andou xingando a neblina até Marco acenar num fundo branco sorrindo aquele sorriso branco e brilhante e fosco pendurando um tchau feito de mão, desses que significam oi.

– Aú! Que ele gostou de eu! – Analuz teve seus dentes multiplicados num sorriso e passou a andar saltitante sacudindo as mãos morenas.

Stéfanny riu. Achava aquela a coisa mais bonitinha que já tinha visto da amiga destrambelhada em todos os tempos (DIAS, 2025, p. 64).

O *Bagunça* surge desde antes da história, e primeiro pelo sotaque dos personagens. O sotaque dos personagens foi minha primeira e mais contundente defesa diante dos meus leitores-beta que achavam aquilo tudo muito exagerado. “Aú! Que ele gostou de eu!” é uma frase que não cabe muito aos literatos, e que deve ter me custado pontos de classificação nos concursos que tentei. Mas sustento todos os “Aús” escritos. Sustento todos os “aús” porque são ditos em todos os rodeios (de boi, mesmo), e a pessoa que gosta de rodeio pode querer gostar de ler também e não se encontrar nunca em uma história.

Quando eu era criança eu pensava que em nenhum livro os personagens falavam ou viviam do jeito que a gente falava e vivia. Ainda assim, eu gostava de ler. *O sítio do pica-pau amarelo* tinha alguma coisa de próximo, mas não era muito porque as crianças não iam para a escola. Férias não é cotidiano. Eu queria meu cotidiano sendo importante também.

O *Bagunça* foi um livro forjado para mostrar cotidianos de pessoas no interior do Espírito Santo, com o sotaque “caparaônico” que eu nunca tive (porque tinha vergonha), mas que ouvia de todas as bocas do entorno e ainda hoje escuto.

Violência:

Analuz olhava para o suco de laranja em cima da mesinha. Dona Tereza respirava baixo, via que a menina não olhava. A menina não sabia levar nada a sério. Dona Tereza buscou duas coisas na cozinha, a vara e um pano.

- Limpa essa mesa agora, Analuz.
- Pera aí, mãe.
- Eu disse que é senhora que fala.

Tereza acendeu a luz da sala, pôs-se ao lado da menina e jogou o pano ao lado do copo de suco. Analuz olhou e viu uma mãe gigante de vara na mão, depois a vara nela, cantando pelas pernas. Analuz nem

entendeu quando o copo quebrou. Só sentiu as feridas e o tempo. O tempo em cada ferida e suas pernas feias.

Enquanto se encolhia, Analuz não ouvia nada. Dona Tereza, no entanto, gritava:

– É agora que você aprende a respeitar autoridade (p. 24).

Há um modo de viver, uma violência costumeira que pouco se comenta porque é cotidiana. Quando eu mostrei para as primeiras pessoas as primeiras versões do *Bagunça*, meus leitores (residentes em grandes cidades) se assustavam com aquela violenciazinha que eu achava tão normal.

A violência é uma constante em minhas obras; ela está presente na novela *Vermelho*, nos contos de *Além das pernas*, na prosa poética de *A única coisa que fere é manhã pós-amor* e na narrativa para crianças *O roubo do sol*. A vilania, também, é constante em meus personagens. Giordano, de *Vermelho*, nasceu vilão. Nos contos, temos personagens e mais personagens tomados por raivas e tomando decisões irresponsáveis.

Defendidas pelo deboche ou pela dor funda, minhas mulheres vão muito bem quando estão em duas páginas. Giordano comete irresponsabilidades e crueldades durante toda sua novela (mais de 80 folhas, a depender da edição) e as leitoras saem apaixonadas, achando-o super pertinente porque bem-humorado e atlético.

Mas Analuz, de *Bagunça*, não tem a mesma sorte. Analuz não apanhava nas primeiras versões do livro, e era abandonada antes do terceiro capítulo. Ela só ganhou empatia quando eu escrevi a última cena, uma surra de vara de goiabeira no final do capítulo 1 do livro (trecho que vocês leram acima).

As pessoas só puderam amar e torcer por Analuz depois de verem graficamente seu corpo apanhando e um copo de suco de laranja em cima da mesa. Giordano não apanha em nenhum momento; ele faz todas as coisas ruins do livro e sai amado. Analuz só pode ser amada depois do castigo.

Ela também tem suas crueldades, chama as pessoas por nomes que elas não escolheram, coloca o próprio desejo acima do resto do mundo sem medir consequência para os outros. Ora, é uma adolescente. Faz escolhas ruins e sofre as consequências de suas escolhas. Mas não. Ela não tem a mesma empatia destinada a personagens homens. Ela não conta com tanto carinho no planeta. Ao menos é isso que as pessoas têm me dito. Eu, pessoalmente, tenho mais empatia por Analuz e dona Tereza do que por todos os outros personagens que eu mesma inventei.

Ninguém chama Giordano de bruxo. Dona Tereza, coitada, nunca vi um personagem tão xingado em meu vasto panteão de personagens. A mulher é uma Geni. Coitada.

Depois vocês podem dizer que fui eu mesma quem fiz a Dona Tereza. E fui eu, sim. Mas eu não escolho para onde vai a empatia do planeta. Eu jogo ali as vidas e as histórias que motivaram suas vilanias, ruindades, violências. Todo mundo faz alguma violência. E também na violência estou retratando modos de vida, esse modo que no interior não assusta quase ninguém.

Narradora:

Voltar é ruim, ela pensou. Mas parar também é ruim. Analuz foi dar comida pras galinhas e brincou com elas pra fugir de uma resposta pra si mesma. A própria cabeça inventava um turbilhão de palavrões porque ela se sentia compelida a decidir logo o resto da vida, e não sabia decidir isso. Não sabia decidir nada. Passa, galinha, passa. Ô, Dona Glorinha! Vamo cozinar a Genoveva hoje. A vida é uma galinha ciscando o terreiro. Muito hábito e pouca utilidade geral, a não ser quando se para pra matar a fome. De quê? Genoveva iria para a panela e mataria a fome deles. Genoveva ciscava e tinha função. Analuz teve medo de morte. Ô, meu Jesus Cristinho do Caminho Aberto, mata nada não.

Mas Jesus Cristinho estava mudo (p. 197).

Escolhi escrever personagens pouco afeitos a estudo e reflexão sobre a própria vida. Refletem pouco, vivem muito, permanecem numa força enorme de existir,

sobreviver, sei lá. Eles vivem diferentemente da gente intelectual encerrada em estantes e quartos e confortos. Eles têm suores, guerras de mamonas, galinhas, entendimento de corpo e aceitação diversa das emoções. Nenhum dos personagens de *Bagunça* poderia escrever um livro ou dar tanta conta da própria narrativa a ponto de contá-la com coerência.

E foi assim que resolvi que não poderia fazer uma narradora personagem. Eu pensava que não dava pra ninguém ali saber de tudo e a história ser resolvida ao mesmo tempo. Eu precisava da história resolvida e contada. Então antes da primeira linha eu já sabia que a voz não ia ser de nenhum dos personagens dali (desconfiei de uma professora, do Mário e de uma aluna específica que era mais estudiosa antes de bater o martelo. Contudo, percebi que ia ter que ser uma outra história se fosse um deles narrando essa.)

Pensei muito em Clarice Lispector inventando o Rodrigo SM para contar com frieza a história de Macabéa como só um homem faria. E pensava: a história de Analuz não tem como ser contada por um homem. Tem detalhe demais que só mulher percebe. Tem higiene, tem beleza, tem questões de pele, acne, rejunte, a Xuxa, o lugar no mundo.

Não que fizesse diferença a um narrador onisciente ser homem ou mulher. Mas na minha cabeça sempre foi uma narradora quase personagem, mas quase personagem como uma deusa e não como uma pessoa que fizesse de fato parte da história.

Eu queria uma linguagem da narradora que se misturasse às outras linguagens, que entrasse na cabeça dos personagens, que tivesse alguma personalidade mas não muita a ponto de ficar maior do que a história. Eu só fui entender, depois do livro praticamente pronto, que escolher assim a narradora não me permitia um mínimo erro de narrativa.

E percebi depois de já ter lido o livro mais de 15 vezes procurando esses erros. Porque para mim era claríssima a impossibilidade de erro. A possibilidade é que

virou uma surpresa quando alguém me disse: "Nossa, Aline, você fez um narrador difícil, um narrador que não pode errar". E eu pensei: "Ué, então eu podia fazer um narrador que podia errar?". Foi engraçado.

História

Via que a menina falava alto como a mãe, mas percebia nela a capacidade de esconder-se e mostrar-se como bem entendia. As outras seguiam bem as regras impostas de escola e casa, namoros e roupas. Tereza dizia que Analuz dava muito trabalho, mas Liceu achava que trabalho mesmo davam os pastos. Pasto pra virar terra de plantio é que dá trabalho. Menina a gente olha e espera madurar. Tereza não acreditava na teoria, então Liceu não insistia. Esperava o tempo dizer pra ela se estrepar.

A guerra fria de casa era como criar filha. Tereza ensinava casa, Liceu ensinava terra (p. 49-50).

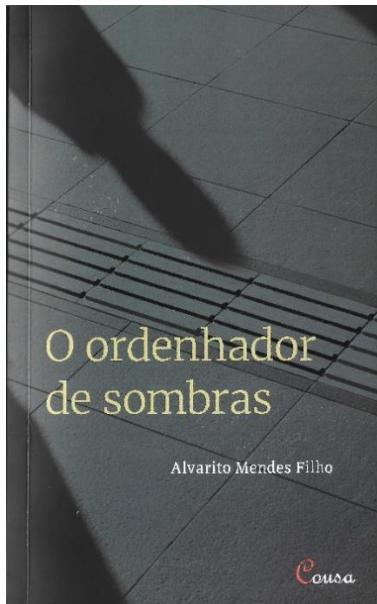
Analuz é uma adolescente a maior parte do livro, e ela está virando adulta e tenta cumprir os próprios desejos, entender os próprios propósitos, viver com alguma graça. As coisas da vida vão indo contra ela, que tem uma personalidade obstinada, e segue em frente sem entender direito por que segue.

Sua história é um grande dramalhão e foi inspirada por algumas histórias que eu ouvi quando era criança. No início eu achei que ia escrever uma história engraçada juntando as bagunças da minha escola com as coisas tristes que eu tinha previsto de acontecerem.

Acho que fiz foi uma tragédia com uns trechos cômicos pra facilitar a deglutição, mas com um amarguinho no fundo. Talvez até uma azia.

Recebida em: 2 de junho de 2025.
Aprovada em: 9 de junho de 2025.

MENDES FILHO, ALVARITO. *O ORDENHADOR DE SOMBRAS*. VITÓRIA: COUSA, 2024.



(Foto de Nilcéa Mothé)

Alvarito Mendes Filho*

O livro *O ordenhador de sombras*, publicado pela editora Cousa, reúne 64 poemas escritos em diferentes épocas. Lançada no final de 2024, com recursos da Lei Paulo Gustavo, via edital da Prefeitura de

* Mestre Profissional em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Escritor e teatrólogo, autor de poesia: *Lições não aprendidas* (1981), *Quando se vive a poesia* (1997) e *O mar interior e outras paisagens* (2003); de romance: *Vasco Fernandes Coutinho: biografia romanceada* (2005) e de teatro, cujas peças foram reunidas em dois volumes, *Teatro* (2011).

Cariacica, a obra de 120 páginas teve tiragem de 300 exemplares e está a acessível também no YouTube em formato audiolivro. Os poemas foram gravados pelo próprio autor.

Nascido em Cariacica, ES, em 1958, venho me dedicando à cultura em diversas áreas. Graduado em Letras (Inglês) e Comunicação Social, pós-graduado em Estudos de Imagem e Mídia (Especialização) e em Educação em Ciências e Matemática (Mestrado), desenvolvo atividades como ator, autor e diretor teatral com vários prêmios. Atuei também como Secretário de Cultura em Vila Velha e Cariacica. Na Academia de Letras de Vila Velha, ocupo a Cadeira 10, cujo patrono é o escritor e diplomata pernambucano Joaquim Nabuco.

O ordenhador de sombras é o quarto livro de poesia, cuja produção iniciei em 1981, com *Lições não aprendidas*, publicado no período logo após a minha graduação em Letras, na Ufes.

A obra é dividida em cinco partes: “Bastidores”, “No limiar das coisas”, “Outras galáxias interiores”, “O ofício da poesia” e “Poema escrito em um guardanapo de papel”. Nelas, apresento as elucubrações de um personagem (o ordenhador de sombras que dá título ao livro) cuja personalidade tem muito a ver com a minha. Principalmente nas partes em que se abordam temas como a passagem do tempo, o ofício de escrever e uma certa perplexidade frente aos espaços escuros (as sombras) de meu próprio interior.

São vários os escritos que tratam da passagem do tempo. Um deles é o poema “Tricô”, cujos versos dizem que

Com mão precisa
o tempo prima em puxar
o fio que me desfia.
No fim de mim, tricô,
vai ficar apenas
o que não ficou (MENDES FILHO, 2024, p. 75).

E tanto o personagem quanto eu experimentamos o desgaste que produz a passagem do tempo, conforme revela o poema “Minguante”:

Ser é ter saudade do quanto
por mim vaza, esvaindo, minguante.

Do quanto sou (e nunca mais)
nos breves anais e um instante.

Ser é ter saudade.
Só ela retém o *irretível* (p. 29).

Ambos se assemelham também no tocando à opção pelo ofício de escrever, como mostra o poema “O ordenhador de sombras”:

Coube-me ser ordenhador.
Ordenhar em mim sombras.

Coube-me ser este
que me apresento.
Letra a letra
lentamente fluo.
Cumpro-me, o farto (p. 58).

Mas as diferenças entre ambos também existem e se evidenciam, por exemplo, em seus modos de vida. Sou uma pessoa do dia, que prefere as primeiras horas da manhã para escrever, trabalho que, muitas vezes, envolve a leitura prévia de obras diversas, a pesquisa sobre a produção de diferentes escritores, e até o assistir a vídeos e filmes. Já o ordenhador de sombras é uma figura da noite, quando as sombras se intensificam, tornam-se espessas, como seu próprio interior, onde a vida borbulha inquieta como em um vulcão desperto, como se deduz em poemas como “Presságio”:

Ah, meu coração
Atropelado
por um calafrio:
o temor de ser sombra
eternamente!

Atropelado por
um trem noturno.
Fez um barulhão dos diabos.

Mas a cidade sabe
a cinismo.
Prefere não despertar
de seu sonambulismo (p. 59).

Outro poema em que o personagem deixa evidente sua predileção pelas horas noturnas é “Pela noite afora”.

Com afigir-me
qual o lucro?
Afigo-me não.
Digo que não me afigo.

Quando a vida começa?
Quando acaba?
Só acaba se começar.

O tempo é uma cilada:
mil vezes vida
noves fora, nada.
Mas qual o lucro
com afigir-me?

Esqueçam-me, portanto!
Minha poesia é mais
confissão, menos pronto.
Pela noite amarga e doce
vagarei
como se a própria noite
eu fosse (p. 60).

Não se pode resenhar *O Ordenhador de sombras* sem abordar a questão do escrever, tarefa que se revela prazerosa nem penosa a um só tempo, uma vez que a poesia se impõe quase como uma questão de sobrevivência para ambos, autor e personagem. Aspecto sobre o qual o poema “Poesia” se faz revelador:

Dos poros d’alma, vai saindo.
Escorre pelos dedos.

A caneta a imprime:
tinta impura, sujeira.

De mel e gosma esta cachoeira! (p. 95).

Em “Poema escrito em um guardanapo de papel”, texto que fecha o livro, autor e personagem voltam a revelar outra faceta em comum: uma delas, angústia frente à penosa obrigação de ter que dividir seu tempo de poeta com afazeres que lhes garantam o sustento e, portanto, a sobrevivência. Ambos têm de dedicar a maior parte de seu dia a dia a outros trabalhos (estes, remunerados), uma vez que o mister da escrita, principalmente o da escrita de poemas, geralmente não rende o suficiente para que a pessoa possa se manter. O personagem, por exemplo, é professor. Assim como eu também fui durante muitos anos e voltei a ser recentemente. Um trabalho que nos rouba horas preciosas, como revelam os seguintes versos:

Na hora do pôr do sol, o poeta
se esquece de ser poeta para bater o ponto.
Sai do trabalho é já é noite.
Quer então ser poeta, falar de lua e pôr do sol,
compensar o dia de pássaro engaiolado (p. 117).

Mais adiante, neste mesmo poema, lê-se:

Oh, lua cheia inventada em noite sem lua,
ergo meu copo ébrio e solitário: “A seu brilho”!
Que ele redima a dor vazia
da penosa obrigação de me ser, não sendo (p. 118).

Vale destacar que o ordenhador, personagem que dá título ao livro, surgiu na poesia, mas frequentou os palcos, como personagem de um espetáculo lírico-dramático que montei em meados dos anos 90, ou seja, no final do século passado. O espetáculo, que também se chamou *O ordenhador de sombras*, foi apresentado inclusive em um dos festivais de teatro de Vitória, no qual, artista cênico que também sou, interpretei o personagem e recebi indicação de Melhor Ator.

Com a publicação do livro, o personagem volta ao reino da poesia, onde se confirma como um “Menestrel” e fala de temas que lhe são caros; entre eles, o amor:

Move-me o amor.
O amor pelas coisas,
o amor por toda a gente.

A raiva, o ódio,
ao contrário, paralisam-me:
põe-me impotente.

Ao longo do percurso,
sofri preconceito.
Houve desprezo
e desrespeito.

As cicatrizes na epiderme da alma
denunciam como foi a trajetória.

Nas é com os beijos
e afagos recebidos que prefiro
compor o painel da memória.

Sou este menestrel:
canto quando faz sol,
canto quando chove,
e em todos os casos,
é sempre o amor que me move (p. 99-100).

Em *O ordenhador de sombras* retomo e, de certo modo, amplio e/ou aprofundo a abordagem de alguns temas trabalhados em dois dos meus livros anteriores: *Quando se vive a poesia*, de 1997, e *O mar interior e outras paisagens*, de 2003. O ofício da escrita, a passagem do tempo, a precariedade do existir, os cenários noturnos e sua solidão são alguns dos temas sobre os quais discorro nos três livros.

Recebida em: 22 de maio de 2025.
Aprovada em: 9 de junho de 2025.

BARBOSA, DIEGO. *ACOSSADO*. VITÓRIA: MARÉ, 2023.



(Selfie do autor)

Diego Barbosa*

Nascido e criado em Vila Velha, entre os bairros de Araçás e Nova Itaparica, estudei em escolas públicas estaduais e municipais durante toda a minha formação escolar e recorria frequentemente às suas bibliotecas para mergulhar em leituras de coleções infanto-juvenis, livros

* Mestre em Ensino na Educação Básica pelo Centro Universitário Norte do Espírito Santo – (Ceunes) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Poeta, autor de Poemas *sísmicos para emoções geocêntricas* (2023).

de contos e romances de autores brasileiros, assim como adaptações e traduções de clássicos da literatura ocidental. A família, de orientação religiosa evangélica e com poucos recursos financeiros, estimulava uma curiosidade marcante por música popular brasileira, samba, jazz e música clássica, assim como pela prática da leitura como algo cotidiano e possibilidade de enriquecimento na formação humana e escolar.

Ingressei no curso de História, na Universidade Federal do Espírito Santo, onde obtive os diplomas de licenciatura, bacharelado e de mestrado em Ensino na Educação Básica, cursado no *campus* de São Mateus. Durante os anos dessa formação acadêmica (2005-2017), criei o Blog Editorial Toca da Mosca – Laboratório de Escrita Poética. Com esse material, produzia livretos de baixo custo e com produção artesanal, que eram fotocopiados e vendidos por valor simbólico.

Dentre outras ações no campo cultural, atuei como agente cinedubista e realizador cultural no campo da cinematografia, com destaque à atuação junto ao Cine Jardins (Vitória, ES) e à criação do Cineclube El Caracol, voltado para a difusão do cinema brasileiro e latino-americano, projeto ainda em atividade e com presença em diversos municípios do Espírito Santo.

Por ocasião da pandemia de covid-19, a reclusão e o sentimento de finitude me levaram a procurar meios para publicar os textos autorais em concursos e revistas. Ainda no período de confinamento, houve a seleção da crônica “Epitáfio das Boas Amizades” para a coletânea *Laços de Amizade* (2020), organizada pela editora PerSe. No mesmo ano, tive o poema “Passarinhos” incluído na antologia *Poesia Agora: outono 2020*, organizada pela Editora Trevo.

Em 2021, após o falecimento do meu pai por sequelas da covid-19 e por ocasião dos 15 anos do projeto Toca da Mosca, me dediquei a organizar o material poético até então produzido, que resultou em meu primeiro livro, *Poemas*

sísmicos para emoções geocêntricas, publicado pela editora Maré. Esse processo de luto resultou também em um novo período de pesquisa e escrita, cuja produção foi organizada no meu segundo livro de poemas, *Acossado* (2023).

O título faz uma referência direta ao filme francês *Acossado* (*À bout de souffle*, 1960), dirigido por Jean-Luc Godard, com roteiro de François Truffaut. O filme é considerado um dos fundadores do movimento cinematográfico nomeado Nouvelle Vague, que inseriu narrativas marginais, carregadas de crítica social e dos sentimentos e expressões de uma juventude que cresceu em uma França que vivia sua reconstrução no pós-Segunda Guerra Mundial (SANTOS, 2014).

Cinema: imagens, palavras, sons, performances em movimento. Poesia: imagens, palavras, sons e performances em palavras. As duas artes se encontram na capa do livro, de Regis Bazani, e em diversos momentos de sua leitura. Todavia, a música, a dança, a performance, a palhaçaria, a fotografia e as redes sociais também se encontram nos poemas de *Acossado*.

O livro se divide em duas partes, sendo a primeira um poema-performance que carrega o mesmo título que o livro. Este primeiro bloco é composto por 21 poemas não titulados, sendo que muitos podem ser lidos sequencialmente, como um fluxo, um percorrer estradas e trilhas, uma perseguição de “algo” entre paisagens urbanas:

Passageiro de coletivos abandonados
Sigo rotas dormentes
Nas noites rumo ao bairro, minha senzala
[...]
Rotas obscuras de irrealidades urbanas (BARBOSA, 2023, p. 12)

No poema “A noite é um regador” (p. 15-17), o entrelaçamento entre o texto poético e as referências a outras linguagens segue construindo a jornada de nosso perseguidor perseguido. A palavra onda se repete, ora “onda que se forma”, ora “onda vaga ao sabor das marés” ou “ondas vagas nesse mar de

asfalto”, há um movimento contínuo que simultaneamente busca aquela “Nova Onda” do cinema francês, mas também se afoga, qual a tupinambá Moema, do quadro de Victor Meirelles (1866), rejeitada pelo seu amado, desaguando no filme de Federico Fellini, *E la nave va* (1983), nesse navegar ébrio e delirante, naufrago e afogado.

O eu lírico de *Acossado* segue sua busca, assumindo vozes, ora masculina, ora feminina, ora um jovem eufórico, ora um velho cansado, ora um Don Juan jardineiro, que transita pelo mundo plantando e colhendo amores, ora uma travesti, uma “diva do Angel’s Bar” capaz de “operar milagres em seus devotos / Como fazem todas as deusas” (p. 29).

O texto ecoa ainda as tragédias políticas, sociais e ambientais de seu tempo, como os desastres ocorridos nas cidades mineiras de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), havendo este impactado todos os ecossistemas e economias dependentes do Rio Doce, que pereciam sob as tragédias causadas pela indústria da mineração:

[...]
Como um rio de lama
Sobre a pedra lisa
A cidade se esvai...
Toda corpo, sangue, dentes
Vida que se vai
Pra não mais voltar

Em toda fuga há uma busca (p. 45)

A segunda parte do livro, intitulada “Um verso na pedra, outro na alma / Um pé na perda, outro na lama”, é composta por 73 poemas em versos livres, não-titulados, cuja proposta é alterar o ritmo da primeira parte do trabalho. Aqui sobressaem a pausa e o olhar, a reflexão sobre a caminhada feita e o viajar nas coisas próximas, no jardim, na paisagem ao redor, na música e nas leituras. Ressoam ainda as inúmeras perdas humanas, pessoais e experienciais que

acompanharam o período pandêmico. Os versos finais do primeiro poema desse segmento já anunciam o recolhimento:

"E o que me diz do mundo?"
Perguntou a terceira.

Nada além de gente
Em cada pedaço de chão e céu
Tentando construir seu próprio mundo

Esse é o seu mundo! Elas gritaram
Então voltei para a casa de meus pais
E passo os dias olhando pela janela
Tentando descobrir esse mundo que é o meu. (p. 47)

Os poemas seguem um caminho pelo qual o eu lírico observa e se entrega a uma espécie de pactuação com os elementos que o cercam: a consciência, a criação, o divino, a lama, a ancestralidade, o fogo, a terra, as pedras, as folhas, as flores, a morte e o renascimento.

Cabe ressaltar que o texto é dedicado aos mais de 700 mil mortos em virtude da covid-19. Ademais, houve também aquelas mortes trágicas e inesperadas, que acontecem e deixam um vazio no mundo, como no caso dos poetas Sérgio Blank (1964-2021) e Marcos de Castro (1966-2023), aos quais também dedico o livro.

Tais referências são fundamentais para compreender esse percurso, pois, como autor, a escrita foi o meu próprio processo de cura dessas perdas, como é observável nos versos a seguir:

A vida é efêmera
Como um pavio que queima
Espalha cinzas
Fertiliza canteiros
Estala
Chia
Transfigura
Brilha
Antes que desapareça
Feito lenha na lareira (p. 70)

O Acossado segue seu percurso, entre pedras e perdas, tirando a lama da alma e se recriando no próprio caminhar, afinal, “em toda fuga há uma busca”. Nesse sentido, o livro se conecta com toda a produção artística e literária produzida nos últimos anos, que retrata as transformações comportamentais, afetivas e existenciais que moldaram na sociedade novas formas de caminhar, cientes de que “Viver é bem mais que seguir / A velha receita do bolo” (p. 97).

Referências:

ACOSSADO. Direção: Jean-Luc Godard. Produção: Les Films Georges de Beauregard. França: Société Nouvelle de Cinématographie (SNC), 1960. 1 DVD.

E LA NAVE va. Direção: Federico Fellini. Produção: Franco Cristaldi. Itália; França: Vides Produzione; Gaumont, 1983. 1 DVD.

SANTOS, Carlos Vinicius Silva dos. “Acossado” (1960): uma representação da juventude no cinema francês. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, ano V, n. 8, p. 157-178, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/107904/106242>>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Recebida em: 22 de março de 2025.
Aprovada em: 9 de abril de 2025.

